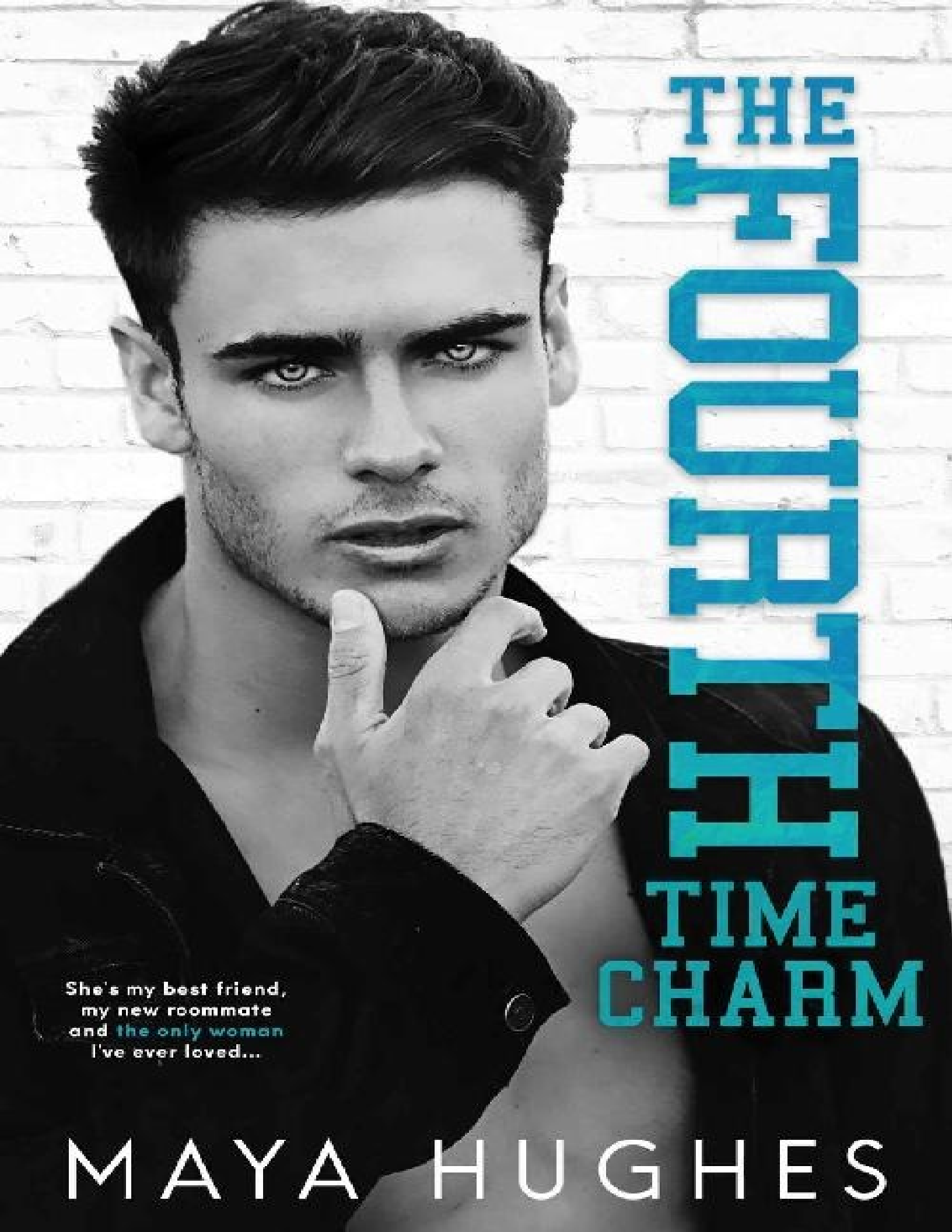
THE FOURTH TIME CHARM
She's my best friend, my new roommate and the only woman I've ever loved...
MAYA HUGHES



Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Sibele

Revisão Final: Ariella

Leitura Final: Lorel

Conferencia: Penny

Formatação: Ariella

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Doll Books Traduções (DB), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo DB poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo DB de qualquer parceria, coautoria ou

coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Para Dawn! Agora que encontrei você, nunca vou desistir! :-P

"Você está dormindo com minha filha?"

Não é uma pergunta que eu quero ouvir do meu treinador. O homem segurando meu futuro profissional na palma de suas mãos.

A resposta é: Não

A VERDADEIRA RESPOSTA: EU COM CERTEZA GOSTARIA DE ESTAR.

Marisa é minha melhor amiga desde a terceira série. E agora ela precisa da minha ajuda - e de um lugar para ficar. O último ano deveria ser o ano para manter alguma distância até que a temporada terminasse e minhas perspectivas de recrutamento estivessem seguras.

Mas resistir a ela está se tornando impossível. Quintas-feiras de cinema sob os cobertores. Sessões de estudo na minha cama. Noites de festas selvagens onde eu mantive qualquer cara interessado longe com um único olhar.

Seu pai pode segurar minha bunda no banco durante toda a temporada, então ela está fora dos limites - por enquanto.

Ela é a única mulher que já amei. E uma noite quente, eu não consigo parar de lutar contra cada célula do meu

corpo e não consigo parar de provar seu sorriso sexy, seu cheiro doce e suas curvas sensuais.

Estamos andando na corda bamba com meu futuro em jogo. Vamos apenas nos certificar de que o treinador não descubra...

1

LJ

Quando eu encontrasse essa coisa zumbindo enterrada em meus cobertores, eu lançaria pela janela.

Marisa sempre me disse para colocar meu telefone no modo noturno depois das dez horas, mas eu não tinha escutado. E eu me certificaria de nunca a deixar saber que ela estava certa.

Normalmente, meu telefone ficava na prateleira ao lado da minha cama, mas eu adormeci estudando para as provas enquanto colocava gelo no hematoma crescente na minha coxa. Pelo menos faltavam apenas três treinos de futebol na primavera antes das férias de verão, eu finalmente ficaria fora da lista de merda do treinador Saunders por um tempo.

Por que o zumbido não parava? Meus braços e pernas eram toras de chumbo passando nos cobertores. O treino com pesos fora da temporada e os treinos foram muito piores do que qualquer semana infernal durante a temporada.

Seguindo o cabo do carregador, encontrei meu telefone e vi notificações de cinco chamadas perdidas na tela.

Minha frequência cardíaca disparou. As chamadas eram de um número desconhecido. Foi o hospital? Algo aconteceu com meu pai?

Antes que eu pudesse digitar o número, o telefone saltou na minha mão. Eu atendi antes do primeiro toque.

— Alô?

Sirenes soaram e motores de caminhões roncaram e rugiram

quase abafando a voz. Bati a mão no meu ouvido como se isso ajudasse a bloquear todo o ruído de fundo do outro lado da linha.

Um pico de calor atingiu meu coração.

— LJ?

— Marisa? — Eu pulei para fora da cama e lutei para colocar meu jeans. — O que aconteceu? Onde você está?

— Incêndio... meu apartamento... ambulância.

Me esforcei para ouvi-la sobre o lavador de alta pressão com esteroides - não, devem ser as mangueiras de incêndio.

— Estou a caminho. Estou chegando! — Eu gritei no celular, nem mesmo tenho certeza se ela podia me ouvir. Abotoei minha calça jeans, peguei uma camiseta do cesto e os tênis do chão.

Correndo para fora do meu quarto, coloquei os tênis debaixo do braço e lutei com a camiseta.

— Cara, cadê o fogo? — Reece esfregou os olhos, saindo de seu quarto.

— Na casa da Marisa.

— Você está falando sério?

— Eu disse a ela que o apartamento era uma porcaria. Eu deveria ter encontrado um lugar melhor para ela morar. — Meus tênis caíram. Eu puxei minha camisa por completo.

— Seus tênis não combinam. — Ele disse como se fosse a coisa mais chocante com a qual estávamos lidando agora. — Ela está bem?

— Eu não sei. Estou indo para lá agora. — Calcei um tênis, agarrando o corrimão para não cair e quebrar meu maldito pescoço. O medo por Marisa entupiu minha garganta e tornou difícil me concentrar.

Eu precisava chegar até ela. Eu precisava vê-la. Eu precisava que ela ficasse bem.

Sentado no último degrau, enfiei meu pé no tênis incompatível e peguei minha chave do bolso.

O suor gotejou em minha pele. Eu pulei do topo dos degraus da varanda e caí na calçada, saindo para o meu carro a meio quarteirão de distância. Se alguma coisa acontecesse com ela, eu perderia.

Acendi os faróis, disparando pela rua vazia.

Eu fiquei preso em um sinal vermelho deserto e bati minhas mãos contra o volante, desejando que a maldita coisa mudasse. Que diabos? Eram três da manhã.

Depois de minutos que pareciam durar duas horas, virei em meu assento, verifiquei cada sentido pelo menos duas vezes e disse dane-se. Eu saí pelo cruzamento vazio, pneus cantando.

À distância, a fumaça flutuava no ar e as chamas brilhavam contra o céu escuro. O último andar de seu complexo de apartamentos de cinco andares aparecia por trás das árvores. Uma granada de medo explodiu em meu peito e o pânico cresceu, bloqueando tudo, exceto um pensamento: chegar até Marisa.

Eu acelerei o resto do caminho. Cheguei ao fim de uma longa fila de caminhões de bombeiros e ambulâncias e quase esqueci de estacionar o carro. As pessoas estavam nas calçadas vendo o complexo de apartamentos arder e queimar.

Sem fôlego, como se tivesse treinado apenas corrida rápida, corri até alguém falando no rádio.

— Marisa Saunders. — Eu engasguei, engoli em seco por ar. — Marisa Saunders. Ela me ligou e me pediu para vir buscá-la.

O cara me olhou de cima a baixo, falou no rádio em seu ombro e interpretou o que quer que saísse como um grito. — Ambulância nº 304. Estará nas portas laterais ou traseiras da ambulância.

— Ela está bem?

Borrifos de água das mangueiras enchiam o ar com névoa e vapor. Cores laranjas e amarelas dançavam no ar, brasas e cinzas caindo no chão perto do prédio. Todo mundo conseguiu sair de lá? As chamas eram hipnotizantes, o calor esquentava o ar e batia de volta, frio.

— Eu não sei. Eles estão checando todos os residentes para inalação de fumaça. Poucos tiveram que ir ao hospital até agora.

O pânico tomou conta do meu peito, tornando ainda mais difícil respirar do que a fumaça queimando meus olhos e pulmões.

Eu me abaixei sob a fita amarela e corri para a bagunça e confusão. Esquivando das pessoas, arrastando os pés e tropeçando em cabos e equipamentos, localizei a ambulância.

As portas traseiras estavam abertas e havia alguém na maca. Pés descalços apareciam debaixo de um cobertor. Os paramédicos estavam de cada lado da figura, mas eu não sabia o que eles estavam fazendo. Ela precisava de oxigênio? Teve queimaduras e estava sendo enfaixada?

Era mesmo Marisa?

Os paramédicos se recostaram e ela se sentou.

Ela estava com os cabelos rebeldes e rosto cheio de fuligem, e ela nunca esteve mais bonita. Meu coração deu um salto triplo e tive que travar meus joelhos para não desmaiar.

Seu olhar varreu a multidão e parou em mim. Com um sorriso lacrimejante, ela se livrou do cobertor e saltou da ambulância,

ignorando os gritos dos paramédicos atrás dela.

Eu abri meus braços.

Ela bateu no meu peito, quase me derrubando. Eu estabilizei nós dois e passei meus braços em volta dela.

— Você está bem? Você está bem?

Ela me apertou com força, apoiando o queixo no meu ombro. Um arrepio percorreu seu corpo e ela me segurou ainda mais apertado.

— Fiquei muito assustada por um tempo lá em cima. Não poderíamos ter pulado do quinto andar.

Estremeci, nem mesmo querendo pensar sobre o perigo se aproximando mais do que já estava. — Você vai voltar para casa comigo, Risa. Você está bem?

Ela acenou com a cabeça, seu queixo batendo no meu ombro.

Eu esfreguei suas costas e fechei os olhos com força. Ela cheirava a fogueira, mas sem os marshmallow para suavizar a áspera do cheiro. Ela estivera perto do fogo - tão perto que estava coberta de fuligem.

Eu a senti confortável contra meu peito até que ela soltou e se afastou. — Por que demorou tanto? — Seu soco no meu ombro me fez rir. — Estou congelando.

— Apenas cerca de seis caminhões de bombeiros, alguns policiais e um semáforo que se recusou a mudar.

— Aquele em Hawthorne né? — Seus dentes batiam e ela olhou para o prédio.

— Sim. Eu odeio essa merda de semáforo.

O brilho laranja do fogo pintou um lado de seu rosto. O outro permaneceu fortemente sombreado pela luz da ambulância, que

já traziam outra pessoa dentro. — Adicionou mais cinco minutos, não foi?

— Teria, se eu não tivesse ultrapassado.

— Você pirou, né. — Ela empurrou meu ombro.

— Sim.

Pelo menos o fogo não a impediu de voltar ao seu papel normal de chata.

— O quê, houve um incêndio ou algo assim? — Os cantos de sua boca se contraíram e seu olhar voou para o prédio onde as chamas atingiam ainda mais alto. — Oh sim, acho que está tudo bem então, vou permitir. — Ela riu, mas a risada se transformou em tosse e seus olhos se aguçaram de pânico.

O medo tomou conta de mim e segurei seus ombros.

— Ela está bem? — Olhei por cima do ombro para os paramédicos que já estavam se concentrando em outra pessoa.

Ela olhou para mim com o canto dos olhos estreitos. — Deve ter sido alguma cinza. Eu estou bem. Relaxe.

Até mesmo pensar que isso era possível, depois que eu a encontrei na parte de trás de uma ambulância, era uma loucura.

A névoa fina das mangueiras tornava qualquer parte do corpo que não estivesse de frente para o prédio carbonizado muito mais fria. Eu não tinha nada para ela. Eu deveria ter parado por um segundo e trazido para ela um casaco ou moletom. Ou um cobertor, ou sapatos sobressalentes - qualquer coisa.

Mudando para enfrentar a ambulância, perguntei novamente. — Ela vai ficar bem?

— Ela vai ficar boa. Nem chamuscou o cabelo do nariz.

Marisa murmurou baixinho. — Yuppee.

— Mas ela vai precisar de um banho e trocar de roupas.

Ela estremeceu novamente e colocou os braços em volta de si mesma. Seus lábios estavam pálidos e ela continuou observando as chamas.

Meu único objetivo era ver se ela estava segura e agora que eu vi, a lista de outras coisas que ela precisava estava ficando longa.

Marisa puxou o telefone da calça do pijama e enviou uma mensagem. — Eu preciso encontrar Liv.

— Você está com o seu telefone! Por que diabos você me ligou de um número desconhecido?

Ela tinha aparência de uma leve dor. — Esqueci que estava com ele.

Eu segurei seus ombros e a sacudi. — Você esqueceu que estava com seu telefone?

— Não há necessidade de ficar mal-humorado. Eu poderia ter morrido naquele incêndio, lembra? — Ela apontou para o prédio ainda envolto em chamas. — Você acha que alguém morreu? — ela sussurrou, olhando para mim.

A tela do telefone dela se iluminou e ela atendeu. — Liv, onde você está? Você está bem?

Ela fez uma pausa, empurrando o telefone com mais força contra o ouvido. O zumbido da voz de Liv mal era audível do outro lado da linha.

— Estou aqui fora agora. LJ está aqui e está prestes a levar um chute no traseiro. Ele está pairando como se eu fosse cair morta a qualquer segundo.

Eu não estava pairando.

Marisa colocou a mão sobre o telefone. — Ela disse que acabaram de verificar e ela parece estar bem.

Caminhamos ao longo da fila de ambulâncias estacionadas na mini triagem montada na rua. Algumas ambulâncias acionaram as sirenes e partiram para o hospital mais próximo.

— Você não deveria ter ficado naquele apartamento.

— Isso de novo não. — Ela revirou os olhos, ainda tremendo e tagarelando. — Era tudo que eu podia pagar e era um ótimo lugar para morar. Bem, até... — Seu olhar disparou para o fogo, que refletiu em seus olhos.

— Liv se ofereceu para pagar mais da metade do aluguel. Vocês duas poderiam ter conseguido um lugar melhor juntas.

— Eu não sou aproveitadora. Só porque ela tem dinheiro não significa que vou aproveitar.

— Eu poderia ter ajudado.

— De novo, não sou aproveitadora. Além disso, você não estaria roubando a carne do almoço do refeitório se estivesse ganhando dinheiro extra suficiente para pagar meu aluguel.

Desta vez, sua teimosia literalmente quase a matou.

Passamos pelas fileiras de ambulâncias, procurando por Liv. Marisa ativou o som de seu telefone pressionado contra o ouvido. — Eu posso ouvir o que ela está ouvindo. — Ela acelerou, correndo para frente.

As portas traseiras de uma ambulância se abriram e um grandalhão vagamente familiar saiu, estendendo segurando sua mão estava Liv, a colega de quarto de Marisa. Em seguida, ele se encaixou no lugar. Ford. O talvez namorado de Liv também tinha chegado aqui.

Marisa correu em direção a Liv e quase a agarrou como fez comigo. — Fiquei muito preocupada quando você desapareceu.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você.

— Pare de chorar - você vai me fazer chorar, e então ele vai enlouquecer de novo. Ele está tentando me fazer voltar para o Brothel, mas não vou deixar você aqui.

Eu não o perdi. — Liv pode ir também.

— Está bem. Eu sei que a casa de futebol é apertada do jeito que está. Eu vou com Ford. — Liv olhou por cima do ombro para o homem.

Ele se endireitou. Não seria a primeira vez que Ford se precipitaria para salvar Liv - pelo menos ela não estava bêbada como na última festa que compareceu no Brothel. De jeito nenhum ele conseguiu passar a noite sem um batismo de vômito dela.

Marisa lançou um olhar para Liv.

Ford olhou para ela. — Ela está vindo comigo. Você também pode, se precisar.

Minha raiva aumentou. Ele achou que eu não cuidaria dela? Eu posso não ter um salário de atleta profissional para piscar e consertar tudo - ainda - mas eu ainda poderia ter certeza de que ela estava bem. Levar Marisa para minha casa era meu objetivo número um. Faça com que ela se aqueça, tome banho e vá para a cama. Dormir. Apenas para dormir.

— Eu estou bem. Eu vou com LJ. — Marisa olhou para Liv, abaixando a cabeça. — Você tem certeza?

Liv segurou com mais força o braço de Ford. — Tenho certeza.

— Então te vejo no campus? Precisamos descobrir uma situação de vida permanente e o que diabos vamos fazer com nossas coisas... — Marisa olhou para a armadilha mortal que já foi seu prédio.

— Vamos apenas passar a noite e pensar no resto amanhã. Eu preciso tomar um banho. Estou fedendo a fumaça. —

Liv puxou sua camiseta.

Eles se despediram e eu a acompanhei de volta ao meu carro. Eu queria pegá-la em meus braços longe do chão molhado e sujo, mas seria como tentar carregar um gato selvagem.

Seus passos eram lentos e pesados. A queda de adrenalina estava batendo forte.

Eu queria pegar sua mão, mas em vez disso envolvi meu braço em volta de seu ombro e a guiei através do enxame de pessoas que desceram para parar o incêndio e cuidar de todos os que foram deslocados. Ela não precisava de nenhum deles agora - ela tinha a mim.

Eu abri a porta para ela, e o fato de que ela deixou me mostrou o quão, cansada ela realmente estava. Normalmente, ela corria para o outro lado do carro antes que eu tivesse a chance de abrir.

Deslizei no meu assento, a adrenalina passando. — Você pode dormir na minha cama esta noite. Eu posso ficar no sofá.

Ela bocejou e descansou a cabeça contra a janela, enquanto olhava para mim. — Eu posso tomar o leito da morte. Depois que eu cair, vai precisar de uma banda marcial atirando fogos de artifício para me acordar.

— Você precisa de uma boa noite de sono. Você vai dormir na minha cama. — Dizer as palavras em voz alta fez uma onda de desejo percorrer meu corpo. A adrenalina de chegar até ela e saber que ela estava segura havia desaparecido, agora havia uma sensação diferente zumbindo em minhas veias.

Ela revirou os olhos. — Tão mandão. Eu preciso de um banho e então posso lutar com você sobre isso. Você precisa de sua cama. Você tem treino amanhã.

— Eu não me importo. Nós já dividimos a cama antes.

Em vez de lutar comigo, ela fechou os olhos.

Bom, estava resolvido. Merda, estava resolvido. Eu estava dormindo ao lado de Marisa esta noite.

Voltamos para a casa geminada, uma das várias casas fora do campus em vários estados de conservação ou abandono. A nossa foi uma das casas de fraternidade mais populares, até que a fraternidade foi chutada por muitas violações de regras.

A casa tinha sido bem mantida com todas as taxas da fraternidade, mas o nome que lhe deram pegou: Brothel. Seu outro legado duradouro foi a maneira como a casa vertia festas como um barril furado quando menos esperávamos.

A rua estava quieta; era tarde demais até para os guerreiros de festas durante a semana. Eu parei no local que desocupei menos de uma hora atrás.

Desliguei o carro e recostei no assento, virando a cabeça para o lado para observá-la.

Seus lábios estavam separados e um ronco suave retumbou em sua garganta.

As luzes da rua formavam um halo no seu cabelo. Ela estava aqui e estava segura. Eu só estive com tanto medo uma vez na minha vida e nunca mais quis me sentir assim.

Eu poderia ter perdido ela. Empurrando esses sentimentos de lado, me concentrei no que ela precisava agora. Um banho e um bom sono.

Envolvendo meus dedos logo acima de seu joelho, eu apertei o local duas vezes.

Ela acordou com um solavanco, a cabeça girando.

— Estou aqui. — Ela deve estar exausta, porque eu cheguei em sua porta antes que ela pudesse abri-la.

— Eu consigo. — ela resmungou e saltou. — Meus dedos estão congelando. — Ela mexeu os pés contra o concreto duro e escuro.

Eu olhei para seus pés descalços. Se eu me oferecesse para carregá-la para dentro, ela provavelmente me socaria nas bolas, então mordi o interior da minha bochecha, procurando por vidro ou lascas de madeira nos degraus da varanda.

Lá dentro, eu a levei direto para o meu quarto e entreguei a ela uma camiseta e uma boxer antes de mandá-la para o banho.

Sua quietude me disse o quanto ela precisava se esconder - pela primeira vez ela não fez uma piada ou um comentário mordaz.

O fedor de fumaça pesava em meu quarto, mais perceptível agora que estávamos longe do fogo. Cheirei minha camisa e me afastei do cheiro de queimado. A última coisa que eu queria era que ela entrasse aqui e fosse atingida pelo fedor do fogo.

Tirei minhas roupas fedidas de fumaça e agarrei minha toalha da parte de trás da porta, envolvendo-a em volta da minha cintura. Joguei as roupas do lado de fora da porta e peguei outras limpas.

A água do banheiro foi desligada e a porta se abriu, o ar quente e úmido soprando no corredor.

Ela tropeçou de volta e me viu, congelando enquanto secava o cabelo.

Droga, talvez eu devesse ter esperado para tirar a roupa até chegar ao banheiro, mas não era como se ela não tivesse me visto apenas de sunga antes. Pelo menos eu coloquei a toalha e ela não me encontrou totalmente nu como no verão passado, após nossa batalha de balões de água.

— Minhas roupas também cheiravam a fumaça. Estou entrando no chuveiro.

Vê-la com minhas roupas fez algo para mim - algo que não poderia ser contido por uma toalha. Agarrei meu moletom e camiseta na frente da minha ereção agora tensa. Meu sangue batia forte em minhas veias e eu não sabia como poderia passar a noite deitado ao lado dela. Talvez eu deva ficar com o sofá. Corri até a porta, colocando minha cabeça para dentro.

— Vá para a cama. Estarei de volta em alguns instantes. — Apaguei a luz, cobrindo a sala com escuridão além do brilho do corredor.

O banho foi rápido e eficiente e me aliviando da pressão que se acumulou quando a vi em minhas roupas. Eu acelerei até que meu pau murchasse e eu pudesse acabar com minha tortura de congelamento.

Saindo, peguei suas roupas do chão e as joguei fora da porta do meu quarto. Eu as lavaria de manhã e veria se um galão de detergente tirava o cheiro.

Do contrário, não me opus a que ela usasse mais roupas minhas até que comprássemos algumas novas ou ela voltasse para a casa dela para ver o que poderia ser recuperado.

Não havia som no meu quarto. Por um segundo, pensei que ela poderia ter descido para pegar algo para comer, mas então ouvi sua respiração leve e suave vindo da minha cama.

Pendurei minha toalha e atravessei o quarto.

Marisa estava espalhada como uma estrela do mar, ocupando a maior parte da cama.

Rindo, peguei seu braço e coloquei minha mão em sua cintura, rolando-a em direção à parede. Ela resmungou, mas me deixou movê-la, mudando o travesseiro e apertando-o contra o peito.

Se eu não fosse um idiota que gosta de punição, teria pegado um travesseiro e um cobertor e descido para o sofá da tortura, ou

a teria empurrado ainda mais para a parede e colocado meu braço contra o dela. Mas eu não pude evitar.

Deslizando para a cama, enrolei meu corpo em torno do dela, envolvendo meu braço em torno dela. Só por esta noite. Só por causa do quão perto estive de perdê-la. Só porque eu não pude evitar.

Seu cabelo cheirava a mim. Por mais que eu amasse isso, teria que comprar seu xampu e sabonete quando tivesse chance.

— Boa noite, Marisa. — Fechando meus olhos, respirei profundamente, combinando minha respiração com a dela.

Esta noite, eu a seguraria em meus braços.

Amanhã, eu descobriria como lidar com o fato de estar apaixonado pela filha do treinador.

2

MARISA

EU rolei, passando minhas mãos sobre os cobertores. Os lençóis eram macios e confortáveis, como flanela. Esta não era minha cama.

Levantando, olhei ao redor do quarto e tudo veio à tona. Ficar acordada até tarde estudando. Ser acordada por Liv. A fumaça sufocante. O pânico e o medo. Descemos as escadas as cegas, engatinhando e aspirando o ar ainda fumegante assim que saímos. E LJ.

Vê-lo me acalmou de uma forma que eu não esperava. Ele foi a única pessoa para ligar depois do incêndio. De jeito nenhum eu ligaria para minha mãe ou Ron, e o número dele era um dos poucos que eu tinha guardado na memória.

Ao vê-lo parado ao lado da ambulância, porém, quase comecei a chorar. Eu só consegui segurá-lo porque sabia o quanto iria assustá-lo me ver chorar. Assim que seus braços me envolveram, o medo se dissipou e, quando eu estava em sua cama, o sono veio rapidamente. Eu mal me lembrava do banho, apenas do sabonete líquido que cheirava a casca de laranja, mesmo com o cheiro de fumaça ainda persistente no meu nariz.

As cortinas foram fechadas nas duas janelas do quarto. Eu não conseguia nem dizer que horas eram pela luz que espreitava pelas ripas. Em algum momento entre 7h e 16h, já que estava iluminado. Eu não ficaria surpresa se tivesse dormido o dia inteiro.

Eu não tinha ideia de onde meu telefone estava. Eu precisaria ligar para o trabalho e avisar que não iria. Todos aqueles grupos de estudantes do Museu de Arte da Filadélfia teriam que continuar sem mim por um tempo. Eu tinha certeza de que

ninguém perderia minhas piadas de curador de museu.

O telefone de LJ estava na mesinha de cabeceira ao lado de sua cama, que estava enfiada no canto de seu quarto. Sua toalha estava pendurada na parte de trás da porta parcialmente aberta. A escrivaninha estava limpa, e abas multicoloridas se encaixam na pilha de cadernos. Canetas e marcadores estavam alinhados ao lado deles para facilitar o acesso. A porta do armário estava totalmente fechada e não havia nada no chão além de seus sapatos. Seu quarto sempre foi mais arrumado que o meu.

Isso fez com que todas as festas do pijama com saco de dormir no ensino médio se parecessem menos com uma expedição de fungos e mais com ver como uma casa normal funcionava.

Agora, minha desculpa para meu quarto bagunçado era que meus dias eram cheios de catalogação e organização, então, assim que chegava em casa, todas as apostas estavam canceladas. Tecnicamente, eu não precisava de uma desculpa agora. Eu não tinha um quarto - pelo menos não um para o qual voltaria tão cedo. Prefiro dormir no trem do que voltar para casa e me deslocar para as aulas e meu estágio.

Minha mãe provavelmente transformou meu quarto em um bar clandestino desde que eu estive lá no verão passado. Essa foi a visita em que jurei nunca mais ficar em casa de novo - não que tenha sido um grande lar depois que meu pai foi embora.

Os pensamentos da noite passada continuavam se intrometendo. Era assim que parecia o choque? Ontem à noite, eu estava tão confusa ao ver LJ e encontrar Liv. Agora, as realidades gotejaram até que se tornaram uma inundação.

Caminhões de bombeiros estavam alinhados na rua em frente ao meu antigo prédio de apartamentos. Eu poderia ter morrido. Um arrepio percorreu meu corpo. Eu puxei meus joelhos até meu peito e descansei minhas costas contra a cabeceira da cama. Minha garganta fechou e eu forcei o ar de meus pulmões.

A porta do quarto se abriu e LJ entrou equilibrando uma tigela em cima de uma xícara em cada mão. — Você acordou. — Ele sorriu e o aperto na minha garganta diminuiu.

— Sim.

— Eu trouxe o café da manhã.

Meu coração triplicou e eu deslizei para a beira da cama. — Você não precisava.

— É só cereal. Eu coloquei seu leite no micro-ondas. — Ele estremeceu, seus lábios se curvando em desgosto.

— É extremamente delicioso. — Peguei a tigela equilibrada em cima da torre Jenga e meu copo e coloquei a tigela no meu colo. Tomei um gole do meu copo de leite para acalmar meu estômago.

Ele pigarreou e estendeu uma colher, sem olhar diretamente para mim.

— Eu quero saber onde você estava escondendo isso? — Eu olhei com cautela, dada a sua entrega de cereal em duas mãos.

Eu deslizei para fora de seu alcance.

— Você não confia em mim? — ele disse doce como xarope antes de pegar sua cadeira e empurrá-la para mais perto da cama, descansando os pés perto das minhas pernas cruzadas. Pegando sua tigela, ele fez uma careta de cachorrinho, levando a colher à boca e adicionando com a mão trêmula para o efeito completo.

Eu comecei a rir. — Tem certeza que quer jogar futebol? Você deve dar uma passada no departamento de teatro. — Meus Apple Jacks perfeitamente encharcados derreteram na minha boca e espalharam o leite como um bônus depois que todas as fatias de verde e laranja acabaram.

— Pessoa de pouca fé. Esse moletom tem bolsos.

— Oh, então eram colheres no seu bolso. Achei que você estava simplesmente feliz em me ver.

Ele bufou da mesma maneira fofa desde a sexta série.

— Dificilmente. Você ronca como se fosse um rebocador em um porto.

— Se eu roncar, o que não faço, seria como Sininho sussurrando palavras doces para um anjo.

Havia tantas coisas a fazer, tantas necessidades do mundo real com as quais eu tinha que lidar, e não queria fazer nenhuma delas.

— Devíamos ir ao Kart-Astrophe. — Eu coloquei minha tigela de lado.

— Por quê?

— Por que não? É fim de semana e não tenho nenhum lugar para estar. Ou qualquer roupa para lavar - exceto a sua, porque sei que está se acumulando. Ou quaisquer notas para estudar. — Dei de ombros. O kart era a maneira perfeita de tirar minha mente do perigo mortal que eu havia enfrentado.

— Que tal cuidarmos de algumas coisas primeiro, como enviar um e-mail para seu reitor e professores para que eles saibam o que aconteceu? Meu antigo laptop está no armário, posso limpá-lo e você pode usar.

— Posso usar os laboratórios da sala de informática.

— Isso não é uma negociação. Você precisará de um laptop, a menos que queira ficar presa nos laboratórios de informática durante as provas finais em algumas semanas. Você já ligou para sua mãe?

— Por que eu faria isso?

— Então ela não se preocupa.

— Ela não sabe sobre o incêndio e não vai saber.

— E quanto ao seu pai?

Eu desviei seu olhar, verificando as árvores fora de sua janela. — O que tem ele?

— Ele trabalha aqui. Você acha que ele não vai descobrir sobre um dos maiores complexos residenciais fora do campus em chamas?

— Vamos definir um cronômetro e ver. — Eu armei meu relógio imaginário.

— Marisa…

Meus olhos se estreitaram com o tom de advertência em sua voz.

— Tudo bem, vou ligar para ele.

Ele jogou meu telefone para mim.

Agarrando com uma mão, olhei para o ícone da bateria totalmente carregada e minha raiva borbulhou. Ron não merecia receber uma ligação para tranquilizá-lo de que eu estava bem. Quantos anos de silêncio e eu fiquei sentada esperando depois que ele deixou minha mãe – e me deixou para trás? Quantos aniversários perdidos? Natais? E todos os outros feriados?

— Mais tarde. — Deixei cair o telefone ao meu lado.

LJ desviou o olhar para o teto com os braços cruzados sobre o peito. Os músculos se contraíram sob sua camiseta e essa calça de moletom cinza, não era justo. Todas as outras garotas do campus começaram a olhar para LJ, mas não eu. Eu era a melhor amiga, a parceira de crime, mas nunca mais do que isso.

Depois de todo esse tempo, eu deveria estar acostumada. Ser abatida no último ano foi difícil, mas aprendi a viver dentro dos

limites de nosso relacionamento. Isso não significava que às vezes eu não queria me livrar deles.

Em menos de um ano, o recrutamento aconteceria, e então ele não seria meu melhor amigo e um membro do time de futebol americano Fulton U que era tratado como deuses do campus. Ele seria um atleta profissional, com todas as vantagens que isso trazia.

Ron nem mesmo tinha sido jogador ou profissional - ele ficou no futebol universitário e depois largou a mim e a minha mãe por sua chance de glória no campo de batalha. Eu era sua própria carne e sangue. Quais eram as chances de eu não ficar para trás depois que LJ assinasse na linha pontilhada e recebesse o cheque grande e gordo?

A única razão pela qual LJ se esforçava para me arrastar de volta para nossa amizade sempre que eu tentava colocar espaço entre nós era porque eu salvei a vida de seu pai. Mas essa magia acabaria eventualmente. A dívida e a gratidão envelheceriam e ele iria embora.

— Sobre o que você está pensando tanto? — LJ pulou na cama ao meu lado, com meu mesmo olhar de braços cruzados e espelhando minha expressão.

O canto da minha boca se curvou enquanto eu tentava conter um sorriso. Nada disso significava que eu não deveria desfrutar do meu melhor amigo enquanto ainda o tinha. Baixando minha cabeça em seu ombro, suspirei e encarei nossas pernas uma ao lado da outra. As minhas estavam vestidas com sua boxer com meias grossas de Natal que sua mãe comprou para a família inteira dois anos atrás, e as dele com moletom, com seus pés cobertos de meias descansando perto dos meus. Se eu quisesse ferrar com ele, poderia começar a brincar com os pés e ver como ele reagia.

— Pensando em todas as coisas com as quais preciso lidar hoje. — Esfreguei minhas mãos no rosto. — Isso vai ser uma

merda. Graças a Deus você me convenceu a comprar um seguro de locação.

Seu peito inchou e revirei os olhos, cutucando-o nas costelas.

— Está se vangloriando?

Ele esfregou seu lado. — Eu não disse uma palavra.

Virei minha cabeça e o olhei. — Linguagem corporal. Foi alegre. Um escritor teria sido menos óbvio.

— Podemos pular do trem LJ-é-um-chato por um minuto? Vamos anotar tudo o que você precisa fazer. Vamos dividir a lista e acabar com ela.

— Que tal eu voltar para a cama e fingir que quase não morri em um incêndio na noite passada? — Peguei os cobertores para colocá-los de volta na minha cabeça. Era uma lista avassaladora e eu nem tinha catalogado na minha cabeça tudo que havia perdido. Havia tantas pequenas coisas que eu não perceberia que haviam desaparecido até que procurasse por elas em alguns meses ou um ano. As poucas coisas que peguei para minha viagem a Veneza em seis semanas. Meu maldito passaporte! Não, eu não ia levantar hoje.

Ele puxou os cobertores de volta. — Não. Vamos lá. — Ele me agarrou pela cintura e me jogou na cadeira como se não fosse nada, como ele tinha feito no ensino médio antes que a luta livre se tornasse muito mais estranha.

Girando a cadeira, ele me empurrou para a mesa na frente de um caderno e um pedaço de papel.

Ele estendeu uma caneta. — Escreva.

Passamos o resto da manhã enviando e-mails para meus reitores e professores, criando uma lista de tudo que eu conseguia lembrar do meu quarto, preenchendo a papelada do seguro do locatário, configurando o laptop de LJ para eu usar e examinando

suas roupas para encontrar pelo menos algumas coisas para eu vestir. Meu agendamento de solicitação de passaporte de emergência era em dois dias. Eu teria que voltar a Moorestown para obter uma cópia da minha certidão de nascimento. Me estrangular com uma daquelas cordas de veludo que eles colocaram na frente da arte no museu era mais atraente.

No início da tarde, meu cérebro era um queijo suíço.

— E sua carteira. Precisamos substituir todos os seus cartões. O cartão de identificação do campus será fácil, mas sua carteira de motorista e cartão de crédito levarão algum tempo. — Ele me subornou com a promessa de limonada, que era a única coisa que poderia ter me tirado do quarto.

Eu deixei minha cabeça cair na mesa da cozinha, batendo contra a madeira algumas vezes. — O suficiente. Suficiente por hoje. Eu não aguento mais. — Inclinando minha cabeça para o lado, olhei para ele.

Seu rosto se suavizou e ele deslizou os papéis que estava folheando de volta para a pasta que havia juntado para manter tudo em um só lugar. — Que tal pegarmos um pouco de sorvete?

Minha cabeça se animou. — Sorvete?

— Por minha conta.

— Teria que ser, já que os quatorze dólares que eu tinha estão totalmente queimados agora.

Caminhamos até o T-Sweets, um dos locais mais movimentados fora do campus com sundaes matadores, sorvete feito à mão e, para pessoas sem gosto, picolés. Recebi mais do que alguns olhares curiosos.

Normalmente, as meninas não ficavam assim no meio da tarde. Esse era mais um olhar de andar da vergonha matinal, se o cara fosse legal o suficiente para deixar você pegar algumas roupas emprestadas.

O moletom preto de LJ estava enrolado na altura dos tornozelos, embora ele nunca tenha sido muito mais alto do que eu. Tínhamos quase a mesma altura, mas de alguma forma as leis das calças de moletom masculinas não se aplicavam às mulheres, e havia rolagem envolvida.

Sua camiseta do Batman não era tão folgada quanto eu gostaria. Ser um duplo D fazia maravilhas para preencher uma camiseta extra grande de um cara, não que alguém pudesse ver, já que eu não tinha exatamente um sutiã. Eu mantive seu moletom com o zíper fechado e caminhei com meus braços apoiando as meninas - parecia que estava contrabandeando dois cachorrinhos sob o moletom.

Pelo menos estava frio, ainda não estava totalmente no modo primavera, então aquela parte de como eu estava vestida não me deu muitos olhares. O verdadeiro problema eram as roupas e chinelos grandes dos caras que ficavam dois passos à minha frente a cada dois quarteirões.

— Por que seus pés são tão grandes? — Eu resmunguei, perseguindo espuma e plástico rebeldes.

— O sujo falando do mal lavado. Os seus não são tão pequenos.

Chegamos ao T-Sweets e encontramos a fila usual saindo da porta da frente. As cinco mesas internas estavam ocupadas. Os olhos da multidão iluminaram-se quando avistaram LJ.

Eu sorri enquanto ele abaixava a cabeça.

A atenção sempre deixava as pontas de suas orelhas vermelhas. Cada passo mais perto, mais perguntas surgiram das pessoas ao nosso redor.

— LJ, onde você acha que vai jogar depois do próximo ano?

— Pronto para outro campeonato?

Ele deu seu sorriso de coletiva de imprensa que escondia seus gritos internos de fuga, e respondeu como se tivesse as respostas escritas atrás de suas pálpebras.

— Vocês estão preocupados com esta temporada com tantos veteranos saindo?

Enfiei minha mão em seu bolso de trás e puxei sua carteira. — Vou pedir para nós.

— Como você sabe o que eu quero?

Acenando com a carteira, entrei na fila, abandonando-o com seus fãs adoradores. Sempre foi uma bola de chocolate e baunilha com granulado de chocolate e colorido misturado. Sempre.

Ele ficava parado olhando o cardápio, esperando que a fila se movesse, e então ele ia ao balcão e pedia a mesma coisa todas as vezes.

A fila andou rapidamente e eu olhei pela janela. Em jeans largados em seus quadris e uma camiseta que destacava todos os músculos fortes, ele se manteve entre as mesas em frente à loja.

Ele odiava a atenção. Isso o faz querer virar tartaruga e rastejar dentro de sua concha.

Eu amo. Adorei vê-lo receber a atenção que merecia após a quantidade de trabalho que colocou no campo. Eu amei como ele ficou tão nervoso na frente de todos, mesmo que quando voltássemos com nosso sorvete, ele se lembrasse de todas as perguntas que eles fizeram e como foi ótimo dar um autógrafo ou dois.

Ele se sentia como se não pertencesse aos holofotes, mas ele pertencia. Ele era a melhor pessoa que eu conhecia. Pena que ele não sentia nem a metade do que eu sentia por ele.

3

MARISA

ÚLTIMO ANO - ENSINO MÉDIO

— Você não ia voltar para casa esta noite? — Eu desci as escadas arrastando os pés com meu telefone aninhado no meu ombro e um aperto mortal no corrimão. A madeira rangeu sob meus pés cobertos de meias.

— Esta é uma oportunidade que não poderia deixar passar.

— Desde quando Atlantic City é uma viagem única na vida? — Eu estremeci. Meus quadris doeram. As contusões eram intensas. Era um pequeno preço a pagar, mas eu precisava de alguns analgésicos.

— Já que não estou pagando e Frank é um grande apostador, vamos ficar em uma suíte presidencial.

— O que eu devo fazer esta noite?

— Por que você não vai para a casa de LJ? É para onde você está sempre fugindo. Ou ligue para seu pai. Desculpe eu esqueci. Ele fugiu sabe Deus para onde e não olhou para trás.

Eu cerrei meus dentes, pensando na mãe de merda falando comigo no momento - ela, e estando longe das únicas pessoas com quem eu poderia contar.

— Eu não estou lá o tempo todo. — Me certifiquei de nunca estar lá mais do que algumas vezes por semana durante o ano letivo e só dormia uma vez a cada duas semanas. Durante o verão, eu me permiti aumentar para festas do pijama semanais fora isso saíamos no máximo quatro dias.

Exagerar nas boas-vindas não era algo que eu sempre quis fazer com a família de LJ. Eu sentia como se já tivesse ultrapassado minhas boas-vindas com minha própria mãe.

— Não é minha culpa que seu pai decidiu que prefere fugir com todas as groupies de seu esporte extra especial e nos deixar para fazer o que é devido. Todas aquelas promessas de enviar dinheiro para aniversários ou presentes de Natal e nunca vimos um centavo.

Outro lembrete e comparação, o que não estava ajudando meu estômago a parar de tentar comer a si mesmo.

— O médico disse que eu deveria pegar leve por alguns dias. — Além disso, toda a família de LJ ainda estava no hospital após a doação de medula óssea anteontem. Eles estavam no quarto de Charlie fazendo turnos desde que a quimio começou.

— Você parecia bem para mim dois dias atrás. E a família dele não deveria cuidar de você? Eles te devem depois do que você fez. Deus sabe, não estamos recebendo apoio de seu pai. Eles podem nos jogar um osso.

Eu apertei a ponte do meu nariz e tentei andar pelo meu quarto antes de desistir. Tudo que saía de sua boca era sempre sobre como todo mundo era uma merda - acredite em mim, havia mais do que o suficiente entre ela e meu pai, mas eu precisava de alguém aqui. Agora. Arranquei meu short. Os hematomas me fizeram parecer que devia dinheiro a algum corretor, mas estavam amarelando. Ainda estavam doloridos, no entanto. — Fiz porque era a coisa certa a fazer. Conhecemos a família deles desde que eu estava na terceira série. Eles não me devem nada. — Se qualquer coisa, eu devia a eles.

— Você deveria ter conseguido algo. Pedir algum dinheiro ou algo assim. Ninguém dá nada de graça. Seria sábio se lembrar disso.

— Então, do que você está abrindo mão de sua viagem para

Atlantic City? — Mordi o interior da minha bochecha.

— Parece que você está perfeitamente bem e de volta ao normal depois de seu pequeno ato mancando no hospital.

Sim, o movimento limitado de sair do hospital depois de passar sob anestesia geral e ter alguém perfurando meus quadris para colher medula óssea tinha sido totalmente fingido.

Esta ligação precisava terminar. Mas meu estômago e eu não estávamos na mesma página sobre deixá-la fora de perigo tão rapidamente. — Eu acho que sou muito forte para o meu próprio bem. Você deixou algum dinheiro? — Se ela ficaria fora por um período indeterminado de tempo, eu precisaria comprar mais comida.

Ela soltou um suspiro como se meu pedido de dinheiro para comida fosse o mesmo que lamentar por um BMW novinho em folha de aniversário. — Você tem dezoito anos. Você é forte e independente. Tenho certeza que você pode descobrir isso, querida.

— Quando você volta para casa? — Não que eu me importasse que ela tivesse ido embora. Pelo menos eu não teria que ouvir o centésimo detalhamento sobre mim ou o milionésimo discurso sobre Ron e como ela desistiu de seus sonhos e objetivos para estar com ele e foi deixada com uma filha. Mas ela pelo menos pediria alguma comida ou me daria dinheiro para comprar um pouco, se estivesse aqui.

Ela conversou com alguém que não era eu. — A próxima mão de blackjack está começando e eu sou o amuleto da sorte de Frank. Eu tenho que ir. — A ligação terminou.

Eu encarei a tela em branco. Depois de todos esses anos, não deveria me surpreender. Eu não deveria ter nenhuma expectativa sobre meus próprios pais. Atirei meu telefone como se ele tivesse algo a ver com a pessoa do outro lado da linha que sempre encontrava novas maneiras de cavar a faca um pouco mais

fundo. Eu pisquei para conter as lágrimas e massageei meu quadril.

Eu tinha feito tantas promessas a mim mesma que não teria muitas esperanças sobre ela possivelmente se lembrar que tinha uma filha, mas, sem falta, eu ainda tinha. Não importava o quanto eu fingia que não me importava e não dava a mínima, isso quebrava algo dentro de mim toda vez que ela não aparecia no último minuto para me assegurar de que tudo ficaria bem.

Arrastando meus pés e apoiando minha mão contra meu quadril, desci as escadas. Não estava tão ruim quanto antes, mas eu não queria que a dor ou minha mobilidade piorasse. Não era como se houvesse alguém para me ajudar.

Lá embaixo, avaliei minha situação alimentar.

Garrafas de ketchup e mostarda meio vazias chocalharam na geladeira. Os pacotes de peru, presunto e queijo que eu tinha escondido lá dentro haviam sumido. Assim como meus picles e o pão de brioche que eu estava babando para comer. Usei o resto do meu dinheiro para comprar pão e carne para sanduíches. Contar com minha mãe para cozinhar qualquer coisa para mim, teria me levado à fome.

Bati a porta da geladeira, chacoalhando o conteúdo escasso de dentro, abafado pela porta selada. Ela roubou minha maldita comida. Soltei um grito de frustração.

Tomar analgésicos com o estômago vazio não era o ideal. Vomitar não estava no topo da minha lista de atividades de hoje, não que eu tivesse algo para vomitar se não comesse, mas a montanha-russa da náusea também não era uma linha que eu queria.

Eu verifiquei os potes normais que minha mãe escondia dinheiro e encontrei apenas potes vazios. Voltei para a cozinha, confrontando o que nos restava. Latas de atum light em água e flocos de milho secos eram minhas opções.

Talvez um sanduíche de cereal e atum? Peguei o pão que ainda estava na caixa de pão.

Se os pontos verdes difusos pontuando o pão dissessem alguma coisa, diriam que isso estava aqui desde a última vez que minha mãe foi fazer compras, dois meses atrás.

Peguei a caixa de cereal e abri a lata de atum, parando na frente deles como se o anúncio tivesse dado errado. Os flocos de milho podem ser como mini colheres. Como chips de tortilha. Mesma coisa, certo?

Uma batida na porta me tirou do debate sobre se contemplar isso como uma refeição me deixaria louca.

Corri para a porta o mais rápido que meu quadril permitiu, o que provavelmente parecia mais um obstáculo. A dor de tentar correr ainda era melhor do que lidar com a mistura de mingau que estava no balcão.

Empurrando a cortina em frente à janela da porta, vi um rosto que sempre ficava feliz em ver. Seu olhar neutro amarrou meu estômago em nós.

Meu coração apertou e abri a porta, me preparando para a notícia. — LJ, o que aconteceu?

— Estou ligando para o seu telefone há meia hora. Onde você esteve?

O telefone que eu joguei com nojo depois de falar com minha mãe estava em algum lugar na minha cama ou no chão. Aparentemente, eu estive em minha aventura de coleta de comida por pelo menos esse tempo. Talvez seja por isso que meu estômago estava roncando mais alto.

— Bem onde você me encontrou. Como está seu pai?

Seu rosto se iluminou. — Ele está bem. Eles fizeram o transplante hoje. Demorou apenas algumas horas.

— Mesmo? Já? Achei que, uma vez que eles colhessem de mim, levaria mais tempo.

— Não, eles fazem rapidamente. Mamãe vai trazê-lo para casa amanhã. Os médicos disseram que ele está bem, o que significa... — Ele resmungou, esfregando as mãos como se seu plano diabólico estivesse dando certo. — Eu tenho isso para você.

Ele empurrou a sacola da padaria debaixo do meu nariz enquanto se virava. — Trouxe para você um bagel de tudo com cream cheese de morango.

Peguei a sacola de sua mão. — Sério? — Olhando para dentro, minhas glândulas salivares ficaram em queda livre. — Como você pode não gostar de um bagel de tudo com cream cheese de morango?

— Porque meu estômago tem um senso de autopreservação. Deixando de lado as escolhas alimentares ruins, tenho uma surpresa para você.

Enfiei um pedaço da comida salgada, doce e crocante na boca.

— Surpresa? — Murmurei em torno da massa. Uma ou duas sementes podem ter escapado da minha boca.

Ele puxou um dos guardanapos que estavam enrolados na parte externa da sacola e o entregou para mim. — Estamos indo para a viagem dos veteranos. — Puxando minha camiseta, ele gesticula para a dele.

Ele estava vestindo nossa camiseta da viagem do último ano. O mesmo que eu deveria ter feito, mas não pude pagar o preço total e perdi o depósito que economizei para o verão inteiro. Foi isso que ganhei por acreditar na minha mãe quando ela disse que me ajudaria com o resto do dinheiro.

Eu balancei minha cabeça, enchendo minha boca ainda mais.

— Toda a nossa turma saiu há três dias.

— Isso não significa que não podemos ter nossa própria viagem. — Ele juntou as mãos com um sorriso de campeão estadual. O tipo que ele não usava há muito tempo, desde que Charlie recebera os resultados do médico. Linfoma.

— Como vamos fazer essa viagem dos veteranos? — Abri a porta totalmente.

— Você vai ver. Pegue seus sapatos. — Ele vibrou com uma excitação contagiante.

Eu me virei, estremecendo e segurando meu quadril. Agora eu poderia tomar meus analgésicos.

— Merda, o que estou pensando? Vou pegar seu telefone e seus tênis. — Ele invadiu minha casa e olhou em volta antes de correr escada acima para o meu quarto. Ele não tinha estado lá tanto quanto eu no dele, mas ele conhecia o caminho.

Entrei na cozinha e joguei minha monstruosidade na lata de lixo antes que ele pudesse ver. O cheiro estaria horrível quando eu voltasse, mas lidaria com isso mais tarde.

Os analgésicos estavam no balcão. Eu os engoli secos e coloquei o tubo no bolso.

Ele desceu as escadas correndo com meu telefone e tênis na mão. — Onde está sua mãe? Achei que ela cuidaria de você após a cirurgia.

— Uma amiga quebrou o quadril, então ela teve que ir visitá-la no hospital. — Eu cruzei meus braços sobre meu peito. Minhas mangas compridas cobrem tudo, menos as pontas dos dedos. — Ela estará de volta em pouco tempo.

LJ teve um caso grave de síndrome do cavaleiro branco. Ele era sempre o primeiro a tentar atacar e salvar alguém. Às vezes, isso levava a coisas como o impulso de doar medula óssea para

seu pai, outras vezes o fazia me atormentar para entrar em contato com Ron ou ter uma conversa franca com minha mãe sobre meus sentimentos, e as chamas daquelas duas atitudes ainda ardiam nas bordas do meu coração. Então não, ele não precisava saber que minha mãe estava sendo bombardeada em algum lugar com um cara que ela provavelmente mal conhecia.

LJ provavelmente apareceria com uma lista completa de clínicas de reabilitação e terapeutas familiares, mas as pessoas só poderiam ser atendidas se pensassem que havia um problema. Aos olhos da minha mãe, seu único problema era partir para Nova York em menos de alguns meses.

— Legal, avise ela sobre onde você está. — Ele entregou meu telefone. — Você quer uma calça ou fica bem sem ela?

Eu levantei uma sobrancelha. — Há quanto tempo você me conhece?

Ele entregou meu tênis e ergueu as mãos. — Eu nunca vou entender como seus braços e mãos são como blocos de gelo, mas suas pernas são uma fornalha. Tem certeza de que não foi remendada no laboratório de Frankenstein? — Ele esticou os braços à sua frente, imitando um cadáver reanimado.

— Talvez eu fui. — Eu fiz o monstro do Frankenstein andar bem ao lado dele, mas o meu foi mais convincente, já que os analgésicos ainda não haviam feito efeito.

— Já começamos bem. Vamos.

Ele me apressou para fora da porta e eu não protestei tanto quanto eu normalmente faria, porque agora, escolher entre ir a qualquer lugar com LJ e ficar presa em minha casa sozinha com meus armários vazios, seria a morte.

Abrindo a porta do carro como sempre fazia, ele manteve os lábios fechados durante todas as minhas perguntas.

— O que você planejou?

Ele ligou o carro e dirigiu para sua casa. — Eu tenho pensado muito enquanto estou preso no hospital. Ao contrário do que você possa pensar, não é festa o tempo todo lá. — Ele piscou, ainda sorrindo. Não tinha vacilado desde que ele entrou.

O alívio pelo término do transplante havia tirado um peso que ele carregava há muito tempo. Toda a família tinha. Quando fizemos o teste de medula óssea na escola, esperávamos incluir mais pessoas no registro. Ajudar LJ a coordenar tudo foi fácil - qualquer coisa para Charlie. Quando a notícia de que eu era a pessoa que eles procuravam veio, todos os olhos estavam grudados em mim.

No mês passado, enquanto Charlie fazia quimio e nós resolvíamos toda a burocracia do seguro, todos continuaram me observando. Eles sussurravam quando LJ e eu passávamos nos corredores, ou faziam toneladas de perguntas sobre o procedimento e complicações e o que aconteceria com Charlie depois.

Pelo menos agora acabou. O ano letivo terminaria em algumas semanas e teríamos o verão antes do início da faculdade. Antes que LJ e eu seguiríamos caminhos separados. Ele iria para a Fulton U e eu escolhi uma escola em Nova York.

O programa de história da arte ali era um dos melhores do mundo, junto com a etiqueta de preço, mas as bolsas e formulários de ajuda financeira, que eu tive que preencher sozinha vasculhando os formulários de impostos de minha mãe, me levariam até lá. E os museus. Eu poderia passar o resto da minha vida e ainda não veria todas as peças de arte alojadas em todas as coleções da cidade.

A arte sempre foi uma fuga para mim. Eu poderia pegar livros na biblioteca e fingir que era uma mulher da Renascença que foi a musa de um pintor famoso. Ou imaginar como seria sentar-se à beira do lago coberto de nenúfares. Assim que pude pegar o trem, passei muito tempo em museus da cidade. Eu tinha menos de 12 anos na minha adolescência para a entrada gratuita. Sentar e

observar os pais e como as pessoas reagem a eles e às outras obras de arte. Eu tentava imaginar suas vidas, inventando histórias sobre de onde vinham ou iam.

Me esconder no museu tinha ajudado quando eu não queria ficar além do limite com a família de LJ. Estava quieto, não muito lotado, a temperatura perfeita e ninguém me incomodava se eu ficava lá por horas. Minha fuga para a arte tornou-se um amor que não pude negar.

Paramos na casa de LJ, onde balões em forma de Mickey Mouse se arqueavam em volta da porta e flutuavam das grades que levavam à varanda, balançando com a brisa suave.

— Como você fez tudo isso?

Seus olhos enrugaram e ele saltou do carro antes de deslizar sobre o capô e abrir minha porta.

Eu encarei a varanda, queria esfregar meus olhos para ter certeza de que tudo era real.

Ele estendeu a mão e eu peguei, rangendo os dentes enquanto me empurrava para fora do assento baixo.

Subimos a calçada, que estava alinhada com recortes da silhueta do rato em palitos de picolé enfiados no chão.

— Sério? Como você conseguiu isso?

— Você não viu nada ainda. — Ele pegou minha mão.

Faíscas elétricas viajaram de meus dedos e envolveram meu coração.

Caminhamos até a varanda, de mãos dadas, todas as minhas dores e sofrimentos foram embora com um único toque. Meu corpo formigou e o sangue latejou em meus ouvidos.

Seus dedos se apertaram ao redor dos meus enquanto subíamos os degraus. Ele abriu a porta e eu ofeguei, cobrindo

minha boca com uma mão, ainda mantendo meus dedos entrelaçados aos dele.

— Oh meu Deus.

4

LJ

PRESENTE

UMA dor aguda atingiu minhas costelas e lutei contra meu sorriso, mantendo meu rosto relaxado enquanto o peso mudava ao meu lado. Fazia três semanas desde que Marisa se mudou para minha casa, para minha cama.

Liv tinha aparecido no Brothel alguns dias depois do incêndio, amaldiçoando o nome de Ford e jurando a Marisa que ela iria exigir uma tortura vívida e ligeiramente perturbadora para ele por tudo o que fez.

Depois de algumas semanas com as duas vivendo de sorvete e bebidas mistas, Liv tinha empacotado suas coisas, comprado algumas caixas de cerveja para nós como um agradecimento, e praticamente flutuou porta a fora sob o olhar atento de seu não - namorado mais antigo, então havia outra opção de dormir para Marisa - ou para mim. Mas continuamos compartilhando minha cama. Deitado ao lado dela todas as noites, lutei para manter minhas mãos em pontos aceitáveis de contato, como um toque em suas costas ou braço.

O sono também me deu um nível de negação plausível sobre minha ereção matinal protegida pelas minhas calças de moletom. Isso tinha sido muito mais difícil de controlar.

Ao meu lado, sob os cobertores com as costas apoiadas na parede, mantive as mãos na frente do rosto.

Seu cabelo roçou nas costas dos meus dedos, fazendo cócegas.

Mudei um dedo, deixando os fios deslizarem contra minha

pele. Tão perto, seu cheiro de torrada francesa invadiu meus pulmões. Não a sobremesa assada, mas o cereal. Ninguém deveria deixá-la chegar perto de um fogão ou forno.

Mais cabelo roçou minhas mãos. Em seguida, as cócegas foram para o meu pescoço e queixo.

Eu queria deslizar meu braço sob sua cabeça e segurá-la contra meu peito. Eu queria traçar meu polegar na curva de seu pescoço. Eu queria provar seus lábios.

Tê-la tão perto nas últimas semanas e ter que me manter sob controle foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Depois de quase perdê-la, eu não faria nada para assustá-la.

Eu mantive meus olhos fechados, acalmando meus lábios com o sorriso arrepiante tentando invadir meus músculos.

O cabelo subiu pela minha bochecha, e enrolei os dedos dos pés contra a sensação de cócegas.

Em seguida, enfiou direto no meu nariz.

Meus olhos se abriram.

Banhado pelo sol do final da manhã, Marisa olhou para mim apoiada em seu cotovelo, sorrindo com uma mecha de cabelo presa entre seus dois dedos.

Ela caiu na gargalhada.

— Diabos, Marisa? — Afastei o cabelo dela, esfregando meu nariz da mesma forma que fiz no campo quando um inseto decidiu que, do mundo inteiro, minha narina era seu novo local favorito.

Ela se dobrou de tanto rir, se enrolando em posição fetal enquanto se debatia e tirava as pontas do cabelo na minha camisa. — Isso é o que você ganha por fingir que está dormindo.

— Como tentar tocar meu cérebro com seu cabelo é uma

punição adequada por fingir dormir depois de ser acordado por seus roncos de sacudir a cama?

Seus olhos se estreitaram e ela empurrou meu ombro. — Eu não ronco.

— Você está totalmente certa. A buzina deve ser invenção da minha cabeça.

— Buzina! — Ela avançou, seus dedos mergulhando em meus lados sensíveis, cavando e fazendo cócegas muito rápido.

Minhas pernas chutaram e meu corpo recuou, tentando escapar de seus dedos punitivos.

Suas mãos afundaram, indo para o meu estômago. Ela se sentou e ficou de joelhos para alavancagem e controle máximos. Seu cabelo caiu em torno de seu rosto acima de mim como uma cortina.

Eu me afastei, mas não havia como escapar com a parede nas minhas costas. Tê-la tão perto, mesmo com o tratamento de cócegas, não tinha matado totalmente minha ereção. E eu soube o momento exato em que ela a encontrou.

As costas de sua mão roçaram a cabeça do meu pau e pararam.

Ela não puxou a mão. Em vez disso, ela a manteve lá com meu pau explicando rapidamente como eu estava acelerado em código Morse nas costas de sua mão.

.. ..-. / -.-- --- ..- / -.- . . .--. / - --- ..- -.-. .... .. -. --. / -- . / .-.. .. -.- . / - .... .- - --..-- / .. .----. -- / -. --- - / --. --- .. -. --. / - --- / -... . / .- -... .-.. . / - --- / ... - --- .--. / -- -.-- ... . .-.. ..-. / ..-. .-. --- -- / -.- .. .. -. --. / -.-- --- ..- .-.-.-[1]

Seus olhos se arregalaram. Mas sua mão permaneceu. Ela não se afastou como se tivesse sido queimada, embora parecesse que minha pele estava em chamas.

Eu gemi, dividido entre pular da cama e virar a mão dela, para que ela pudesse me tocar totalmente.

— LJ. — A meia pergunta sem fôlego não fez nada para matar a ereção.

Como se ela tivesse ouvido meus pensamentos, sua mão roçou ao longo da cabeça do meu pau e ela espalmou meu moletom.

Nós dois respiramos fundo.

Estendi a mão e envolvi meus dedos em torno de seu braço.

Seu meio golpe tirou um gemido de meus lábios.

Através do tecido macio da minha calça, o calor e o peso de sua mão dificultavam minha respiração. Eu passei tantas noites querendo exatamente isso.

Fiquei tentado a me beliscar para testar a realidade. Seria necessário um grampo no peito para me acordar se isso fosse um sonho.

Seu olhar saltou do cobertor ainda envolto em mim da cintura até meus olhos.

Ela tinha assumido a liderança, seus movimentos hesitantes mais do que uma escova, mas menos do que um golpe com a barreira entre nós. Uma lacuna de intenção grande o suficiente para ser negada. “Oh, pensei que era a sua mão” ou “estava brincando e enfiei uma lanterna no bolso para ferrar com você”.

Eu deveria evitar que meus olhos rolassem para trás. Minha boca e lábios estavam secos e meus dedos coçaram para tocá-la.

Eu a puxei para mais perto. — Marisa.

Sua mão escorregou para o cós do meu moletom.

Eu agarrei seu pulso e puxei de volta.

Uma mão apressada não era o que eu queria que fosse na primeira vez.

Eu descansei minha testa contra a dela. Meus lábios a centímetros dos dela. Meu sangue pegando fogo em minhas veias e meu pau crescendo a cada segundo até chegar ao máximo, pesado e pronto para seu toque.

— Marisa... — Minha voz saiu estrangulada e torturada como se meu corpo estivesse chutando a própria bunda.

Ela inclinou a cabeça, os olhos nublados de desejo. Esta não foi uma noite de embriaguez e loucura. Não era algo que pudéssemos voltar atrás e atribuir isso a bebida ou a perda de inibições tarde da noite. E eu queria. Eu a queria.

Uma batida forte rompeu o cabo de guerra em meu peito. — Marisa, você tem uma... visita.

Sua cabeça jogou para trás e ela olhou para mim. Seus olhos escanearam meu corpo antes de retornar aos meus olhos como se ela também tivesse pensado que estava sonhando.

Ela saiu da cama, parecendo mais como se tivesse caído em vez de pular. — Provavelmente é Liv. Vou ver o que ela precisa. — Sua expressão atordoada e sem fôlego se transformou em um sorriso - um sorriso cheio, rechonchudo e beijável que enviou uma pulsação trovejante direto para a minha ereção.

Quando ela voltasse para a cama, eu não tinha certeza se seria capaz de dizer não a ela. Eu a queria tanto, tinha a desejado por muito tempo.

Todas as razões que eu segurei antes foram corroídas com três semanas de contato quase constante e noites com ela ao meu lado. Nossa amizade. Meus planos. O pai dela.

Pegando um elástico de cabelo na cima da minha cama, onde havia pelo menos vinte, ela prendeu o cabelo antes de desaparecer porta afora.

Eu bati minha cabeça contra o travesseiro, murmurando todas as maldições do livro no momento terrível de sua ex-colega de quarto.

E se Liv tivesse encontrado outro lugar para elas morarem? E se ela tivesse terminado com seu namorado jogador profissional de hóquei de novo e planejado ocupar todo o tempo de Marisa com sorvete e sessões de sussurros de pintura de unhas?

Pulei da cama e fui atrás dela.

Sim, eu fui um idiota.

Não era assim que eu planejava que fosse. Havia tantos planos girando em torno da minha cabeça sobre como transpor o abismo de melhor amiga para namorada. Todos esses planos foram chutados como um kicker na linha de defesa.

Quando eu estava na metade da escada, Marisa estava parada na porta parcialmente aberta.

Não era Liv. As duas estariam no sofá rindo ou xingando o nome de alguém agora.

Marisa tinha os braços cruzados sobre o peito e estava usando o cotovelo para impedir que a porta se abrisse mais.

O conjunto profundo de sua carranca foi realçado pela luz do sol brilhante lançando sombras duras em metade de seu rosto, não alcançando o resto da casa com ela presa na abertura.

Quem diabos estava aqui?

Cada célula protetora do meu corpo se acendeu para ficar entre ela e o que quer que a fizesse cruzar os braços sobre o peito assim.

Eu pulei para o pé da escada e abri a porta, pronto para derrubar quem quer que estivesse na varanda dando merda a ela, mas todos esses sentimentos murcharam e recuaram enquanto eu olhava para o homem em seus cinquenta e poucos anos em

um boné Fulton U e camisa pólo.

— Treinador Saunders... — Lambi meus lábios. Aqueles que eu estava a segundos de pressionar contra os de Marisa.

— Veja, estou perfeitamente bem. — Marisa deu um passo para trás e ficou ao meu lado para bloquear totalmente a entrada, como se ela esperasse que ele entrasse sem mim como apoio.

O treinador Saunders olhou dela para mim. — Por que você não me contou?

— Por que eu deveria? Estou segura você estava viajando de qualquer maneira, então não é como se você estivesse mesmo aqui.

— Você poderia ter me ligado. — Ele não estava olhando para ela. Seus olhos fixos nos meus.

Minha pele parecia estar com bolhas. Merda.

Marisa teria me matado se eu contasse a ele sobre o incêndio. Eu a importunei sobre ligar e ela jurou que faria.

— Os paramédicos nem me levaram ao hospital. LJ me pegou e me trouxe para cá. Eu estou bem. Tenho pessoas ao meu redor com quem posso contar. — Essa foi uma granada lançada direto em seu rosto.

Seu olhar se voltou para ela, tão estimulante. A preocupação vincou as linhas profundas de seu rosto. — E quanto às suas coisas? Você precisa de roupas novas? Um computador? Ou qualquer outra coisa antes de sua viagem?

— Eu cuidei de tudo. O seguro do locatário está pagando a maior parte. Vou economizar um bom dinheiro na taxa de bagagem despachada, já que só tenho pertences o suficiente para preencher uma.

Ele balançou a cabeça, a dor e o arrependimento gravados profundamente em cada linha. — Eu gostaria que você tivesse me

ligado.

Ela deu uma risada sem graça. — Vejo você no jantar de segunda-feira.

— Eu sei que você acha que eu sou o malvado, Marisa. — Ele levantou o boné algumas vezes como se precisasse arejar a fornalha que agitava em sua cabeça antes de colocá-la de volta em sua cabeça. — Tudo que eu quero é que você esteja segura e feliz.

Marisa olhou para mim com um sorriso de esconde-esconde. — Eu estou. — Ela se aproximou de mim e colocou o braço em volta da minha cintura. Seus dedos brincando com o cós do meu moletom. Merda. Isso era extremamente ruim. Depois de três anos de jantares, ela nunca tinha ido tão longe para irritar seu pai.

Meus músculos ficaram tensos.

Seu foco de laser estava de volta em mim. Seu olhar me varreu de cima a baixo, focalizando minha virilha como se ele estivesse prestes a arrancar meu pau com suas próprias mãos.

Eu segui seu olhar e com a realização de um filme de terror vi a mancha na frente da minha calça. O ponto um pouco úmido, definitivamente não era mijo, enquanto eu estava com o braço de sua filha em volta de mim.

Eu sacudi, pulando para trás e puxando o braço de Marisa ao meu redor e deixando cair minhas mãos na minha frente.

Ela olhou para mim, suas sobrancelhas arqueando antes de cruzar os braços sobre o peito novamente.

Meu estômago despencou.

— E estou segura e feliz. — Mas ela não parecia nem um pouco. Havia um tom áspero em sua voz. — Vejo você na segunda-feira. — Ela fechou a porta sem esperar sua resposta.

Com um olhar longo e duro para mim que pareceu ainda mais

abrasador do que o de seu pai, ela deixou cair os braços e subiu as escadas para o meu quarto.

— Brutal.

Eu me empurrei com a invasão, virando-me para encarar Reece segurando uma caneca e parado na porta da cozinha.

— Eu não preciso do comentário.

Ele se aproximou, arriscando uma olhada na escada vazia. — Tudo o que estou dizendo é que você precisa fazer uma escolha, porque você pode não estar apenas se fodendo com essa coisa com você e Marisa. O treinador pode destruir esta casa inteira. Eu sei que vocês dois são amigos para sempre. Mas ele controla sua carreira pelas bolas. Se ele decidir que você está fora, é isso. Sem draft. Sem carreira profissional. Sem dinheiro profissional.

— Ela é minha melhor amiga.

— Ela iria querer que você desistisse de seu sonho por ela? Para sua família?

Minhas costas enrijeceram. Tem sido um caminho difícil desde que meu pai foi diagnosticado. Meus pais tentaram proteger a mim e aos meus irmãos, mas não há muito o que pode ser escondido.

Meus pais estavam lutando, mesmo depois que meu pai venceu o câncer, três anos atrás. Foi a época mais assustadora da minha vida, uma época para a qual eu nunca queria voltar, onde tínhamos que sentar e decidir se queríamos um teto sobre nossas cabeças ou avançar com um tratamento que salvou a vida do meu pai. Se algo assim acontecesse com alguém de quem eu me importasse novamente, eu queria que fosse tão fácil quanto preencher um cheque.

Eu esperei tanto tempo para estar certo. Nunca foi.

Não depois do nosso primeiro beijo na casa da árvore do meu

quintal na terceira série, onde ela me deu um soco nas bolas por saltar sobre ela.

Não depois do nosso segundo beijo, no baile do sétimo ano, onde nossos suspensórios ficaram presos ao lado das arquibancadas do ginásio e tivemos que ser separados pela enfermeira da escola. Nós passamos os próximos anos tentando superar isso.

Não depois que recriei a viagem do último ano para ela, depois que ela salvou a vida do meu pai e ela me deixou categoricamente saber que não gostava de mim dessa forma.

Mas manter isso dentro de mim era como lutar com uma parte da minha alma tentando se libertar para contar a ela.

— Eu a amo.

Ele apertou a nuca, balançando a cabeça. — Você ainda vai amá-la em um ano? Daqui a dois anos?

— Eu a amo desde que tínhamos quinze anos. Isso nunca foi embora.

Com o olhar onisciente quem ganhou um bolo delicioso e depois o comeu como uma escolha de primeira rodada e a mulher que ele amava, ele colocou a mão no meu ombro. — O que é melhor para todos? Esperar ou pensar com seu pau?

— Eu não estou pensando com meu pau.

— Não é isso que diz a mancha na frente do seu moletom. — Ele tomou um gole de sua caneca.

Eu puxei minha camiseta para baixo. Eu tinha uma porra de uma placa de néon apontando para minha virilha?

Esperar. Esperar ainda mais por ela. Enfiei minhas mãos em cabelo, descansando minha testa em minhas palmas. Que escolha eu tinha?

— Se eu disser a ela que não podemos fazer isso por causa do pai dela, ela nunca o perdoará. Ela mal fala com ele do jeito que está. — Eu olhei para Reece.

— Não é melhor que ela o odeie do que você? — Ele desapareceu de volta na cozinha para me deixar com aquelas palavras persistentes.

Fiquei sozinho na sala vazia. As pessoas riam e saíam nas calçadas. As persianas ainda estavam fechadas; a casa só acordando agora.

Por mais que eu quisesse que a resposta fosse essa, ela merecia uma chance de algum tipo de relacionamento com seu pai. Sua mãe nem sempre esteve lá. Uma viagem de última hora para visitar um amigo doente, uma avaria no carro ou uma reunião de trabalho que atrasou. Sempre que meus pais a chamavam de lado para conversar com ela, ela sempre nos assegurava de que sua mãe estava ocupada e era a amiga responsável, então todos sempre se voltavam para ela.

Durante o ensino médio, Marisa tinha ficado depois da aula durante meus treinos para pegar uma carona para casa comigo, e ela geralmente ficava para o jantar.

Mas seu pai estava tentando. Por mais de um ano ele estava tentando. Talvez o que ele estava fazendo comigo fosse uma merda, mas eu também era aquele que aparecia em todos os jantares que ele tentava ter com Marisa para que ela se abrisse. Restava apenas mais um jantar antes de ela partir para Veneza - uma viagem que ela deveria ter feito anos atrás, se não fosse por mim. Se ela não tivesse sacrificado por mim...

Subindo as escadas, um degrau de cada vez, fui em direção do o meu quarto e respirei fundo antes de abrir a porta.

Marisa estava agachada ao lado de sua mochila, jogando marcadores, canetas e papel por todo o chão. Sua vida inteira estava enfiada naquela bolsa e em uma das gavetas da minha

cômoda. Além das poucas roupas que eu dei a ela, não havia muito que eu pudesse fazer para ajudar.

Minha bolsa cuidava do aluguel, alimentação e saídas noturnas algumas vezes por semestre. Eu checaria com o escritório de ajuda financeira para ver se conseguia um pequeno empréstimo estudantil. Pagar seria fácil assim que eu assinasse meu contrato.

Eu queria ser capaz de ajudá-la e substituir tudo que ela perdeu. Comprar roupas novas, um computador top de linha e tudo o que ela quiser. Mas eu não estava lá - ainda não.

Depois do próximo ano. Após o Draft. Depois de assinar meu primeiro contrato profissional, eu seria capaz de cuidar dela e de todas as outras pessoas de quem eu gostava sem pensar duas vezes. Eu tinha visto os planos que os alunos do último ano estavam fazendo.

Reece estava planejando um armário de tênis automatizado. Caras compraram casas novas para os pais. Eles pagavam a mensalidade da faculdade de seus irmãos. Se fossem espertos com seu dinheiro, as pessoas que amavam nunca precisariam se preocupar com nada e teriam o melhor atendimento médico do mundo.

Eu só tinha que chegar lá.

Marisa colocou os papéis de volta na mochila agora vazia. — Não consigo encontrar meu caderno de aulas particulares.

Deslizei algumas pastas para o lado e tirei o caderno roxo e gasto da pilha.

— Eu sei que eu tinha... — ela resmungou e empurrou mais de volta para a bolsa preta e cinza.

Estendi o caderno ao lado dela, pendurando-o em meu aperto.

Sua cabeça virou para o lado e ela olhou para ele e para mim.

Eu esfreguei meu queixo. — Nós precisamos conversar.

5

MARISA

Não, nós definitivamente não precisamos. Nem um pouco. Não precisamos conversar porque eu não queria ouvir o que ele ia dizer. Ele telegrafou tudo alto e claro escada abaixo na frente de Ron.

Meu estômago deu um nó apertado e dolorido quando ele deixou cair meu braço, deixando-o cair ao meu lado como um peixe queimado pelo sol coberto de moscas.

Alguns minutos antes, eu jurei que ele iria me beijar. Eu quase podia sentir seus lábios pressionados contra os meus com a intensidade de seu olhar.

A dor entre minhas coxas me atingiu e eu estava pronta para levar nossa amizade para o próximo nível. Obviamente, eu tinha sido uma idiota por esquecer qual era o nosso relacionamento.

Mais uma vez, ver nas entrelinhas não tinha sido meu forte. Quantas vezes íamos fazer isso? Muitas, parecia. Só que desta vez, eu não o matei - fui direto para o seu pau. Intensificando meu jogo. Talvez da próxima vez, eu pegue uma correia e um pouco de lubrificante.

Eu tinha na cabeça que sua ereção matinal era devido a mim. Talvez ele tenha esquecido quem eu era por um segundo, apenas pensando em mim como uma outra mulher que acordou em sua cama, não Marisa, sua melhor amiga.

Com qualquer uma das outras mulheres com quem ele dormiu, provavelmente teria sido, mas não eu. E então eu fui em frente e ele me impediu. Quem impede uma garota desse jeito? Embora fosse mais como um trabalho manual e um trabalho voluntário do que um *trabalho* real.

Ele estava olhando para mim com tanta ternura de uma forma que fez meu coração martelar contra minhas costelas e me fez sentir mais leve que o ar. Eu estive pensando que ele estava segurando meu braço porque ele tinha que me tocar. Em vez disso, era mais provável porque ele estava tentando me impedir de ir mais longe.

E no segundo em que tentei ir em frente, ele estava pronto para ir para as colinas.

Quão estúpida eu fui? E então ele se afastou na frente de Ron. Rejeição dupla bem na minha cara.

Não era como se Ron não tivesse cancelado três semanas de jantares para algumas viagens de reconhecimento e recrutamento que ele precisava fazer. Depois de toda a postura que ele fez sobre o quanto ele queria se conectar, ele cancelou mais jantares durante a temporada do que realmente tivemos. Em vez de me deixar feliz, isso me irritou ainda mais. Ele me mostrou exatamente o que era mais importante para ele.

Eu pensei em ligar para Ron depois do incêndio, mas não liguei, mesmo depois de prometer a LJ. Eu continuei querendo, mas outras coisas continuaram surgindo. Talvez tenha sido um teste. Um em que eu esperei para ver quanto tempo realmente demoraria para ele perceber que sua filha poderia ter morrido em um incêndio. Talvez.

E recebi minha resposta: três semanas. Passaram-se três semanas desde que Liv me acordou da ressaca do estudo com um cartão colado no rosto e a fumaça sufocante nos pulmões. O pânico passou por mim e todo o conhecimento das saídas e saídas de incêndio foi apagado da minha memória enquanto a fumaça queimava meus olhos e garganta. Nós rastejamos para fora do apartamento, descemos as escadas e nos encontramos com bombeiros e paramédicos em nossa porta.

Três semanas.

Foi muito melhor do que catorze anos, eu acho. Foi isso que o silêncio durou antes. Eu odiava ter contado os dias. Odiava me importar. Odiava o quanto doía.

Não era como se eu esperasse que ele viesse me resgatar. Liv e eu tínhamos guardado dinheiro a maior parte do tempo, e LJ pagou o resto, mas três semanas?

Tinha uma aula de reforço em uma hora e não conseguia encontrar meu maldito caderno.

LJ o balançou ao meu lado.

Me certificando de manter meus dedos longe dos dele, tirei-o de suas mãos depois que ele proferiu aquelas palavras fatídicas: “precisamos conversar”.

Acontece que elas funcionavam tão bem com garotas quanto com garotos.

— Eu tenho aulas particulares esta tarde. — Folheando minha agenda colada na primeira página, eu contive meu gemido. É claro que hoje eu estava dando aulas particulares para Chris. O complemento perfeito para um dia já de merda suprema.

— Eu sei.

Por que ele tinha que dizer assim? Como se ele tivesse guardado minha agenda na memória e soubesse tudo sobre mim. Bem, ele geralmente queria, mas como um melhor amigo fazia, não como um cara que queria pular nos meus ossos.

— Eu preciso me trocar e ir para a biblioteca.

— Sobre esta manhã

— Não, não precisamos falar sobre isso. — Levantei e abri a gaveta onde estavam minhas outras roupas, a segundos de bater com as mãos nos ouvidos e gritar “la lá la, não consigo ouvir você”.

— Deveríamos.

Eu levantei minha cabeça para encontrar seu olhar, me sentindo um robô enferrujado. — Por quê? Eu cruzei uma linha. Isso não vai acontecer de novo. — Por que ele olhou para mim como se fosse me beijar? Por que eu tinha cedido a todos os sentimentos que havia reprimido por tanto tempo? Por que eu o queria tanto?

— Você não cruzou a linha. Eu também estava lá. — E ele não parecia feliz com isso.

— Sem ter para onde ir. — Eu o encurralei e o apalpei. O encolhimento foi real e intenso. A voz da minha mãe soou em meus ouvidos. Todos eles vão embora.

— Estávamos grogues de manhã cedo. Sabe, só... Não estou chateado ou assustado. Não é grande coisa.

Bem, eu não diria isso. — Certo, minha mão foi apenas uma das muitas a tocar seu pau.

Seu rosto neutro mergulhou em uma carranca completa. — Eu nunca disse isso.

— Então, e se eu colocasse minha mão em seu moletom agora para um pouco de ação?

Seus olhos se ar regalaram e todo o seu corpo travou. Não de um inferno-sim-quero-mais-desse. Mais como o tipo por favor-não-deixe-minha-amiga-me-apalpe-de-novo. — Vamos manter as mãos fora das calças.

— Então você está pronto para a ação por cima da calça? Pode ser apenas uma fricção. — Dei de ombros e me aproximei, empurrando as mangas da camisa até os cotovelos. — Se é assim que você se sente confortável.

Eu empurraria isso além do reino da conversa séria direto para o pastelão. Melhor isso do que a alternativa de ele achar que

estou disposta a seguir em frente e torcer contra a esperança de que ele estivesse prestes a me beijar.

— Você poderia falar sério por cinco minutos?

Eu estendi minha mão. — Olá, estou falando sério. Prazer em conhecê-lo. — Melhor brincar com a vitória em neutralizar situações incrivelmente embaraçosas.

Ele esfregou as mãos no rosto e me deu um olhar exasperado que me disse que estávamos bem. Depois beliscou a ponte do nariz e olhou para o teto.

Meu sorriso não era mais fino como papel. Foi um sorriso largo. Modo de distração ativar!

— Os próximos oito meses fazem ou acabam com o meu futuro.

— E você o tem trancado. Você foi o melhor jogador da nossa escola. — Eu pegaria o desvio para as preocupações de LJ com futebol e me agarraria a ele como um macaco-aranha coberto de cola.

— Mas significa ir atrás disso com um foco único. — Uma intensidade queimava em seus olhos e eu desejei que ele estivesse indo atrás de mim com um foco único.

Esqueça isso, Marisa. Foco. Não era disso que estávamos falando? Como sua camiseta estava apertada em seu peito e sua calça de moletom verde me fez querer escalá-lo como uma sequóia.

Foco! Seus lábios ainda estavam se movendo. Tranque esses sentimentos e jogue fora a chave.

— Claro. Entendi. Eu estava à margem de todos aqueles jogos. Eu te atormentava durante os treinos de verão na academia. Se houver alguém lá fora que queira que você faça isso, sou eu.

Seu rosto se suavizou. — Eu sei, Marisa. — Ele abriu a boca antes de fechá-la como se estivesse tentando capturar palavras antes que pudessem escapar.

— E por mais que eu adorasse dar a você outra vida, tenho que dar aulas particulares, para poder pagar o aluguel e não ser expulsa desta bela casa da faculdade. — Em minha fuga, corri para fora do quarto e desapareci no banheiro, fechando e trancando a porta atrás de mim. Segurei minhas roupas - nem mesmo eram minhas, eram minhas roupas emprestadas - contra o peito e fechei os olhos com força.

Eu tinha menos de um ano até que ele fosse convocado e precisava descobrir o que fazer a seguir. Desta vez eu não ficaria para trás. Desta vez, eu vou embora.

A caminhada até o prédio do atletismo não demorou muito. Eu empurrei minhas mangas compridas para cima e engatei minha mochila mais alto. Os troféus do campeonato e mini banners cobriam o corredor junto com as camisetas de todos os jogadores da FU selecionados ao longo dos anos. O nome de LJ estaria lá em breve com LEWIS rabiscado nas costas, pendurado ao lado do de Reece, que eles ainda não haviam colocado.

Dentro do auditório que eles usavam para reuniões de equipe, bem como aulas particulares, eu fiz uma oração silenciosa para que Chris não chegasse. Assinando com o monitor de aulas particulares, me lembrei de quanto eu precisava do dinheiro.

— Boa sorte. — O mentor acrescentou, identificando o nome de quem eu estaria trabalhando.

Eu encontrei um local e tirei meu material, desejando ter um pouco de água benta e um crucifixo para esta sessão.

Cinco minutos depois de nosso horário programado, fechei meu caderno. As salas de estudo eram obrigatórias para qualquer jogador no limite da elegibilidade devido ao seu GPA, mas os

tutores só tinham que ficar até quinze minutos após o horário de início programado, se os atletas não comparecessem.

Nove minutos depois disso, coloquei tudo de volta na minha bolsa. Este seria o dinheiro mais rápido que eu ganhei durante toda a semana.

A porta se abriu e ele entrou como se tivesse entrado em um salão.

Minha oração silenciosa tornou-se uma maldição não tão silenciosa, e algumas pessoas olharam em minha direção.

Eu afundei mais no meu lugar me preparando para a dor.

Chris Farrell desceu os degraus, seu sorriso se alargando quando me viu.

Esta seria uma longa hora.

— Estamos calculando limites aqui. — Verificando as respostas da sua lição de cálculo.

— Você não pode simplesmente fazer isso por mim?

A sala de estudos do jogador de futebol pagava melhor do que as aulas particulares no centro estudantil, mas tinha desvantagens. Principalmente, jogadores de futebol idiotas que pensavam que podiam ser idiotas porque podiam chutar, lançar ou passar uma bola. Felizmente, eu não tinha ilusões de que isso só se estendia para jogadores de futebol, mas o volume com o qual interagi me mostrou que eles tinham apenas duas maneiras.

Eles podiam ser legais ou idiotas absolutos que não entendiam por que as mulheres não faziam fila no quarteirão para explodi-los. O engraçado era que muitas vezes era inversamente proporcional ao quão bons eles eram em campo.

— Se eu fizesse isso por você, você nunca passaria no exame final, que é em... — Eu chequei meu relógio imaginário. — Uma semana.

— Isso é besteira. O que cálculo importa mesmo? — Ele empurrou seus papéis para frente quase derrubando-os da mesa.

— Você se inscreveu para a aula, não eu. E você perdeu a janela de adicionar/retirar após avisos de todos para que você soubesse o quão perto você estava de ser reprovado na classe.

Ele resmungou como uma criança de três anos. — Não vou precisar de nada dessa merda depois de ser convocado.

Pelo que LJ disse, não estava acontecendo. Se qualquer coisa, ele precisava se esforçar e estudar muito, então ele pelo menos conseguiria seu diploma quando seus objetivos profissionais evaporarem em uma nuvem de fumaça.

— Eu vou te pagar cem dólares para fazer o teste para mim.

Eu olhei para o monitor do time no auditório pontilhado com outros jogadores trabalhando com seus tutores. — Você está tentando nos colocar em problemas? — Eu fervi, agarrando a borda da minha mesa. Ser demitida ou pior, chamar a atenção da equipe técnica - como meu pai - para o meu trabalho discreto de tutor não estava na minha lista de tarefas antes de sair para o verão.

— Você conhece toda essa merda. Você já fez seu exame de cálculo?

— Eu não estou fazendo cálculo.

Seu anúncio retrocedeu e ele olhou fixamente. — O que você quer dizer com não está fazendo cálculo?

— Quer dizer, não estou fazendo cálculo. Eu não faço desde o colégio.

— Então, como diabos você está me dando aulas particulares?

— Por que eu preciso estar matriculado em uma classe para ser tutora? Eu fiz isso como um sênior no colégio. — Cálculo não foi fácil, mas eu o usei para obter uma vantagem nas admissões

na faculdade. Não é minha culpa que Chris mal prestasse atenção, nunca fizesse anotações e não fizesse nenhum de seus deveres de casa.

— Em que você está se formando agora?

— História da arte. — Eu não planejaria minha carga horária em química analítica e química da arte, então poderia assumir o trabalho de preservação e curadoria. — Agora que terminamos com a parte de nossa sessão de *vamos nos conhecer*, você pode voltar aos seus problemas?

— Você nem é um graduanda em matemática. Não é à toa que não consigo entender nada disso.

Eu apertei a ponta do meu nariz. Pense no dinheiro. Pense no dinheiro e pense em Veneza. — Você não pode entender isso porque não está prestando atenção. Vamos repassar novamente e farei um exemplo de problema para você, para que possa ver as etapas e resolvê-lo novamente.

— Isso é besteira e estou fora. — Ele jogou o bloco de notas no chão e saiu correndo, pelo menos eu ainda seria paga pela hora inteira.

O monitor tutor chamou seu nome, mas a porta já estava se fechando atrás dele.

Juntei os papéis e fui até a frente para assinar a minha sessão.

— Só falta uma semana, certo?

— Uma semana bem longa. — Rabisquei minhas iniciais na coluna da esquerda. Em vez de voltar para o Brothel, fiz um desvio para o Edifício Franklin. Meu departamento ficava junto com o de história, mas os sofás eram confortáveis e gastos e ninguém estava lá.

Reimpressões de obras de Klimt, Van Gogh e Monet

penduradas nas paredes em molduras ornamentadas com sua própria iluminação. O enquadramento provavelmente custou tanto quanto um ano de mensalidade.

Estar aqui sempre me relaxou. Estava quieto e fora do caminho, e eu podia olhar para as pinturas e imaginar como era ser a primeira pessoa a ver a obra de arte finalizada. Ou pensar em ter a chance de preservá-las para que as gerações futuras possam apreciá-las.

Eles eram eternos com sua influência espalhada por décadas e séculos depois que o artista se foi. Eu aprendi que esse é o tipo de permanência que você tem com as coisas, nunca com as pessoas.

Pegando meu lugar gasto no sofá de couro verde, abri o laptop e rolei meus e-mails. Nomes italianos foram espalhados por toda caixa de entrada.

Listas de verificação, apresentações e arranjos a serem feitos. O primeiro passo para minha nova aventura. Itália. Depois de tantos anos, ensaios de candidatura a estágio e entrevistas, estava tão perto.

Parte de mim estava com medo de ter esperanças, de que a viagem não pudesse corresponder ao exagero, mas a outra parte gritava “Itália, caralho, sim!” de um conversível na costa italiana.

Uma porta de escritório se abriu, silenciada pelo tapete velho e corredores alinhados com estantes cheias de dissertações e portfólios.

— Marisa?

Eu ergui os olhos do laptop. — Olá, professora Morgan.

— Animada para a sua viagem? — Ela foi parte do motivo pelo qual decidi me concentrar em estudos de museus no meu curso de história da arte. Suas roupas me lembravam muito mais de

Indiana Jones do que uma guia turística de museu, e seu amor pela arte irradiava dela, de suas tatuagens aos brincos ornamentados em homenagem a obras de arte clássicas.

Ela era minha professora favorita e havia conseguido meu estágio no Museu de Arte.

— Muito e um pouco assustada. Muito obrigada pela oportunidade.

— Você merece. Depois de suas emocionantes férias de primavera, estou feliz que você terá a chance de se divertir neste verão.

— Eu também. — Também significava que eu não precisava ir para casa no verão. Era mesmo minha casa neste momento? Talvez eu adotasse a persona nômade boêmia em vez de voltar para a casa da minha mãe.

Não que ir para a Itália viria em segundo lugar para ficar no campus ou vagabundear nos sofás das pessoas por dois meses.

— Quando você sai?

— Duas semanas após minha última prova final, então eu só tenho três restantes. — Tremores nervosos tomaram meu estômago.

Ela olhou para o relógio. — Outra reunião de professores para mim. Me envie um e-mail sempre que precisar de alguma coisa, e se eu não te ver antes de ir, então faça uma viagem maravilhosa.

A caminhada de volta para a casa foi mais longa do que o necessário. Cada tarefa que eu não tinha cumprido nas últimas três semanas acumulou na minha cabeça no que normalmente seria uma longa lista assustadora. Mas agora, estava perfeito.

Além de estudar e fazer minhas provas finais, pude conseguir mais aulas particulares, o que significava que poderia comprar um maiô e uma calcinha para minha viagem.

O sofá da morte estava chamando meu nome e sussurrando palavras doces para mim. Dormir lá embaixo significaria que eu poderia esperar pelo silêncio acima antes de me esgueirar para o banheiro.

Pelo menos faltavam apenas três semanas para eu partir para Veneza. Isso nos daria um pouco de distância após a Chamada do Despertar do Arrependimento. Depois do verão, as coisas podem voltar ao normal. Fingir que as coisas estavam bem não era um território novo para mim.

6

LJ

Meus dedos cavaram na terra e na grama. Ofegante, eu estava de joelhos com o suor escorrendo pelo meu rosto, me cegando. Meu coração batia contra minhas costelas a cada batida enquanto eu ofegava por ar.

O sol batia em mim, assando minhas almofadas e assando meu corpo. Normalmente não nos vestíamos totalmente para os treinos de primavera, mas hoje foi uma exceção. O suor espirrou dentro das minhas chuteiras.

O apito estridente soprou acima de mim.

Os pés do treinador Saunders apareceram antes de ele se agachar na minha frente. — Algum problema, Lewis?

Eu cerrei meus dentes e me levantei do chão. — Não, senhor. — De pé, deixei meus braços caírem para os lados, embora tudo que eu quisesse fazer fosse apoiar minhas mãos nos joelhos e tentar não vomitar.

— Bom. — Ele soprou o apito e pediu outra série de corridas de vento.

A equipe inteira gemeu e foi para a linha final da zona.

Berk enxugou o rosto com a camisa, mas já estava encharcada e não fez muito para impedir o fluxo constante derramando em seu rosto. — Se esses caras descobrirem que estamos fazendo isso porque você está dormindo com Marisa, eles vão te crucificar.

— Tudo o que estamos fazendo é dormir.

— Não o impediu de tentar fazer um buraco em seu crânio

com os olhos. — Outro motivo para manter as coisas entre Marisa e eu platônicas por enquanto. Doeu quase tanto quanto minhas panturrilhas.

A equipe de cento e vinte caras estava na linha final em duas filas e o treinador Saunders estava com a prancheta ao seu lado, flanqueado pela equipe técnica de apoio.

Ele soou o apito e partimos para outra rodada de tortura.

Quinze minutos de partir o coração, destruir as pernas e queimar os pulmões depois, eu desmaiei. Outros caras vomitaram e alguns vagaram sem rumo, como se estivessem alucinando ou decidiram dar o fora e estavam indo para casa.

Depois de rastejar para fora do campo, drenei a água gelada da minha garrafa. Finalmente capaz de respirar coloquei-a no chão e comecei a longa corrida.

Neste dia ensolarado e brilhante, cada passo parecia mais perto de minha execução. O treinador estava de costas para mim, o fone de ouvido em volta do pescoço e a prancheta ao lado.

— Treinador Saunders. — Eu limpei minha garganta. Mesmo depois de toda aquela água, minha boca estava seca como serragem.

Ele parou, endireitando as costas e se virou para mim, o rosto neutro, mas o olhar era cortante.

— Posso falar com você, senhor?

Seu olhar me examinou da cabeça aos pés antes que ele emitisse um breve aceno de cabeça e decolasse em direção aos armários.

Corri atrás dele, meus músculos gritando a cada passo. — Sobre ontem.

— Sobre ontem?

— Sobre Marisa ficar na minha casa... — As palavras dispararam como pássaros migrando, deixando meu cérebro um lago vazio.

Ele fez um barulho áspero.

— Somos amigos há muito tempo e eu queria ter certeza de que ela estava bem.

— Pelo barulho que você fez descendo as escadas e seu estado, não parecia que você estava apenas se certificando de que ela estava bem. — Suas palavras foram cortantes e devastadoras.

— Pergunte a Marisa e ela dirá que somos apenas amigos. Melhores amigos, mas não é nada além disso.

— Mas você gostaria, hein? Ela fechou você? — Sua risada mordaz rachou com seu prazer com minhas bolas azuis imaginárias e não tão imaginárias quando se tratava de Marisa. — Bom para ela. Não consigo imaginar que ela queira seguir os meus passos e os da mãe. — Sua boca se torceu em uma linha sombria.

Marisa nunca foi muito aberta sobre o que aconteceu com seus pais além da saída de seu pai quando ela tinha oito anos para assumir o cargo de treinador na Ohio State.

Ele nunca apareceu muito - nunca, que eu saiba. Eu nunca o tinha conhecido antes e não tinha feito a conexão entre os dois até que Marisa me disse que estava se transferindo para a Fulton U porque o pai dela era o treinador principal aqui.

— Restam dois treinos de primavera. Você precisa pensar muito sobre o quanto o seu futuro no futebol é importante para você. — Seu brilho pontudo enviou um buraco despencando nas profundezas do meu estômago. — Dispensado.

Apertando minhas mãos ao lado do corpo, virei à esquerda, caminhando de volta para o vestiário. A ameaça era clara. Cruzar a linha com Marisa e eu estava acabado. Depois de três

campeonatos nacionais, ele provavelmente sacrificaria nossas chances nesta temporada para me colocar no banco o máximo que pudesse. Ele poderia sair e recrutar alguns dos melhores linebackers ofensivos para ocupar meu lugar e o time nunca perderia uma chance.

Por mais que eu quisesse pegar meu telefone e dizer a Marisa o quão certa ela estava sobre seu pai ser um idiota, como ele me tratou e como ele a tratou eram duas coisas diferentes.

Eu aguentaria tudo e lidaria com as consequências de deixar claro que éramos apenas amigos e tentaria acertar os limites até o final da próxima temporada, mas então todas as apostas estavam canceladas.

Então ele não poderia dominar meu futuro sobre mim, e eu poderia finalmente dizer a ela como me sentia - se já não fosse tarde demais.

~

Por três semanas, ela estava me evitando. De alguma forma, em vez de tornar melhor, tornou muito pior. Estávamos prestes a passar o verão inteiro separados.

Eu parei na pista de embarque do aeroporto, meu carro era um dos muitos que descarregavam passageiros.

Marisa pegou sua bolsa, checou duas vezes o passaporte e a carteira no bolso da frente e me deu um sorriso como se estivesse se preparando para o primeiro dia de acampamento de verão. O primeiro sorriso nas três semanas desde aquela manhã.

Ela tinha começado a dormir no sofá, até que Keyton mudou algumas de suas coisas mais cedo, incluindo um sofá que não tinha sido projetado durante a Inquisição Espanhola. Depois disso, eu nem mesmo tive isso como desculpa para colocá-la de volta na minha cama.

— Me ligue quando você pousar.

Envolvendo os braços em volta da bolsa, ela olhou para mim. — Eu vou.

Excitação nervosa irradiava dela. Era sua primeira viagem para fora do país. Pegamos o passaporte no dia seguinte à consulta de emergência após o incêndio.

— Não acredito que você vai passar o verão inteiro fora. — Senti um aperto no meu coração. O primeiro ano em que ela esteve em Nova York foi uma merda. Eu tinha sentido falta dela - muito. Mas eu tive aulas e uma temporada inteira para me preparar. Todo o verão sem ela seria uma droga. Os exercícios e minhas aulas de verão levariam algum tempo, mas não haveria guerras de balão de água, viagens de carro para a costa, passeios de carnaval até que estivéssemos prestes a vomitar, ou ficar no quintal tomando banho de sol.

— Agora você não terá que se preocupar comigo incomodando você durante os treinos ou forçando você a sair para tomar sorvete tarde da noite.

Eu não me importei com nada disso.

— A casa ficará silenciosa sem você.

— Berk e Keyton estarão lá. — Ela brincou com o zíper de sua bolsa. — Tem certeza de que todos estão bem comigo morando lá? Não quero prejudicar o estilo de todos com minhas partes femininas. — Ela vagamente apontou para partes de sua anatomia que eu venho tentando manter fora dos meus pensamentos há anos.

— Eles esperam que você os ajude a afastar a atenção feminina indesejável.

Ela bufou. — Metade das mulheres do campus iria passar por mim em um piscar de olhos por uma chance com qualquer um de vocês.

— Que bom que você tem ombros fortes. — Eu apertei o dela.

Sua risada estava cheia desta vez.

— Além disso, Berk tem uma amiga por correspondência e tem se mantido discreto desde que começou a trocar cartas sujas. Keyton é... — Eu dei de ombros. — Keyton. Quem diabos sabe? Você não está restringindo o estilo de ninguém.

Isso também significava que ela poderia ficar em nossa casa de acordo com o código, onde ela não teria que assumir aleatoriamente como uma nova colega de quarto, agora que Liv estava diretamente na categoria de morar com Ford.

Tive que subsidiar um pouco o aluguel dela para que funcionasse. Eu pagaria o empréstimo privado assim que recebesse meu bônus de assinatura na primavera. A taxa de juros era ridícula desde que o crédito dos meus pais foi cancelado e eu quase não tinha nenhum, mas foi por menos de um ano. Valeria a pena tê-la perto, não importa o quanto isso me matasse.

Ela brincou com sua bolsa ainda mais. — E se eu odiar?

— Você não vai. Você tem estado ansiosa para isso desde sempre. Todas aquelas pinturas que você tem me forçado a olhar por anos - você finalmente poderá vê-las pessoalmente. Passeios de gôndola durante o dia. Talvez aprenda a cozinhar comida italiana. — Abaixei minha cabeça tentando chamar sua atenção.

— Eu já faço um ótimo espaguete. — Ela me lançou um olhar.

Eu lutei contra o estremecimento. Cada mordida em sua comida estava tirando sua vida de suas próprias mãos. — Você está certa. Mas é sempre bom aprender novas técnicas. Talvez você melhore o seu jogo.

— Talvez. — Silêncio desceu sobre o carro.

— Marisa.

— LJ.

Falamos ao mesmo tempo. Uma risada desconfortável seguida

por nossos olhares se conectando.

Eu abri minha boca.

Uma batida na janela quebrou a tensão crescente no carro. Eu me virei e olhei para o policial.

— Apenas desembarque. Você já está aqui há muito tempo. — Ele caminhou até o próximo carro e fez a mesma coisa.

— Devíamos levar você para dentro. — Eu abri o porta-malas e abri minha porta, saindo e indo para a parte de trás do carro. — Estou feliz que você finalmente conseguiu esta viagem. Você deveria ter ido há muito tempo.

— Não é grande coisa. Achei que chegaria lá eventualmente.

— Eu sei, mas... eu gostaria que fosse quando você deveria ir.

Ela colocou a mão no meu braço. — LJ, chega de tropeçar na culpa. Às vezes, juro que você é apenas meu amigo por obrigação. — Sua risada foi esganiçada e um pouco afetada.

— Nah, também é por causa de suas maravilhosas habilidades culinárias.

Seu olhar era preciso, mas seus lábios se contraíram. — Mais como o fato de que eu sou a única que vai tocar na sua roupa íntima suja.

— Eu nunca pedi para você lavar minha roupa. — E eu não tinha. Mas Marisa tornou uma tradição do cinema nas noites de quinta-feira lidar com as roupas, o que eu odiava. Colocava minhas roupas na máquina de lavar - claro. Elas irem para a secadora antes de ficarem mafadas, era impossível. Dobrar era um não absoluto. Ela era provavelmente a única razão pela qual eu ainda tinha amigos depois do primeiro ano, quando ela veio ao campus e ficou horrorizada quando viu quanto tempo fazia desde que eu lavei tudo pela última vez.

— Era isso ou sentir você fedendo por mais um ano. Ninguém

precisava disso.

— Vamos lá, não foi tão ruim. — Eu tirei a mala dela do meu porta-malas, levantando-a e colocando nas linhas amarelas na frente da área de entrega.

— Suas roupas iam sair pela porta da frente sozinhas.

Marisa me seguiu e agarrou a alça de sua mala. Sua mão pousou meio em cima da minha. A comoção no aeroporto era uma pista secundária.

Oito semanas. Não tínhamos nos separado por tanto tempo desde o primeiro ano, antes de ela se transferir. Todos aqueles mesmos cenários malucos que eu havia executado quando ela foi para Nova York voltaram rugindo. Ela estaria segura? E se ela tivesse o melhor momento de sua vida e nunca mais voltasse? E se ela conhecesse um cara?

Seu olhar estava cheio de incerteza, excitação e medo.

Eu gostaria de poder ir com ela. Eu queria ser seu parceiro no crime, explorando Veneza com viagens paralelas a Roma e viagens de trem para a Suíça, Alemanha e França.

— Vamos lá. — Uma chamada rompeu a agitação da multidão ao nosso redor. — Beije sua garota e vá embora. Você já ultrapassou o limite de tempo. — O policial soprou seu apito e voltou a perseguir as pessoas.

Marisa olhou para o centro do meu peito antes de puxar a mala das minhas mãos. Seus braços me envolveram em um abraço muito curto.

— Até mais, L. Tenha um ótimo verão.

Ela disparou com a mala com um olhar por cima do ombro e um aceno rápido antes de desaparecer pelas portas de vidro e ir para a fila do check-in.

Eu pulei com a presença e voz em meu ouvido esquerdo. —

Ela se foi, Romeo. Agora mova seu maldito carro.

Procurando minhas chaves, voltei para o carro e me juntei ao resto das pessoas que estavam saindo.

E se ela conhecesse um italiano gentil e decidisse que iria ficar? E se ela fosse para Paris com alguém de seu estágio para férias românticas e decidisse fugir? E se ela voltasse e eu perdesse minha chance?

PARA: footballsfinest11@gmail.com

DE: I_love_ripley_foreva@gmail.com

ASSUNTO: Adivinha o quê?

Oi LJ,

Finalmente estou aqui!!! E adivinha? Eu fui levada para a classe executiva! Venci! Em um ano, você provavelmente estará voando em privados. Eles distribuíram toalhas frescas e eu tomei minha primeira taça de champanhe. O verdadeiro, não espumante. O pobre rapaz ao meu lado não era nem de longe tão divertido de brincar quanto você. Espero que você esteja se divertindo. Eu vi as fotos da festa na piscina. Não se divirta muito sem mim.

Meu estágio começa na segunda-feira. Isso me dá tempo suficiente para encontrar um lugar para comer perto do apartamento em que estou morando. Enviando fotos do apartamento! Quer bater papo por vídeo mais tarde?

PARA: I_love_ripley_foreva@gmail.com

DE: footballsfinest11@gmail.com

ASSUNTO: Re: Adivinha?

Ei Marisa, o apartamento parece ótimo! Classe executiva!! Você sabe que é uma merda, certo? A festa na piscina foi coisa de última hora. Não foi tão ruim, até que Keyton teve que arrastar Chris Farrell para fora do fundo do poço. Chris quase foi reprovado e foi cortado do time e estava afogando suas mágoas em meio barril de cerveja. Fora isso, as coisas estão quietas. Meu pai tem a consulta médica de seis meses em agosto. Estamos todos prendendo a respiração até então, mas tenho certeza de que a medula óssea mágica da Marisa continuará funcionando. Estou disponível para bater papo por vídeo sempre.

PARA: footballsfinest11@gmail.com

DE: I_love_ripley_foreva@gmail.com

ASSUNTO: Re: Re: Adivinha?

Oi LJ,

Claro, Chris acabou quase se afogando. Que merda ele foi cortado.

Você não teve que redesenhar meu quarto, mas eu adoro a cor. A situação alimentar é precária. Não pensei em como estar no museu significaria estar tão perto dos pontos turísticos com preços absurdos de restaurantes. Uma coisa que direi é que o pão e o queijo são deliciosos - jogue um pouco de presunto neles e estou pronta para ir. Um sanduíche de verão espetacular para mim.

A festa em casa parecia divertida. O Natal em julho foi um grande tema! Você estava fingindo ser o Papai Noel ou algo assim? Teve muita sessão de colo, LOL!

Espero que a visita do seu pai corra bem. Dedos cruzados. Conversar por vídeo em breve?

PARA: I_love_ripley_foreva@gmail.com

DE: footballsfinest11@gmail.com

ASSUNTO: Re: Re: Re: Adivinhe?

Ei Marisa,

Papai Noel, haha. Um bom. Sem sessões de Papai Noel. Apenas todo mundo tentando se aglomerar na foto. É o cara com quem você foi almoçar do seu programa? Parecia que vocês dois estavam se divertindo no restaurante. Que bom que você finalmente conseguiu comida quente.

A data da consulta médica continua mudando. Com a nossa sorte, vai acabar sendo quando você voltar. Se for, vou ver se Liv pode buscá-la.

PARA: footballsfinest11@gmail.com

DE: I_love_ripley_foreva@gmail.com

ASSUNTO: Fusos horários são uma merda!

Oi LJ,

Não se preocupe com isso. Sempre posso pegar um táxi. Perdi sua última chamada de vídeo. As diferenças de tempo são uma coisa. A refeição estava incrível. A massa tem um gosto tão diferente aqui. Talvez porque seja fresco. Henri está no meu programa de estágio. Ele é francês e também fala italiano. Fica muito mais fácil andar por aqui, sair com ele.

Eu não posso acreditar que você teve uma batalha Nerf sem mim! Quem era a nova garota? Você ainda não me substituiu, não é?

PARA: I_love_ripley_foreva@gmail.com

DE: footballsfinest11@gmail.com

ASSUNTO: Re: Fusos horários são uma merda!

Ei Marisa,

Parece que você está se saindo muito bem. Que bom que ele está ajudando você a se locomover. Falei com Liv. Ela poderá me cobrir, se a consulta atrasar. Reece terminou o acampamento de treinamento na semana passada, então ele e Nix pararam para um último jogo. A nova garota é a colega de quarto de Elle, Jules. Ela é legal e mora do outro lado da rua. Ela fez os melhores brownies que já comi na minha vida. Ela continua nos dando seus experimentos e todos nós estamos mais do que felizes por sermos cobaias.

PARA: footballsfinest11 @ gmail.com

DE: I_love_ripley_foreva@gmail.com

ASSUNTO: Eu toquei totalmente!

LJ, nossa! Uma padeira e do outro lado da rua. Isso é muito próximo e conveniente. Ela parece legal. Muito fofa também. Você não terá que se preocupar em satisfazer aquele dente doce com ela por perto.

E não se preocupe com o aeroporto. Está bem. Sério! Posso ir para casa sozinha. Como este verão está quase acabando? Eu vou ficar triste por ir embora. Este tinha sido o melhor verão. Tive que tocar em um Picasso! Bem, não com minhas próprias mãos. Eles estavam movendo-o e eu coloquei minhas luvas de nitrilo. Foi surreal.

PARA: footballsfinest11@gmail.com

DE: I_love_ripley_foreva@gmail.com

ASSUNTO: Olá???

LJ, como vão as coisas?

PARA: I_love_ripley_foreva@gmail.com

DE: footba llsfinest11@gmail.com

ASSUNTO: Re: Olá???

Ei, Marisa, parece que você está se divertindo. Desculpe por demorar tanto em responder. Os treinos de verão estão chutando minha bunda e eu peguei duas aulas de verão para aliviar minha carga durante o semestre. Ambos tiveram finais ao mesmo tempo. Adormeci quase todas as noites na minha mesa e meu pescoço está me matando.

PARA: footballsfinest11@gmail.com

DE: I_love_ripley_foreva@gmail.com

ASSUNTO: Sempre que você chegar nisso...

Oi LJ, sem problemas. Achei que você estava ocupado. Tenho certeza que Jules pode lhe dar algo para ajudar com a dor ou qualquer outra pessoa que passe pela casa. Parece que as coisas estão muito ocupadas aí. Muitos saindo. Eu não sabia que você estava tendo aulas de verão. Acho que não temos que contar tudo um ao outro, certo?

Não posso acreditar que meu voo pousa em um dia e meio. Sinto como se estivéssemos nos despedindo no aeroporto.

PARA: I_love_ripley_foreva@gmail.com

DE: footballsfinest11@gmail.com

ASSUNTO: Re: Sempre que você chegar a este...

Ei Marisa, o verão passou voando. Eu te vejo quando você chegar aqui. Boa viagem!

7

MARISA

AGOSTO

Todas as pessoas ao meu redor se levantaram no segundo em que a placa brilhante do cinto de segurança apagou. De meu assento na janela, eu estava protegida do cabo de guerra e das manobras no corredor. Aparentemente, ao contrário de todo mundo, eu não estava me esforçando para pisar no saguão do Aeroporto Internacional da Filadélfia.

Eles provavelmente tinham conexões de voo para fazer ou familiares e amigos esperando por eles na esteira de bagagens. Eu estava temendo voltar desde que os e-mails de LJ diminuíram. Na primeira semana, todos os e-mails ou mensagens de texto receberam uma resposta no mesmo dia - às vezes no mesmo horário. E então as lacunas ficaram maiores. Um dia inteiro, depois dois dias e, uma vez, uma semana inteira.

Um sinal do que está para vir. É melhor eu me acostumar, certo? Depois de quinze anos nos vendo, conversando ou trocando mensagens de texto diariamente, mesmo quando eu estava em Nova York, nos restavam nove meses antes de seguirmos nossos caminhos diferentes.

Antes de eu ir embora, Matteo, o diretor do museu, deu mais do que algumas dicas sobre uma bolsa de curadoria de museus que eles administravam no Guggenheim. Isso significaria dois anos em Veneza enquanto trabalhava no meu mestrado. Eu disse a ele para me avisar quando o período de inscrição abrisse.

As pessoas no corredor se moveram em direção à frente do avião. Juntos e com as malas de mão apoiadas no topo dos assentos, eles passaram devagar, batendo em cada fileira.

Talvez fosse um presságio de que eu não tinha conseguido entrar na aula de administração na volta. O voo tinha sido perfeito: céu ensolarado quando cheguei a Veneza e um traslado fácil providenciado pela sala executiva no terminal de desembarque.

Gotas de chuva caíram pela janela ao meu lado. O céu nublado estava me deixando saber exatamente o que estava reservado para mim no meu retorno. LJ iria aparecer? Devo pegar um táxi? Liv vai aparecer?

Um toque no meu ombro me sacudiu em meu assento. — Você está bem? — A aeromoça olhou para mim. A última pessoa da minha seção na parte de trás do avião desapareceu pelo corredor depois do anda, para.

— Desculpa. — Eu soltei meu cinto e deslizei para fora do assento. Peguei minha bolsa do compartimento superior e agradeci aos comissários de bordo que estavam nas portas quando pisei no corredor. Não havia ninguém na minha frente, apenas os comissários de bordo atrás de mim, esperando o último passageiro desembarcar.

Último ano, aí vou eu. O verão foi uma fuga que eu não sabia que precisava. Além de algumas ligações de minha mãe e e-mails evitados de Ron, tinha sido o que eu sempre imaginei que seria depois que me formasse. Passar um tempo no museu. Passeios turísticos. Viagens de trem. Segurar a Torre Inclinada de Pisa. Mas havia uma peça faltando.

Eu não queria pensar sobre essa peça. Uma que eu tinha visto nas fotos da mídia social cercado por mulheres bajulando, ele. Uma com quem eu moraria nos próximos nove meses.

Foi uma longa caminhada pelo saguão da imigração. Eu esperei no carrossel de bagagem. E esperei. E esperei. Como se meu retorno já não tivesse sido amaldiçoado o suficiente, minha mala nunca apareceu. Em vez disso, gastei vinte minutos preenchendo os formulários para que ela fosse entregue a mim, se

fosse localizada. SE!

Todos os pertences que eu tinha estavam naquela mala e minha bagagem de mão. Quando o cheque do seguro chegou, reservei a maior parte para este ano. Com minha ajuda financeira, eu seria capaz de pagar meu último semestre por conta própria ou poderia passar um último semestre de jantares de merda com Ron e ter um bom troco para começar minha nova vida adulta. De qualquer forma, não tinha dinheiro sobrando para comprar roupas novas novamente.

Eu fui em direção às placas de saída. Após a verificação final da imigração, liguei meu telefone.

Mensagens rolaram. Cada conexão de celular que eu fiz enquanto voava sobre o Atlântico me deu as boas-vindas ao seu país antes que a última aparecesse para os EUA.

LJ: Liv deve ir. Estamos no consultório médico agora.

Liv: Você já pousou?

Liv: O quadro de anúncios disse que você pousou.

Liv: Diz que todos chegaram. Você está aqui? Você perdeu seu avião?

Liv: Ford está aqui comigo. Ele será mais fácil de avistar do que eu.

Liv: Estamos perto das portas do Terminal C.

Eu sorri, olhando por cima do meu telefone. Mesmo que eu tivesse dito que voltaria por conta própria, saber que Liv estava disposta a lutar contra o tráfego do aeroporto para vir me buscar não foi uma merda.

Ela ficou de pé nos assentos de metal logo após as portas de correr que conduziam ao ar úmido da noite de agosto, que inundava a área de bagagens domésticas a cada saída.

— Marisa! — ela gritou tão alto que mais do que algumas cabeças se viraram. — Você está aqui. — Ela me apertou com força, como se ela estivesse compensando seu estado de deficiência vertical e canalizando-o para esmagamento de ossos.

— Como foi? Conte tudo. Onde está sua mala? — Ela olhou para minhas mãos, que estavam vazias. Minha mochila foi erguida nas costas.

— Eles perderam. — Seus olhos se arregalaram antes que eu pudesse dizer uma palavra. — E você acabou de substituir tudo.

— Eles acham que ainda está em Veneza e alguém deve entregá-lo depois que chegar aqui no voo de amanhã.

— Tenho certeza que você pode pegar algo emprestado com LJ até então. Será como nos velhos tempos. — Caminhamos em direção à saída. Os velhos tempos em que dividíamos a cama, dormíamos um ao lado do outro e eu quase lhe dei uma mão. Meu peito ficou vermelho.

Ford ficou com as mãos nos bolsos, os olhos disparando para todos os lados como se fosse um agente do Serviço Secreto esperando por problemas.

Liv estava muito ocupada com ele, disso eu tinha absoluta certeza.

— Ei, Ford.

— Ei, Marisa. — Seu sorriso por baixo da barba era totalmente fofo como um urso de pelúcia. Como Liv não se apaixonou por ele antes era o único mistério. — Onde está sua mala?

— Eles perderam. — Liv se intrometeu, a raiva escorrendo de cada palavra.

— Podemos pegar algumas roupas no caminho para sua casa.

Sobre seu ombro, uma nuvem detestável de balões

multicoloridos entrou pela porta, a pessoa que os segurava completamente obscurecida pelo látex colorido.

— Quem é esse idiota? — Liv murmurou baixinho.

Todas as cabeças se viraram na direção da versão ambulante de Up. Como seus pés não foram levantados do chão foi um milagre. Os movimentos da pessoa atrás dos balões eram frenéticos antes que eles girassem e eu tivesse a visão completa, mas não precisei ver o maníaco para saber exatamente quem iria aparecer no aeroporto com um circo de balões.

O rosto de LJ se iluminou no segundo em que ele me viu e correu em minha direção como se estivesse indo para a zona final.

Levantada do chão, eu gritei, rindo e segurando nele. A bomba de látex e hélio mascarou seu cheiro perene, mas ele ainda estava lá.

— A Maga Marisa faz de novo. — Ele me largou, sorrindo tanto que *minhas* bochechas doeram.

— O que exatamente eu fiz?

— Meu pai está limpo novamente por mais seis meses. — Ele me pegou e me girou. Olhando em seus olhos, a alegria que ele irradiava era contagiante.

Alívio para ele, Charlie e o resto da família me inundou. Eles mereciam ter um ao outro pelo maior tempo possível. Mas também havia uma parte de mim que sentia que um dia o câncer iria voltar. Eu deixaria de ser a maga Marisa? Ele ainda olharia para mim e colocaria uma mecha do meu rabo de cavalo despenteado atrás da minha orelha, antes de puxá-la como se tivéssemos oito anos novamente?

Ele olhou ao redor atrás de mim, seu olhar varrendo o chão. — Onde está sua mala?

Expliquei novamente, e nós quatro atravessamos a ponte

aérea que ligava ao estacionamento, Liv e Ford de mãos dadas e eu com metade de um monte de balões ridículos. Lá embaixo, as pessoas estavam correndo pela área de drenagem com guarda-chuvas, ou apenas indo em direção a ela e evitando poças enquanto arrastavam suas malas.

— Obrigado por vir. Achei que, quando chegasse aqui, vocês já teriam partido e eu teria que correr de volta para casa para encontrá-la. — O sorriso de LJ não tinha diminuído desde que saímos da esteira de bagagens.

— Estamos felizes por você ter feito isso. Resta algum hélio no planeta? — Liv sorriu e Ford engoliu uma risada por trás da barba, seu peito retumbando.

— Como poderia não receber bem a Marisa de volta? Faz uma eternidade desde que eu a vi. Eu queria que ela soubesse, sem dúvida, o quanto ela fez falta.

As pulsações do coração tinham que parar ou eu tropeçaria nos meus próprios pés – embora, segurando esses balões, provavelmente não bateria no chão.

Entregamos pelo menos cinquenta balões para as pessoas que esperavam por seus entes queridos, mas eu ainda sentia que estava a segundos de ser levantada do chão quando chegamos ao estacionamento.

Empurrando os balões no porta-malas, o batemos contra um estalo que parecia uma pequena guerra ocorrendo lá dentro.

— Como você conseguiu trazer isso aqui? — Eu deslizei para o assento do passageiro.

LJ fechou a porta e correu para o lado dele. — Alguns no porta-malas, usei sacos de lixo para mantê-los ancorados na parte de trás do carro. Todo mundo na Party City me odiou quando fui na consulta médica.

— Tenho certeza que sim.

Ele ligou o carro e saímos da garagem para o aguaceiro constante. As gotas de chuva batiam no teto e riscavam o para-brisa.

Raios de relâmpagos cortavam o céu e trovões ribombavam ao longe, mas dentro do carro não havia nada além do sol.

— Eu rastreei seu voo e juro que o céu estava claro e azul até quinze minutos antes de você pousar.

— Parece que Philly está feliz por me ter de volta.

— Sei que eu estou. — Ele estendeu a mão e deu, um tapinha no meu joelho.

Meu coração deu um salto, centralizando tudo naqueles cinco dedos em volta da minha perna. — Você só precisa que eu lave sua roupa, não é.

Ele soltou fazendo um escárnio exagerado e ofendido. — Toda a minha roupa cabe nos cestos do meu armário. — A frase seguida por uma tosse não me engana.

— Quantos cestos você comprou? É uma torre Jenga de roupas sujas, não é? — Eu cutuquei seu ombro. Lavar roupa sempre foi meu forte quando se tratava da arte dos afazeres da casa. Algo sobre o cheiro fresco e limpo me conforta. Também porque eu costumava ligar a lavadora e a secadora quando estava em casa sozinha, enquanto crescia, então não ouvia todos os solavancos e rangidos.

LJ agia como se sua pele fosse queimar com o toque de uma folha de secagem. Para mim, era o que me dava conforto nas noites frias e solitárias.

— Posso ter pego alguns extras de pessoas que os deixaram no meio-fio depois de se mudarem antes do verão.

— E aqui eu pensei que você tinha perdido minha personalidade brilhante. — Coloquei meus braços sob o queixo.

— Tem sido chato sem você aqui sendo a dor eterna na minha bunda, e os treinos eram menos divertidos.

Eu ri, forçando o ar por minhas cordas vocais tensas. — Só estou te acostumando a como as coisas vão correr no próximo ano.

Ele tamborilou com os dedos ao longo do volante e entrou na rodovia. — Se eu for convocado.

— Claro que você vai. Você fala sobre isso desde que tínhamos dezessete anos. Não me diga que você está perdendo a fé no último trimestre.

A linha de preocupação ao redor da leve cicatriz de sua sobrancelha até a linha do cabelo enrugou.

— LJ, no pior draft possível, você irá para o segundo turno, talvez. — Eu me inclinei para trás e deslizei meus pés para fora dos meus tênis, apoiando-os no painel.

— Sim, você provavelmente está certa. — Seus olhos piscaram para os meus pés e ele os golpeou, enquanto voltava seu olhar para a estrada.

— Você está mesmo colocando seus pés de avião de oito horas em todo o meu carro?

Eu agarrei meus lados, rindo e movendo minhas pernas para fugir de seus dedos.

No semáforo, ele estacionou o carro e fez um ataque de cócegas que me deixou em lágrimas e sem fôlego. — Eu paro. Eu paro! — Eu gritei, fugindo para a extremidade do meu assento com minhas costas pressionadas contra a porta e meus pés firmemente no chão.

— Eu disse que senti sua falta? Eu retiro. — Ele se endireitou no seu assento e nós dirigimos o resto do caminho enquanto nos atualizamos sobre nossos verões. Sua linha de preocupação havia

sumido.

Quando conseguimos atravessar a cidade e voltar ao campus, minhas pálpebras estavam mais difíceis de manter abertas. A chuva tinha diminuído, deixando apenas um jato de água enquanto dirigíamos pelas ruas de casas fora do campus.

Eu bocejei quando paramos na frente ao Brothel. — Como posso estar cansada quando estou sentada em minha bunda por dez horas, se você incluir o quão cedo eu tive que chegar ao aeroporto para fazer o check-in?

— Porque você precisa dormir em uma cama, não escorado como um manequim de loja com a cabeça de alguém reclinada sete centímetros na frente do seu rosto.

LJ saltou do carro e eu peguei minha mochila do banco de trás e abri minha porta.

Olhando para a casa em que fiquei por quase um mês no semestre passado, me preparei para o que estava por vir. Éramos companheiros de quarto agora.

Ele parou na parte inferior da escada que conduzia à varanda cinza e branca.

A porta da frente se abriu e Berk e Keyton passaram pela moldura da porta segurando um bolo.

Eu sorri e ri, subindo os degraus da varanda, passando por LJ, que estava encostado na grade.

— Você está aqui! — Berk saltou para cima e para baixo enquanto Keyton tentava firmar o bolo de biscoito de chocolate com a escrita de chocolate para que não respingasse na varanda. Ele correu em minha direção em um modo totalmente dramático e passou os braços em volta de mim, me girando em círculos e quase derrubando Keyton, que equilibrou o bolo em suas mãos.

— Que diabos? — Keyton resmungou.

Berk me colocou no chão e bagunçou meu cabelo como se eu tivesse quatro anos de idade.

Eu olhei furiosamente e cruzei os braços sobre o peito. — Que diabos?

— Estou feliz que você esteja aqui. — Berk apontou o polegar na direção de LJ. — Talvez o Sr. Mopey ilumine o inferno.

— Vá se foder. — O olhar de LJ se estreitou em Berk antes de suavizar e virar para mim. — Ele tem sido um pé no saco todo o verão. Estamos felizes por você estar aqui.

Eu lutei contra meu bocejo e mantive minhas mãos sobre a boca. — Eu também.

— Vamos entrar. — LJ tirou a mochila do meu ombro. — Você pode pegar algumas das minhas roupas emprestadas até que sua roupa chegue aqui. — Ele passou por Berk, que piscou para mim enquanto eu seguia LJ para dentro da casa.

— Como nos velhos tempos. — Subi as escadas atrás dele.

Quando cheguei ao último degrau, LJ havia desaparecido em seu quarto.

Eu andei pelo corredor até a segunda porta, aquela que compartilhava uma parede com ele e tinha sido o antigo quarto de Reece. Na cama estavam meu shampoo, condicionador, sabonete líquido e loção favoritos.

Minha bolsa caiu no chão com um baque.

Virando, eu bati direto no peito de LJ, prendendo seus braços entre nós. — Você tem minhas coisas.

As pontas de suas orelhas ficaram rosadas. — Achei que eles não tinham na Itália e você provavelmente não usou enquanto estava fora. Aqui está o pijama e uma toalha.

Não acendi a luz e estava feliz por não ter acendido. Lágrimas picaram nos cantos dos meus olhos e eu joguei meus braços em volta dele.

Às vezes parecia que eu poderia desaparecer e ninguém realmente se importaria. Parecia que eu era um elemento temporário na vida de alguém até que eles mudassem. Mas com LJ eu senti que importava - sempre.

Soltando meus braços, eu esfreguei meu nariz com minhas mangas compridas e tirei as roupas de suas mãos. — Obrigada, LJ.

— O banheiro é todo seu. Vamos ficar fora do seu caminho. Eu sei que você está cansada. — Ele deu um passo para trás e saiu do quarto antes de colocar a cabeça para dentro. — Senti sua falta, Marisa.

Eu teria respondido, mas minha garganta estava muito apertada para falar. Eu balancei a cabeça e fechei a porta depois que ele desapareceu.

Como eu poderia passar por todo este ano sem fazer papel de boba - de novo?

8

MARISA

ANO SÊNIOR – ENSINO MÉDIO

Descendo os degraus da varanda, obtive minha resposta de como diabos ele conseguiu isso.

Um dos jogadores de futebol calouros foi espremido em uma fantasia de Sininho, completa com coque loiro, asas e uma varinha. Suas pernas naquelas meias me deixaram um pouco com ciúme.

— Bem-vinda ao maravilhoso mundo da aventura. Esperamos que você tenha um dia mágico. — Sua voz de falsete, sorriso amuado e reverência quase estouraram a represa, mas eu mantive meu riso contido. Eles provavelmente poderiam ter me ouvido a quatro quarteirões de distância. Eu me inclinei, segurando meu estômago.

Meus lados doíam quando entramos na casa, que havia sido transformada. Luzes de corda estavam presas ao teto, saindo das colunas quadradas, que eram uma proteção perfeita durante as guerras de meias.

Havia uma máquina de pipoca em um canto. Uma máquina de algodão doce. Um fone de ouvido VR conectado à TV. Pinturas faciais com purpurina na mesa da sala de jantar.

— Eu sei que é mais como um carnaval do que Disney... — Ele deu de ombros.

— Você está falando sério? Isso é incrível. Como você conseguiu juntar tudo isso?

— Uma pequena invasão dos suprimentos do estande de

concessão, subornando os alunos do último ano com algumas caixas de cerveja e puxando o cartão do câncer para conseguir que as pessoas ajudem. Além disso, depois de contar a eles por que você estava perdendo a viagem, as pessoas ficaram mais do que felizes em contribuir.

— Não acredito que você fez isso por mim.

Ele olhou para mim e meu estômago embrulhou como se houvesse um boneco-inflável-louco-balançando-os-braços, lá dentro. — Quando você vai ver? Eu faria qualquer coisa por você.

Todos aqueles sentimentos doloridos voltaram correndo. Os que senti quando estávamos acordados tarde da noite jogando videogame. Aquelas onde olhei para ele e me perguntei como seriam seus lábios nos meus. Não em um beijo de pré-adolescente ou no playground, mas em um beijo real.

— Espere até ver o quintal. — Ele agarrou minha mão e eu o deixei me arrastar pela casa em um ritmo moderado para o quintal.

Eu saí, protegendo meus olhos do brilho do sol.

Completava com uma casa na árvore em que não dormíamos desde que tínhamos onze anos. Um balanço de madeira onde nós dois pegamos mais do que nosso quinhão de farpas e estava fora de serviço por mais do que alguns anos.

Havia banheiras de plástico cheias de balões e pistolas d'água dispostas como um arsenal em mesas dobráveis de plástico a três metros de distância, com cadeiras atrás de cada uma.

— Eu sei que você realmente não pode correr e tal, mas achei que poderíamos ter uma batalha de água, se você estiver pronta para isso.

Passamos o dia com personagens de desenhos animados estranhos entrando em casa. Eu estava cheia com todas essas comidas de festa em que pude pensar, incluindo cachorros-

quentes, então não estava em coma induzido por açúcar no final do dia. Troquei para as roupas sobressalentes enfiadas na minha gaveta no quarto de LJ.

Com o cabelo encharcado, coloquei o fone de ouvido VR, correndo em algumas das maiores montanhas-russas do mundo, com um ventilador soprando meus fios encharcados.

O sol tinha se posto algumas horas atrás.

LJ entregou as caixas de cerveja que comprou para os alunos do último ano. Definitivamente, seria necessário algum estímulo para descobrir como ele havia quebrado seu código de honra para chegar a esse suborno.

Ele se sentou na beirada do sofá.

— Foi o melhor dia que já tive na minha vida. — Eu descansei minhas mãos sobre meu estômago, que não roncaria por mais uma década.

— Eu tenho outra coisa para mostrar a você. — Ele estendeu a mão.

Satisfeita, dolorida e com sono, peguei sua mão e o segui até o porão. Uma bola de discoteca girou do teto e uma luz multicolorida banhou o teto e as paredes em cores diferentes.

Ele caminhou até o tablet ao lado dos alto-falantes e bateu na tela.

Um sucesso do início dos anos 2000 preencheu o grande espaço. — Não seria uma viagem de veteranos sem uma de dança. — Ele acenou com as mãos sobre a cabeça, mostrando seus movimentos, que tinham ficado muito melhores ao longo dos anos.

Eu ri e fui junto com ele.

Qualquer um que achasse que uma festa para dois não parecia uma diversão, não tinha conhecido a mim e a

LJ. Trazendo de volta antigos movimentos de dança há muito retirados, passamos pela playlist que ele havia feito e cantamos junto com todas as músicas, gritando até o teto e um ao lado do outro.

Suada e cheia de mais alegria do que nunca, deixei cair minhas mãos para os lados quando a última música terminou e a próxima começou.

Era uma música lenta.

LJ tinha uma mão atrás das costas e estendeu a outra para mim. — Concede-me esta dança?

— Ora, sim, bom senhor. — Eu ri e tentei uma reverência contida.

Estamos de volta ao ensino médio. Ele deslizou as mãos em cada lado da minha cintura.

Eu tomei outra rodada de analgésicos, então não havia mais do que um latejar distinto, mesmo depois de toda a correria hoje. Eu segurei seus ombros. Balançando para frente e para trás, eu me senti como se tivéssemos sido transportados de volta para o baile da sétima série. O mesmo em que nossas bocas quase se fundiram. Nós não estávamos mais usando aparelho ortodôntico.

— Como você vai limpar tudo isso até amanhã?

— Os alunos do último ano estão vindo de manhã para levar tudo embora e deixar tudo do jeito que estava.

Eu revirei meus olhos. — Vantagens do jogador de futebol.

Uma risada retumbou em seu peito. — Se você não tivesse me ajudado com Quinn, eu nunca teria sido capaz de jogar futebol nas últimas duas temporadas.

— Eu fiz o que qualquer outra pessoa teria feito. — E sair com sua irmã me deu um motivo para estar em sua casa. Não tinha sido apenas por motivos egoístas - LJ precisava se concentrar no

futebol e Jill tinha muito que lidar com Charlie. Eu ajudei onde pude.

— Não, eles não teriam. Muitas pessoas agiram como se eu tivesse a peste quando meu pai ficou doente no ano passado, mas você não. — Seu olhar tinha uma intensidade que enviou um rubor inundando meu corpo.

Olhando para ele, eu soube então que meus sentimentos por LJ eram reais. Mas em questão de meses eu estaria indo para Nova York e ele para Fulton U.

O nível de atenção para ele seria ainda maior, especialmente a atenção feminina. Não querendo dizer que não havia garotas que flertavam com ele agora, mas na maioria das vezes ele não prestava atenção. Mas seus jogos universitários estariam na TV. Haveria alunos de todos os Estados Unidos - e alguns de fora - disputando sua atenção. E ele não me aceitaria como o valente para-raios bloqueando apenas com a minha presença.

Seus dedos avançaram mais perto das minhas costas e eu deixei meus braços amolecerem, a piada da nossa dança do ensino médio desaparecendo a cada repetição do refrão.

Logo meus braços estavam colocados sobre seus ombros e suas mãos estavam travadas em volta de mim, descansando na parte inferior das minhas costas.

Seus lábios estavam a centímetros dos meus.

A luz de seus óculos com bastão luminoso brilhou em seus olhos azuis do oceano tropical.

— Esta foi a melhor viagem de veteranos de todas. — Eu entrelacei os dedos contra a nuca dele, deixando-os esfregar o seu curto cabelo e liso.

— Realmente foi. — Seu sorriso torto fez meu coração dar cambalhotas dentro do meu peito.

A terceira vez é o charme, certo?

Ficando na ponta dos pés, pressionei meus lábios contra os dele. Ele tinha gosto de açúcar canela e cerveja de raiz.

Seus olhos se arregalaram antes de ele devolver o beijo - hesitante no início, antes de parecer ceder. Sua língua exigia entrada na minha boca que eu estava muito feliz em dar. Ele gemeu e fechei os olhos, mergulhando neste momento que nunca pensei que aconteceria.

Por tanto tempo, eu me perguntei como seria para ele me tocar assim. Para me fazer sentir assim.

Seu braço apertou minha cintura, puxando-me para mais perto dele.

Eu gritei, os pontos de extração machucados esfregando contra o jeans duro da calça.

— Merda, desculpe, eu esqueci. — Ele baixou os braços e deu um passo para trás, olhando para o chão.

Esfreguei minha mão sobre o ponto latejante em meu quadril e tentei chamar sua atenção. — Está bem. Ainda estou um pouco dolorida.

— Eu não deveria ter... — Ele estendeu a mão, seu toque deslizando ao longo da borda da minha camiseta.

Eu olhei para ele, minhas bochechas aquecendo enquanto ele mantinha suas mãos em mim. — Realmente, LJ. Está tudo bem. E obrigada por tudo.

Sua cabeça disparou. — Claro. E nós... você... — Seu sorriso ficou sério e ele engoliu em seco, seu pomo de adão subindo e descendo. — Você salvou a vida do meu pai. A dívida não fica maior do que isso.

E com suas palavras um arrepio percorreu meu corpo. Minha mão disparou para meus lábios. Sua hesitação voltou para

mim. Quanto disso era porque ele me queria também, e quanto era porque ele me mandou um cheque em branco pelo que faria para me retribuir por algo que eu nunca tive a intenção de lucrar?

O que aconteceria se o transplante não funcionasse? O que aconteceria se seu pai ficasse doente de novo e a magia de Marisa acabasse? Como eles olhariam para mim então? Como poderia enfrentá-lo ou sua família?

Minha garganta apertou e dei um passo para trás, deixando sua mão cair. — Isso... — Eu limpei minha garganta e pisquei para conter as lágrimas, tornando difícil de ver. — Isso foi muito gentil da sua parte, LJ.

Suas sobrancelhas se curvaram. — O que há de errado?

Eu balancei minha cabeça. — Nada, só estou cansada. Os médicos disseram que eu deveria pegar leve.

Seu rosto caiu. — Merda, você está certa. Eu sinto muito. — Ele correu em minha direção.

Recuando novamente, deixei cair meu olhar enquanto ele procurava meu rosto. — Você pode me dar uma carona para casa?

— Por que você não fica aqui? Sua mãe já voltou? Ela mandou uma mensagem para você?

Meus lábios tremeram antes que eu os batesse juntos para manter o som tentando arranhar seu caminho para fora da minha garganta. Com um sorriso tenso, eu balancei minha cabeça.

Eu não preciso verificar. Ela aparecia quando queria, como sempre fazia.

Ficar aqui doeria. Destruiria meu coração estar nas quatro paredes com meu melhor amigo que cedeu ao que eu queria por causa do que eu fiz por sua família. Me recusei a usar sua gratidão para manipulá-lo para conseguir o que eu queria. Eu não

seria como minha mãe.

Mas sair e voltar para minha casa vazia doeria mais.

— Você quer o beliche de baixo hoje à noite? Você pode escalar?

Eu forcei as palavras e reuni um sorriso lamentável. — Seria bom. Então, sairei do seu caminho.

Sua boca se abriu e fechou.

Subimos as escadas do porão e passamos pela festa que ele montou para mim. No segundo andar, entrei em seu quarto.

Era enorme se comparado ao meu, grande o suficiente para caber no beliche duplo junto com sua mesa, cômoda, TV e dois pufs.

Fui direto para a escada e subi, rastejando sob os cobertores.

Sua cabeça apareceu no topo da escada. — Você quer se trocar? Tem pijama na sua gaveta.

Enrolei o cobertor mais apertado em torno de mim. — Eu estou bem. Tão sonolenta de repente, como se estivesse bêbada. — Embora eu nunca tenha estado bêbada. Outros adolescentes entraram escondidos no armário de bebidas dos pais. Eu tinha problemas por esconder bebidas da minha mãe.

— Vou trazer um pouco de água para você. Você precisa de mais alguma coisa?

A preocupação em sua voz transformou meu constrangimento em culpa.

— Não, apenas me deixe dormir e amanhã tudo voltará ao normal. — E podemos esquecer tudo sobre o nosso beijo. Podemos esquecer como pensei que isso mudaria tudo. Podemos esquecer que nunca seremos mais do que amigos.

9

LJ

PRESENTE

EU estava deitado na cama, olhei para o teto. Marisa estava de volta há três semanas. Eu tinha jogado três jogos - bem, não exatamente jogado, mas fiquei preparado e aquecido no banco. Estamos nos aproximando do final de setembro e a temporada já tinha passado de um quarto.

Brutal seria a única palavra para descrever este semestre. Se o treinador Saunders está me deixando de lado e o jantar na segunda-feira não me matasse, Marisa o faria. Houve um adiamento do jantar na segunda-feira nas últimas duas semanas, com todo o trabalho de início de temporada que o treinador estava fazendo, mas esta semana, eu não tive tanta sorte.

Meus braços e pernas estavam tensos e sair da cama pela manhã levaria sólidos dez minutos me preparando psicologicamente para meus músculos gritando. Malhar na academia parecia ser a única forma de gastar todo o excesso de energia, já que não estava em campo. Pelo menos estávamos vencendo. Estava mais apertado do que na temporada passada, mas estávamos conseguindo vitórias, o que não me fez sentir melhor sobre minhas chances de sair do banco.

Se pudéssemos vencer sem mim em campo, ele me manteria de fora pelo resto da temporada.

Houve uma batida na minha porta e ela se abriu antes que eu pudesse dizer para entrar. Apenas uma pessoa faria isso.

— LJ, Ron mandou uma mensagem para dizer que o jantar é às quatro na segunda-feira. Claro que ele não dá a mínima para o que eu possa estar fazendo, mas é o que é. Você sabe que não

precisa vir, certo? — Marisa entrou de pijama. A combinação de camiseta de manga comprida e shorts sempre foi matadora, mas era ainda pior agora. Ela jogava as pernas para o lado do sofá enquanto estudava ou pulava no balcão enquanto eu cozinhava, balançando as pernas para frente e para trás. Ou, o pior de tudo, ela enfiava os pés na lateral da minha perna enquanto assistíamos TV.

Isso geralmente significava que eu passaria o resto do programa com um travesseiro soldado no meu colo, ou eu encontraria um motivo - qualquer motivo - para subir as escadas direto para um banho frio.

Cabeceira da cama. Marisa. Adormecendo em meu ombro no sofá. Marisa. Estudando atentamente à mesa da cozinha. Marisa. Todos eles estavam me deixando louco.

— Isso é bom. Minha última aula termina às 3:45, então te encontro lá.

Ela se sentou na beirada da minha cama, com o short do pijama e a camisa de manga comprida. — Há uma nova inscrição para o Guggenheim Fellowship em Veneza.

Sua bagagem chegou alguns dias depois que ela pousou. O fato de ela usar minhas roupas enquanto esperávamos que suas malas fossem entregues em casa despertou todos os tipos de sentimentos que eu trabalhei muito duro para sufocar. Não funcionou. O short subiu mais enquanto ela mexia as pernas. Suas pernas lisas que estavam emaranhadas com as minhas sob os cobertores no ano passado. As que eu queria passar minhas mãos e finalmente mostrar a ela o quanto eu sentia falta dela.

Ela puxou as pernas até o peito, envolvendo os braços ao redor delas e deixando cair a cabeça sobre os joelhos. — O que você acha? Devo ir em frente? — Ela mordiscou a borda interna do lábio inferior.

Merda. Ela tinha falado o tempo todo e eu estava obcecado por suas pernas.

— Você amou Veneza, certo? Seria muito divertido passar mais tempo. Você pode explorar ainda mais pinturas e esculturas antigas.

Sua respiração engatou e ela me olhou atentamente como se não tivesse certeza de que tinha me ouvido direito.

— Cada vez que conversávamos, você continuava trazendo à tona como era difícil ir embora. Voltar parece uma grande oportunidade.

Teríamos o semestre da primavera depois do Combine em abril, depois de eu ter assinado com uma equipe, se é que acabaria sendo convocado. Um mês e depois o verão e o tempo que eu precisasse convencê-la do quanto ela significava para mim.

Assim que seu verão italiano acabar, ela volta a tempo de começar minha primeira temporada profissional. Com ela em Veneza, focar no campo de treinamento seria meu único foco.

— E você ficaria bem comigo indo?

— Por que eu não estaria? Não é como se eu não estivesse ocupado. Uma nova temporada. Uma nova equipe. Uma nova cidade. Quem sabe onde vou parar? Provavelmente não nos veríamos muito de qualquer maneira.

Ela deslizou para fora da cama e ficou de costas para mim. — Você está certo. Foi estúpido perguntar. É uma oportunidade incrível. — Cruzando os braços sobre o peito, ela segurou os cotovelos e olhou por cima do ombro para mim. — Boa noite, LJ.

— Noite.

Enquanto eu estava deitado na cama, um novo conjunto de imagens centradas em Marisa, encheram minha cabeça. O novo

short de dormir de Marisa. Aquela marca de nascença no alto de sua coxa que eu não via desde o verão entre a sétima e a oitava série, quando ela trocou seu maiô por um biquíni.

O verão em que ela pulou de “é Marisa pegando seios” para “puta merda, os caras estão literalmente tropeçando no corredor para vê-la caminhar em direção a eles”.

Talvez pudéssemos fazer uma viagem após a formatura. Algumas semanas antes de ela ir para Veneza passar o verão e meus treinos se intensificarem. Ela poderia me mostrar todos os locais que explorou neste verão e eu poderia criar algumas surpresas ao longo do caminho. Eu poderia fazer uma viagem que nós dois nunca esqueceríamos.

~

— Eu preciso de mais filmagens se vamos conseguir o convite para o Draft Combine em abril. Você esteve em campo por apenas uma jogada no último jogo. — Meu agente - ainda era estranho saber que eu tinha um agente - parecia ainda mais chateado com a única jogada pela qual estive em campo no meu último jogo.

Dentro do interior escuro do meu carro, estacionado em frente a uma casa branca de dois andares com uma bandeira de futebol Fulton U esticada no jardim da frente perto da escada, tentei acalmar a mim e a ele.

Essas ruas estavam silenciosas. Era principalmente professores e outros funcionários da faculdade aqui; não havia alunos descendo as calçadas ou o ruído surdo das janelas barulhentas. Eu estacionei em uma estrada arborizada com gramados bem cuidados e casas de dois

andares com telhados azuis e brancos.

— Eu sei. — Eu descansei minha cabeça contra o encosto de cabeça, tentando não pensar em como, só por estar aqui, eu estava tirando ainda mais terra para o meu próprio túmulo. Mas os poucos jantares aos quais eu não tinha aparecido exigiram

uma recuperação dupla com Marisa depois que ela jurou que seu pai iria retirar sua isenção de mensalidades. É por isso que comecei a vir. É por isso que eu tinha que continuar vindo até que ela conseguisse a final do último semestre, que também seria no final da temporada.

— Seus treinos estão indo bem? Qual é o atrito que você tem com o treinador?

— Não há atrito. Tudo está bem. Eu na verdade... — Olhei para a casa. — Estou indo jantar com ele agora. — Nosso primeiro em três semanas.

A cada jantar, o treinador parecia dizer a coisa errada. Lembrando do curso errado. Misturando seu tempo em Veneza com Roma ou Florença. Sem mencionar as vezes que ele teve que cancelar. Mas os dois estavam travando uma batalha de vontades sobre quem sobreviveria a quem no departamento de não se mexer um centímetro.

— Bom, talvez você possa perguntar a ele por que ele não está jogando com o melhor linebacker interno da história do Fulton U e por que ele odeia impedir o ataque não colocando você em campo.

— Eu vou resolver isso.

Uma mensagem chegou ao meu telefone.

Marisa: Estou no final do quarteirão. Você está aqui?

Troquei o telefone para alto-falante.

Eu: Sim, estou estacionado na frente, terminando uma ligação com meu agente.

— Você está ouvindo, LJ?

— Desculpe, sim, estou ouvindo.

— Eu preciso enviar uma garrafa de uísque para você dar ao

seu treinador?

— Não acho que ele beba muito. — Ele nem mesmo tomou um gole do champanhe comemorativo após a vitória no campeonato. Se ele ficasse bêbado, provavelmente envolveria desabotoar o botão de cima de sua pólo e rabiscar jogos de futebol nas janelas com lápis de cera. Um animal festeiro normal.

Uma sombra em forma de Marisa passou pelas janelas traseiras do meu carro e rebocou a pequena passagem iluminada por lanternas até a casa.

— Eu tenho que ir. Falo com você mais tarde.

Encerrei a ligação e corri, seguindo Marisa.

A porta da frente se abriu.

O rosto do treinador Saunders se suavizou. — Você está aqui.

Ela assentiu. Pelo aperto em seu pescoço e ombros, a carranca que ela usava tinha que ser tão profunda quanto o Grand Canyon.

Ele abriu mais a porta, seu sorriso fino como uma palheta permanecendo no lugar até que meu pé atingiu o último degrau que levava a sua casa.

— E LJ. — Ele me encarou como se eu tivesse levado uma caixa de merda de cachorro para a porta da frente, exatamente o que eu esperava. Depois dos primeiros dois jantares de segunda-feira, percebi que Marisa planejou que eu fosse em todos eles, e foi então que as coisas pioraram no meu tempo de jogo.

— Treinador.

Caminhamos lado a lado. O ponteiro dos segundos do relógio da sala ecoou no silêncio dos nossos passos.

Marisa abriu o zíper do casaco, mas continuou vestido,

enfiando o chapéu no bolso e se sentando na cadeira ao lado da cabeceira da mesa. Havia apenas três jogos de mesa.

Tirei meu casaco e pendurei nas costas da cadeira de frente para ela.

O treinador foi até a cozinha e trouxe uma lasanha em uma bandeja de alumínio da seção de forno direto do supermercado, junto com um pão de alho. Havia uma jarra de água e chá gelado no centro da mesa.

Ele se sentou e deslizou o guardanapo da mesa para seu colo antes de pular de volta e balançar o chá para fora da jarra. — Droga. — Ele agarrou o guardanapo e enxugou o derramamento. — Marisa, você quer um pouco de queijo parmesão? Eu também tenho um pouco.

Saindo antes que ela pudesse responder, a porta da cozinha se fechou atrás dele.

— Podemos tentar ser um pouco conversadores desta vez? — Cortei a lasanha e servi um pedaço do bloco mal borbulhante de macarrão, molho e queijo para Marisa e eu.

— É por isso que você está aqui. Sobre o que diabos devo falar com ele? Pelo menos vocês dois podem falar de futebol. — Seu sussurro-assobio se transformou em leve histeria.

— Você sabe tanto sobre futebol quanto eu.

A porta da cozinha se abriu e o treinador saiu com um pedaço de queijo parmesão e um ralador. — Queijo? — Ele o estendeu para Marisa.

— Não, obrigada.

Eu a chutei por baixo da mesa.

Ela olhou e ergueu seu prato. — Claro, vou querer um pouco.

O treinador ralou o queijo sobre sua comida e se sentou

novamente.

— Cheira bem, treinador Saunders.

Ele pigarreou e se voltou para Marisa. — Como vai o semestre?

Meu garfo raspou no prato. O ponteiro dos segundos do relógio na outra sala tocou.

As mãos de Marisa se apertaram em torno de seu garfo e faca.

— Está bem.

— Como foi Veneza? Parece que você se divertiu muito.

Seus dentes bateram juntos. — Como você saberia?

Ele alcançou a aba do chapéu que não estava lá. — Suas redes sociais. — Com um sorriso triste, ele espetou um pedaço de sua lasanha. — Eu olhei algumas de suas fotos.

Ao meu lado, o treinador Saunders serrou sua lasanha como se estivesse imaginando minha garganta servida em seu prato.

— Por que você está bisbilhotando?

Minha cabeça caiu ligeiramente. Cada pergunta que ele fazia sempre era recebida com a mesma pressão defensiva. Ela jurou que não estava fazendo isso, mas eu tinha ouvidos e olhos. Foi assim que eu sabia que mencionar qualquer coisa sobre meu jogo consumiria até mesmo o menor terreno conquistado nos últimos dois anos. Pelo menos agora ela respondia quando ele falava com ela.

— Desculpe, não percebi que postar algo em um site público significava que você não queria que ninguém visse.

O silêncio nos sufocou. Lá fora, as pessoas passaram conversando e rindo. Talvez eu pudesse piscar uma mensagem em código Morse e eles mandariam reforços. Talvez um pintor de

rosto ou um pônei para quebrar alguns dos icebergs do tamanho do Titanic que flutuavam na sala de jantar.

— Teremos que cancelar o jantar da próxima semana. Estaremos voltando de Michigan no final da tarde de segunda-feira.

— Oh não, estou tão chateada.

Seus talheres tilintaram e retiniram contra o prato. — Estou tentando, Marisa. Estou tentando com você.

— Quatorze anos atrasado, *treinador Saunders.* Vou me formar na faculdade em oito meses. E acabei de entregar minha inscrição para a bolsa Guggenheim de dois anos em Veneza.

Engasguei com meu chá gelado, pulando da cadeira. Minha cadeira caiu para trás, caindo no chão.

Quando diabos ela mencionou dois anos? Isso não fazia parte do plano.

O doce líquido queimou minhas narinas. Peguei meu guardanapo e cobri minha boca e nariz, olhando para Marisa outro lado da mesa. — Dois anos?

Meus lábios ficaram dormentes.

— Sim, nós conversamos sobre isso na semana passada. Você disse que eu deveria ir em frente.

Alguém pisou fundo no acelerador e eu estava caindo em direção a uma parede de tijolos.

— Achei que fosse para o verão. — Pegando minha cadeira, as pontas dos meus dedos formigando como se eu estivesse sem fôlego depois de uma corrida de 50 metros.

— Não, eu disse que gostaram tanto de mim depois do estágio, que me convidaram a me candidatar à bolsa. São dois anos e eu faria meu mestrado na Universidade de Bolonha no

verão.

Um aperto firme esmagou meu coração. Esfreguei meu punho ao longo do centro do meu peito para aliviar a dor. Minha mão disparou e agarrei meu copo, bebendo água, tentando evitar que a sensação de serragem chegasse à minha garganta.

Eu bati o copo, ainda tentando entender o que ela disse. — Devo ter perdido essa parte.

— Eu estava falando com você sobre uma das maiores decisões da minha vida e você apagou. — Ela jogou as mãos para o alto e olhou para o teto.

— Dois anos. — Afundei na cadeira, atordoado, tentando imaginar minha vida sem Marisa por 730 dias.

Seu olhar desviou para seu pai como se fôssemos um casal lutando na frente de uma empresa. — Dois anos. Você não acha que eu deveria ir? — Seu sussurro apressado foi um respingo de água me tirando do meu estupor atordoado.

Dois anos.

Meu coração deu um salto triplo, como exercícios de escada ao meio-dia de agosto.

— Marisa, me fale mais sobre o programa. Parece importante para você. — O treinador se inclinou, apoiando o queixo no punho.

— Agora você se importa? Bem a tempo de desaparecer por mais uma semana. Que tal eu economizar seu tempo? Jantar maravilhoso, como sempre. — Ela se levantou, olhando para nós dois, abotoou novamente o casaco que ela não tinha tirado e saiu de casa furiosa.

A porta se fechou atrás dela. Fomos deixados em um silêncio mortal.

Afastei minha cadeira da mesa. — Obrigado pelo jantar,

treinador. — Peguei meu casaco e saí atrás dela.

— Marisa! — Eu chamei, ela estava somente alguns passos de distância.

Ela parou por um segundo antes de avançar.

Corri atrás dela e pulei na frente dela, bloqueando seu caminho. — Espera. Desculpe, ok! Eu sinto muito.

Seus lábios se apertaram com força e então seus ombros caíram. Ela olhou nos meus olhos, preocupação nadando neles. — Você realmente não acha que eu deveria ir?

— Eu nunca disse isso.

— Então por que você enlouqueceu e ficou tão quieto?

— Fui pego desprevenido. Quando você estava falando. — Esfreguei minhas mãos no queixo. — Eu perdi a parte dos dois anos. — Eu segurei seu braço e a guiei de volta para o meu carro.

Ela esfregou as mãos, procurando por baixo das mangas do casaco as de mangas compridas. — Sim, dois anos. É uma oportunidade incrível. Eles distribuem apenas uma bolsa por ano. Henri está terminando seu primeiro ano.

— Henri-*incrível*. Ótimo. — Ele caiu na horizontal com um baque

Suas sobrancelhas baixaram, olhando para mim por cima do teto do meu carro.

— Quer dizer, ótimo! — Eu coloquei mais entusiasmo em minha voz. — Você vai ter alguém que pode te mostrar como funciona e vai trabalhar com ele por um ano inteiro. — Um cara de história da arte com sotaque, que podia viajar com ela pela Europa. Eu podia ver a postagem na mídia social dos dois se beijando sob a Torre Eiffel com um anel de diamante antigo de bom gosto em seu dedo.

Eu me afastei do meio-fio e dei meia volta, indo em direção a nossa casa.

— Porque você está tão chateado?

— Não há razão, apenas minha melhor amiga está indo para a Itália por meia década.

— Muito matemática? São dois anos. Estive em Nova York por um ano e você mal percebeu que eu saí.

— Eu percebi. — A temporada e os treinos brutais do futebol jovem, bem como um grande número de aulas, foram as únicas coisas que me impediram de pegar o trem para visitá-la a cada dois fins de semana.

— Com todas as festas que você estará fazendo, isso vai voar. Champanhe. Strippers. Destruir quartos de hotel. E então eu estarei de volta.

— Por que você está dizendo essa merda? — Minha irritação aumentou - com ela e comigo. Eu estava tão obcecado pelas pernas dela que deixei de lado toda a parte da conversa sobre – se mover um oceano para longe, - mas ela estava falando como se não me conhecesse.

— É a verdade.

— Estrelas do rock destroem quartos de hotel, não jogadores de futebol. Reece não está festejando como um maníaco.

— Reece e Seph são praticamente casados. É claro que ele não está vivendo e fazendo chover.

— E o que te faz pensar que eu faria isso?

Ela encolheu os ombros.

Eu parei na frente da casa. — Você acha que eu vou me transformar em uma pessoa diferente? Esta não é minha chance de me transformar em um idiota de categoria A. Estou tirando

meus pais de suas contas, ajudando Quinn na faculdade. Você sabe o que isso significa para mim.

— Eu esqueci. Você é o santo e eu a idiota. — Ela agarrou a maçaneta.

Eu coloquei meu dedo no botão da fechadura da porta. — Por que você diria isso? Você salvou a vida do meu pai, pare de fingir que alguém pensa que você é um idiota.

Seus ombros enrijeceram. — Me deixe sair.

— Não, nós vamos conversar.

Ela apertou o botão e eu apertei o meu novamente.

— Você está me mantendo prisioneira?

— Dificilmente.

— Eu é que deveria estar chateada. Você nem estava ouvindo quando eu perguntei sobre a Itália.

— Eu sinto muito. Eu estraguei tudo. Eu estava distraído. Agora me diga por que você acha que eu não deveria ficar chateado por você ir embora por dois anos.

— Tudo o que estou fazendo é sair primeiro. — Ela puxou a maçaneta e abriu a porta, batendo-a, me abandonando no brilho da luz do teto que desaparecia lentamente.

Depois da formatura, deveríamos ter todo o tempo do mundo. Depois da formatura, deveríamos finalmente ter nossa chance. Mas depois da formatura, ela estava correndo para a Europa e pronta para se despedir.

10

MARISA

A multidão no Archer's estava pesada para uma noite de terça-feira. Terças Techno tem várias bebidas de US$ 2 e música alta o suficiente para abafar a maioria das conversas até o happy hour terminar às nove. Depois do jantar na casa de Ron na semana passada, evitei LJ com sucesso. Ajudou o fato de eu só ter que fazer isso por três dias e ter tido uma aula de reforço na quinta-feira, em vez de nossa tradicional noite de cinema. Depois disso, ele saiu da manhã de sexta-feira até a tarde de ontem.

Mas eu não estava aqui para beber. Eu estava aqui para dançar e sair com Liv. Eu tinha experiência suficiente para saber que beber para entorpecer a dor ou me anestesiar levaria a uma tempestade de merda de proporções épicas. Isso não significa que eu nunca bebi. Mas nunca sozinha, nunca o suficiente para ficar mais do que um pouco embriagada, e nunca para escapar do que estava acontecendo em minha vida.

Ela digitou uma mensagem em seu telefone e o colocou de volta no sutiã. — Ford disse que passará por aqui depois de terminar o jogo.

— Incrível, podemos festejar a noite toda.

— Tem certeza de que deseja estar aqui esta noite? — Liv gritou no meu ouvido e deu um gole em sua bebida.

— Por que eu não gostaria de estar aqui? — Eu joguei meus braços sobre minha cabeça e pulei com a música.

— Porque parece que você está se esforçando tanto para se divertir.

— Eu estou me divertindo. Eu tenho minha água, ótima música. Eu tenho minha melhor amiga. — Eu lancei meu braço ao redor dela e a puxei para perto e dei um beijo em sua bochecha.

— Agora eu sei que algo está errado. O que diabos LJ fez para te irritar?

— Por que você acha que isso tem alguma coisa a ver com ele? — Eu ri de sua pergunta do nada. Eu não tinha falado sobre ele toda a noite.

— Porque você não o mencionou nenhuma vez. Não nos primeiros três jogos da temporada. Nem o filme que vocês assistiram na quinta-feira. Não sobre algo que ele fez para irritar você.

Droga. Eu realmente falei tanto sobre ele? Estupido LJ. — E daí?

— E você acabou de me chamar de sua melhor amiga.

— Você é.

Ela nivelou seu olhar para mim como uma treinadora desapontada. — Além disso, ele e Keyton chegaram aqui cerca de vinte minutos atrás e ele não veio aqui e pulou em suas costas ou algo assim, mas ele te checou pelo menos cinquenta vezes.

Eu me virei, deixando a bailarina Liv com vergonha - bem, provavelmente nem perto, mas uma garota pode sonhar. Ainda bem que eu não tinha tomado um gole de bebida ou teria revirado o resto da noite.

Com certeza, os dois estavam no bar. Claro, eles estavam chamando a atenção de mais de um dos grupos de mulheres ali.

No modo T-Rex completo, cheguei a LJ e inclinei minhas costas contra o bar, descansando meu cotovelo ao lado de sua cerveja. — O que você está fazendo aqui, LJ?

Liv apareceu ao meu lado.

Ele se virou como se estivesse em uma competição de beleza com grandes olhos de Barbie. — Marisa? O *que? Você está aqui?* Não tínhamos ideia de que você estava aqui. — Ele bateu com as costas da mão no ombro de Keyton. — Você sabia que Marisa estava aqui?

Keyton balançou a cabeça e deu um gole em sua cerveja, evitando meu olhar.

— Você não tinha ideia de que eu estava aqui? Chega de besteira.

— Eu não posso sair? — LJ brindou uma cerveja com Keyton, que parecia desconfortavelmente entediado. — O Archer é o bar mais próximo da casa com música boa, por que não viríamos aqui? Não é como se eu tivesse decidido vir porque sabia que você estava aqui.

Atuação menos convincente de todas. Quase tão ruim quanto nosso desempenho na classe da sétima série de Peter Pan. — Então por que Liv disse que você estava me observando?

— O que? Eu? Nunca. Talvez eu tenha visto alguém na pista de dança que talvez se parecesse com você e apertei os olhos algumas vezes para ver se talvez seria você, mas não consegui dizer com todo aquele giro e braços agitados. Só estou aqui para tomar uma cerveja e sair com meu colega de quarto. Certo, Keyton?

Eu avancei em Keyton, que largou sua cerveja sem olhar na minha direção. — Sim, como ele disse.

— Tudo bem, contanto que você não esteja no modo de cão de guarda, vou me divertir um pouco mais com minha melhor amiga. Vamos, Liv.

Ligando meu braço ao dela, eu nos virei de volta para a pista de dança.

— Isso foi frio. — Ela verificou por cima do ombro. — Parece que você acabou de dizer que Papai Noel não existe.

Um estrondo de arrependimento percorreu meu corpo. — Não fique do lado dele. Sentei para uma conversa franca com ele sobre os próximos dois anos da minha vida e, aparentemente, ele estava repassando as partidas de futebol em sua cabeça. E então ele me fez falar a coisa toda enquanto eu estava sentada na frente de Ron. Ele deveria estar lá como parte da minha frente unida.

O mar de pessoas na pista de dança era mais como um lago, então não era como se eu pudesse evitar ver LJ.

— Você não deveria estar nem um pouco feliz por ele estar preocupado ou triste por você estar pensando em ir embora?

— Por que ele está tão chocado? Ele vai embora no final deste ano. Devo ficar para trás como a garota que anseia - esperando que ele me ligue ou me lance alguns ingressos grátis para seu próximo jogo? — Eu não seria a pessoa patética correndo atrás dele, competindo por uma migalha de sua atenção quando ele segue em frente. Eu tinha visto minha mãe seguir esse caminho ao longo dos anos com caras cujos rostos eu nem conseguia lembrar, muito menos seus nomes, e tudo o que levou foi ela rastejar profundamente dentro de uma garrafa.

— Não, mas... — Seu olhar vagou para onde os dois estavam sentados no bar.

Eu o segui e LJ saltou para frente. — Dói pensar em perder meu melhor amigo. — Todo o convencimento, toda a preparação, todos os lembretes não diminuiriam a dor.

Ela apertou a mão contra o peito. Sua boca se abriu com indignação fingida e ela gritou em meu ouvido. — Eu pensei que eu era sua melhor amiga.

Revirei os olhos e dei um tapa em seu ombro.

Apoiando as mãos em meus braços, ela parou de dançar e

olhou de mim para LJ. — Então, talvez você deva parar de afastá-lo e aproveitar o tempo que resta.

Meu coração disparou como se eu tivesse batido em uma estátua inestimável no museu, e só pude assistir enquanto ela se espatifava no chão. Faltam oito meses.

Sem dizer uma palavra, deixei a pista e fui para o local que LJ e Keyton estavam parados. Provavelmente deslizou para uma mesa para falar com um fã ou na pista de dança para me deixar com ciúmes. Não que ele quisesse me deixar com ciúmes. Não que eu fosse ficar com ciúmes.

Me inclinei sobre o bar. — Você viu para onde foram os dois caras que estavam sentados aqui?

O barman gesticulou na direção geral dos banheiros.

— Imagine, eles andam juntos como duas garotas fofoqueiras. — Abri caminho por entre as mesas e passei pelas pessoas que cruzavam na minha frente a caminho da pista de dança.

O corredor com os banheiros estava vazio. Acamparia e esperaria que eles saíssem. Um passo para o corredor, alguém bateu nas minhas costas, quase me derrubando.

Me apoiando contra a parede, olhei por cima do ombro, preparada para cair no idiota que esbarrou em mim. Em vez disso, as palavras ficaram presas na minha garganta.

Bloqueando minha saída estava o ataque ofensivo de 1,90 metro e 130 quilos que não era mais meu problema de tutoria. Ele era um problema diferente. Um problema muito mais irritado e bêbado.

— Sua vadia estúpida. Tudo que eu pedi para você foi fazer a porra de um teste para mim. — Chris cambaleou e soprou em mim com hálito de dragão bêbado.

Eu apertei minhas costas contra a parede de tijolos pintados

atrás de mim. Minhas saídas estavam todas atrás dele. Lidar com bêbados não era novidade para mim, mas estava acostumada com aqueles que desferiam golpes com palavras.

— Ei, Chris, muito tempo sem te ver. Como foi seu verão? — Tentei mantê-lo leve para ganhar algum tempo.

Claro que esta seria a única noite em que não havia fila nos dois banheiros. É o que ganho por vir na Terça Techno.

— Foda-se. — A saliva se agarrou ao seu lábio.

— Você parece que já teve o suficiente, talvez você devesse dormir um pouco. — Olhei por cima do ombro dele para a luz no final do corredor escuro com pessoas circulando, rindo e bebendo, a música abafando até mesmo meus próprios pensamentos.

— Você acha que é boa por morar com Berk, LJ e Keyton. Aposto que você faz todo o trabalho por eles. Provavelmente fode com todos eles também.

Recuando, eu cerrei meus punhos ao meu lado, esperando que alguém visse o que estava acontecendo, para que eu pudesse passar por esse idiota bêbado.

— Não seja um idiota, Chris. Você está bêbado. Me deixe passar. — Tentei contorná-lo, mas apesar de quão bêbado ele estava, ele foi mais rápido e bloqueou o espaço que tinha sido meu plano de saída.

— Ei! — Acenei minhas mãos sobre minha cabeça, tentando chamar a atenção de alguém.

Eu não deveria ter tirado meus olhos dele.

Um empurrão de sua palma e eu voei, batendo direto na parede sem saída atrás de mim. Não era longe, mas tirou o ar dos meus pulmões como uma lata de refrigerante vazia sob os pés.

Eu me curvei na cintura, lutando para inspirar completamente. — Você está certo. Eu fui uma idiota e sinto

muito. — Minhas palavras foram sibilantes, quase inaudíveis até mesmo para meus próprios ouvidos. As desculpas às vezes eram a única maneira de fazer as pessoas bêbadas recuarem. Dar a eles a satisfação de estar certo e recuar pode dar a você uma fuga da necessidade de reconhecimento intensificada pelo álcool.

Seu olhar drogado se estreitou. — Eu não quero a porra do seu pedido de desculpas. — Ele se inclinou mais perto, o fedor cortante de sua respiração inundou minhas narinas e a bile correu para minha garganta.

Eu recuei, quase batendo minha cabeça nos tijolos.

Suas mãos se apertaram em volta dos meus braços, agarrando-os com força.

Eu abri minha boca para gritar no mesmo momento em que a porta do banheiro se abriu. A luz de dentro me cegou. Duas formas estavam na porta iluminada. — Socorro. — Sussurro frenético saiu da minha garganta fechada.

Antes que eu pudesse dizer outra palavra, a pressão em meus braços havia sumido, assim como Chris.

Um punho acertou seu nariz.

LJ correu e segurou meu rosto com as mãos, me olhando com olhos selvagens.

Um alívio absoluto e completo me inundou. Só então eu pude deixar um fragmento de medo invadir meu cérebro, refletindo sobre o que poderia ter acontecido.

— Você está bem? Ele te machucou? — Suas narinas dilataram, mas ele manteve sua atenção em mim e de costas para os gritos quebrando a batida forte.

Atordoada, eu encarei seu ombro para a luta se desenrolando. Outro golpe foi tão forte que a cabeça de Chris ricocheteou na parede. A barragem continuou chegando. Os sons

de golpes molhados reviraram meu estômago.

Um flash de reconhecimento passou por mim. Tentei processar tudo o que estava acontecendo na minha frente e o que quase aconteceu comigo.

Keyton. Foi Keyton. Keyton, que parecia a segundos de acabar Chris no corredor do banheiro.

— Pare ele. — Eu agarrei a camisa de LJ.

Ele desviou o olhar de mim e se virou, me mantendo atrás dele.

— Keyton. — Gritei seu nome, tentando fazê-lo parar.

Suas palavras viajaram pela música estrondosa muito melhor do que as minhas. — Você colocou suas mãos sobre ela assim? Você acha que pode tocá-la, seu pedaço de merda? Por que você não me bate?

Eu empurrei LJ, tentando passar. Meu medo mudou de curso em questão de segundos. O pânico não era por mim, mas pelo que estava sendo feito por mim.

— Ele pode matá-lo. — Eu apertei o braço de LJ, tentando forçar a passagem por ele.

Os músculos da mandíbula de LJ trabalharam antes de ele entrar, agarrando o braço de Keyton, impedindo-o de acertar outro golpe.

Keyton se virou para LJ dando seu soco no último segundo. Seu olhar nublado por uma raiva que eu nunca tinha visto antes.

Eu balancei para trás, ainda me mantendo em pé contra o ataque de adrenalina martelando em minhas veias. Ele quase bateu em LJ, quase o derrubou como se ele esperasse ser empilhado.

Seus olhos clarearam e ele olhou para o choroso Chris, ensanguentado e espancado no chão. As mãos cerradas ao lado do corpo, seu peito arfou e seu olhar passou de Chris para nós. A expressão estrondosa nublando seu rosto deu lugar ao horror e constrangimento.

Sem dizer uma palavra, Keyton recuou, correndo do corredor antes de desaparecer no clube. Eu nem consegui agradecer a ele.

Chris se levantou do chão e limpou o nariz ensanguentado com as costas da mão, me olhando feio antes de sair correndo.

Os músculos do pescoço de LJ se contraíram. Com o olhar vermelho de raiva, ele deu um passo em direção à figura de Chris que se retirava.

Eu apertei meus dedos em torno de seu braço. — Me leve para casa, L.

Ele se sacudiu e olhou para mim.

Olhando em seus olhos, eu implorei a ele para me tirar de lá.

Eu precisava voltar para casa, me enfiar debaixo dos cobertores. — Merda, Liv! Ela ainda está aqui.

LJ olhou ao redor e acenou com a mão no ar e apontou para mim e para a frente do bar.

Olhando além dele, vi Liv no bar com Ford.

Ela saltou do banquinho.

Eu acenei para ela e dei um tapinha no peito de LJ, me apertando contra ele.

Ford olhou de nós para Liv. Ela se abaixou de volta para seu banquinho.

Com o braço em volta de mim, LJ me guiou para fora do bar,

observando os movimentos de todos como se fosse meu guarda-costas pessoal.

Meu telefone vibrou no bolso da frente.

As mensagens de Liv provavelmente estavam rolando em cinco de cada vez.

A caminhada de dez quarteirões foi silenciosa. Um arrepio percorreu meu corpo e tentei afastar o quão mal as coisas poderiam ter acontecido esta noite.

Ele apertou seu braço em volta de mim, sua cabeça chicoteando de um lado para o outro para enfrentar qualquer um.

Eu o apertei pela última metade do quarteirão. Segurá-lo me impediu de pensar muito, de cavar muito fundo no que poderia ter acontecido, de ficar com muito medo.

De volta à casa, ele me levou para o meu quarto como se eu tivesse esquecido o caminho sem seu braço em volta de mim. Não que eu estivesse reclamando.

— Tem certeza de que está bem? — Ele pairou.

Peguei uma camisa de manga comprida da pilha no cesto de roupa suja perto da minha mesa. Uma rápida cheirada - limpa. Por algum motivo, minhas roupas saíram da secadora direto para a cesta para serem usadas mais tarde, mas dobrei as de LJ. Era como ele gostava, mesmo que odiasse fazer isso. Pelo menos havia uma coisa que eu poderia fazer por ele.

Eu puxei minha camisa, ficando em minha segunda pele e sutiã.

LJ assobiou. Um chiado alto e furioso.

— Risa. — Ele me virou e passou as mãos, leves como uma pena, pelos meus ombros.

Arrepios saltaram como os cadetes do ROTC marchando pelo

campus.

— LJ?

— Eu deveria ter deixado Keyton matá-lo. Melhor ainda, eu deveria ter participado. — Seus dedos se moveram em pequenos círculos lentos em meus braços.

Abaixando minha cabeça, eu me encolhi. Quatro padrões distintos de dedos enrolados em ambos os braços. — Está tudo bem. — Eu segurei nas costas de sua mão.

— Não está nada bem. — Suas palavras saíram de sua boca.

— Eu não quis dizer que o que ele fez estava bem. Eu quis dizer que estou bem. Ele não me machucou.

— Nunca deveria ter acontecido.

— Poderíamos dizer isso sobre muitas coisas. — Eu o cutuquei com meu cotovelo.

— Devemos chamar a segurança do campus.

— Não, não deveríamos. Keyton estava envolvido nessa briga. Pela cara de Chris, eles fariam perguntas e não quero que Keyton seja suspenso ou expulso da equipe por causa daquele idiota.

— Mas...

— Vou ficar longe de Chris e me certificar de não vagar por nenhum corredor escuro sozinha de agora em diante. Estou bem. Agora saia do meu quarto, para que eu possa me trocar.

O fogo em seus olhos diminuiu um nível do inferno raivoso para a fogueira. — Por quê? Costumávamos trocar de roupa na frente um do outro o tempo todo. — Ele ergueu a mão, os lábios se contraindo.

— Quando tínhamos nove anos. — E da nossa festa do pijama

no ano passado, eu provavelmente precisaria de um ventilador de tamanho industrial para me refrescar se ele baixasse as calças agora. — Saia já. — Eu agarrei seus ombros e o empurrei para fora da porta.

Depois de me trocar, deslizei para a minha cama, me virando e me virando. A inquietação que tentei banir depois do meu encontro com Chris ainda corria desenfreada em meu cérebro.

Batendo minhas mãos no colchão, joguei as cobertas e olhei para fora da minha porta.

A casa estava silenciosa. Eu pulei pelo corredor até a porta de LJ ao lado da minha.

A porta de Keyton estava aberta, mas seu quarto estava vazio.

Batendo suavemente meus dedos contra a porta de LJ, eu a abri.

Ele estava deitado de costas na cama e se virou para mim.

As rugas em sua testa se aprofundaram. Ele provavelmente estava apertando as engrenagens sobre eu não deixá-lo resolver o problema de Chris.

— Não conseguiu dormir? — Entrei mais no quarto, as tábuas do assoalho rangendo sob meus pés descalços.

— Não. Quero me vestir e dar uma surra nele. — Ding. Ding. Ding.

— Podemos não falar sobre ele?

Ele apoiou a cabeça na mão e ergueu os cobertores.

Eu mergulhei para o convite, deitando de costas ao lado dele, olhando para o teto.

— Obrigada.

— A qualquer hora, Risa. Boa noite. — A cama afundou. Ele

se afastou, mas deitou de lado, de frente para mim.

— Boa noite. — Fechei meus olhos e deixei sua respiração estável aliviar a tensão do meu corpo.

Apenas esta noite.

Esta será a última vez que dividimos a cama.

11

LJ

EU levei apenas quarenta e oito horas tirando sarro de todos e andando de um lado para o outro no meu quarto para finalmente cruzar o campus e chegar aos apartamentos do último ano. Tínhamos um jogo esta semana, então Marisa estaria em casa sozinha.

Marisa não tinha dormido na minha cama ontem à noite, mas ficou acordada até tarde e deixou a luz acesa.

Isso me fez sentir como se uma fera furiosa estivesse tentando roer o meu peito.

Eu bati meu punho contra a porta. O metal bateu contra a moldura.

A porta se abriu. No vão, o rosto machucado e cheio de crostas de Chris olhou diretamente para mim. — O que diabos você está fazendo aqui?

Bati na porta, me empurrando para dentro. — O que você acha que estou fazendo aqui? — O debate havia se enfurecido em minha cabeça no caminho.

Marisa iria chutar minha bunda por fazer isso, mas precisava ser feito. Não era como se ser suspenso do time fosse diminuir meu tempo de jogo de qualquer maneira.

O sangue escorreu de seu rosto, mostrando o amarelecimento dos hematomas.

— Isso foi um erro. Eu estava bêbado. — Ele lambeu os lábios, estremecendo quando atingiu as manchas de pele rachada.

— Você acha que ficar com cara de merda é uma desculpa para machucar Marisa? Ela tem hematomas nos braços graças a você.

— Eu estava apenas brincando, tentando assustá-la. — Sua voz estava aguda e estridente com um tremor. Bom, ele deveria estar com medo.

Fechei a distância entre nós tão rapidamente que ele tropeçou e caiu no sofá. — E você acha que isso é melhor? Você acha que isso te torna o durão?

Pairando sobre ele, eu reinei em minha raiva, controlando-a e segurando firme. A última coisa que eu queria era nocauteá-lo e que Marisa considerasse isso sua culpa. — Você não vai chegar perto dela. Você não vai respirar perto dela. Você nem mesmo estará no mesmo prédio que ela.

Sua cabeça balançou para cima e para baixo como uma bobblehead em um painel.

— Se ela aparecer em uma festa, cafeteria, biblioteca, o que for, você vai embora. Nem pare para juntar suas merdas. Você sai pela porta sem uma palavra ou um olhar.

— Eu... eu vou. Eu prometo.

— Melhor. — Eu queria arrancar a porra da cabeça dele. Em vez disso, recuei e saí de seu apartamento sem nem mesmo fechar a porta. Talvez eu não devesse ter impedido Keyton. Talvez eu devesse ter continuado.

Saber que ele estava no campus me deixaria nervoso, mas Marisa foi inflexível sobre não procurar a segurança do campus.

Atravessando o campus, cheguei aos vestiários cedo para me trocar para o treino. Temos um jogo neste fim de semana. Não que eu fosse jogar.

A sala estava silenciosa - pelo menos tão silenciosa quanto

um vestiário pode ficar em um dia de treino. Alguns membros da equipe técnica examinavam suas pranchetas e pastas como se segurassem um mapa do tesouro para o Santo Graal. O aroma persistente de fricção muscular, taça atlética e suor permeava cada centímetro do lugar.

No momento em que entrei, mais caras encheram a sala.

Keyton seguiu atrás de um grupo de atacantes defensivos e congelou quando me viu. Sua porta tinha ficado aberta na noite em que Marisa se deitou comigo, mas fechou pela manhã e nos dois dias seguintes, como se ele tivesse esperado que todos saíssem antes de sair.

Em vez de me evitar, ele apertou a mandíbula e foi direto para mim. — Desculpe por perdê-lo na outra noite. Como está a Marisa? — Tudo *desapareceu* como uma única palavra.

— Ela está bem, alguns hematomas de onde ele a agarrou. E você não tem nada pelo que se desculpar. Eu estava tão concentrado em ter certeza de que Marisa estava bem, aquele pedaço de merda provavelmente teria fugido se você não estivesse lá.

Ele bateu o queixo para frente e para trás, suas narinas dilataram e ele apertou a nuca. — Já faz muito tempo... — Seus lábios se apertaram. — Estou feliz que Marisa esteja bem. Eu odeio que ela tenha hematomas.

— Eu sei. Mas fiz uma visita a Chris, então ele não vai estar em nenhum lugar perto dela novamente.

Os ombros de Keyton relaxaram como se ele estivesse tenso desde a noite de terça-feira. — Me avse se você quiser que eu vá com você para chutar a bunda dele de novo.

Eu ri e dei um soco no ombro dele. — Estamos bem, cara. Você não tem que se esconder por causa de algo assim.

A respiração que ele soltou parecia que estava segurando por

dias. — Eu sei. Eu só... eu não gosto de perder o controle assim e não quero que vocês pensem que sou um canhão solto.

— Você é o cara mais equilibrado de todos nós. Se havia um momento para perder a calma, era na terça-feira.

A porta do vestiário se abriu. O treinador Saunders entrou marchando. — Vocês tem doze minutos para entrar em campo. O ônibus para o aeroporto sai às três amanhã. Se perder, você terá que comprar sua própria passagem para Michigan. Eu sugiro que todos cheguem aqui a tempo.

— Hoje estamos realizando as três novas jogadas na linha defensiva e precisamos que todos vocês saibam disso e sejam capazes de executá-las durante o sono. No ataque, houve duas viradas no último jogo, então vocês vão perfurar essas jogadas de passe até que estejam marcadas em seu cérebro. Vamos em frente. — Ele bateu a palma contra a prancheta e desapareceu pela porta.

Keyton correu para se trocar e eu saí do vestiário, seguindo o treinador para o campo e tomando meu lugar no banco.

O primeiro vestido. O primeiro pronto para a prática. O primeiro a ficar no banco durante toda a temporada.

Os rapazes chegaram lentamente ao lado do campo, interrompendo-se enquanto os treinadores defensivos e ofensivos chamavam seus times.

Me juntei ao técnico defensivo na lateral. Sessenta caras estavam em volta dele, todos ansiosos para entrar em campo e provar seu valor nos dez jogos que tínhamos por vir nesta temporada.

— Eu quero os veteranos lá fora. Estaremos gravando para adicionar aos seus rolos, então não estraguem tudo. — Suas palavras acenderam uma chama em meu peito. A fita de prática não era tão boa quanto a real, mas eu pegava o que pudesse e empurrava ao máximo.

Keyton correu ao meu lado, sorrindo, indo para a linha ofensiva. — Que encorajador.

Ficamos no centro do campo, procurando nossas vagas para o jogo.

Eu olhei para a linha lateral contra meu melhor julgamento. O treinador Saunders subiu e desceu uma pista de quase dois metros com o fone de ouvido e a prancheta na mão.

O segundo string QB fez a call e o snap começou.

Nós paramos, cobrindo nossos jogadores do outro time, mas percebi uma lacuna na defesa. Deslizando para o lado, tirei o receptor antes que eles percorressem dez metros.

Na jogada seguinte, vi minha abertura, acertando a bola no ar e jogando-a para um dos cornerbacks, que correu para um touchdown.

Na próxima, eu bloqueei, dando a um atacante de fora a oportunidade de sacar o quarterback.

Correndo para o lado, parecia que estava passando por um lava-rápido com a capota abaixada por causa de todas as batidas e empurrões no capacete. Meu sorriso tinha 50 metros de largura, a satisfação se instalando profundamente em meus ossos. Eu queria mostrar aos caras que eu não estava no banco porque não tinha isso dentro de mim. Eu ainda tinha as mesmas habilidades e queria usá-las para nos dar nossa próxima vitória.

O olhar do treinador Saunders foi a alfinetada na minha sensação de balão de hélio assim que deixei o campo.

A equipe inteira se amontoou, alguns em pé, outros ajoelhados.

— Boa agitação no campo. Essas jogadas pareciam afiadas. Mantenham assim e vocês deixarão todos orgulhosos nesta temporada. Não deixe suas cabeças ficarem muito

grandes. Temos muito a provar e ainda mais gente vindo atrás de nós. STFU está pronto para encerrar nossa sequência, e não vamos deixar, vamos?

— *Não, treinador.* — Todos gritaram ao mesmo tempo, como um só. E as vibrações retumbaram em meu peito.

— Será que vamos ficar complacentes? — Sua voz se elevou, acima do grito da equipe.

— Não, treinador!

— Vamos dar uma chance a eles?

— Não, treinador!

— Isto é o que eu gosto de ouvir. Tomem banho e estejam prontom para nossa viagem amanhã. Vamos quebrar a sequência de rebatidas de Michigan e mostrar a eles como fazemos as coisas no Fulton U. — Suas palavras energizaram os caras e todos se levantaram, correndo em direção ao vestiário.

Suor, vapor e a batida constante dos chuveiros encheram o vestiário com o caos.

Berk me encontrou depois que eu tomei banho, ainda de pé em minha toalha, pescando minhas roupas do armário.

Ele ofegou, o suor do banho brotando em sua testa. — Você precisa de uma carona para casa? — Sua camisa ainda estava grudada em seu corpo.

— Você está com pressa.

— Jules está assando algo novo hoje e ela me disse para passar por lá depois do treino para pegar.

— Eu não posso te culpar então. Não, estou com meu carro. E vou ver se Keyton precisa de uma carona.

— Legal, incrível. — Ele já estava correndo para trás. —

Obrigado!

Todo mundo estava animado para o sábado, como uma corrente elétrica passando pela umidade do ar.

Restavam dez jogos na temporada regular para que os novatos provassem seu valor e garantissem suas vagas como titulares.

Mais dez jogos para todos os veteranos terem jogadas bastante sólidas para aumentar suas chances de draft.

Mais dez jogos até que eu pudesse ser relegado a jogar futebol americano em um parque local.

~

— Alien ou Aliens? — Marisa gritou da sala terminando de dobrar minhas roupas.

Eu não odiei como ela entrou e saiu com minhas cestas de roupas resmungando sobre um dia ter posto fogo em tudo no quintal. Mas ela também lutou para tirar a pilha de roupas de mim, resmungando sobre como eu não conseguiria fazer isso direito se tentasse. Embora eu só tente fazer com que ela entre em ação para isso.

O microondas fez a contagem regressiva e esperei que o estouro diminuísse, contando os segundos entre cada um. Um saco carbonizado estava na pia - obra de Marisa.

Eu empurrei o zíper do meu moletom ainda mais alto. A brisa corria pela casa pela porta dos fundos aberta direto pelas janelas na frente da casa para purgar o cheiro de pipoca carbonizada do ar.

— E quanto ao Exterminador?

— O Exterminador do Futuro, Julgamento Final, Destino Sombrio, Rebelião das Máquinas, Salvação, Gênesis?

— Eu só conheço os dois primeiros como filmes reais para minha própria sanidade. Talvez a Salvação, se eu tiver bebido o

suficiente. Talvez. — Enchi a tigela com pipoca.

— Você é um esnobe do cinema. — Ela agarrou as xícaras e serviu refrigerante para nós.

— Proteger meu cérebro da trama dos filmes mais horríveis que tentaram arruinar dois dos melhores filmes de todos os tempos não me torna um esnobe. Você curte pinturas do século XVIII e estátuas gregas. Você está me dizendo que escolheria algum outro?

— Não, mas adoro ver como você fica nervoso quando se trata de filmes de baixa qualidade. — Eu chutei sua bunda em seu caminho para fora da cozinha.

— Idiota. Você quase me fez derramar nossas bebidas.

Eu parei quando ela desapareceu na sala de estar, meu coração pulando alto como se tivesse caído sobre um atacante ofensivo indo para o saco. Esses momentos fáceis e divertidos tornaram difícil imaginar minha vida sem ela. A ideia de perder nossas noites de cinema nas quintas-feiras era como um pico no meu cérebro.

Sentei ao lado dela no sofá com a tigela transbordando de pipoca. — Que tal Aliens?

Ela pegou a pipoca derramada das minhas pernas e do sofá. — Vejo que alguém não quer minhas unhas cravadas em seu braço esta noite.

— Gostaria de ser capaz de bloquear adequadamente no jogo de sábado.

— Oh, você tem um jogo chegando? Eu não tinha percebido.

— Tem certeza de que ficará bem aqui com todos nós saindo? — As preocupações martelaram dentro da minha cabeça. Chris. Ela estar sozinha. Sua decisão de cozinhar.

Ela enfiou a mão na tigela de pipoca no meu colo. — Não é

grande coisa. Nix trouxe aquela bandeja de catering gigante de frango fettuccini, então eu estou bem com comida.

— Ele não trouxe isso há uma semana?

— Sim, qual é o problema? — Ela enfiou a pipoca na boca.

— Estômago de Ferro Marisa.

— A massa vai ter duas semanas, no máximo. Está bem.

— Por favor, não acabe no hospital com intoxicação alimentar.

— Quando foi que aconteceu?

Verdade, ela quase enviou todos na casa para o hospital. Ela poderia comer qualquer coisa. Eu pegaria um pouco de carne para o almoço antes de sair, ou perguntaria a Nix se ele poderia deixar mais comida para ela.

— Chega de conversa, vamos assistir! — Ela enfiou o dedo no controle remoto e a nave mais sombria segurando uma das heroínas de ação mais duronas da história - Ellen Ripley - apareceu na tela.

Marisa se escondeu atrás do meu braço quando os alienígenas rastejaram pelas aberturas em direção aos nossos personagens principais totalmente ferrados. Ela ligou seu braço ao meu quando Newt caiu na água, completamente cercado por alienígenas.

A porta da frente se abriu no exato momento em que a rainha apareceu de volta na tela. Marisa gritou e jogou sua xícara vazia na direção do barulho.

Keyton colocou a cabeça para dentro.

Ela agarrou a frente de sua camisa e eu pausei o filme, rindo muito até que ela empurrou meu braço.

— Quantas vezes você viu esse filme? Você achou que a

rainha alienígena estava aqui?

— Cale a boca, eu estava no filme.

Keyton riu e se aproximou, entregando-lhe a xícara.

— Você quer ficar para quinta-feira de cinema?

— Eu estou bem. Está quase acabando de qualquer maneira. Vou deixar vocês terminarem seu filme. — Ele deu um sorriso fraco, pegou uma sacola ao lado da porta da frente e disparou escada acima.

Marisa abaixou a cabeça. — Aquilo era um estojo de guitarra?

— Acho que sim.

Ela deixou cair a mão na tigela vazia e enviou as vibrações direto para o meu pau. — Um dia você vai ter que perguntar a ele do que se trata, porque, pelo que eu sei, ele nem toca.

Desejei que eu não tivesse uma ereção. — Talvez. Vamos terminar o filme.

Ela travou novamente o braço com os pés enrolados ao lado dela no sofá.

Quando os créditos rolaram, eu não queria que nossa noite de cinema terminasse.

Ela bocejou cobrindo a boca e sacudiu os últimos grãos de pipoca em sua mão.

— Quer assistir outro?

Esfregando os olhos e abafando outro bocejo, ela assentiu. — Claro, vamos fazer isso.

— Você quer escolher?

— Você escolhe. Não vou fazer você sofrer com uma das minhas escolhas.

— Quem é você e o que deu em você?

Ela me lançou um sorriso sonolento. — Você ficará fora por quatro dias. Terei muito tempo para ver todos os meus terríveis filmes favoritos enquanto você estiver fora.

Abri outro saco de pipoca e Marisa pegou as bebidas. Nós nos recostamos e a cadência do metal do tema Exterminador nos acompanhou em um desolado futuro diatópico.

Seus bocejos ficaram mais próximos.

— Nós podemos parar.

Ela balançou a cabeça e abriu bem os olhos como um filme de terror. — Não, eu estou bem. É um ótimo filme. — Outro bocejo.

Não querendo me mover também, apoiei meus pés na mesa de café.

Sua cabeça caiu ao longo do filme, até que pousou no meu ombro.

Posso ou não ter enxugado uma lágrima quando Arnold se abaixou no tanque de metal fundido. Pelo menos ninguém estava por perto para testemunhar.

— Risa. — Eu levantei meu ombro, cutucando sua cabeça.

Ela fez um som entre um grunhido e um resmungo e se enterrou mais fundo contra mim.

— Marisa, precisamos subir.

— Não quero. Me carregue. — Ela manteve os olhos fechados, sua voz encharcada em um meio bocejo sonolento. Seus dedos roçaram meu estômago e eu respirei fundo.

Ela não se lembraria de nada pela manhã. Eu tive mais do que algumas conversas completas com seu sono falando de forma tão convincente que pensei que ela estava

fingindo. Principalmente, eles precisavam comprar granulado pela manhã ou encontrar um texugo na máquina de lavar. Amanhã, tudo o que foi dito entre nós seria recebido com um olhar vazio.

Eu levaria um momento, apenas um, para admirá-la. Afastei suas mechas onduladas negras de seu rosto. A curva de seu nariz havia muito estava gravada em minha memória. Estava tão queimada em meu cérebro que, na metade do campus, pude perceber a ligeira subida no final e uma pequena cicatriz na lateral de quando ela tinha oito anos e caiu de uma árvore no meu quintal.

De pé, coloquei seu braço sobre meu ombro e mudei o meu para trás e sob suas pernas. Eu a levantei do sofá e cuidei de sua cabeça, enquanto subia as escadas.

— Vou sentir sua falta quando for para Michigan. Eu gostaria que você pudesse vir comigo, mas vai ser frio como o inferno. O tempo está passando tão rápido, e não sei o que farei se você for a Veneza por dois anos. Sentirei sua falta ainda mais.

Eu a coloquei em sua cama e arrastei os cobertores, colocando-a embaixo.

Ela resmungou e abraçou o travesseiro contra o peito.

— Boa noite, Marisa. — Apaguei a luz e caminhei para o meu quarto ao lado. Arrastando os dedos pelo meu cabelo, sentei-me na beira da cama.

Se ela fosse aceita pelo quadril de seus companheiros de Veneza, eu me odiaria por perder esse tempo com ela. O pai dela provavelmente me mataria se começássemos a namorar. Ela provavelmente gritaria dos telhados só para irritá-lo.

Eu soquei meu travesseiro e coloquei minha cabeça de volta nele. O caminho para o meu futuro estava cada vez mais difícil e eu estava me agarrando às duas possibilidades, tentando parar o passar do tempo por pura vontade.

12

MARISA

O escritório interno do museu era uma alcova de um espaço fora dos escritórios maiores da curadoria. Com a temperatura controlada, o ar carregava a mistura perfeita de umidade, telas centenárias e papel, junto com a mistura de café da prensa francesa que todos tomavam ao longo do dia.

Todos os outros foram almoçar, quase como se tivessem sentido a tempestade chegando e corrido sem me avisar.

Normalmente, dentro dessas paredes, eu me sentia parte de algo maior. Eu me senti parte da história. Agora eu sentia que preferia arrancar meu próprio braço do que ficar ao telefone mais um minuto.

— Esta é a terceira vez que você me convida para jantar esta semana. Por que? — Pousei a pintura emoldurada do tamanho da palma da mão e toquei algumas teclas para adicioná-la ao inventário de doações.

— Eu não posso querer ver minha filha? — Qualquer outra pessoa teria pensado que ela estava triste porque a filha estava se formando na faculdade e iria se mudar. Qualquer um teria pensado que eu era uma idiota por dispensar minha querida mãe. Ninguém mais sabia que não havia um osso amoroso em seu corpo.

— Mamãe.

Ela bufou e eu pude sentir seus olhos rolarem.

Sim, é difícil acreditar nisso, Marisa sabia exatamente que iria direto para a cova dos leões e se servir em uma bandeja de prata.

Sua voz foi abafada e uma porta se fechou em sua extremidade da linha.

— Estou namorando alguém novo.

— Eu não...

— Ele é legal. Um cara agradável que me trata bem. E ele tem filhos da sua idade. Um pouco mais velho, jantamos com eles duas vezes e ele sempre pede para conhecê-la.

Mais uma vez, isso não tinha nada a ver comigo. — Então você está tentando fingir que é uma mãe amorosa e carinhosa e quer que eu ajude.

— Eu era uma mãe muito boa. Nunca esperei que seu pai se dividisse assim. Desculpe, eu ainda queria aproveitar minha vida depois de ter uma filha.

— Ter uma vida e me deixar para me defender sozinha. — Que outra criança desenvolveu um gosto por atum e sanduíches de flocos congelados? Não era nada mau, se peixe salgado doce era sua praia.

— Me parece que você acabou bem. Até arranjou um jogador de futebol também. Tenho certeza de que LJ vai durar mais tempo como profissional do que seu pai.

— LJ não tem nada a ver com isso. — Eles não eram nada parecidos. Ela falar sobre eles como se seu relacionamento com meu pai fosse algo parecido com minha amizade com LJ me irritou ainda mais. LJ nunca poderia fazer o que Ron fez.

Ele nunca teria um filho e fugiria, então o extorquiria em jantares semanais para provar um ponto. Qual era esse ponto, eu nunca saberia - e não estava cavando mais fundo para descobrir.

— Claro que ele quer. Você deveria tê-lo trancado no colégio. Você salvou a vida do pai dele.

— Não há bloqueio. Somos amigos - pela milésima vez.

— Mas ele vai ser convocado, certo?

Se houvesse alguma justiça no universo. — Sim, ele deveria.

— É melhor você pular nele agora, se ele ainda não estiver na mira das groupies do futebol.

Eu apertei a ponta do meu nariz. — Eu não estou pulando em nada. E ele não é assim.

Seu escárnio irritou meus nervos como um ralador de queijo contra uma bola de lã de aço. — Eles são todos assim.

— Por que estamos tendo essa conversa?

— Tudo o que estou dizendo é que mesmo se você não quiser ficar com ele por muito tempo, Deus sabe que fidelidade não é uma característica dos profissionais, você sempre pode entrar antes da formatura e conseguir um presente de despedida para se lembrar dele. E continue com os cheques assim que ele te deixar para trás.

Um tapa mental reverberou em minha cabeça. Não havia o menor indício de piada ou ironia em suas palavras. Ela estava cem por cento séria. Quando eu pensei que ela não poderia continuar provando para mim que a redenção era uma estrada de um quilômetro e meio de vidros quebrados, ela adicionou outro caminhão de lixo com garrafas de vodca quebradas à bagunça.

— Você acabou de tentar me aconselhar amigavelmente a engravidar do meu melhor amigo para arrancar dinheiro dele com pensão alimentícia?

— Pare de ser tão dramática, Marisa. Não é que vocês dois não iriam conseguir o que querem com o negócio. É o mínimo que ele pode fazer por você. — Garrafas tilintaram ao fundo. — Então jantar? Na próxima semana?

A raiva travou uma batalha em meu peito contra o medo de que eu pudesse ter até mesmo a menor parte de sua manipulação

e decepção fluindo em minhas veias.

Encerrei a ligação, jogando meu telefone no chão como se minhas mãos tivessem sido escaldadas.

Mais uma vez, caí na armadilha, fui direto para ela como um personagem de desenho animado que nunca aprende. Por um nanossegundo, pensei que ela estava tentando fazer as pazes. Talvez ela tenha percebido que eu era uma adulta agora e que ela perdeu muito.

Não! Ela queria me exibir na frente de um novo namorado como uma prova de como ela não era uma mãe péssima. Eu prefiro ter uma manada de caranguejos eremitas enfiados em meu maiô.

Terminei meu turno e pulei no ônibus de volta para o campus. As palavras de minha mãe ficaram sob minha pele como um caso grave de veneno. Fiquei assustada em saber que poderia ter até mesmo um traço dela em mim - uma peça que eu não poderia reconhecer, me infectando e me transformando no que eu nunca quis ser.

Como diabos eu saberia ter um relacionamento real quando meus modelos eram um pai ausente e uma mãe

~

narcisista que só se preocupava com ela mesma?

De volta ao Brothel, corri até a metade da escada antes que o movimento da sala de estar me impedisse.

— Keyton.

Sentado no sofá, seus músculos tensos como se pensasse que, se ele não se mexesse eu não o veria.

— Ei, Marisa. — Ele recolheu seu caderno e livro do sofá, segurando os dois em uma mão.

Eu desci as escadas e o encarei tentando fazer com que ele

encontrasse meus olhos. — Você tem me evitado?

Os tendões de seu pescoço se contraíram. — Possivelmente.

Quem poderia culpá-lo por não querer se envolver em mais problemas? — Escute, sinto muito pela outra noite. — Eu me encolhi e corri meus dedos sobre a gola da minha camisa. O arrependimento e a culpa por ele precisar pular para me salvar, invadiram meu peito.

Sua cabeça estalou para trás como se eu tivesse jogado um salmão embrulhado em arame farpado em sua direção. — Do que diabos você tem que se desculpar?

Mordi meu lábio inferior rachado. — Só sinto muito que você teve que vir em meu resgate assim. Eu sei que brigar pode colocar vocês em muitos problemas.

— Você não tem nada para se desculpar. Quando vi o que aconteceu, simplesmente fiquei em branco. Perdi o controle.

Eufemismo do ano. Eu ficaria menos chocado se Liv acabasse sendo uma faixa-preta durona explodindo pelo corredor para vir em meu resgate.

— Com certeza surpreendeu eu e LJ. Mas você sabe o que dizem? São sempre os mais calados. — Eu olhei para ele me perguntando que outros segredos ele estava escondendo.

O canto de sua boca se contraiu.

Descansando minha mão em seu braço, eu apertei suavemente. — Mas eu quero dizer obrigada pela outra noite. Mesmo. — Eu parei antes de um abraço porque ele estava emitindo todos os tipos de vibrações superdesconfortáveis agora e eu não queria tornar nada pior para ele.

— Não se preocupe com isso. — Ele abaixou a cabeça. — Estou feliz que LJ estava lá.

Ele era provavelmente a única coisa que me manteve de pé e

não me deixou surtar. Exatamente como depois do incêndio. Ele foi o primeiro número na minha discagem rápida. Ele era minha rocha. Aquele com quem eu sempre poderia contar. E sua vida estava prestes a ficar muito mais complicada com muito mais demandas de seu tempo. Exigências mais valiosas.

— Eu também. — Ele esteve lá para mim, e em seus braços, as coisas assustadoras ficam longe.

Ele enfiou as mãos nos bolsos. — LJ disse que você não queria falar com a segurança do campus. Você deveria fazer um relatório. — Sua cabeça inclinou e ele olhou para mim com o canto dos olhos.

Eu tinha lutado muito com isso, passando por cima dele na minha cabeça tentando descobrir a melhor maneira de superar. Segurança do campus, conselho de honra, o boato do campus - fazer com que todos se envolvessem nisso não era o que nenhum de nós queria ou precisava. Não no meio da temporada. Não quando LJ precisava se concentrar no campo, não em vir em meu resgate. Não havia dúvida de que ele iria me defender de qualquer maneira - mesmo que não fosse do seu interesse. Ele era um melhor amigo irritantemente bom dessa forma.

— Você me protegeu. E eu sei que o que ele fez foi uma merda, mas não quero que você tenha problemas por brigar. Eu sei que eles são rígidos quanto a isso. Os hematomas em meus braços quase sumiram. Estamos no meio da temporada. — Dei de ombros. — Não quero prejudicar suas chances.

— Mas...

— Eu só posso esperar que o seu chute na bunda tenha caído sobre ele.

Ele se encolheu como se eu o estivesse fazendo reviver, trazendo à tona novamente. Uma memória ruim que ele não queria. Isso reafirmou porque eu evitei Chris e mantive Keyton e

LJ fora do conselho do campus.

O tom de brincadeira sumiu da minha voz. — Acho que agora ele sabe que não é intocável e é melhor não fazer nada assim nunca mais.

Sua carranca se aprofundou e os músculos de seu pescoço se contraíram, mas ele não disse mais nada. É hora de direcionar essa conversa para outro lugar ou eu faria ele me evitar pelo resto do ano.

— Vocês vão embora esta noite, certo? Como você está se sentindo em relação à temporada até agora?

— Já foi mais difícil do que algumas vezes.

— Eles têm sido difíceis de assistir às vezes. Mas eu sei que você vai chutar alguns traseiros de Michigan Wolverine.

Ele deu um sorriso malicioso. — Você sabe que vamos. Esperançosamente LJ vai conseguir algum tempo no campo.

— Sim, o que há com isso? Ele não está chegando perto da hora que deveria. Ele jogou - o quê? Duas jogadas no último jogo. — Não fazia sentido. Ron queria vencer. É por isso que ele partiu para a estrada de faculdade em faculdade até que ele construiu o programa poderoso em Fulton U. É por isso que ele me fez ir para os jantares de segunda-feira. Devia haver uma estratégia em campo em que fizesse sentido salvar LJ até que ele fosse mais necessário.

A porta se abriu e LJ entrou com sua mochila pendurada no ombro após as aulas desta tarde.

— Ei, LJ. Marisa só estava perguntando por que diabos você não está jogando muito nesta temporada.

O rosto de LJ caiu como se ele estivesse olhando para uma saliência de trinta metros. — Relaxar nos treinos e outras

coisas. Apenas não estão colocando tudo de mim.

— Você sempre foi o primeiro a ir ao ginásio e o último a sair. — Cruzei os braços e caminhei pela sala de estar. Relaxar não era uma palavra em seu vocabulário.

— Estou distraído com a formatura ao virar da esquina. — Sua voz sumiu e ele não olhou nos meus olhos.

Desvio. Evasão. Deflexão de íons. Nós poderíamos muito bem estar no Zoológico de Filadélfia por causa do quão cauteloso ele estava sendo.

— Eu tenho biscoitos! — Ele ergueu o enorme recipiente de plástico. — Jules me parou no caminho com esses novos. Eles deveriam ser para Berk, mas ele não se importará. — Ele atirou um olhar por cima do meu ombro em direção a Keyton.

O que ele estava fazendo? E por que ele estava arrastando Keyton para isso como naquela noite no bar?

Ele sacudiu o recipiente e abriu a tampa. — Vamos abrir esses meninos maus. Marisa, você pode fazer uma jarra de bebida para acompanhar.

— Sim, mas sobre o que Keyt... — Minhas palavras foram interrompidas por um biscoito enfiado na minha boca.

O biscoito macio era uma explosão de êxtase de manteiga de amendoim e chocolate. Eu gemi e dei outra mordida. Algo estava acontecendo com LJ. Mas eu não queria sujeitar Keyton a conversas ainda mais desagradáveis, e esses biscoitos eram os primeiros da fila em uma nova exposição fenomenal.

— Puta merda. — Eu encarei LJ e peguei outro da caixa. — Keyton, você tem que provar isso. Eles são enlouquecedores. — Devorando o meu, entreguei um a ele.

— Teria que ser... — Ele deu uma mordida e seus olhos se arregalaram. — Porra.

— Certo?

— Então, Marisa, que bebida você acha que combinaria com isso? — LJ me conduziu para a cozinha.

— Você realmente quer beber esta noite? Você está em um avião amanhã cedo.

— Um pouco não vai doer. Precisamos comemorar esses biscoitos. — Ele me entregou outro. — O que você faria?

Eu acumulei meus volumes de conhecimento sobre álcool. Liv tendia a exibir suas habilidades de bartender de colégio interno na maioria das vezes, mas eu era uma alternativa sólida quando se tratava de ser criativa. — Talvez um licor de avelã com chocolate quente.

Keyton enfiou a cabeça na cozinha. — Alguém disse chocolate quente?

— Sim, poderíamos tentar, seria doce o suficiente para ir com esses cookies, mas não muito forte. Além disso, será uma boa bebida de outono. — Peguei outro da caixa. — Berk é melhor se apressar ou eles vão acabar.

— Perfeito. Eu irei à loja e Keyton pode vir comigo. — LJ não esperou que ninguém concordasse com nada. Ele pegou outro biscoito do recipiente, enfiou na boca de Keyton e levou os dois para fora da porta da frente.

Se ele pensava que sobremesa, bebidas e distrações me impediriam de descobrir por que ele estava se atrapalhando em sua última temporada, ele claramente levou muitos golpes na prática.

Não poderíamos jantar com biscoitos sozinhos, embora deixá-los aqui comigo sozinha fosse uma desvantagem. O cheiro deles flutuou para mim como se fossem cachos de desenho animado curvando-se no ar e direto no meu nariz.

Eu fechei a tampa da caixa e me virei para a geladeira.

Caixas de pizza, sobras de pratos de refeição que Nix tinha trazido, frango velho e cerveja.

Eu verifiquei dentro do freezer. Havia alguns pacotes de frango congelado. Peguei dois e os bati contra o balcão. Congelado.

De olho nos blocos de carne e no microondas, formulei um plano. Ambos os pacotes foram para o microondas. Eu joguei dentro, descongelei, coloquei peso e liguei.

O cronômetro piscou 25 minutos.

Voltei para cima e sentei no computador para finalizar minha apresentação do Venice Fellowship. Eu fiz isso entre os três candidatos finais em vinte escolas. Quando o e-mail da professora Morgan chegou à minha caixa de entrada, tive medo de abri-lo, mas abri.

Ela enviou os requisitos para seguir em frente com minha inscrição. Ele incluiu projetar uma mídia social planejada para uma coleção que atualmente tinham em casa e um curso de um dia para os visitantes do museu.

LJ não havia tocado no assunto desde a última noite em que conversamos sobre isso. Parecia uma mina terrestre não detonada em nossa amizade. Mais fácil fingir que não estava lá - assim como minha atração por ele.

Meu nariz coçou e peguei alguns lenços. Em seguida, meus olhos lacrimejaram. Olhei para a janela, que estava fechada. Que diabos?

A porta da frente se abriu. — Puta merda! — A voz de Berk cresceu de baixo.

Eu voei da minha mesa escada abaixo. Tossindo, fui pega por uma sensação familiar de pavor.

Berk correu da porta traseira que ele abriu e abriu o microondas. Agarrando um par de luvas de cozinha, ele puxou a camisa sobre o nariz e enfiou as mãos na abertura. Saiu uma bagunça derretida de plástico e isopor.

Ele me lançou um olhar dividido entre “que porra é essa” e simpatia.

Algo dentro do meu estômago coalhou como leite vencido há um mês. Eu fiz de novo. — Desculpa.

Corri para as outras janelas e as abri, para ajudar a me livrar do cheiro de plástico queimado.

Ele jogou a bagunça derretida no quintal, voltou e jogou as luvas de forno no lixo.

— Eu sinto muito. Eu me distraí. Eu pensei que estava baixo. Desculpe. — Eu coloquei a palma das minhas mãos na janela acima da pia, empurrando-a. A maldita coisa não se mexia.

Berk subiu ao meu lado, sacudiu a trava e empurrou com uma mão.

— Exibido. — Eu resmunguei dando um passo para trás.

— O que você estava tentando fazer exatamente? Outro incêndio na cozinha?

Abri a porta da frente para deixar entrar ainda mais ar. — Eu ia fazer o jantar para vocês. Jules deixou alguns biscoitos com LJ e...

— Jules enviou cookies. — Ele estava em uma posição de linha, a cabeça girando, o cabelo escuro balançando enquanto ele procurava por biscoitos. Quando ele avistou o recipiente na mesa, foi como assistir um urso ir atrás de mel.

— Por que a porta... — LJ e Keyton tossiram no segundo que entraram com uma sacola plástica de loja de bebidas.

— Marisa, o que aconteceu? — A cabeça de LJ se inclinou e ele olhou para mim como um pai de sitcom desapontado.

— Ela tentou descongelar 3,5 quilos de frango no microondas. Tudo de uma vez. Ainda na embalagem. — Berk falou em torno dos biscoitos enfiados em seu rosto.

— Que jeito de me trair, Berk! — Eu me encolhi e encontrei o olhar de LJ. — Opa!

13

LJ

EU deslizo na luva do forno e tiro a bandeja com peito de frango grelhados, colocando no fogão. Marisa foi banida da cozinha sem supervisão. Ela me acusou de ligar para ela a cada hora enquanto eu estava em Michigan. Talvez a cada duas horas.

Sem Nix, nossa extraordinária culinária, desapareceu, ficamos com uma rotação de cozimento em massa para evitar que todos roessem os rodapés e para evitar que Marisa tentasse nos ajudar - cozinhando para nós.

Keyton também não é tão ruim. Todos os três combinados conseguimos pelo menos nos manter cheios e preparados para os treinos. Também havia paradas ocasionais no refeitório para comprar grandes quantidades de carne no almoço.

Tínhamos vencido os Wildcats e nossos próximos dois jogos. A temporada estava no meio e eu mal tinha fita suficiente para chegar a uma liga europeia de futebol, quanto mais aos profissionais.

O lembrete de porque eu precisava resolver essa situação explodiu na minha cara enquanto falava com minha mãe.

— Sim, tenho meu pó de vitamina C. — Mudei meu telefone para o outro ouvido.

— O ar nesses aviões é tão difícil para você.

— Eu vou ficar bem, mãe. E voltarei para casa na próxima quinta-feira para o seu jantar de aniversário.

— Você não tem que fazer isso. Eu sei que você está ocupado com a temporada e as aulas. Você não está em um avião ao amanhecer do dia seguinte?

— Eu não vou perder o seu aniversário.

— Contanto que você saiba que não precisa.

— O papai está fazendo macarrão com lagosta?

— Claro.

— Então você não pode me manter longe.

— Só você? Marisa vem?

— Vou perguntar a ela. Eles têm uma grande nova exposição chegando ao museu e ela tem passado muito tempo lá, trabalhando em sua apresentação para seu pedido de bolsa, para o qual eu irei depois de desligar com você.

— Espero que ela não esteja trabalhando muito. Para que é essa bolsa que ela está se candidatando?

— Ela pode ir para Veneza por dois anos após a formatura. — Minha garganta se fechou. Ainda era difícil dizer as palavras, mas eu não congelasse toda vez que pensava nisso agora. Lentamente, eu descobri como manter todas as peças juntas quando parecia que elas estavam escapando.

— Dois anos…

— Eu sei! Eu disse a mesma coisa.

— Como você se sente sobre isso?

— Estou feliz por ela. Ela amou Veneza e parecia que Veneza a amava. — Cada vez que conversávamos por vídeo, ela tinha uma nova descoberta empolgante para me contar. Uma pintura que ela finalmente viu de perto. Como as pinceladas não eram o que ela esperava. O cheiro da sala a levou a uma palestra de cinco minutos sobre preservação com temperatura controlada.

Por mais difícil que tenha sido tê-la fora o verão inteiro, ver a felicidade derramando dela em ondas ajudou. Ela merecia isso e

muito mais.

— É isso?

— De que outra forma há para se sentir sobre isso?

— Vocês dois estão quase unidos pelo quadril desde a terceira série. E ela vai se mudar para outro país por dois anos.

— Ela esteve fora durante todo o verão e ainda conversamos muito. — Não tanto quanto eu gostaria. Eu odiava não ser capaz de experimentar tudo com ela. A conversa com Henri não tornara as coisas mais fáceis. Agora ela pode ter um ano inteiro com seu cúmplice apreciador de arte, correndo de um local histórico para outro.

— Mas você estará tão ocupado com futebol.

— Isso é um grande se, mãe. — Abandonar minha família era a última coisa que eu queria fazer, mas prefiro prometer menos e cumprir mais. Com o tempo que eu estava jogando esta temporada e meu agente gritando em meu ouvido a cada chance que tinha, a preocupação de não acertar o corte aumentava em todos os jogos. O plano B de conseguir um emprego de escritório não fornecia nem de perto a segurança de que minha família precisava ou nada perto do que eu precisava para todas as minhas grandes ofertas para mim e Marisa.

— Seu pai e eu queríamos falar com você sobre isso, mas não tínhamos certeza de como tocar no assunto. O que está acontecendo com o seu tempo de jogo nesta temporada? Você está machucado? Aconteceu alguma coisa?

Eu andei apertando minha nuca. — O treinador e eu não estamos de acordo.

— O treinador não é o pai da Marisa?

Seu hmm curto veio de sua extremidade da linha.

— O que isso deveria significar?

— Nada. — A preocupação apareceu em seu tom.

Eu descobriria. Eu descobriria algo, embora o tempo estivesse passando.

— Sua irmã está trabalhando na pintura de seu portfólio desde setembro e mal pode esperar para mostrar a você.

Me apegando à mudança de assunto, pulei para Quinn. — Mal posso esperar para ver.

— Ela está entrando em um concurso de bolsas de estudo para RISD, mas há apenas algumas vagas.

A Rhode Island School of Design foi a escola em que Quinn se concentrou quando ela tinha onze anos e eu quinze. Era uma das melhores escolas de arte do país e tinha um preço anual para pagar um carro de luxo. E todos os sinos e apitos de um carro de luxo.

— Ela tem um plano alternativo?

— Pratt Cal Arts. — A risada mal foi abafada.

Eu gemi. Só assim, estávamos de volta ao quão importante esta temporada foi. Os sonhos dela e os meus estavam interligados, e toda a família estava olhando para mim em busca de uma saída, mesmo que dissessem que não.

Quinn merecia. Grande parte de sua infância foi transportada para hospitais com meu pai ou presa em casa comigo, ou ainda pior, levada para o treino de futebol comigo. Ela e Marisa costumavam ficar nas arquibancadas e dividir lanches durante os jogos.

Entrar era uma parte da equação, mas pagar por isso era outra. Mesmo com ajuda financeira, se eu não assinasse um contrato gordo, ela nunca poderia ir.

— Opções sensatas e práticas.

— Querido, eu sei que você está colocando muito peso em seus ombros agora. Você sempre fez. — Sua voz ficou aguada e minha garganta fechou.

Mamãe chorando estava entre meus três piores sons de todos os tempos. Houve muitas noites em que ela fez isso atrás de portas fechadas, quando pensava que todos estavam dormindo quando meu pai estava doente. Eu tinha ouvido e jurado que só haveria lágrimas de felicidade dela quando eu ficasse mais velho. Mais velho como eu estava agora.

— Mas eu quero que você saiba que estamos orgulhosos de você, não importa o que aconteça. Você terá se formado e jogado incrivelmente bem todos esses anos. Você tem sido a rocha muito antes de seu tempo, então quero que me prometa que vai se divertir um pouco antes de se formar.

Flashes de diversão passaram pelo meu cérebro. Comemorando depois de uma vitória. Batalha Nerf na casa. Marisa na minha cama. Eu balancei minha cabeça, tentando tirar a última visão. Faltam sete jogos para os playoffs. Mantenha-se firme.

— Não se preocupe, mãe.

Sua risada lírica inundou a linha. — É o que as mães fazem. Diga a Marisa que disse boa sorte em sua apresentação e mal posso esperar para vê-la.

— Eu vou. Te amo mãe.

— Também te amo querido. Vejo você em duas semanas e tenha um ótimo jogo no sábado.

Nossa ligação terminou. Não tinha tempo de esquentar meu jantar e chegar a tempo à apresentação de Marisa. Eu devorei minha comida agora morna, agarrei meu casaco com a surpresa dobrada dentro e me dirigi para a porta.

O Edifício Franklin ficava na parte mais antiga do

campus. Ainda não tinha sido substituído pelas reformas elegantes de aço e vidro surgindo por trás das barreiras de construção.

Segui as placas do Departamento de História da Arte e as placas coladas na porta para as apresentações da Guggenheim Fellowship.

A porta se abriu totalmente, batendo na cadeira de um homem mais velho sentado nas proximidades. Dentro da sala de conferências, todas as cabeças se viraram em minha direção.

— Desculpa. — Eu me encolhi.

Do outro lado da sala, Marisa bateu com a mão na testa antes de se endireitar e dirigir sua atenção de volta para a frente, onde o primeiro candidato havia começado sua apresentação. O olhar de Marisa disparou em minha direção com um sorriso meio sufocado contraindo seus lábios.

As cadeiras estavam presas na sala de conferências destinada a acomodar oito pessoas. A tela de apresentação na frente estava iluminada com obras de arte que Marisa provavelmente tinha me falado umas vinte vezes, mas eu não conseguia lembrar os nomes.

Eu passei por três pessoas na segunda fila, me espremendo na única cadeira vazia.

O cara que estava apresentando falou muito animado sobre as esculturas em seus slides, que pareciam ser estudos da forma feminina. Eu não tinha 100% de certeza de que esse cara não seria levado embora por tentar transar com uma.

— Como vocês podem ver, as linhas são magníficas. — Houve um silêncio desconfortável enquanto ele passava o dedo pelas curvas de uma escultura de uma mulher sem cabeça. Nem um pouco assustador.

— Obrigado por isso. — A professora de Marisa pigarreou e deu um passo para a frente da sala para cortar a estranheza tão

espessa que fiquei surpreso por ainda podermos nos ver. — Apresentação fascinante. É sempre maravilhoso ver pessoas realmente entusiasmadas com a arte.

Tão animado, ele provavelmente teve uma ereção.

— A seguir, temos Marisa Saunders. Ela passou o verão passado no museu e concentrou seus estudos nos esforços de preservação com uma dupla graduação em química e história da arte. É uma combinação bastante única, embora eu saiba que há um pouco de preconceito da equipe da casa. Marisa. — A professora estendeu a mão para dar as boas-vindas a Marisa. Ela estava com o uniforme do museu: uma camisa de botão azul que eu passei para ela ontem e uma saia de tweed cinza. Só faltava os óculos e um blazer com cotoveleiras, e ela combinaria com metade das pessoas na sala.

Eu mantive meu assento. Aprendi isso da maneira mais difícil, quando me levantei e aplaudi durante uma apresentação na galeria em seu segundo ano. Ela não tinha falado comigo por uma semana depois. A multidão de arte não estava acostumada a apoio lateral barulhento. Quem não ama alguém começando um cântico soletrando cada letra de seu nome? Aparentemente, apreciadores de arte.

Meus dedos agarraram as laterais da minha cadeira.

Ela não parecia tão nervosa quanto eu. Isso era pior do que ficar dentro do túnel esperando para correr para o campo, mas não havia paredes para bater ou pular e bater nos capacetes de outros caras nesta sala abafada.

Em frente a uma sala de aficionados por arte, ela chamou a atenção de todos e lançou seus planos para o verão. Ela ganhou vida, animada de uma forma que não sinalizava que ela poderia começar a namorar Andy Warhol ou Kandinsky.

— Outro projeto de divulgação da comunidade seria fazer com que grupos turísticos trabalhassem juntos para criar seu próprio

Jackson Pollack. Poderíamos definir as telas no início do passeio. Menor que de Pollock. Não acho que muitos visitantes conseguiriam encontrar espaço para uma pintura de 2,5 metros por 6 metros na bagagem. O uso de tintas à base de água de secagem rápida permitiria ao guia fornecer a tela acabada ao final do passeio. Pode haver um fotógrafo designado no final para fotografá-los e fornecê-los aos visitantes para levarem como lembrança. — Quando ela me contou sobre essa ideia pela primeira vez, fiquei impressionado. Não apenas mostraria a todos como a arte "fácil" realmente era difícil, mas envolver as pessoas na arte iria levá-la de coisas na parede para coisas criadas por pessoas incrivelmente talentosas.

Um murmúrio percorreu a multidão atolada na sala. Sussurros sobre como era uma ótima ideia e como alguns poderiam querer experimentar em outros museus circularam pela sala.

O orgulho fez uma dança da zona final no meu peito.

Marisa encerrou sua apresentação e houve um aplauso educada - não os gritos de bater no peito e pintar o rosto de um touchdown que deveria ter havido.

Depois de mais alguns comentários de sua professora, o grupo foi convidado para um café e lanches no corredor do departamento.

Eu deixei todos os outros sairem para fora da sala, incluindo o cara estátua sombrio.

Marisa se aproximou de mim, sorrindo como uma maníaca. — O que você acha? — Seus olhos brilharam com uma luz de vitória do campeonato.

— Você acertou em cheio. — Eu levantei minha mão e ela de um high-five. Me inclinando, puxei-a para mais perto do que precisava, mas pegaria o que pudesse. — O primeiro cara era tão assustador quanto o estátua doentia?

Ela sussurrou de volta com os olhos arregalados. — Isso foi muito estranho, certo? Eu estava me perguntando se era só eu.

— Espero que ninguém acenda nenhuma luz negra sobre as obras de arte que ele está perto.

Seu rosto se contorceu de pavor e nojo. — Grosso, L.

Eu ri, nem mesmo tentando esconder.

— Não, o primeiro cara era tão chato que tive que enfiar o lápis na mão para me manter acordada. — Ela ergueu a mão.

Pegando-o, tracei meu polegar sobre os entalhes quase imperceptíveis entre o polegar e o indicador. Sua pele era lisa e macia e fazia muito tempo que eu não tinha uma desculpa para tocá-la assim.

— Você realmente matou aquela apresentação. — Ofereci uma limonada diluída em forma de sorriso. Por mais orgulhoso que eu estivesse, uma parte de mim não queria que ela estivesse tão apaixonada e animada com essa viagem. Na linha de 50 jardas vestindo a camisa número um, temos a mim, o idiota total. Que eu queria que eles - mesmo em uma pequena parte da minha mente - escolhessem um cara chato ou um cara muito interessado em arte me mostrou o quão idiota eu era.

Marisa trabalhou duro para isso, e eu a apoiaria nisso como fiz em todas as coisas.

— Vamos, vamos invadir a mesa de comida e beber um café horrível e nos empanturrar de biscoitos quebradiços.

— É um grande plano.

Dois anos.

14

MARISA

Bem na hora que eu estava a um quarteirão da casa de Ron, meu estômago deu um nó, se contorcendo como um pano torcido cheio de água suja de esfregão. A necessidade de me formar era a única coisa que me fazia continuar. Se eu tivesse sorte, ele cancelaria mais desses jantares. Sempre acontecia alguma coisa.

O friozinho no ar foi mais pronunciado e em pouco tempo eu seria capaz de ver minha respiração suspensa no ar. Em algumas semanas, aquelas pobres travessuras não seriam capazes de exibir suas fantasias sob todas as camadas.

Eu puxei minhas mangas para baixo do casaco. Talvez conseguíssemos alguma desculpa antecipada para escapar de um jantar com Ron.

Não que eu me importasse. Eu amei os dias em que ele cancelou. Ele iluminou exatamente onde estavam suas prioridades. Haviam 28 segundas-feiras entre mim e a formatura. Ele cancelaria pelo menos a metade, e eu estaria livre. Inferno, uma vez que ele assinou minha isenção de mensalidades para a primavera em dezembro, talvez eu acabasse tão ocupada quanto ele e pulasse tudo isso. Gratidão a um homem que eu deveria odiar, que me causou tanta dor que era uma pílula coberta de vidro para engolir. A seguir veio a culpa por não ser grata por eu ter me formado na faculdade quase sem dívidas, o que desencadeou todos os tipos de raiva por ele não merecer nada da minha gratidão ou apreciação depois de me abandonar.

Quando eu o contatei sobre a transferência para o Fulton U

depois de perceber onde ele foi parar e para onde LJ foi eram iguais, parte de mim pensou que ele nunca responderia e eu teria que descobrir outra coisa, mas ele disse sim. O negócio veio com um problema. Os jantares não tão semanais. E ele ainda segurou os cordões das marionetes por mais alguns meses. Então eu estava pronta. Nenhum desses jantares me mostrou que ele fez mais do que o esforço básico. Sempre em seus termos e na sua conveniência.

Parei na esquina a dois quarteirões da casa, esperando LJ. Fazer esses jantares sem ele tinha sido uma merda. Mas depois dos primeiros ele insistiu em vir comigo. Quando surgiu a escolha de fazer algo com ou sem LJ, houve um vencedor claro, sem disputa.

Ele era minha rocha e a única pessoa com quem eu podia contar para me apoiar - mesmo que ele aparentemente tivesse dificuldade em ouvir. Mas ele também tinha muito em que pensar.

Eu odiava o quanto eu precisava dele. Eu odiava me sentir carente. Eu odiava me sentir vulnerável.

Ele poderia me cortar em duas com uma palavra, mesmo sem perceber. Nosso beijo na viagem do último ano e o dia na porta com meu pai. Completamente alheio, ele alcançou meu peito, agarrou meu coração e o jogou direto em minhas mãos.

Esta foi a melhor hora para pensar no meu futuro. Aquele sem ele. Eu não poderia ser a necessitada e chata neste relacionamento para sempre. Eu só precisava de mais alguns meses.

Eu verifiquei meu telefone.

Nenhuma mensagem de LJ.

Ainda faltavam quinze minutos para o jantar oficialmente começar, mas eu não apareceria mais cedo. Bati meu telefone contra a palma da mão e caminhei pela calçada.

Uma notificação por e-mail apareceu do meu consultor com a linha de assunto. — Parabéns! Você foi selecionado.

Será que um dos professores de história da arte abriu outro e-mail spam que ameaçava derrubar todo o servidor de e-mail novamente? No mês passado, recebemos uma notificação de ganhadores na loteria.

Contra todos os conselhos de TI, eu o abri.

E gritei, deixando meu telefone cair na calçada.

Peguei meu telefone do chão e li o e-mail com a mão sobre a boca.

— Marisa! Você está bem? — LJ gritou pela janela do passageiro.

— Ótima. Totalmente ótima. — Eu mantive minha dança feliz sob controle e pulei em seu carro, querendo me pendurar na janela e gritar no ar do outono.

Ele rolou em direção à casa. — Você parecia uma miniatura do YouTube clickbait lá atrás. O que está acontecendo?

Eu queria contar a ele. Eu queria pular para cima e para baixo e gritar de empolgação, mas segurei. Foi um grande passo. Enorme.

Eu precisaria passar por todas as informações finais de ajuda financeira para ter certeza de que poderia fazer funcionar. Sem o dinheiro do seguro contra o incêndio, a situação de moradia teria sido complicada na Itália durante o verão. Dois anos inteiros em que eu teria apenas o dinheiro da bolsa para depender poderiam explodir na minha cara, se eu não fizesse os números. Mas eu queria. Eu realmente queria.

LJ estacionou o carro. — Você não vai me dizer?

— Não precisamos contar tudo um ao outro. — Eu provoquei.

— Tudo bem, então eu não vou te dizer o que eu estava pensando sobre o presente de aniversário da minha mãe. — Ele estendeu a mão para a porta, mas eu agarrei nele e o puxei de volta. Nós sempre compramos um presente juntos, mas este ano ele disse que queria comprar algo para ela sozinho. Foi mais um buraco aberto em nossa fraternidade de quinze anos. Esperançosamente, não era outra camisa de futebol.

— O que é isso?

Ele sorriu, tentando tirar meus dedos de seu braço. — Mostre o seu e eu mostrarei o meu.

Eu o empurrei com um som de nojo. — Você é realmente o pior, sabia disso?

— É o que você diz. — Ele saltou e correu ao redor do carro para abrir minha porta.

Ok, talvez ele não fosse o pior. Eu sentiria falta de pequenas coisas como essa depois que nos formasse. Bem então me ocorreu. A irmandade. Restam cinco jogos em sua temporada. Fim do Jantar de Segunda-feira Downer.

A coisa toda estava chegando ao fim. Deveria ser 100% feliz, mas comparecer e evitar esses jantares foi um ponto estável na minha vida universitária na FU. Seria estranho ver isso ir embora.

Ele caminhou na minha frente e parou no último degrau, olhando para mim.

— Desculpe, estou apenas pensando. — Eu coloquei meus dedos na porta.

— Pensando sobre o que?

A porta se abriu antes que ele pudesse fazer mais perguntas e, pela primeira vez, fiquei feliz por Ron ter aparecido para distrair LJ, então ele não se concentrou em me bisbilhotar. Mas esses sentimentos evaporaram no segundo em que ultrapassamos o

limite. Ron ficou parado na nossa frente, o rosto vermelho com um olhar tonto e envergonhado em seu rosto.

Outra pessoa foi convidada para jantar. Uma mulher de quase trinta anos se sentou na cadeira que eu geralmente sentava ao lado de Ron. Eu balancei minha cabeça, certificando-me de que não estava vendo algo duplo ou tendo alucinações. Havia dois talheres no lado em que LJ geralmente se sentava sozinho. Eu parei, focando nesta mulher de cabelo curto e bonito e lindos olhos de mãe com rugas nas bordas sorrindo para mim da sala de jantar.

LJ roçou meu lado e grudou em mim como se meu casaco fosse feito de cola maluca.

— Quem é aquela? — O buraco no meu estômago que eu pensei que não poderia ficar mais profundo acabou por ter um alçapão surpresa nele.

E foi então que a maneira como ele atendeu a porta, tão diferente de qualquer outra vez que ele atendeu, se encaixou no lugar. Ruborizado, ligeiramente embaraçado, cauteloso. Era o tipo de olhar que alguém teria se tivesse sido pego se beijando.

— Marisa e LJ, gostaria que conhecessem Nora.

Ele continuou andando, mas eu continuei enraizada no lugar.

Nora deslizou a cadeira para trás e se levantou, com suavidade, sem esforço. Ela estava com uma roupa de outono de bom gosto - um suéter creme, calça preta, sapatos pretos e um colar de prata simples. Uma roupa perfeitamente bonita e normal. Ela caminhou em volta da mesa cautelosamente, como se ela não quisesse se intrometer.

Muito tarde.

Eu olhei para Ron. — Quem é ela?

Ele acenou para a frente em direção à mesa. — Vamos. Vou

apresentá-la.

LJ agarrou minha manga e me arrastou para frente.

Meus pés atingiram o chão com passos de Frankenstein. Com cada um, um novo alçapão se abriu.

— Nós dois não temos sido os melhores em compartilhar, então pensei em compartilhar algo com você. — Ele sorriu para Nora e ficou atrás de seu assento, segurando-se nas costas da cadeira como se estivéssemos sentados para um bom jantar em família. Nada fora do comum aqui.

— Estou tão feliz por finalmente conhecê-la, Marisa. Ron me falou muito sobre você. — Ela deu um, tapinha no braço de Ron.

— Engraçado, ele não disse uma palavra sobre você. — Eu cortei meus olhos para ele.

LJ limpou a garganta e estendeu a mão para um aperto.

Ela pegou, seu sorriso vacilou um pouquinho.

Meu sangue correu da minha cabeça e eu balancei, me segurando nas costas da minha cadeira.

Seu sorriso era caloroso e seus olhos também. Não foi até que ele vacilou que notei a mão estendida em minha direção.

Sem humor para brincadeiras, tirei o chapéu e coloquei no bolso do casaco. Eu estava sendo criança? Provavelmente, mas Ron tinha acabado de me dar uma namorada do nada. Sem consideração, sem pedir, sem aviso.

Sempre achei que futebol era sua vida. Era tudo o que ele tinha tempo e tudo para o que ele sempre arranjaria tempo. Mas aqui estava um exemplo vivo de como isso era falso. Ele atingiu um novo poço de raiva que eu não sabia que existia.

Ele tinha uma namorada e a convidou para jantar.

Uma sensação construiu-se no fundo da minha garganta, subindo até meu nariz e queimando minhas narinas. Pressão e umidade. Eu pisquei, olhando para a mesa. Sem lasanha de supermercado esta noite. Tudo aqui parecia feito em casa, até os brownies fatiados e empilhados em um prato com tema de outono.

LJ puxou minha cadeira. — Marisa, sente-se. — Ele abaixou a cabeça e sussurrou em meu ouvido. — Você está bem?

Em vez de responder, sentei-me sem tirar ou mesmo desabotoar o casaco.

Uma conversa afetada fluiu ao meu redor. Talheres, copos, talheres e pratos tilintavam e raspavam uns contra os outros enquanto todos enchiam seus pratos. LJ colocou rosbife, purê de batata e feijão verde no meu depois de várias tentativas de me fazer pegar meu prato.

— E as crianças ficaram muito felizes em escolher suas fantasias.

Isso enviou um choque direto através de mim. — Crianças?

Nora olhou de Ron para mim. — Sim, tenho uma menina de oito anos e meninos gêmeos de seis. Ron foi tão legal e os levou para encontrar suas fantasias de Halloween.

Minha cabeça chicoteou dela para ele.

Ele sorriu para ela. Não do tipo forçado e inseguro que ele me deu, mas um sorriso aberto. Tão confortável. Eles não estavam namorando recentemente. Já fazia um tempo. Ele estava brincando de pai para os filhos dela por um tempo. Ele largou os talheres e limpou a boca com um guardanapo. — Não foi grande coisa. Fiquei feliz em fazer isso. — Sua mão caiu sobre a dela.

Eu coloquei minhas mãos em meu colo. — Você levou os filhos dela para fazer compras no Halloween? — As palavras vacilaram e balançaram. A umidade ardente estava de volta,

batendo na parte de trás do meu nariz e rastejando em direção aos cantos dos meus olhos. Eu limpei minha garganta.

— Eles são bons garotos.

— Certo. Boas crianças. — Eu engasguei como se tivesse sido lançada no vácuo. Engolindo em seco, me virei para Nora. — Há quanto tempo vocês dois namoram?

Ela lançou a Ron um olhar preocupado. — Há pouco mais de um ano agora.

Eles estavam namorando há mais de um ano. E ele estava chateado por eu não ter contado a ele sobre o incêndio quando ele estava namorando Nora aqui desde outubro passado. Ele levou seus filhos para fazer compras das fantasias no último Halloween também? Eu fui um fantasma ou um zumbi com o rosto pintado para a maioria dos Halloweens enquanto crescia. Os pais de LJ teriam me levado para fazer compras, mas eu não queria muito, e Deus sabia que minha mãe não poderia gastar alguns dólares por uma fantasia - não quando havia álcool na equação. — Uau, isso é incrível. Tão maravilhoso que você já está se relacionando com eles.

Seu sorriso era frágil como vidro estourado. — Demorou um pouco antes de estarmos prontos, mas eles estão se dando muito bem. As crianças adoram Ron, e eu fiquei muito feliz por finalmente poder vir te conhecer.

— O que te fez pensar que essa era uma boa ideia? — Eu olhei para meu pai e limpei o nariz na manga.

Ele suspirou. — Eu queria mostrar a você que não sou essa pessoa horrível que você pensa que sou.

Isso era pior. Porque ele obviamente não tinha estado com seus filhos. Mas ele abandonou a face da Terra e ignorou a sua. Meu pescoço aqueceu, o sangue latejando em minhas veias, e torci meus dedos no colo, tentando manter tudo junto.

— Tudo o que você conseguiu me mostrar é que tem sido mais pai para essas crianças que mal conhece agora do que jamais foi para mim. — Minha voz falhou.

LJ cobriu minhas mãos com as dele.

Se eu olhasse para ele, iria quebrar.

— Você acha que é a única que já passou por muita coisa. — Ele lançou um olhar apaziguador de leve embaraço para Nora. Seu olhar de "Eu disse que ela era dramática" ou alguma outra besteira.

Eu pulei da minha cadeira, a raiva travando uma guerra em meu peito. — Você não sabe nada sobre mim ou minha vida!

— E de quem é a culpa, Marisa? Fazemos isso há quase dois anos e você se recusa a dizer mais do que algumas palavras para mim. Achei que se Nora estivesse aqui...

— Porque eu não quero estar aqui. Você teve sua chance de ser meu pai e foi embora sem pensar duas vezes. — Agora as lágrimas queimavam seus dutos. Eu jurei que não choraria por ele novamente. Eu pensei que estava entorpecida com qualquer merda que ele pudesse fazer. Acontece que eu estava errada e odiava não ser capaz de controlar todos esses velhos sentimentos que me faziam sentir como uma menininha abandonada de novo.

Ele bateu com o punho na mesa. — É isso que você acha? Você acha que eu não pensei duas vezes em você depois que saí?

— Com certeza não senti vontade quando minha mãe recitou a lista de todos os motivos pelos quais vocês se separaram. Quando eu esperava acordada à noite, sentada no degrau da frente no meu aniversário, esperando que talvez, apenas talvez você viesse. Quando eu contasse ao Papai Noel, tudo que eu queria era que Ron viesse me resgatar. Quando minha mãe estava tão bêbada, eu tive que nos levar de carro de um restaurante aos 12 anos. — Minhas mãos tremeram. Velhos

sentimentos de traição e raiva rugiam em minha cabeça, tornando difícil pensar. Eu estava ficando tonta. Meu peito apertou e eu funguei, tentando não quebrar.

— Eu queria estar lá para você. — Ele se levantou de repente.

— Mas você não estava. — Limpei as lágrimas ardentes, aquelas que apareceram no pior momento possível. Essas foram as lágrimas que vieram quando eu estava tentando permanecer forte, e a tristeza e a raiva colidiram como uma tempestade no céu. — E eu estava presa a uma mãe alcoólatra que com certeza me contava *todos os dias* o quanto eu estraguei sua vida.

LJ se balançou para trás na cadeira, quase derrubando-a.

Eu olhei para ele, odiando o choque e a preocupação em seus olhos.

— Marisa, por que não...

— Estou farta disso. Eu não te disse, LJ, porque você nem tinha a ideia de como era ter um pai de merda. Sua mãe se atrasou para buscá-lo no primeiro dia em que nos conhecemos porque o pneu do carro dela furou. Ela apareceu se desculpando centenas de vezes e nos levou para tomar sorvete quando você disse que eu também estava esperando.

Limpei as lágrimas que embaçavam minha visão. Eu deveria me conter. Ele não precisava saber disso. Não foi culpa dele, mas agora atacar era tudo que eu tinha. Era tudo que eu podia fazer para me manter de pé.

— Você sabe o que diabos minha mãe estava fazendo quando cheguei em casa?

Silêncio mortal. O relógio estúpido na sala de estar marcava os segundos.

— Ela nem estava lá. Ela voltou para casa à meia-noite depois de voltar dos cassinos. — Uma risada histérica e aquosa saltou da

minha garganta.

Meu olhar voltou para Ron. — Foi com quem você me deixou. Eu era uma garotinha de oito anos, assim como a de Nora, mas você não me levou às compras de Halloween. Você estava na estrada em jogos ou viagens de reconhecimento e então parou de voltar para casa. Você apenas parou. Fico feliz em saber que você pode ser um cara legal. — Era a faca que eu já tinha pensado que estava torcida o máximo que podia, mas não. Houve mais. Limpei meu nariz com a manga, meu rosto uma bagunça absoluta. — É incrível que você tenha esse instinto paternal aí. É uma pena que você não o usou com sua própria filha.

Não havia mais palavras a dizer. Meu peito queimava como se alguém estivesse colocando pilhas de carvão em uma fornalha ou jogando um barril inteiro em uma fogueira e estilhaços cortaram meu corpo.

Eu escancarei a porta e fugi de sua casa. Meus pés bateram na calçada pavimentada e eu cortei a grama para acelerar minha fuga. Cega pelas lágrimas, corri pelas casas ao longo da rua, ofegante.

Desta vez, LJ não pulou na minha frente. Ele me abordou, envolvendo os dois braços em volta de mim e me segurando contra seu peito.

Eu empurrei seus braços. — Pare. Sai fora. — Escorregando de seu aperto, comecei a correr.

— Marisa! — Ele poderia me pegar - ele era muito mais rápido do que eu - mas não o fez.

Ele me soltou.

A cada passo, uma sacudida percorreu meu corpo que arrancou soluços horríveis da minha garganta.

A cada passo, a queimadura ficava mais quente.

A cada passo, eu odiava a maneira como LJ tinha olhado para mim quando eu deixei escapar o maior segredo que eu estava escondendo dele desde que nos tornamos amigos.

Ron tinha uma namorada com filhos. Uma filha de oito anos. Gêmeos. E ele era tão bom com eles.

Eu acabei de contar tudo para LJ, o segredo que eu mantive dele desde o início de nossa amizade. Estúpida. Tão estúpida para deixar escapar coisas assim.

Meus pés bateram no chão até que eu derrapei e parei, me agarrando ao parapeito da varanda do Brothel.

— Marisa! — LJ gritou. A porta de seu carro bateu.

Eu me atirei escada acima e enfiei minha chave na porta da frente, fechando-a atrás de mim e corri escada acima para me esconder e assim como Keyton, e nunca mais ser vista.

Mas a porta não travou.

Seus passos atrás de mim eram tão altos quanto os meus trovejantes batimentos cardíacos.

Entramos pela minha porta quase ao mesmo tempo.

Ele pegou meu braço e me girou para encará-lo. — Pare de correr. — Seu olhar era feroz, beirando a raiva.

A pressão de queima estava de volta, batendo furiosamente no meu nariz.

Seus sulcos suavizaram e ele segurou meus braços. — Pare de fugir de mim, Marisa. Por favor.

— Por que eu não deveria correr? Talvez eu queira correr pelo menos uma vez. Primeiro meu pai e depois minha mãe em todas as malditas chances que ela teve.

Seu rosto estava cheio de tristeza e choque. — Por que você

não me contou? — As palavras beiravam o desespero.

— O que exatamente? Que minha mãe, se é que ela poderia ser chamada assim, era alcoólatra? Que passei um tempo na sua casa porque odiava ficar sozinha em casa? Porque eu odiava ir para a cama com fome? Porque eu a odiava rolar no meio da noite sozinha - ou não?

— Tudo isso. — seu sussurro foi tão intenso que causou arrepios na minha espinha.

Os soluços horríveis e devastadores estavam de volta como se tivessem sido arrancados do fundo do meu coração. Foi uma detonação emocional que só ele poderia provocar.

Ele me abraçou, me segurando com tanta força que eu mal conseguia respirar. Ou talvez meus pulmões tenham parado de saber como funcionar.

Silenciosamente, com as lágrimas ficando frias contra minha pele, eu o segurei, me agarrei a ele. Ainda me sentindo a segundos de sair da minha pele.

A casa estava silenciosa e subimos para o meu quarto. Meus dedos e a ponta do meu nariz formigaram com a mudança de temperatura.

Lágrimas inundaram meus olhos enquanto meu corpo derretia com o frio. Todas as coisas que eu escondi de LJ foram retidas por uma represa perto de estourar. O aguaceiro levantou a água e bateu nas bordas da parede que eu construí para separar essa parte de mim de quem eu era com ele.

Tirando meu casaco, me joguei no chão, querendo acabar com isso.

Pela expressão em seu rosto, ele não desistiria.

Ele tirou o casaco e pendurou-o nas costas da minha cadeira. — Você poderia ter me contado.

— E me tornar um caso de caridade para sua família? — Eu recuei e cruzei as pernas.

Ele me encarou, sentou e cruzou as dele. — Porque você pensaria isso? Teríamos feito qualquer coisa por você. Ainda fazemos.

— E me tornar uma vagabunda ou alguém que você sentiu que tinha que manter por perto? Não. Esse não é o meu negócio.

— Que diabos está errado com você? Por que você continua falando sobre si mesma assim?

Eu balancei minha cabeça, desviando o olhar. — Você não sabe o que é ser... — Eu parei.

— Não, não pare. Sou seu amigo desde a terceira série. Como você pode pensar que eu não gostaria de saber?

— Há mais do que algumas coisas que você não quer saber sobre mim, LJ. — Tentar compartilhá-los no passado só me machucou. Ele queria ser meu cavaleiro de armadura brilhante, mas eu não era sua princesa na torre. Eu era sua ajudante.

— Coisas como o quê? — Ele cutucou e não o deixou cair.

— Coisas como a cicatriz no meu pulso eram da primeira vez que eu tentei fazer sopa sozinha e minha mãe entrou e derramou tudo e eu peguei a panela como uma idiota. Ou na semana que passei com você no verão antes da nona série, minha mãe não estava visitando um amigo em Chicago. Eu não sei onde diabos ela estava. Ainda não tenho ideia. — Eu estava chateada pela criança assustada e solitária em casa e sentindo tudo que ela era ao mesmo tempo.

Ele se segurou em mim e me balançou até que as lágrimas se dissolvessem e minha pele coçasse por causa do sal que manchava minhas bochechas.

— Por que você não me disse que era tão ruim assim?

— O que você poderia ter feito?

— Alguma coisa? Qualquer coisa?

— Você ia me mudar para sua casa na árvore? Éramos crianças.

— Sim, mas meus pais teriam ajudado. Eles teriam mandado você morar com a gente ou rastreado seu pai.

— Você já tinha a casa cheia. Me adicionar à mistura quando todos estavam lidando com tanta coisa já não estava bem.

— Dane-se, certo. Minha mãe te ama como uma filha. E-eu não posso acreditar que você escondeu tudo isso de mim por tanto tempo.

— Que diabos isso importa? Por que você está ficando chateado? Você deveria estar feliz, eu te salvei de lidar com toda a minha bagagem. Jogamos videogame e comemos comida ruim no seu quarto e no quintal, vagamos pela floresta e saímos juntos. Éramos crianças.

— E você era uma criança lidando com coisas que não deveria.

Dei de ombros. — Eu poderia dizer o mesmo sobre você. Você estava lidando com todo o estresse de seu pai estar doente. Você estava ajudando sua mãe e Quinn. Todos nós temos que lidar com merda pesada às vezes.

Ele esfregou as mãos no rosto. — Eu gostaria que você tivesse me contado.

— Deixe-me entrar na minha máquina do tempo e ir direto ao ponto. Existem algumas coisas que você não quer saber. — Eu encarei o chão, tentando parar a inundação. Eu mal tinha minha cabeça acima da água - despejar outro balde em cima não era uma ideia inteligente.

— O que mais? Conte. Que coisas você não pode me dizer?

Sobre Veneza e...

— E coisas como, eu gosto de você. Sempre gostei de você e você não sente o mesmo por mim. Então aí. Que tal esses novos bits de informação?

Sua cabeça caiu uma fração de centímetro, os olhos indo e voltando como se ele estivesse executando números em sua cabeça. Ele fechou os olhos com força.

Estúpida. Foi uma coisa estúpida de se confessar.

Virei, de frente para a janela do meu quarto e esfreguei minhas mãos no rosto.

— Marisa...

— O que? — Eu me virei para encará-lo.

Uma expressão de dor, quase torturada, lançou uma sombra em seu rosto.

Seus braços me envolveram, me segurando com força contra ele, e seus lábios eram fogo líquido caindo sobre os meus.

15

MARISA

CORAÇÃO pesado, sangue sangrando, meu coração batendo em minhas costelas, eu recuei olhando para ele.

— O que...? — Minha raiva se transformou em confusão.

Seus dedos agarraram meu rosto e deslizaram ao redor da parte inferior da minha orelha, me segurando contra ele enquanto ele mergulhava mais fundo no beijo. Sua língua sacudiu contra a minha e eu choraminguei, puxando um gemido dele, perdida na batida do sangue correndo em minhas veias.

Ele me soltou e olhou nos meus olhos. Não houve hesitação ou confusão neles, apenas fome.

E minha confusão mudou de curso e se transformou direto em paixão. O fogo furioso da raiva foi canalizado para uma necessidade. As comportas haviam se aberto, só que desta vez não era água - era fogo.

Meus lábios inchados e doloridos transmitiram um sinal que irradia por todo o meu corpo. A necessidade rastejando sob minha pele estava faminta por mais.

— Eu queria fazer isso há muito tempo.

Ofegante, acalorada com um grito mental de “finalmente”, eu encarei seus olhos, vendo a verdade de suas palavras. Meu coração estava finalmente livre para deixar todos aqueles sentimentos se soltarem, as lágrimas quase voltaram. Isso era felicidade pura e inalterada. — Por que diabos você demorou tanto?

Suas mãos deslizaram pelas minhas mangas até chegarem às minhas mãos e ele entrelaçou seus dedos nos meus.

— Quando estou aqui com você assim... — Ele ergueu nossas mãos e as segurou contra o peito. — Não tenho a menor ideia.

Havia tantas coisas para resolver, mas agora a necessidade estava vencendo. — Então me beije de novo.

Ele fechou minha porta com um chute e deu outro beijo. O primeiro não foi um acaso, nem de longe.

Isto não era um sonho. Esta não era uma saída falsa. Isso estava acontecendo.

Em pouco tempo, sons necessitados encheram o quarto. Levei muito tempo para perceber que eles estavam vindo de mim.

Abaixei minha cabeça em seu ombro. Uma oração quase silenciosa para ele não parar sussurrou em meus lábios.

Seus lábios dançaram ao longo da curva do meu pescoço, intensificando o calor que zumbia pelo meu corpo.

Minhas mãos correram ao longo de suas costas, puxando o suéter e a camiseta para cima.

Ele parou e balançou para trás, segurando minha bochecha. — Eu quero você, Marisa. — Com uma piscada longa e seu olhar estava de volta no meu. — Eu preciso de você.

Senti uma leveza no meu peito diferente de qualquer coisa que já senti antes. Ele precisava de mim. Ele me queria. Ele me teria.

— E eu preciso de você também. — Eu dei um passo para trás, agarrando a bainha da minha camisa e varrendo minha cintura em um movimento suave.

Seu olhar seguiu direto para o meu peito.

A pulsação entre minhas coxas se aprofundou, enviando faíscas de antecipação pelo meu corpo. Em seguida, uma pequena bola curva.

— Merda, você tem preservativos?

Sem uma palavra, ele saiu correndo do quarto e eu ouvi uma das gavetas da sua cômoda se fechar. Ele tinha uma caixa escondida lá. Eu os encontrei quando estávamos compartilhando o quarto e uma pequena onda de ciúme queimou em meu peito, mas agora eu estava feliz por ele os ter. Eu não deixaria o ciúme estragar esse momento.

Estourando em meu quarto, ele olhou para a pequena caixa fechada, e praguejou baixinho.

Não, não, não. E se ele estivesse recuando? Eu o alcancei. — O que há de errado? — Trilhei beijos ao longo de seu pescoço e deslizei minhas mãos em direção aos botões de sua calça.

— Eles estão vencidos. Droga. — Ele gemeu.

— Você está brincando. — Peguei a caixa. Isso não estava acontecendo. Eles dão punhados de preservativos no centro estudantil todas as semanas. Com certeza, a data estampada na caixa era mais de um ano atrás.

— Merda.

— Eu volto já. — Ele saiu novamente do quarto tão rápido que deveria haver uma nuvem de fumaça atrás dele.

Eu sentei na minha cama. Por que seus preservativos venceram? Agora não era a hora. E antes que eu pudesse deixar quaisquer dúvidas ou medos rastejarem de volta, ele estava de volta com uma tira de preservativos.

— São muitos preservativos.

Ele os jogou na minha cama atrás de mim e passou os dedos pelo meu queixo. — Eu não quero ter que voltar mais tarde.

As faíscas se transformaram em chamas.

— Bem, você não é um planejador.

— Estou esperando por isso há muito tempo. — Seus dedos deslizaram ao longo das minhas costas, lentamente correndo sob as alças pesadas do meu sutiã e camisa.

Antecipação formigando cobrou minha pele.

Repeti seus movimentos. Um espelho de saudade e fome.

Minha respiração engatou. — Quanto tempo?

Seus dedos percorreram o lado do meu pescoço.

Arrepios percorreram meus braços e o ritmo da pulsação entre minhas coxas aumentou. — Demasiado longo.

Quanto tempo exatamente? Outra coisa para guardar para depois. Não poderia ter sido tão longo quanto eu. Eu quase perdi a esperança de um dia sentir como era, de estar perto dele como algo mais do que sua amiga.

Seu cheiro me deixou tonta. Isso me fez pensar em caminhar em um dia ensolarado em uma floresta. Fresco. Terroso. Real.

Eu puxei sua camisa acima da cabeça, quebrando o domínio que nenhum de nós queria perder um para o outro.

Ele se virou, me puxando para frente pelas alças do meu jeans. Seus dedos roçaram minha cintura e deslizaram por baixo da camisa. Tomando seu tempo, seu maldito e doce tempo, ele puxou minha camisa para cima.

O toque áspero de suas mãos deslizando ao longo dos meus lados e desenganchando meu sutiã enviou um desejo vertiginoso irradiando através de mim.

Nós dois estávamos nus da cintura para cima, parados no meu quarto, e meu coração batia tão rápido que eu esperava olhar para baixo e ver a impressão.

— Você é linda. E você tem certeza disso? — Ele sempre teve que ser tão sincero e doce?

Mas uma batida. Isso mudaria tudo. Este não foi um beijo. Este não foi um trabalho quase manual errante. Isso era sexo. Um grande primeiro. Pode ser o nosso último, o último de tudo construído ao longo dos últimos quinze anos de amizade. Mas eu não conseguia parar.

Eu não pararia. Eu precisava saber.

— Deixe eu mostrar como tenho certeza. — Eu empurrei meu jeans e o chutei antes de puxar os botões dele e empurrá-lo para fora de seus quadris estreitos e abaixo de suas coxas musculosas.

Eles caíram no chão como os meus.

Seus olhos estavam fechados como se ele tivesse caído em uma meditação rápida, mas seu pau certamente não estava relaxado. Ergueu-se reto, grosso, pesado. Seus lábios se movendo, dizendo palavras silenciosas.

Meu corpo zumbiu em antecipação. Uma onda de preocupação foi rapidamente sufocada pelo meu desejo e excitação.

Um ataque de hesitação me atingiu e então seus olhos se abriram.

— Só estou tentando me acalmar. Achei que estava pronto para ver você assim, mas puta merda, Marisa.

Eu ri, elogiando as palavras. — Se você gosta do que vê, venha buscar. — Eu abro meus braços.

Ele disparou para frente, girando-me até que me joguei na cama.

Meu cabelo caiu no rosto.

Seu corpo quente e pesado se acomodou sobre o meu.

Separei minhas coxas, deixando-o entrar. Deixando-o mais perto. A tensão e as preocupações que eu esperava não estava

lá. Não havia nada, exceto o zumbido não tão suave de antecipação. Meu batimento cardíaco de beija-flor poderia muito bem ter sido uma batida contínua, fazendo minha pele corar e brilhar.

Seus músculos tensos flexionaram, como se estivesse tomando todas as suas forças para se conter.

Eu não queria que ele se contivesse mais.

Ele baixou a cabeça e lambeu um dos meus mamilos, rolando o outro entre os dedos, enquanto balançava seus quadris contra mim. O esfregar lento e constante de seu pau contra meu clitóris persuadiu gemidos do fundo da minha garganta.

Eu segurei sua cabeça.

A combinação de língua e dentes estava fazendo maravilhas em meus seios. Eu nunca pensei que eles fossem tão sensíveis. Aparentemente, eles simplesmente não tinham conhecido o cara certo. LJ era aquele cara.

Calor e estremecimentos enrolaram em minha barriga.

A carga correndo através do meu corpo aumentou, e os sons de onde seus quadris batiam contra os meus beiravam o obsceno. Mesmo a menor partícula de reserva evaporou. Eu queria isso. Eu o queria.

Tateei na cama e peguei os preservativos. — LJ, aqui. — Eu rasguei um e segurei para ele.

Ele parou e olhou para mim com as bochechas rosadas e um lampejo de confusão. — Certo. — Ele riu e se levantou, rolando o látex em seu eixo.

Um suspiro feliz passou pelos meus lábios quando ele caiu de volta e cutucou minha boceta.

Seus dedos afastaram o cabelo do meu rosto e ele olhou nos meus olhos.

Se havia um tempo para não ser um cavalheiro, era agora, mas LJ sendo exatamente quem ele era, era por isso que eu o amava tanto. Ele correu a ponta do seu pau para cima e para baixo na minha entrada.

— Vamos, L. — Meu coração disparou, arrancando todas as camadas entre nós.

Ele encontrou meus lábios e bebeu deles em grandes goles.

Eu me agarrei a ele.

Meus dedos do pé torceram quando ele empurrou para dentro. Tanta pressão. Cheio. Tão cheio. Minha boca se abriu em um grito silencioso.

Seu pau empurrando para dentro. Me alongando e me espalhando.

Eu engasguei, apertando meus olhos fechados com a intensidade, respirando através da dor.

Ele olhou nos meus olhos, observando cada respiração. — Você está bem?

— Mmhh. — Eu balancei a cabeça, não confiando em minha voz, e a nitidez de sua invasão diminuiu em uma pulsação.

A sensação de plenitude deu lugar a ondas de prazer.

Suas estocadas construíram lentamente, até que balançaram em mim mais forte e mais rápido. Medido. Metódico. Enlouquecedor.

Uma provocação depois da espera. A dor foi embora completamente agora. Minha respiração engatou quando a corrente elétrica aumentou.

— Eu pensei que a frase fosse uma provocação. — Mudei meus quadris para fazê-lo afundar mais profundamente, mais rápido, completamente.

Cada meio golpe era um prazer torturante. E com um golpe, ele se enterrou em mim.

Eu gritei e minhas costas arquearam para fora da cama. Luxúria indefesa bateu em mim e roubou minha respiração. Mas eu precisava de mais.

Ele levantou a cabeça olhando para baixo entre nós. Suas pupilas estavam enormes e ele estremeceu, balançando-me junto com ele.

Olhando nos meus olhos, ele se levantou e eu mudei meus quadris, abrindo mais minhas pernas.

A respiração foi roubada de meus pulmões quando seu impulso lento me invadiu, uma invasão que enviou um prazer escaldante rolando pela minha espinha. A felicidade florescendo dentro de mim se transformou em um gemido eufórico enquanto sua direção lenta e constante alcançava profundidades que eu apreciava e queria nunca parar.

— Você está bem? — Seus dedos afastaram o cabelo do lado do meu rosto.

O suor gotejou em sua testa. Seu controle e carinho, nunca querendo me empurrar mais longe do que eu queria, tornava difícil impedir meu coração de inchar. Ele estava me olhando como se eu fosse a coisa mais preciosa em sua vida.

— Eu seria ainda melhor se você parasse de se conter. — Eu atirei a ele um sorriso torto e o incitei com uma inclinação de meus quadris.

Ele baixou a cabeça para trás e sibilou como se estivesse com dor. Um prazer excruciante do qual ele não se cansava e não podia escapar.

Minha cama balançou e bateu contra a parede como se estivéssemos tentando demolir o lugar.

Ele não estava se segurando agora.

O pouco que ele estava se contendo estava escrito no suor que cobria nossos corpos.

Se alguém voltasse para casa, pensaria que havia uma bateria no meu quarto, mas não estávamos parando.

Corri meus dedos ao longo do lado de seu rosto, deleitando-me com a barba por fazer e viajando para fazer cócegas em seu cabelo. — Sou toda sua, L. — mordendo lábio, eu girei meus quadris para distrair as palavras. Fique no momento.

Isso o estimulou. Empurrões girando, moendo e os sons de nossos corpos lutando em direção ao pico agora à vista aumentavam cada toque, gosto e cheiro.

Ondas cresciam sobre mim, me arrastando para as profundezas da bem-aventurança com cada impulso tirando minha capacidade de fazer qualquer coisa além de sentir.

Um clímax brutal me rasgou e meu gemido se perdeu em um grito. Enterrei meu rosto na curva de seu pescoço e segurei enquanto minhas paredes se fechavam em torno dele.

LJ assobiou e continuou, suas estocadas ficando mais fortes e desleixadas. O mantra silencioso estava de volta, só agora eu podia ouvi-lo com minha bochecha esfregando contra seu queixo, os cabelos curtos fazendo cócegas em minha pele.

— Linda pra caralho. Faça isso bom para ela. Linda pra caralho. — Na repetição.

Uma risada ficou presa na minha garganta com a maior coisa que LJ já disse durante o sexo. Eu senti as ondas, movendo-me de pico a pico antes que ele engrossasse dentro de mim, desencadeando outro orgasmo supersensível.

Desta vez, envolvi todas as minhas forças em torno dele, tentando impedir o movimento. Foi demais. Ele era demais e

ainda mais poderia ser a minha morte.

Ele desabou em cima de mim e eu me deliciei com seu peso e calor. Depois de tantas vezes dividir a cama, tinha que dizer que essa era minha posição favorita. Brilhante, formigando e feliz, eu o segurei, não querendo que esses sentimentos diminuíssem e o resto do mundo invadisse nosso momento.

Em vez de se afastar, ele deslizou seus braços por baixo de mim e me apertou com força contra ele. — Isso foi…

Eu ri abraço e o abracei de volta. — Com certeza foi.

Ele pulou da cama e se livrou da camisinha antes de pular de volta na cama comigo.

Desta vez, suas coxas fortes estavam do lado de fora das minhas e ele moldou seu corpo ao meu novamente, deslizando os braços atrás de mim.

Seu pau não tão mole quanto eu esperava estava aninhado em cima da minha boceta.

Eu estava coberta por seu corpo, sua força, seu carinho.

Agora não era a hora de colocar palavras no universo, mas não consegui voltar atrás. E, de repente, o pânico de alguém lá embaixo nos ouvir enviou um cotovelada direto ao meu estômago.

— Tem alguém em casa?

Ele jogou a cabeça para trás e pousou os dedos na lateral do meu pescoço. — Ninguém está aqui. Eles não voltarão por algumas horas. — Seus dedos percorreram meu ombro e os arrepios percorreram minha pele.

O resfriamento do meu corpo foi interrompido e revertido pelo apêndice crescente entre nós.

— Então temos tempo para outra rodada. — Eu agarrei sua bunda e apertei uma bochecha.

— Eu diria que temos tempo para pelo menos mais duas, se você quiser.

Peguei a tira de preservativos meio presa na parte inferior das minhas costas e agitei na frente de seu rosto. — Quantos você acha que podemos passar antes que alguém volte?

Seus lábios se contraíram. — Não tenho ideia, mas estou pronto para começar esta corrida em cinco. — Ele pegou a tira de mim.

— Quatro. — Eu me mexi debaixo dele e fiquei de joelhos.

— Três? — Ele se levantou e rasgou o pacote.

— Dois. — Empurrei seu peito e ele caiu de costas.

— Um. — Ele endireitou as pernas.

Eu me joguei sobre ele e o agarrei antes de levantá-lo e guiá-lo para dentro.

— Decolar.

16

LJ

Marisa me montou, seus quadris caindo e girando. O prazer de ranger os dentes foi injetado direto em minhas veias.

Eu segurei seus seios, brincando com os mamilos. Ela encontrou seu ritmo e eu adicionei minhas próprias estocadas cronometradas para atrair os gemidos, suspiros e olhares de surpresa dela.

Depois de tanto tempo me segurando, eu não conseguia mais. Eu não queria, não quando ela se sentia tão bem e fazia ruídos que batiam em um lado mais básico e primitivo de mim que não queria deixá-la ir. Não depois de finalmente estarmos juntos.

Com o tempo certo, não demorou muito para que meu foco mudasse de tornar isso bom para ela para se conter. Era muito bom. Observá-la tornou ainda mais difícil manter as rédeas.

Meu canto silencioso recomeçou e eu apertei meus olhos fechados apenas para abri-los. Eu não queria perder um segundo de seus lábios entreabertos e olhar encoberto.

Ela olhou para mim como se eu fosse um super-herói que apareceu com uma cesta de orgasmos para distribuir. Droga, eu queria correr para o telhado para ver se conseguia voar de verdade.

Eu agarrei seus quadris, puxando-a com mais força e me esfregando nela.

Isso a irritou. Sua cabeça caiu para trás e ela gritou meu nome antes de cair no meu peito.

Suado, bêbado de amor e saciado, eu a segurei contra meu

peito e escovei seu cabelo para um lado, massageando seu ombro.

Descendo do alto do sexo estava acontecendo mais rápido do que eu queria. Todos os motivos e bloqueios de estradas se alinharam na parte de trás da minha cabeça, prontos para desencadear uma chuva torrencial em nossa primeira vez.

Ela beijou minha bochecha e soltou um suspiro de contentamento.

Eu não queria sair desse lugar, mas precisava me livrar do preservativo.

Quando eu deslizei de volta para a cama, ela estava com o rosto pensativo.

A porta se abriu para as reservas, que se alinharam de maneira ordenada.

— Seus preservativos venceram.

— Sim. — Eu esperava que ela tivesse esquecido disso. E eu não tinha mais do que algumas células cerebrais sobrando após a segunda rodada para pensar em uma boa desculpa.

— Mas a validade é tipo, cinco anos.

Puxei os cobertores para baixo, meu coração batendo descontroladamente por razões totalmente diferentes de alguns minutos atrás. Ela deveria saber. Além disso, era uma cobertura sólida, se eu tivesse estragado tudo para ela.

— Sim.

— Foi uma caixa que você comprou de outra pessoa?

— Não. — Eu ri. — Eu mesmo comprei.

Ela se moveu sob os cobertores, as rodas girando e as engrenagens rangendo ainda mais alto. — Quando?

— Último ano do ensino médio. — Eu a encarei com a cabeça

apoiada no braço, desejando ter outro biscoito de distração para enfiar em sua boca, mas não querendo mais esconder isso dela.

— O que? — Suas sobrancelhas franziram, e então ela engasgou e olhou para mim com a boca aberta.

Fiquei tentado a fechá-la com o dedo.

Meu pescoço e meu peito queimaram de vergonha. O vermelho provavelmente era um sinal brilhante para aviões voando no céu.

— Você é *virgem*? — Quando ela disse a palavra, parecia que era em um idioma estrangeiro que ela nunca tinha aprendido. Ela se levantou, o cobertor caindo de seu corpo. — Você está falando sério?

Meu rosto esquentou de vergonha, como se alguém tivesse enfiado velas em minha boca e acendido os pavios. — Por que não gritar dos telhados? E não mais. — Sentei-me, mantendo o cobertor sobre meu colo como se os lençóis macios pudessem esconder minha autoconsciência. Quão óbvio tinha sido? Por que eu simplesmente não inventei uma boa desculpa?

— E a garota que você namorou no primeiro ano? — Ela se mexeu no meu colo, montando em mim, enrolada em seu próprio cobertor com os braços sobre meus ombros.

Minha cabeça balançou para trás, tentando descobrir que vida alternativa ela pensava que eu estava vivendo. — Eu não namorei ninguém no primeiro ano.

Seus lábios franziram. — Você não tem que mentir. Eu vi as fotos. Ela era uma morena bonita, alta.

Eu vasculhei meu cérebro tentando descobrir quem está mulher misteriosa poderia ter sido, o que não foi fácil com Marisa no meu colo. Pelo menos havia dois cobertores entre nós, ou eu teria problemas para lembrar meu próprio nome.

— Ela era alta. Esteve em muitas fotos com você. Todos os

jogos, mesmo os jogos fora de casa, ela estava lá.

— Tara? — Eu ri antes de endurecer meu rosto com o brilho de Marisa. Ela estava falando sério.

— Tudo bem, Tara. Sim, o que tem *ela*?

— Nós *não* estávamos fazendo sexo. Ela era a mascote.

— A mascote.

— Cavaleiro gigante dos desenhos animados.

— Era uma menina.

— Sim. Ela viajou com a equipe para jogos e outras coisas. Ela se formou no meu primeiro ano.

Seu aperto no lençol afrouxou e ele escorregou por suas costas.

— Ou a única garota do segundo ano com o falcão falso?

— Parceira do projeto de classe. Ela dormiu aqui algumas noites porque sua colega de quarto era louca. Ela queria roubar sua calcinha.

— A respeito.

Cortei sua lista com meu dedo contra seus lábios. A última coisa que eu queria era que ela saísse por uma tangente selvagem sobre mim e minhas atividades no quarto. Fugir não ia funcionar. Eu preciso que ela saiba.

— Eu não dormi com ninguém, nunca. — Minhas mãos envolveram sua cintura, meus polegares roçando a pele macia de suas costas.

Seu rosto passou por pelo menos dez emoções diferentes antes de se estabelecer em confusão.

— Por que não? — Ela se acomodou mais no meu colo.

Pelo menos ela acreditou em mim sobre isso, mas eu realmente queria contar a ela toda a verdade? Pareceria patético e estúpido? Por outro lado, eu já tinha corrido a bola até aqui, o que seria mais algumas jardas?

Eu inclinei minha cabeça e encarei seus olhos, os mesmos castanhos chocolate que me fizeram querer devorar brownies. — Elas não eram você.

— LJ... — Sua cabeça se inclinou. A pergunta estridente em seus olhos. — Ninguém?

Eu sufoquei meu sorriso. — Não estou dizendo que nunca fui beijado nem nada. Mas nunca parecia certo. — A linha entre ela não pensar em mim como um prostituto ou uma freira era difícil de entender. Este era o pior lugar possível para ela se sentar para esta conversa. Não havia para onde correr. Nenhum lugar para esconder. Eu não queria passar por um jogo de até onde eu tinha ido, e não precisava pensar em como a experiência dela eclipsou a minha.

Ou os caras com quem ela esteve.

Suas mãos acalmaram seus redemoinhos torturantes nas minhas costas. Sua cabeça abaixou e ela olhou para o mesmo ponto no centro do meu peito que ela sempre olhava quando não conseguia me olhar nos olhos.

Merda, eu tinha estragado tudo? Foi terrível e agora ela sabia por quê? O constrangimento me fez passar do meio mastro para o macarrão cozido em uma fração de segundo. Ela estava voltando e descobrindo que tudo fazia sentido agora? Eu deveria ter mantido minha boca fechada e fingido que não sabia por que eles haviam vencido. Não que mentir para ela nunca tivesse sido fácil. Segurar uma grande mentira era praticamente meu limite.

— Eu também. — ela sussurrou.

Mal consegui superar as batidas do meu coração tentando escapar pela minha garganta. — Você também, o quê?

Ela olhou para mim antes de baixar o olhar novamente, lambendo aqueles lábios carnudos que eu precisava provar novamente. — E-eu também sou virgem. Bem, eu era... — Seus lábios se contraíram.

Eu balancei para trás quase derrubando-a do meu colo.

Suas mãos dispararam, agarrando meu ombro e eu encarei seus olhos, surpreso com sua confissão e os anos de ciúme que eu tinha lidado pensando no cara que tinha conseguido fazer mais do que apenas dormir ao lado dela.

Seu ombro saltou e seus dedos fizeram cócegas na minha nuca, causando arrepios por todo o meu corpo. — Simplesmente nunca parecia certo.

— O que? Por que você não me contou?

Ela cutucou meu peito com o dedo. — Por que você não *me* contou?

Puta merda, Marisa era virgem. Eu a desvirginizei. Essas palavras detonaram na minha cabeça. — Eu teria feito questão de ir mais devagar ou...

— Se você tivesse ido mais devagar, eu teria cinquenta anos quando realmente fizéssemos isso. — Ela me deu um empurrão brincalhão.

O alívio de que algumas coisas entre nós ainda eram as mesmas trouxe um sorriso ao meu rosto.

— Eu estava tentando ser atencioso. E tomar meu tempo. E não dentro de três tacadas. — Eu torci meus dedos em seu lado.

Ela se contorceu e gritou, tentando sair do meu colo antes de ficar séria. — Como foi? — O canto de seu lábio inferior desapareceu em sua boca.

Erguendo seu queixo com meu dedo, olhei em seus olhos, não querendo que uma sombra de dúvida ou preocupação invadisse

sua cabeça quando ela pensasse sobre o que acabamos de fazer. — Eu deveria estar perguntando a você a mesma coisa. Não são geralmente os caras que estragam tudo na primeira vez da garota?

Seus dedos percorreram meu peito, traçando os padrões dos meus músculos.

Meu pau respondeu, pronto para viver de acordo com a minha provocação sobre fazer isso através de toda a faixa de preservativos.

— Talvez, mas eu não tenho nenhuma reclamação. Foi fantástico. — Maravilha encheu sua voz.

A respiração que eu nem sabia que segurava escapou. Minha bochecha se contraiu. — Eu sei, eu deveria ter feito isso anos atrás.

Seu olhar se estreitou e ela agarrou um travesseiro, me golpeando com ele. — Tarde demais agora. Consegui o primeiro lugar na cabeceira da sua cama. — Ela ergueu as mãos acima da cabeça e fez falsos ruídos de torcida.

— Eu já disse que você é a pior? — Eu relaxei contra a parede, observando seu brilho exultante, ainda totalmente ciente de nossa nudez e incapaz de tirar meus olhos dela. As coisas não pareciam nem um pouco estranhas. Parecia nós, mas melhor. Eu queria mais disso. Muito mais. — Não fico na mesma posição?

Seus lábios se curvaram em um sorriso petulante. — Acho que vou permitir. — Ela deslizou do meu colo e pegou uma camiseta - minha camiseta - e a vestiu. Subindo na cama, ela se sentou ao meu lado com as costas apoiadas na parede. — Que belo casal nós somos, dois virgens de 22 anos.

— Talvez haja mais de nós lá fora do que pensamos. — Eu a cutuquei com o cotovelo, não me sentindo mais sozinho ou louco por esperar por ela. Não quando temos que ter isso juntos.

— Talvez... — A mordidela do lábio estava de volta.

— Você está se arrependendo? — Meu estômago deu um nó e azedou. Deus, eu esperava que não. Foi a melhor noite da minha vida.

— Não! Você está?

— Nem por um único segundo. — Então, o manto da realidade e da responsabilidade caiu sobre meus ombros. Depois da explosão que Marisa teve na casa de seu pai hoje, ela não estava no melhor estado de espírito. As emoções foram intensificadas.

Ela poderia nunca ter dormido comigo, se o que aconteceu na casa dele não tivesse acontecido.

Eu também não queria que ela usasse isso como outra coisa para irritá-lo, pelo bem dela, pelo bem do que poderia ser recuperável no relacionamento deles, e por mim. Eu odiava o sentimento de merda e egoísta roendo meu estômago só de pensar nisso. Faltavam menos de seis semanas para a temporada e eu precisava salvar o que pudesse. — Mas talvez não contemos a ninguém sobre isso por enquanto.

Seus ombros enrijeceram e seu lábio caiu livre de entre os dentes. — Devemos manter isso em segredo.

Eu não sabia dizer se era uma pergunta ou não, mas fui em frente para o nosso bem. — Você realmente quer que os caras, inferno todo mundo que já disse que temos tesão um pelo outro, tenham a satisfação? Eles nunca vão nos deixar viver isso, e provavelmente vão presumir que, a qualquer momento que estivermos sozinhos, faremos sexo. Depois, há os outros caras da equipe. Pode causar problemas lá, se estivermos fora...

Ela puxou os joelhos até o peito. — E então haveria todos os tipos de perguntas sobre nossos planos para o futuro. O que faremos após a formatura. Não é como se estivéssemos namorando ou algo assim. — Ela encolheu os ombros. —

Especialmente depois que ganhei a Guggenheim Fellowship. Vou para Veneza duas semanas após a formatura.

A guerra entre orgulho e felicidade trouxe as grandes armas, tentando empurrar para fora a hesitação, dor de cabeça e ódio por uma cidade inteira.

— Você conseguiu. — Esse pedaço de informação tinha cavado em meu cérebro como um caco de vidro nas últimas horas.

— Sim. — Ela se endireitou, mas o orgulho e a ansiedade tomaram conta de seu rosto. — Estou totalmente de acordo com não contar a ninguém. Isso traria muitas questões. — Ela colocou o dedo mindinho.

Eu o enganchei e puxei para mais perto, deixando nossos lábios roçarem antes de correr minha língua sobre o espaço entre seus lábios e exigir a entrada.

Ela suspirou e eu aprofundei o beijo, querendo passar os próximos sete meses imprimindo minha memória em cada parte dela para ajudá-la enquanto estivéssemos separados.

A porta da frente se abriu. Passos pesados sacudiram a casa.

Eu atirei de volta e voei para fora da cama. — É Berk. — Pegando minhas roupas, procurei meus sapatos. E vesti minha boxer.

— Ele pode nem saber que você está aqui.

— Ei, LJ, você está aqui? Eu vi seu carro lá fora.

Merda! Ele estaria aqui a qualquer segundo. — Minha camisa. — Eu acenei meus dedos para ela.

Com um momento de hesitação, ela colocou a mão oposta em cada lado da camisa e puxou-a sobre a cabeça antes de jogá-la para mim.

Eu a coloquei e agarrei meus sapatos.

A escada rangeu.

Mergulhando na cama, dei um beijo nela antes de sair correndo de seu quarto. Largando meus sapatos ao lado da porta, coloquei minha calça jeans e deslizei na cadeira da minha escrivaninha, atirando-a a um metro da mesa batendo na minha cama.

Cravando meus pés no chão, corri para minha mesa, apoiei a cabeça na minha mão e abri um caderno. Meu coração disparou por um motivo totalmente diferente agora e eu engoli, tentando parecer natural. Apenas uma noite normal em casa. Estudando.

Berk apareceu sua cabeça. — Aí está você. Por que você não disse nada quando eu entrei?

— Eu estava estudando. Eu provavelmente desmaiei ou algo assim. E aí?

— Seu caderno está de cabeça para baixo.

Eu olhei para o papel pautado na minha frente e meu estômago embrulhou. Lutando, girei até que ficasse com o lado certo para cima.

— Às vezes eu faço isso, quando estou me questionando em minha cabeça, então não consigo ler as respostas.

— Ok, isso é estranho, mas tanto faz. Posso falar com você sobre algo? É sobre Alexis. — Ele passou os dedos pelos cabelos.

O alívio foi forte e doce. Berk nem parecia afetado pela minha desculpa, muito preocupado com o que estava acontecendo dentro de sua cabeça. Infelizmente, essa coisa era Alexis. Irmã dele.

Eu gemi e afundei na minha cadeira. — Cara, depois que ela tentou roubar minha carteira eu sei que a resposta será o oposto

do que ela quer que você ache. Eu não vou voltar com a proibição. Ela pode estar aqui, se você estiver aqui, mas não pode deixá-la aqui sozinha.

— Vamos lá, ela não é tão ruim. — Ele deixou cair os braços para o lado.

Ela era absolutamente a pior. Ex-irmã adotiva, ele era superprotetor com ela, embora ela parecesse ter apenas problemas. Mas eu daria uma folga para ele.

Depois dessa minha noite, não senti necessidade de repassar todas as coisas terríveis que ela fizera nos três anos e meio em que o conhecia. Eu queria segurar os sentimentos confusos aninhados em meu peito o máximo possível.

— Qual é o problema?

Berk esfregou a mão na parte de trás do pescoço. — Você está preocupado com o draft? Se vai conseguir?

Todo dia. — Às vezes, mas tudo o que podemos fazer é dar o nosso melhor nesta temporada.

Seus dedos tamborilaram ao longo da perna. — É difícil pensar que em sete meses estaremos fora do futebol para sempre e tentando encontrar um emprego regular, ou estaremos jogando em estádios ganhando mais dinheiro do que sabemos o que fazer com ele.

Meu intestino apertou com a primeira possibilidade. — Isso não vai acontecer. Estamos arrasando nesta temporada. Além do primeiro jogo contra STFU, nós o mantivemos juntos. Reece foi escolhido na primeira rodada do draft. Ele está definido com seu bônus de assinatura.

— Sim. — A frase menos convincente de todas. Por que ele estava se preocupando com isso agora? Ele sempre pareceu o mais relaxado de qualquer um de nós quando se tratava de seu futuro. Seguro em seu lugar.

— Como vão as coisas com o seu agente?

— Eles estão bem. Ele é um pouco viscoso, mas acho que a maioria é. — Um triste flash cintilou em seus olhos. — É muita pressão quando esta temporada termina. Muitas oportunidades para que as pessoas procurem nossas coisas. Para que as pessoas comecem a nos tratar de maneira diferente.

— O que exatamente você está preocupado?

— Honestamente? Que depois do draft, nunca vou conhecer ninguém que queira me conhecer por outra coisa senão o que eu posso dar a eles.

— Essa é uma forma cínica de ver as coisas. — Uma percepção me atingiu que eu nunca pensei para ele, um filho único que tinha estado no sistema. — E outra razão pela qual você está sempre se lançando para salvar Alexis. Ela é a coisa mais próxima que você tem de uma família. — E ele tinha tesão por Jules, mas gostava de fingir que não.

— Alexis é minha irmã. Não há outra maneira de fazer isso. E não é só sobre ela.

— Tudo o que podemos fazer é tentar nos cercar de pessoas que se importam conosco.

— Você está certo. — Ele apertou a nuca. — Então, tento ficar todo mole com você.

— É para isso que servem os amigos, certo?

Ele assentiu. — Verdade. Que bom que você tem Marisa, que sempre vai te apoiar. Amigos assim não aparecem com muita frequência. Vocês têm sorte.

— Muita sorte.

17

MARISA

As mãos de LJ espalmaram minha bunda. As janelas estavam embaçadas e eu me encostei contra sua ereção, provocando nós dois.

Meus lábios estavam inchados e latejando, mas isso não me faria parar. — Vamos nos atrasar.

Ele não quebrou o contato. — Eu sei, mas está tudo bem. Eu direi a eles que havia trânsito. — Seus dedos afundaram em meu cabelo. Mesmo com o assento do motorista empurrado para trás o máximo que podia, eu estava presa entre seu peito e o volante, que afundou nas minhas costas. Eu não conseguia parar de sorrir.

Seus dedos deslizaram sob a minha camisa, provocando e fazendo cócegas.

Um beco sem saída, a cinco quarteirões de sua casa de infância não teria sido minha primeira escolha para um local de amassos, mas puta merda, as últimas duas semanas foram irritantes. Eu tive reuniões com Venice até tarde da noite, repassando muitos dos planos para minha bolsa de estudos e descobrindo o que eu precisava para me inscrever no programa de mestrado.

Eu balancei em seu colo, prestes a enlouquecer com o desejo dele dentro de mim novamente. Os sonhos quase foram cruéis com a maneira como os quatorze dias se passaram. Nunca houve tempo suficiente para nos dar o nível de satisfação que ansiamos.

LJ tinha treinos e sessões de musculação todos os dias. Ele distendeu um tendão da coxa depois de um treino extenuante e ficou no sofá alternando compressas de gelo e curativos

por alguns dias. Ele veio com o território do futebol. O que ele faz seu corpo passar temporada após temporada é brutal, mas ele teve sorte. Ele não tinha feito cirurgias ou ferimentos graves até agora, ao contrário de alguns caras que tiveram seus ACLs, ombros ou pior operados.

Não jogar tanto nesta temporada o havia afetado um pouco, mas também o salvou para os jogos que viriam. O que significaria mais viagens. Tentei não deixar isso me afetar. Era o que era, mas eu queria mais tempo a sós com ele.

Minha cama estava tão assustadoramente barulhenta que não havia maneira de brincar enquanto alguém estava em casa. O quarto de LJ ficava na primeira porta no topo da escada e sua cama não era muito mais silenciosa. E quase sempre tínhamos nossas portas abertas, então podíamos gritar uns com os outros sobre alguma coisa. De repente, mudar para duas portas fechadas não era a melhor maneira de manter o que estávamos fazendo em segredo.

Até o maldito chão era barulhento. Aprendemos isso da maneira mais difícil quando Berk subiu as escadas perguntando se estávamos mudando os móveis.

Também houve dois jogos desde então com mais tempo de viagem, o que significava que ele esteve fora de quinta a terça nas duas semanas. Pelo menos eu não tive que me preocupar com jantar com Ron, mas conversar com LJ e passar por uma descrição detalhada do que faríamos um ao outro quando finalmente tivéssemos um momento sozinhos estava me deixando louca.

Os exames intermediários foram difíceis. As aulas de química seriam úteis para o trabalho de curadoria do museu, mas cara, elas eram péssimas.

Entre a programação dele e a minha, exceto agora, parecia que se passariam três meses antes que tivéssemos uma chance de fazer sexo.

Isso estava me deixando um pouco irritada.

Seu telefone zumbiu no porta-copo.

Nós nos separamos e eu peguei seu telefone. Com o peito arfando, empurrei meu cabelo para trás e verifiquei a mensagem.

Meus lábios se contraíram, vergonha irradiando por mim. — É de sua mãe, ela quer saber quanto falta para chegarmos lá. — No momento ideal. Pelo menos ela não estava batendo na janela perguntando por que estávamos demorando tanto.

LJ bateu com a cabeça no encosto. — Eu disse que devíamos ter saído meia hora antes.

O cara responsável. Meu cara responsável. — Não fui eu quem decidiu, já que não tínhamos papel higiênico em casa, deveríamos parar e comprar em vez de usar apenas guardanapos.

— Você estava gritando comigo do banheiro. O que diabos eu deveria fazer?

— Oh sim. — Desmontei-o e caí no meu assento. — Baixe as janelas, parece que estávamos recriando aquela cena do Titanic aqui.

Ele ligou o carro e baixou os vidros.

Um arrepio percorreu meu corpo e baixei o visor para me checar no espelho. — O que diabos você fez no meu cabelo?

Procurei em minha bolsa uma escova e um elástico de cabelo.

— Você não estava reclamando quando eu estava massageando seu couro cabeludo.

— Bem, estou reclamando agora. Vou ter que fazer uma trança. Parece que fiquei presa em um furacão de categoria 5.

— Me deixe fazê-lo. Vire de lado.

Com uma pitada de olhar lateral, fiz o que ele pediu e olhei

para a porta do passageiro.

Seus dedos trabalharam em meu cabelo da frente da minha cabeça até a minha nuca, separando. Trabalhando com fios rápidos, ele trançou um lado enquanto eu trançava o outro.

Eu verifiquei no espelho e amarrei as pontas com um laço de cabelo. — Você ficou muito melhor nisso desde a primeira vez que vi Quinn depois de seu trabalho.

— Quantos outros caras de quinze anos tentariam trançar o cabelo de uma menina de onze?

Descansando minha cabeça contra o encosto de cabeça, olhei para o único cara que tinha sido um elemento fixo em minha vida desde um dos piores anos que eu já vivi. Ele apareceu na minha vida no momento exato em que eu precisava dele - quando meu pai foi embora. — Nenhum.

O motor ligou e ele saiu do beco sem saída. — O que você disse? — Ele deu uma olhada.

— Nada. Obrigada por ajudar com meu cabelo.

— Aparecer na casa dos meus pais com cabelo de segunda base provavelmente teria levantado algumas dúvidas. — Do tipo que qualquer pai preocupado e amoroso pediria. O tipo que o meu nunca teve. Ir para a casa de LJ era uma faca que cortava os dois lados. Foi uma janela para uma família que eu amava de todo o coração, e que sempre senti que estaria do lado de fora.

Ele estacionou atrás do sedan Borgonha de Jill na garagem. A casa de dois andares, tinha janelas emolduradas brancas e laterais cinza. Eles tiveram que pintar novamente a garagem depois que LJ e eu pensamos que éramos mestres furtivos após encontrar uma lata de tinta spray vermelha. Pena que executamos nosso plano escrevendo nossos nomes.

LJ ergueu os olhos para a coroa pendurada na porta da frente e a luz acima dela se acendeu. Todas as luzes estavam acesas e as

decorações de Halloween cobriam o gramado. Teias de aranha se estendiam ao longo dos arbustos em frente ao corredor que levava à porta da frente.

Ele pegou minha mão, apertando-a antes de sair do carro.

Ele fez meio caminho na frente do carro antes que eu abrisse minha porta e mostrasse minha língua.

Suas mãos voaram para o ar em derrota. — Você é um pé no saco.

— Algumas coisas nunca mudarão.

Nossos dedos roçavam enquanto caminhávamos lado a lado, enviando arrepios pelo meu corpo. As bordas da minha boca se contraíram.

Seu dedo mindinho enganchou no meu.

— Pare com isso.

— O que? — Seu olhar de falsa surpresa e indignação transformou meu sorriso tímido e cintilante em uma gargalhada completa.

Eu o empurrei e corri para a porta.

Jill abriu e balançou a cabeça com o olhar disparado para cima. — Vocês dois. Juro que às vezes fico tentada a verificar suas certidões de nascimento para confirmar se vocês têm vinte e dois e não dez.

— Feliz aniversário mãe. — Ele estendeu a caixa embrulhada para presente azul e amarela com fitas encaracoladas presas na frente e beijou-a na bochecha.

Ela deu um tapa no ombro dele e ele entrou.

— Feliz aniversário, Jill.

Seus braços me envolveram e ela me apertou com força. —

Estou tão orgulhosa de você, querida.

Seu tipo de aprovação maternal me atingiu como um baque no centro do meu peito.

Eu a apertei ainda mais forte e inalei seu perfume floral clássico.

Ela me levou para dentro. — LJ nos contou sobre Veneza.

Dois anos seria um tempo longe deles. Sem mais jantares de aniversário. Eles podem até não estar mais morando nesta casa se LJ conseguir o que quer. Ele queria atualizá-los para uma casa totalmente nova. Talvez um estado totalmente novo. Possivelmente uma vida totalmente nova.

A sala de estar e a sala de jantar ficavam de cada lado do pequeno hall de entrada, grande o suficiente para um armário de casacos e uma sapateira. A cozinha ficava bem em frente, atrás da porta de vaivém que rangia e, pelos cheiros que emanavam, Charlie tinha o jantar especial de aniversário quase pronto para sair do forno.

Os aniversários na Casa Lewis eram os assuntos calorosos e familiares que eu sempre esperei ter para mim algum dia.

Uma rolha estourou. Jill gritou e agarrou meu braço. — Charlie, eu juro que você está tentando me causar um ataque cardíaco.

— Eu disse que ia abrir o champanhe assim que eles chegassem aqui. — Ele estava com uma garrafa enrolada em uma toalha, pingando o espumante no chão de madeira.

Suas mãos voaram para o ar. — Achei que você quisesse dizer uma vez que nos sentamos à mesa ou depois que LJ e Marisa pelo menos tirassem os casacos.

— Quinn ainda está no banho, então não temos que nos preocupar com ela nos importunando por um gole se terminarmos

isso rapidamente.

LJ tirou o casaco e jogou-o nas costas do sofá. Ele foi para a sala de jantar e pegou duas das taças, segurando-as para que Charlie pudesse enchê-las. E ele o fez, esperando que as bolhas se acomodassem antes de enchê-las quase até o topo.

— Jill. — Charlie estendeu uma taça para ela e estendeu a mão vazia para mim. — Eu vou trocar com você. Um casaco por uma taça.

— Ao contrário de algumas pessoas. — Um olhar aguçado na direção de LJ, eu ri. — Eu sei onde fica o armário de casacos. — Desabotoei meu casaco e abri o armário atrás de mim, colocando-o em um cabide e pegando a taça dele.

— Pelo menos um de vocês sabe. — Jill deu um gole em sua taça.

Charlie ficou ao lado de Jill e passou o braço em volta dela. — Um brinde à esposa mais maravilhosa que um cara poderia ter. O tipo que vai me dizer o quão idiota eu pareço em uma nova calça, mas não a impede de apertar minha bunda quando estou cozinhando sua refeição de aniversário.

LJ e eu gememos.

Os dois olharam para nós em choque simulado. — Para Jill em seu 49° aniversário. — Ele ergueu a taça mais alto no ar.

— Para mamãe.

— Para Jill.

Todos nós brindamos com os olhos e bebemos nosso espumante. Às vezes, eu sentia que estava esperando os aplausos do público do estúdio quando vivia momentos como esse em sua casa. Embora eu tivesse sido convidada e testemunhado tantas vezes ao longo dos anos, me senti como uma estranha olhando e tentando descobrir como exatamente tudo isso funcionava. Como

duas pessoas ainda podem estar apaixonadas depois de todos aqueles anos juntos?

Caminhando para a sala, peguei o casaco de LJ e pendurei ao lado do meu. Era sempre mais fácil manter as coisas arrumadas na casa de LJ. Tudo tinha um lugar aqui e eu nunca quis ser um fardo. Eu estava sempre pronta para ajudar sempre que pudesse.

— Que jeito de me mostrar, Marisa. — LJ chamou da sala de jantar onde colocou os pratos e garfos.

Terminei meu espumante e coloquei a taça na mesa da sala de jantar.

Um conjunto de passos estrondosos soou na escada. — Marisa! — Quinn virou a esquina e jogou os braços em volta do meu pescoço, quase me derrubando. Ela era quase tão alta quanto LJ, o que significava que tinha uns 4 centímetros sobre mim, embora fosse quatro anos mais jovem.

— Quinn, a notável!

Era um apelido que ela ganhou ao passar a maior parte dos verões na piscina da cidade. Eu a levava quando Jill e Charlie estivam no hospital e LJ tivesse treino de futebol. Eu juro, em um verão os pelos do meu nariz ficaram queimados por causa de todo o cloro.

— Eu perdi o brinde? — Seus ombros cederam quando ela viu as taças de champanhe vazias. — Vocês demoraram uma eternidade para chegar aqui, eu estava preocupada que vocês fossem puxados para algum lugar pintando as unhas um do outro ou algo assim.

Uma garfo caiu sobre um prato na sala de jantar. Eu me encolhi. Ele iria nos fazer ser pegos. Exatamente o que eu precisava, um jantar estranho não-minha-família, onde seríamos interrogados sobre o que estava acontecendo entre nós.

Ela me soltou e sorriu, seus olhos azuis brilhando

com malícia.

LJ gritou da sala de jantar. — Seu irmão mais velho não ganha um abraço, Quinn, a notável?

Olhando ao meu redor, ela estreitou o olhar. — Eu disse para você não me chamar assim.

Um som de traição simulada cortou a sala.

Cobri minha risada com uma tosse.

— Que diabos, eu sou seu irmão.

— Somente por nascimento. — Ela cruzou os braços sobre o peito e revirou os olhos.

— Vejo que você está pronta para a faculdade, hein? — Eu enganchei meu braço no dela. — Vamos, dê uma folga para ele. Ele estava tão animado para vir e ver você.

— Poderia ter me enganado. Ele não vem para casa há meses. — Por baixo de toda a insolência adolescente ranzinza havia uma pitada de tristeza. Por mais que ela desse merda a ele, ela o amava. Todos eles amavam. Eles se amavam, e era por isso que LJ trabalhava tanto para ter certeza de que não precisavam se preocupar com dinheiro.

Deixa comigo. Eu absolutamente entendi.

— Eu mal o vi e moro com ele. A temporada está louca. Você sabe como é.

Com um aceno taciturno, ela soltou meu braço, caminhou até LJ e o abraçou com força. — Senti sua falta, idiota.

Ele sorriu para mim por cima do ombro antes de iniciar um abraço de urso. — Também senti sua falta.

Se contorcendo, ela o empurrou. — Você é o pior absoluto.

— Eu digo isso a ele o tempo todo.

Deixando-os para trás, fui para a cozinha. A porta de vaivém rangeu.

Jill e Charlie se separaram de frente para o fogão. Parecia que alguém estava recebendo beijos de aniversário mais cedo.

Não tentei esconder meu sorriso. Aparentemente, LJ e eu não fomos os únicos a ter nossa sessão de amassos interrompida. Era incrível que, depois de vinte e cinco anos de casamento, eles ainda fossem tão próximos um do outro. Provou que nem todos os relacionamentos terminam em um inferno furioso. A maioria, mas não todos.

— Posso ajudar?

— Não! — Eles gritaram em estéreo tão alto que meus pés levantaram a um metro do chão. Eu deveria esperar essa reação, até mesmo dos pais de LJ.

Charlie desamarrou o avental da cintura. — Que tal... — Ele esfregou a mão no queixo. — E quanto ao...

Jill colocou a lagosta na panela de macarrão com queijo. — Ela poderia fazer a massa do biscoito.

Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

Um estremecimento a percorreu. — Eu bloqueei isso da minha memória. E as... bebidas? Ela poderia pegar o vinho.

Minha especialidade número um. Eu nunca seria como os pais de LJ, andando pela cozinha fazendo refeições com alguém. Por mais que eu tentasse, geralmente terminava com uma monstruosidade intragável.

— Claro! — Com um beijo plantado em sua bochecha, ele se virou para mim. — Você sabe onde está o saca-rolhas. A aniversariante vai beber branco. Eu vou querer tinto. Descubra o que LJ gostaria e sirva o que você preferir para você. Também fique de olho em Quinn, ela vai roubar seu copo.

Nesta casa, as pessoas se importavam que você tentasse tomar um gole de vinho. Ela era uma criança de sorte por estar rodeada de tanto amor. Peguei o saca-rolhas e abri as duas garrafas.

Eles voltaram aos seus sussurros baixos de flerte.

Saí, sentindo como se estivesse me intrometendo em seu momento de silêncio e comemoração.

LJ entrou na sala de jantar e veio atrás de mim. Enfrentamos a porta.

Sua respiração fez cócegas nos cabelos da minha nuca.

— Precisamos terminar o que começamos no carro.

Um arrepio percorreu meu corpo. Eu deixei cair o queixo no meu ombro. — Não pelas próximas horas.

Seu dedo traçou a curva do meu cotovelo.

Eu sacudi e espirrei um pouco de vinho branco na mesa. — Merda.

Alcançando a pilha de guardanapos no centro da mesa, eu gritei quando LJ deslizou sua mão no meu bolso de trás e apertou minha bunda.

— O que você está fazendo? — Eu sussurrei alto, olhando para o arco da sala de jantar. Meu coração bateu três vezes. Se alguém entrasse aqui, haveria perguntas - muitas perguntas.

— Pensando em você. — Ele disse isso tão fácil e alegre, com um sorriso de lobo.

Eu sufoquei meu sorriso, empurrei-o para longe e limpei o derramamento. — Eu juro, estou sentando do outro lado da mesa.

Ele recuou com uma inclinação de encrenqueiro nos lábios.

Um rubor subiu pela parte de trás do meu pescoço, aquecendo-o centímetro a centímetro enquanto eu imaginava seus lábios em todos os lugares que seus olhos vagavam.

Charlie entrou com o prato gigante de peito.

Jill carregava o macarrão com queijo, e Quinn pegou as verduras e pãezinhos.

Terminei de encher as taças, incluindo a de Quinn com limonada, que ela fez um beicinho. Sentando na minha cadeira, tomei um gole de vinho, tentando acalmar minha tensão depois de quase ser pega.

E então a cruz terrível. Quinn levantou-se de seu assento. — Eu vou sentar ao lado da mamãe, você se senta ao lado de LJ, já que vocês dois estarão brigando o tempo todo e eu ficarei na mira. LJ, troque comigo.

Meu brilho se intensificou em seu sorriso triunfante.

— Acho que vou fazer isso por você, Quinn. Não se esqueça disso.

Ele deslizou em sua cadeira e eu prometi um mundo de dor se ele tentasse qualquer coisa enquanto estávamos à mesa de jantar. Ou talvez eu tivesse que fazer um ataque preventivo.

Quinn começou a analisar sua aplicação para a faculdade. Cinco escolas de arte espalhadas por todo o país. Houve uma troca de olhares entre LJ, Jill e Charlie enquanto ela me mostrava alguns dos novos trabalhos que adicionara ao portfólio. Não eram apenas pinturas; ela tinha um trabalho multimídia de tirar o fôlego. Suas aspirações artísticas foram bem colocadas e bem merecidas. A mensalidade do RISD era astronômica e eu sabia que tudo dependia das perspectivas de carreira de LJ.

Ela faria isso, e ele também.

A não ser por alguns instantes de perda de peso, o jantar foi tranquilo. Estava cheio de risadas, brincadeiras, comida incrível e três das minhas pessoas favoritas no mundo - risque isso. Minhas pessoas favoritas.

Vestimos nossos chapeuzinhos e cantamos “Parabéns a você” bem alto e com muito talento extra.

Jill apagou as velas de seu cupcake e todos nós mergulhamos nos biscoitos de chocolate M&M tradicionais da família Lewis com sorvete de baunilha. Foi uma bagunça absoluta. O sorvete derretido pingou do lado da minha mão.

Eu lambi e chamei a atenção de LJ.

Ele olhou para mim com uma intensidade tão forte que parei de respirar.

— Pegue alguns guardanapos para a menina.

As palavras cheias de risos de Jill me tiraram da provocação formigante na ponta da minha espinha.

Terminamos nossa sobremesa e pegamos nossos casacos. Os três membros que não partiram da família Lewis me abraçaram com força e o pai de LJ me abraçou por último.

— Obrigado por tornar possível para mim estar aqui hoje.

Minha garganta se fechou e a queimação cresceu na parte de trás do meu nariz.

Ele esfregou minhas costas e me deu um aperto extra antes de me soltar.

Na parte inferior dos degraus de concreto, olhei para trás, para a casa que guardava tantas memórias felizes para mim. Muitas vezes, enquanto crescia, desejei e orei poder ter uma família como a deles algum dia.

A mão de LJ roçou a minha, me puxando em direção ao

carro. Ele a largou depois de alguns passos e deu a volta em seu carro, abrindo a porta para mim.

Talvez manter tudo isso em silencio fosse o melhor. Pelo menos quando terminasse, eu ainda poderia ser bem-vinda neste lugar que se tornou minha segunda casa - inferno, meu único lar verdadeiro.

18

LJ

Marisa ficou quieta no caminho de volta, com o braço apoiado na janela. Ela me entregou o dinheiro do pedágio e olhou para a água enquanto passávamos pela ponte de volta à cidade.

— O que meu pai disse para você?

Ela deu um pulo. — Nada. Apenas me agradeceu por ter vindo e arrastado você. — Seus olhos brilharam com diversão contida.

Eu amo a facilidade com que ela se encaixa na minha família. Com que facilidade ela sempre se encaixava. Durante o verão, quando ela não estava aqui, sua ausência era palpável. Parecia estranho. Mas teríamos que nos acostumar. Ela ficaria fora por dois anos inteiros. O pensamento emprestou um toque agridoce à sua realização.

Eu devia mais a ela do que jamais poderia pagar. Não era a única razão pela qual eu a amava, mas ela esteve lá para mim tanto quanto eu estive lá para ela. Meu meu pai ficou doente no penúltimo ano, eu estava tudo pronto para jogar em uma liga de verão e receber convites de olheiros. Cirurgias, sessões de quimio e viagens a especialistas significavam que minha mãe e meu pai não ficavam muito em casa, mas Marisa desistiu de uma bolsa de estudos para uma viagem de verão em Paris para ajudar Quinn.

Ela merecia seu tempo em Veneza mais do que ninguém. Que outra garota de dezesseis anos desistiria de seu sonho de verão para ficar em casa e cuidar de uma garota de doze anos de quem ela nem era parente? Marisa. E ela nunca deixou de estar lá para mim e minha família.

— Mais alguma coisa em sua mente?

— Só estou pensando em vingança por agarrar meu traseiro antes do jantar. — Havia um tom melancólico e conspiratório em sua voz.

Ela jogou a moeda ao ar e eu estava correndo para a linha, pronto para continuar o jogo que abandonamos algumas horas atrás.

Apalpar sua bunda bem na sala de estar dos meus pais depois de decidir que deveríamos manter as coisas discretas não era minha melhor ideia no mundo, mas observá-la e saber que eu poderia chegar perto dela e tocá-la como mais do que um amigo tornava difícil de resistir.

Lutar com a semi-ereção que ganhei foi o tiro que saiu pela culatra para mim.

— Lamber o sorvete da sua mão não foi sua vingança? — Onde acabei com os cotovelos sobre a mesa e o guardanapo no colo para proteção máxima contra constrangimento.

— Era eu que não queria sacrificar um pouco do sorvete por um guardanapo. Sou gananciosa. E ávida por repetir a semana passada. — Ela balançou a cabeça para o lado com um olhar intenso que latejava no sangue.

— Assim que eu conseguir... — Minha cabeça bateu para trás contra o encosto de cabeça. — Todos provavelmente estão em casa e eu tenho que estar no ônibus da equipe amanhã às 6h15.

— E então você vai embora até segunda-feira. Que tal hoje á noite?

— Onde?

Ela olhou para o banco de trás. Estava lotado invés de limpo para as pessoas se sentarem, muito menos o que eu gostaria de fazer com ela. — Você e seu carro estúpido de duas portas.

— Minha cama pode muito bem ser uma buzina. Se

tentarmos qualquer coisa com alguém em casa, eles se perguntarão se estamos demolindo minhas paredes.

— Meu quarto fica muito perto da escada, não teríamos tempo.

Ela esfregou o polegar contra o lábio inferior.

— Banheiro! — Gritamos ao mesmo tempo. A antecipação pinicava como agulhas e aumentava a cada quarteirão que chegávamos mais perto da casa.

Marisa passou os dedos pela minha coxa antes de apertar e me fazer pular. — Só se eles estiverem em casa. Se não, vamos ficar nus tão rápido como um artista coberto de abelhas assassinas.

— Como exatamente funciona o seu cérebro?

— Depois de todos esses anos, você ainda não sabe?

Eu parei na frente da casa. Os carros de Keyton e Berk estavam estacionados bem na frente. Era o banheiro. A pia e o balcão eram resistentes - ou pelo menos seria um teste matador assim que subirmos. Com sorte, Keyton não estava em seu quarto, e talvez Berk estivesse na casa de Jules.

— Droga.

Quando abri a porta, a música bombou de fora e uma ou duas risadas cortaram a linha de baixo grave. Eles estavam lá fora. Os planos ainda estavam em andamento. Nós poderíamos fazer isso funcionar. Meu sangue zumbia nas veias.

— Sua bolsa está pronta? — Keyton gritou da porta em direção ao quintal. Ele tinha uma bandeja coberta com papel alumínio em uma das mãos e uma pinça na outra.

— Ainda não.

— Berk e Jules estão lá fora. Berk está morrendo de fome,

embora já tenhamos jantado antes. Tenho bifes, hambúrgueres e cachorros-quentes para cozinhar. Você tem talvez vinte minutos antes que a comida esteja pronta, se quiser fazer as malas antes de comer.

— Na verdade, estou cheio... — Eu cortei meu olhar para Marisa.

Ela foi em direção da escada.

— É uma ótima ideia, cara. Eu vou fazer as malas.

Seu pé atingiu o último degrau. — E eu vou trocar de roupa.

Isso não soou nem um pouco suspeito...

Keyton prendeu a pinça em nossa direção. — Vai sobrar para você, Marisa, então não se preocupe com comida ou qualquer coisa enquanto estivermos fora.

— Obrigada, Keyton! Você é o melhor. — Sua mão deslizou pelo corrimão e murmurou “banheiro”. Ele balançou a cabeça, arremessando como se não fosse verdade, mas agora ele era o meu herói, mantendo todos fora. Ele saiu pela porta dos fundos, desaparecendo escada abaixo.

Nós dois esticamos o pescoço para vê-lo caminhar pela grama até a churrasqueira.

Casualmente subi as escadas com Marisa atrás de mim antes de chegarmos ao ponto em que nossos pés sumiram de vista e dispararam pelo último degrau.

Marisa entrou no banheiro. — Temos apenas dez minutos, no máximo, antes que alguém venha para dentro.

A porta nem estava totalmente fechada quando ela agarrou meu ombro e me puxou para perto.

Ela estendeu a mão ao meu redor e ligou o chuveiro. O barulho abafando o resto da música do quintal e, com sorte,

cobrindo o barulho que estávamos prestes a fazer.

Eu abri o zíper da minha calça jeans e Marisa tirou a dela.

Meu peito se encheu com a fome inebriante que surgia sempre que ela olhava para mim como se me quisesse tanto quanto eu a queria.

Pegando minha carteira do bolso de trás, me atrapalhei e quase deixei cair o preservativo.

As mãos de Marisa estavam por todo o meu peito, por baixo da minha camisa. No meu cabelo.

Cerrei meus dentes e o deslizei, a urgência e a rapidez de entrar nela era quase tão forte quanto eu faria com ela.

Ela saltou sobre o balcão ao lado da pia.

Testando e provocando-a com meus dedos, descobri que ela estava ensopada. — Puta que pariu, Marisa.

— Eu sei, você provavelmente deveria fazer algo sobre isso. — Ela mordeu o lábio inferior rosa e brilhante.

Me firmando com uma mão, afundei nela. Suas paredes quentes e aveludadas se fecharam em torno de mim e ela gritou.

Estremeci tentando me conter e meus músculos ficaram tensos com o quão bem ela se sentia e a suspeita assustadora de que alguém viria correndo escada acima pensando que Marisa estava sendo atacada.

— Este ângulo. Puta merda, L.

Eu fui mais fundo nela, empurrando todo o caminho para dentro.

Suas costas pressionaram contra a parede e a frente das minhas coxas bateu no armário embaixo dela, mas estava firme. Pelo menos o balcão estava. Marisa nem tanto.

— Oh Deus. Faça isso de novo.

Eu ri por entre meus dentes.

Suas pernas travaram em torno das minhas, restringindo meus movimentos. Moendo e empurrando, ela gemeu, e seu aperto em meus ombros beirou a dor.

Houve uma pausa na música vibrando no chão e ela gritou, o corpo ficando rígido em meu aperto.

Eu levantei meu braço e cobri sua boca com minha mão. Na verdade, minha mão deu permissão a ela para falar mais alto. A música recomeçou.

Batendo nela agora, eu persegui meu clímax e ela atingiu o outro. A tensão elétrica se espalhou profundamente em meu corpo até as células do meu DNA, tornando impossível segurar por muito mais tempo.

A música do lado de fora e os passos barulhentos significavam que eu pelo menos receberia algum aviso, mas estávamos nos aproximando rapidamente do tempo em que não haveria nada que pudesse impedir a explosão rastejando para a base da minha espinha.

Explodindo dentro dela, eu apoiei minhas mãos na borda do balcão em cada lado de seus quadris e descansei minha testa em seu ombro.

— Isso foi incrível. — Ela riu contra o lado do meu pescoço.

— Isso foi. — Lambi meus lábios e dei um passo para trás com as pernas instáveis.

Tirando o preservativo, joguei na lata de lixo e abotoei minha calça jeans.

Marisa se agachou e tateou embaixo da pia, voltando com um absorvente pequeno. Ela desembrulhou e amassou e colocou em cima do preservativo junto com um pouco de papel higiênico. — É

como jogar plutônio fora. Ninguém vai olhar duas vezes. — Ela vestiu as calças e olhou o cabelo no espelho. — Olha isso, as tranças aguentaram. Talvez tenhamos que fazer deste meu estilo preferido por um tempo. — Seus olhos brilharam divertidos no espelho.

Um peso se estabeleceu em meu peito como se eu tivesse sido coberto por um cobertor pesado.

— Mas então eu não posso passar meus dedos por ele. — Eu fiz cócegas nos cachos escapados na base de seu pescoço.

Ela se afastou e se virou, me encarando. — Talvez eu entre na sua cama esta noite. — Seus dedos percorreram o centro do meu peito.

Um grito vindo de baixo quebrou o reaquecimento na minha pele. — Gente, um pouco da comida está pronta, se vocês estiverem com fome.

— Devíamos descer lá. — Ela olhou para o centro do meu peito.

— E aí? — Eu levantei seu queixo.

— Nada. — Seu sorriso era largo, mas não combinava com seus olhos. Distraindo-me com um beijo rápido, ela abriu a porta e olhou para os dois lados do corredor antes de sair.

— Apresse-se e faça sua mala, então desça depois de mim.

Eu enganchei seu braço e mal segurei meu sorriso. — Eu vou descer primeiro. Minha mala já está pronta.

Eu beijei seus lábios abertos e corri escada abaixo.

— Desonesto. — ela sussurrou atrás de mim.

Saltando para a cozinha, peguei refrigerantes para mim e Marisa antes de sair.

— Ei, Berk. Ei, Jules.

Jules acenou com a xícara em minha direção e cobriu a boca com a mão. — Ei, LJ. Cadê a Marisa?

— O que você quer dizer? Por que você acha que eu sei onde ela está? — Eles a ouviram? Merda, nosso disfarce foi descoberto.

Todos olharam para mim inclinando a cabeça para concordar. Ok, talvez a negação tenha sido um pouco difícil.

— Porque Keyton disse que vocês dois voltaram juntos.

Uma risada gaguejante de alívio rompeu o silêncio questionador.

— Ah, sim, não a vejo desde que subi para o meu quarto.

Berk deu a última mordida em seu hambúrguer que eu jurei que estava inteiro um minuto atrás e não cobriu a boca para falar. — Então, um intervalo de treze minutos. Isso deve ser um recorde para vocês dois.

Berk cutucou a bandeja de carnes grelhadas em minha direção.

Um prato com pãezinhos estava ao lado.

— Ainda estou cheio do jantar da minha mãe, então nada de carne para mim.

— Cara, se eu soubesse disso, não teria colocado tanto na grelha.

— Não se preocupe com isso. Marisa vai precisar de comida pelos próximos quatro dias, então não vai para o lixo.

Jules colocou sua xícara na grama ao lado dela. — Ela não cozinha?

— Não! — Todos nós gritamos ao mesmo tempo.

Ela deu um pulo e seu cachorro-quente caiu do prato para o chão.

Berk pegou e atirou com gancho no lixo pela porta dos fundos e pegou outro para ela. — Tentamos reduzir ao mínimo o tempo de Marisa na cozinha para a segurança de todos os seres vivos nas redondezas.

Keyton fechou a grelha. — Ela é a pior cozinheira do mundo e só posso presumir que ela tem estômago de ferro fundido ou é parte de uma forma de vida sintética.

Eu levantei minha bebida para minha boca. — Não que *seja* ruim.

— O que não é tão ruim? — Marisa entrou no círculo de cadeiras.

Eu queria puxá-la para o meu colo, segurar sua mão e beijá-la como Berk fazia com Jules.

Entregando-lhe o copo, encontrei os olhos de todos os outros no círculo. — Nada. Levantar cedo de manhã.

— Tudo embalado? — Ela se sentou na cadeira de plástico ao meu lado. Tão perto que nossos dedos roçaram. Eu evitei enganchar meu dedo mindinho no dela.

Keyton ergueu sua xícara em minha direção. — Berk disse que nos levaria para o ônibus pela manhã e pegaria o café da manhã no caminho, a menos que você queira dirigir.

Marisa congelou com seu refrigerante a meio caminho de sua boca.

A casa toda para nós.

— Eu posso dormir um pouco mais. Eu vou dirigir.

Seus lábios se contraíram e ela sacudiu a borda de sua xícara. Um olhar de soslaio me disse que o plano matinal estava

pronto - agora só precisávamos passar as próximas oito horas até que todos os outros fossem embora.

~

Ar fresco e limpo. Folhas crocantes e enrugadas. A melhor maneira de começar um dia de viagem.

O ponto no meu peito onde ela me beliscou antes de gritar meu nome pulsou. Esfreguei minha mão sobre a marca, feliz por ter uma lembrança de nossa manhã.

Depois que Keyton e Berk gritaram do fundo da escada que eles estavam saindo, esperamos um total de três minutos antes de nos encontrarmos no corredor e cair de volta em seu quarto.

Três ônibus da equipe pararam no estacionamento pontilhado de carros dos jogadores. Joguei minha bolsa no maleiro de um deles e subi as escadas. O Trojan FU com sua espada apontada para nossa próxima vitória estava pintado na lateral.

No interior silencioso do ônibus, alguns caras estavam com seus bonés puxados para baixo sobre os olhos. Outros com fones de ouvido e telefones fora. A agitação normalmente era inexistente tão cedo pela manhã. Um ônibus de luxo fretado não era a pior maneira de se locomover, mas as longas horas na estrada tornavam até isso insuportável. Pelo menos eram apenas vinte minutos de carro até o aeroporto.

Eu me sentei atrás de Keyton e Berk.

— Olha quem finalmente decidiu se juntar a nós. — Keyton olhou para mim, uma sobrancelha levantada em suspeita.

— A soneca é viciante. — Tentei fingir, mas Shakespeare não é exatamente o meu forte.

Berk falou pela lacuna nos assentos. — Como você se sente sobre suas chances de entrar em campo neste jogo?

E assim, meu intocável bom humor azedou.

O treinador da linha defensiva caminhou pelo corredor, checando nomes em sua prancheta. O treinador parou na frente do ônibus. Seu olhar varreu cada linha e atingiu o meu com calor extra. — Eu diria que não é boa.

19

MARISA

— Há quanto tempo você está escondendo de mim que você e LJ estão dormindo juntos?

Eu me engasguei com a água. Queimou meus pulmões e gotejou para fora da minha boca. Me debati e derrubei meu caderno da mesa da sala de jantar no apartamento de Ford, onde Liv e eu estávamos estudando esta noite.

— Sua idiota. Estou aqui há vinte minutos. Você esperou que eu tomasse um gole d'agua para fazer essa pergunta. — Usei as mangas a minha blusa para limpar o queixo.

— Você está certa e demorou uma eternidade para abrir sua garrafa de água.

Peguei meu bloco de notas e bati nela com ele. — E isso é loucura. Por que você diria isso?

— Por favor, eu sou a rainha dos relacionamentos de nem pensar em namorar aquele cara, lembra? — Liv e Ford tinham sido um grande negócio com o seu irmão mais velho, Ford sendo seu melhor amigo e tudo. Embora não seja mais. Aparentemente, eles não se falaram muito desde que Ford e Liv decidiram que não ligavam para o que ele pensava e queriam ficar juntos. Se tivesse sido tão fácil para mim e LJ.

— Além disso, você verificou a hora pelo menos vinte vezes nos vinte minutos que esteve aqui. Eu era assim o tempo todo quando Ford viajava para jogos.

Desviar e fugir dessas perguntas tinha se tornado uma segunda natureza, um resquício de todas as vezes que eu não queria que todos soubessem que estava ansiando por meu melhor

amigo, o que continuou até que LJ disse que deveríamos manter o que estávamos fazendo apenas entre nós. — Ainda não é convincente o suficiente. Ele é meu melhor amigo. Claro, eu gostaria de saber quando ele chegou.

— Eu pensei que eu era sua melhor amiga.

Eu a olhei. E LJ disse que eu era um pé no saco?

— Além disso, você tem um preservativo usado preso na parte de trás do seu jeans.

Eu pulei da minha cadeira. — Filho da puta. Eu joguei isso fora. — Girando em círculos, tentei encontrar o látex.

Liv empoleirou-se na beira do sofá, os lábios se contraindo como se ela estivesse a um segundo de quebrar.

Pegando um travesseiro estofado do sofá, eu o joguei em cima dela. — Você é a pior. — Meu grito provavelmente poderia ser ouvido em Nova Jersey.

— Oh culpa minha. É apenas uma fita. — Ela caiu na gargalhada e puxou o pedaço de fita adesiva da parte de trás do meu jeans, balançando-o na minha frente. — Não estão dormindo juntos, hein?

Eu me joguei na poltrona macia ao meu lado, olhando para o teto com vigas expostas. Bem, tanto para manter meu disfarce. Eu seria uma péssima policial. Mas agora não era tão assustador deixar alguém entrar. Liv sempre suspeitou que algo estava acontecendo entre nós, mesmo quando eu pensei que não era possível.

Olhei em volta, verificando por cima do ombro como se alguém mais estivesse lá dentro além de nós duas. — Estamos dormindo juntos há quase três semanas. Tecnicamente, apenas algumas vezes por causa de sua agenda de futebol estúpida, mas nós definitivamente ultrapassamos a linha de amigos para mais do que amigos. Pronto, você está feliz? — Tudo saiu com

pressa. Senti uma onda de alívio por alguém finalmente saber.

— Totalmente. — ela sorriu. — Eu jurei que um dia você tropeçaria e acabaria no pau dele com todo o flerte que vocês dois faziam o tempo todo.

— Nós não flertamos.

— Certeza? — Ela acenou com a cabeça, olhando para mim como se eu fosse uma idiota delirante. — Vocês dois estão jogando preliminares há pelo menos uma década.

— Idiota. Tínhamos doze anos.

— Você não tinha tesão por ele quando era pré-adolescente?

— Não, isso foi apenas na escola secundária. O primeiro verão após o acampamento de futebol, em que ele tirou a camisa e o peito magro tinha sumido. — Antes de mergulhar na piscina. Eu juro, engasguei com meu chiclete quando ele saiu da água, brilhando com músculos ondulantes.

— Os caras sabem? Vocês dois estão mandando eles para fora de casa com suas sessões de sexo de horas de duração?

— Que merda é essa? — E se houvesse alguma dúvida em minha mente se deveríamos gritar sobre dormir juntos dos telhados aqui, teria evaporado. — É isso que você e Ford estavam fazendo quando se encontraram na cobertura da noite e, oh, postaram na internet.

— Ficou apenas algumas horas. — Ela se encolheu e olhou feio.

Ops, provavelmente cruzei a linha falando do vídeo de sexo de Ford e Liv comemorando seu aniversário de 21 anos em maio.

— Não, não contamos a ninguém. E você também não pode contar a ninguém. — Eu apontei um dedo em sua direção.

Liv era uma excelente guardiã de segredos. Era parte do

motivo pelo qual as coisas tinham ido para o sul com seu irmão. Acontece que os irmãos tendem a não gostar que você esconda que está namorando o melhor amigo deles pelas costas. Então, se alguém era um cofre e sabia o quão importante era manter isso em segredo, era Liv.

— Seu segredo está seguro comigo. Isso significa que vocês dois estão namorando? — Ela fez uma cara de desmaio que eu estava a segundos de derrotar outro travesseiro.

— As coisas estão fluindo. Não há planos reais além de apenas aproveitar o tempo que passamos juntos. Ele irá para o recrutamento em abril e eu vou para Veneza por dois anos. — Dei de ombros. — Não adianta fazer planos de longo prazo agora.

— Vamos! — Ela bateu as mãos no travesseiro em seu colo. — Vocês dois estão dançando em torno disso por tanto tempo e agora que estão finalmente transando, você fica tipo “oh, estamos apenas mantendo isso casual”.

— O que mais eu devo fazer? Não posso desistir da Itália e ele não vai desistir do futebol. Nossas vidas serão uma loucura, por que colocar as expectativas de relacionamento em cima disso? — Eu repassei tudo isso centenas de vezes na minha cabeça. Pedir a qualquer um de nós para desistir de nossos sonhos levaria à raiva e ao ressentimento. Era melhor segurar o que tínhamos e deixar ir quando chegasse a hora, em vez de se agarrar a isso e destruir um ao outro.

— Porque vocês dois se importam um com o outro.

— Somos amigos há muito tempo, mas já fui queimada antes quando se trata de esperar muito das pessoas em minha vida. Você não pode ficar desapontada se não tiver expectativas. — Tínhamos evitado conversas sérias, e planejava manter assim. Então, pelo menos, eu poderia fingir que não estava me apaixonando por ele e não sabia como conseguiria ficar longe dele por dois anos.

— Então o plano é você ir para a Itália, ele ser profissional e depois? Vocês nunca mais se veem?

Dei de ombros, sem querer responder às perguntas que vinham passando pela minha cabeça desde que desembarquei em agosto.

— Fala sério. Você honestamente acha que ele será convocado e nunca mais falará com você?

— É uma vida louca. Ele estará viajando o tempo todo. Toneladas de atenção. E eu não estarei lá. Como posso esperar que ele não se envolva no mundo do futebol profissional?

— Sei que Ford joga hóquei, não futebol, mas superamos os altos e baixos dele viajando muito bem.

— Isso é diferente.

— Como somos diferentes? Nós nos conhecemos desde que eu era criança. Sou louca por ele desde sempre. Nós nos beijamos e ele quebrou meu coração. Com menos de um taco na cabeça, ele era o cara mais teimoso de todos quando se tratava de nos agarrarmos.

— Mas vocês têm sido inseparáveis desde que foram morar juntos. Além disso, Ford é mais velho e uma gracinha totalmente silenciosa. LJ absorve toda a atenção. Ele adora, mas finge que não. Quando ele estiver jogando com os profissionais, eles serão crianças correndo em suas camisetas. E por mais que eu o tenha criticado sobre isso, ele é quente demais. Haverá mulheres o cercando.

— Acontece. Mas você confia nele.

Aquelas palestras diárias de minha mãe e o quão maravilhoso era seu romance de faculdade com Ron ecoaram em meus ouvidos. Depois que ele foi convocado, passou mais tempo na estrada e dando mais atenção dos fãs, até que ele se machucou e mudou para escotismo e, eventualmente, treinador.

Longas viagens rodoviárias. Longos trechos longe de casa. E uma longa linha de promessas quebradas em seu rastro.

— As coisas vão mudar. Assim que ele jogar mais nesta temporada, os holofotes ficarão mais brilhantes.

— Por que ele não está jogando muito agora?

— Ele machucou o tendão da coxa e disse que estava relaxando. — Uma cutucada no fundo do meu cérebro me disse que era uma mentira, uma que eu não tinha cavado mais fundo. O futebol era um assunto proibido desde que vim para a FU. Quando falamos de futebol, a conversa pode mudar para o território de Ron. Não quer dizer que eu não assistia aos jogos de LJ ou não queria que ele arrebentasse em campo, mas eu não estava aparecendo nos treinos ou incomodando ele na academia como eu costumava.

— Ele precisa se recompor.

— Sim, precisa. — Terminamos nosso trabalho. Toda a perspectiva de Liv era menos desgraça e melancolia do que no semestre passado, mas não falar com seu irmão ainda pairava sobre ela o tempo todo em que estive lá. Deve ter sido bom ter um irmão mais velho para cuidar dela enquanto crescia, mas isso não significava que havia sol e arco-íris o tempo todo.

Eu sabia disso mais do que ninguém. Às vezes, quando eu mencionava minha mãe ou Ron, ela olhava para mim e eu sabia que ela queria me dizer para ser grata por eu ter pais - os dela morreram quando ela era muito jovem. Mas os meus tinham me mostrado uma e outra vez que estar vivo não significava que eles fossem pais.

— Quando Ford está de volta à cidade?

— Em uma semana. — Ela desabou de volta no sofá. — Esses longos trechos são uma droga. Ele está na estrada por doze dias desta vez.

— Deve ser difícil.

— Pelo menos me mantém focada na graduação. Mudar meu curso como estudante do segundo semestre não me deu muito tempo para enfiar tudo antes de nos formarmos.

Coisas como o máximo de tempo que eu conseguia com LJ. A batalha interna travada entre querer passar cada momento acordada com ele e não querer se acostumar com isso. O relógio marcava até maio. A Itália parecia um plano de fuga sólido, partindo em meus próprios termos, fazendo um trabalho que eu estava ansiosa para fazer e começar minha carreira.

Mas havia uma parte de mim que queria ser a namorada definitiva do jogador de futebol. Queria deixá-lo lidar com tudo e parar de lutar tanto para colocar distância entre nós e afirmar minha independência. Para apenas ceder. E isso me fez odiar por apenas entreter a ideia. Parecia que o código estava escrito em meu DNA por minha mãe; um deslize e eu me transformaria nela, amarga e com raiva quando tudo desmoronasse.

Mesmo assim, saí da casa de Liv no segundo em que o alerta veio ao me notificar que seu voo havia pousado. Ainda estava quieto quando voltei ao Brothel. Era melhor estar com ele do que ficar longe pensando em todas as coisas que estar com ele significava.

Eu não estava sentada em minha mesa esperando o momento preciso em que a porta se abriu. Não, definitivamente não tinha relido as mesmas cinco sentenças ao longo da linha do tempo para desembarque, retirada de bagagem, carregamento no ônibus e tempo de condução para casa.

Berk subiu as escadas primeiro e jogou suas coisas no quarto em frente ao de LJ. Ele espreitou a cabeça no meu quarto. — Ei, Marisa. Fico feliz em ver que a casa ainda está inteira. Estou indo ver Jules. Até mais, tchau. — Ele foi embora antes que eu pudesse dizer uma palavra.

Keyton veio em seguida, entrando. — Ei, Marisa. Tudo bom?

— Não há marcas de queimadura no teto. Está tudo bem aqui.

Um sorriso abafado apareceu em seus lábios. — Fico feliz em ouvir isso.

Seus olhos dispararam em direção à escada. — LJ vai subir daqui pouco. Ele ainda está um pouco tenso depois da viagem. — Pela queda em sua voz, não soou como se ele quisesse dizer gritos de torcida desagradáveis da FU e dar cambalhotas na sala de estar.

Com uma batida na minha porta, ele abriu a boca e fechou antes de entrar em seu quarto em frente ao meu.

O último conjunto de passos foi mais silencioso, mais cansado e desgastado. Eu não tinha assistido ao jogo hoje, apenas li os destaques. Ele estragou uma peça que eles não mencionaram?

Esperei que ele enfiasse a cabeça na minha porta. Eu continuei esperando.

Ele não parou no meu quarto. Do outro lado da parede que separa nossos quartos, houve sons abafados de desempacotamento, mas nenhuma palavra ou movimento em direção ao corredor.

Controlando as preocupações persistentes que giravam em minha cabeça, fui até ele, me encostando na porta. Se eu tivesse talento, quebraria uma placa de mármore e o esculpiria. Em vez disso, me resignei a apreciar a arte em todas as suas formas. Até mesmo o jogador de futebol mal-humorado fazendo a representação de um urso desfazendo as malas.

Suas roupas dobradas estavam empilhadas em sua cama. Sempre foi bom saber que havia uma coisa nas artes domésticas onde eu poderia ajudar.

Ele tirou as roupas de sua mochila e as enfiou no cesto vazio como se tivesse uma vingança pessoal contra elas.

— Você não sabe que só deveria ficar com raiva quando perde? — Peguei uma meia que havia caído aos meus pés durante o furioso desempacotamento.

Agachado, ele balançou a cabeça. — Eu preciso de alguns minutos.

Em vez disso, verifiquei o corredor. A porta de Keyton estava fechada. Não era eu quem estava falando sobre colocar distância entre nós menos de uma hora atrás? Fechei a porta e sentei no chão ao lado de sua mesa.

— Gostaria de falar sobre isso?

— Não.

— Quer que eu arranque de você?

— Não.

— Quer que eu faça cócegas em você?

Seu olhar de aço foi minha única resposta. Ele pegou a mochila e a enfiou no armário.

Eu me levantei, peguei seu casaco na parte de trás da porta e o estendi para ele. — Vamos lá.

Virando-se, ele cruzou os braços e se plantou como uma árvore.

— Oh vamos lá. Há quanto tempo nos conhecemos? Você



acha que pode me enganar?

— Você está sempre muito mal-humorado quando está com fome. — Lambi o marshmallow do meu dedo.

— Eu não estava com fome.

— Diz o homem em seu quinto s'more.

O ar gelado de novembro entorpeceu meu nariz, que provavelmente estava escorrendo agora. Não havia muitas pessoas aqui na noite de segunda-feira, mas eu escolhi sentar do lado de fora em vez disso. Fire & Ice não estava longe do campus, mas longe o suficiente para eu descobrir o que estava acontecendo com LJ em nossa caminhada tranquila.

Na mesa entre nós, tínhamos um prato completo com barras de chocolate, biscoitos, marshmallows, espetos e uma pequena fogueira no centro.

Nossos joelhos colidiram sob a mesa, não de um jeito que brincava com os pés, mas de um jeito “estamos sentados na mesa de uma criança”. Eu não poderia dizer que odiava o fogo fornecendo o calor que as cadeiras de metal não capazes.

Coloquei um pouco de manteiga de amendoim no meu biscoito e tirei meu marshmallow do fogo, imprensando-o com outro biscoito. Estendendo a guloseima sobre a mesa, inclinei minha cabeça, tentando chamar a atenção de LJ. — Qual é, L. Você sabe que é o seu favorito.

A tensão havia diminuído durante a caminhada, mas ainda havia um mal-estar nele. Ele tinha um ar cauteloso e agitado. Ele estendeu a mão para o s'more e eu o afastei um pouco fazendo com que ele se aproximasse.

Ele veio e agarrou o chocolate com manteiga de amendoim, saindo de sua cadeira.

Quando ele o fez, eu me levantei e o beijei. Nada mais do que um selinho, na verdade. Me pegou desprevenida como eu tinha feito isso facilmente e o quanto isso fazia sentido agora. Antes eu o teria atacado ou contado uma piada, mas o beijo parecia natural.

E eu queria mais.

Seus lábios eram firmes, mas macios contra os meus. Quente, gostoso e queria senti-los nos meus ainda mais tempo. Mas não aqui. Agora não.

Eu verifiquei por cima do meu ombro. O lugar e a rua estavam desertos como antes, mas os olhos de LJ se arregalaram antes de rir. Os últimos pedaços de tensão foram arrancados de seu corpo.

— O que é que foi isso? — Ele olhou ao redor como eu e tirou o s'more da minha mão.

— Foi uma maneira de tirar sua cabeça da bunda.

— Parece que vou ter que encontrar mais razões para enfiá-la lá. — Seu olhar aqueceu quando ele mordeu os biscoitos, bagunçando suas mãos no processo. — Droga, isso é bom.

— Só mais um. Não queremos que você vomite no quintal como fez na sexta série.

— Foi horrível.

— Agora você vai me dizer o que está acontecendo?

— Eu não joguei muito durante o jogo e meu agente está pirando, o que está me fazendo pirar.

— Por que Ron não está colocando você para jogar? — Depois de falar com Liv, a cutucada na parte de trás da minha cabeça foi mais como um empurrão. Eu diria a ele para me dizer se houvesse um problema. Eu o fiz prometer que ir a jantares não seria um problema e disse que ele não precisava vir, mas ele insistiu. Eu precisava acreditar que ele me contaria a verdade - eventualmente.

— Você não acha estranho chamar o seu pai, de Ron?

— Sem mudar de assunto. Por que ele não está colocando você para jogar?

Ele espremeu seu s'more. — Eu não sei.

— Talvez você devesse ter tocado no assunto no jantar de segunda-feira. Quem mais na equipe recebe uma hora de atenção exclusiva com o treinador Saunders? — Não tinha voltado desde o jantar com Nora e não me arrependi nem um pouco. Eu precisaria voltar eventualmente, só para não me ferrar com as mensalidades do próximo semestre, mas estava ganhando tempo e me arrastando ao me submeter a outra rodada de teatro de jantar paternal.

— A atenção dele está bem dividida. E geralmente focada em você.

— Não vamos estragar essa sobremesa falando sobre ele. — Já era ruim o suficiente eu ter que vê-lo à margem de todos os jogos de LJ, eu não precisava que ele arruinasse minha sobremesa.

— Você o mencionou. — Seu abaixamento verbal e esquiva não foram tão rápidos quanto no campo.

— E agora estou desmencionando. — Fiz ruídos de retrocesso de vídeo com minha boca. — Você fez uma ótima jogada. Esses bloqueios foram brutais. Que tal os três quartos que levam a isso?

Ele lambeu um pouco do chocolate de seus dedos.

— Eles estavam chegando perto. Foi direto ao ponto.

Ele fez um ruído de desaprovação. — Faltam apenas três jogos para os playoffs. — Isso era mais para ele do que para mim.

— Aí você vai ter que ir lá durante os treinos e ter certeza de que o técnico de defesa não tem motivo para te segurar. Talvez ele esteja tentando dar aos alunos do último ano uma chance com tantos veteranos indo embora. Vocês se lembram de como foi ruim o primeiro ano para vocês.

— Sim, você provavelmente está certa. — Ele desviou o olhar e colocou outro marshmallow no fogo. — Estou feliz que você me fez vir aqui hoje à noite, Risa.

Eu disse que estava congelando aqui? A maneira como ele olhou para mim atingiu o fundo do meu peito e acendeu uma mini fogueira bem no meu coração.

20

LJ

— As últimas semanas são as melhores semanas da temporada. — Keyton colocou fogo em um pedaço de jornal dobrado e o enfiou no carvão da churrasqueira em nosso quintal. Durante a primavera e o verão, os quintais ficavam lotados com outros alunos nos finais de semana tomando banho de sol.

O pico de novembro havia chegado, então éramos todos grelhadores de inverno nesta casa.

— Faltam mais três jogos para os playoffs. — Apenas mais três chances de nossa sequência de rebatidas morrer e não chegarmos aos playoffs este ano. Meu estômago deu um nó em um aperto como punhos cerrados.

— Você vai continuar essa temporada sem jogar? Apenas desistir como se não fosse grande coisa.

— Eu sei que é um grande negócio. E agradeço por você trazer isso à tona quando estou tentando relaxar por cinco segundos. — Saiu mais mordaz do que eu pretendia.

Mas ele encolheu os ombros e rolou direto do jeito que eu o ataquei. — Marisa não falou com o pai sobre isso?

— Eu não pedi a ela.

Keyton parou no meio do caminho. — Por que diabos não?

— Existem coisas mais importantes.

— Ah, ok, então você não está realmente pensando em ser convocado e aqueles cheques de pagamento gordos não significam nada para você. Eu não sabia que tínhamos outra situação Nix em nossas mãos.

— O pai de Nix jogou profissional por quase uma década. Ele nunca teve que se preocupar com dinheiro um dia em sua vida. Essa não é minha vida. Você acha que tenho uma herança gorda escondida em algum lugar e estou trabalhando pra caralho para me divertir?

— Então por que você não está fazendo tudo que pode para se dar uma chance? Você precisa que Marisa fale com ele.

— Eu posso fazer isso sozinho. — Passei por ele e assumi a liderança subindo os degraus de volta para a casa.

— Sim, porque você já está fazendo um ótimo trabalho. — Ele resmungou, subindo as escadas atrás de mim.

— Podemos guardar as bebidas no quintal para mantê-las resfriadas.

— Temos um jogo em dois dias. Este não é o momento para ficar bêbado.

Virei no topo da escada e abri bem os braços. — Não é como se eu fosse fazer mais do que uma jogada. O que isso importa?

— Se você não pedir a Marisa para falar com o pai dela, você nunca terá tempo suficiente no campo.

— Eu não vou colocar isso nela. Ela tem estado ao meu lado em alguns momentos difíceis. Posso me sentar em alguns jantares semanais, para que ela possa pagar a faculdade.

— À custa do seu futuro?

— O que está à custa do seu futuro? — Marisa saiu da cozinha com uma jarra de bebida de cores vivas.

Keyton balançou a cabeça olhando ao redor.

Meus músculos ficaram tensos. Meu olhar se aguçou. Meu estômago se apertou.

Um músculo em sua mandíbula pulsou. *Não faça isso.*

— Ninguém vai dizer? Mesmo? Bem. LJ foi afastado por seu pai em noventa por cento dos nossos jogos... por sua causa. — Keyton pronunciou as palavras como se finalmente tivesse chegado ao fim de sua corda - uma corda que ninguém pediu que ele subisse.

— Eu disse para você calar a boca. — Eu avancei em Keyton. Berk me agarrou, seu braço subindo ao redor do meu pescoço enquanto eu ia para o de Keyton.

— Por minha causa. — A voz de Marisa quebrou meu desejo irresistível de calar Keyton.

Parei de lutar contra Berk e me virei.

O olhar em seus olhos me disse que o estrago estava feito. — Não é por sua causa. É porque ele está sendo um idiota irracional.

— Por minha causa. — Ela olhou para ele com dor transbordando em seus olhos. — Porque estou fazendo você vir aos jantares dele.

Eu dei um passo à frente pegando seu braço. Um buraco torceu e girou em meu estômago. Todas as minhas mentiras estavam voltando para me assombrar. — Não é grande coisa.

— É um grande coisa se está impedindo você de jogar. — Ela recuou, cruzando os braços sobre o peito, irritada. Irradiava dela em ondas.

— E você fez muito mais do que isso por mim. — Eu deixei meu braço cair, mas me aproximei.

— É do seu futuro que estamos falando. Isso é tudo o que você sempre falou. O que você queria desde que tínhamos dez anos. — Jogando os braços para o lado, ela balançou a cabeça como se nada disso fizesse sentido. Eu tinha merecido isso há

muito tempo.

— E isso vai acontecer. — Eu tinha que acreditar que isso aconteceria. Que aproveitei ao máximo meu tempo em campo para tornar isso possível.

— Não se você não estiver jogando a maioria dos jogos. Você disse que foi porque você relaxou na pré-temporada, mas ele está impedindo você de começar esta temporada porque eu arrastei você para a casa dele todas as semanas.

— E daí? O tempo que estou em campo, eu faço valer a pena. É a minha vez de estar ao seu lado. Depois de tudo que você fez por mim e pela minha família, é claro que eu faria isso por você.

— Quantas vezes eu já disse que você não me deve nada? Não há mais nada para você retribuir. Não há nenhum livro-razão com suas dívidas apuradas.

— Eu não dou a mínima. Meu pai não estaria vivo se não fosse por você. Eu vou te seguir aonde você quiser que eu vá.

— Eu não estou... Eu não quero você me seguindo fazendo o que eu quero porque você se sente em dívida comigo. Devíamos ser amigos, não quero que você sinta que estou mandando em você, eu teria feito qualquer coisa que fosse para ajudar Charlie.

Ela empurrou o jarro para Berk, o conteúdo espirrando para o lado e derramando em seu peito.

Seus passos sacudiram a casa enquanto ela subia as escadas e batia a porta.

— Que porra é essa? — Eu encarei os degraus vazios. — O que eu disse de errado?

Berk enxugou seu peito e deixou cair a mão no meu ombro. — Talvez ela esteja com medo de que essa seja a única razão pela qual você ainda está por aí. Ou como se ela fosse uma apólice de

seguro no caso de seu pai ficar doente novamente.

Jules saltou da sala onde estava sentada com Alexis. Simplesmente ótimo. Ainda mais pessoas na casa para testemunhar isso. — As meninas não gostam de sentir que você não está com elas por causa delas.

Comecei a recuar e pensar sobre nunca ser mais do que amigo de Marisa. A última coisa de que precisávamos no meio disso era ainda mais pessoas com opiniões sobre nosso relacionamento - ou se era mesmo um relacionamento.

Olhei para o teto, sentindo-me mais como se ela tivesse derramado a jarra na minha cabeça. Dedos frios de medo e angústia escorreram pela minha espinha. Eu nunca quis que ela sentisse que qualquer coisa que eu sentia por ela tinha a ver com ela salvar a vida do meu pai.

Subindo as escadas de dois em dois, parei do lado de fora da porta de seu quarto e bati. Ela iria ver seu pai. Cem por cento seu próximo curso de ação seria rasgar seu pai como um idiota, mas isso não seria a melhor coisa para nenhum de nós.

Depois do golpe duplo de ela descobrir minhas mentiras e descobrir seus sentimentos sobre o transplante de medula óssea, eu precisava ter certeza de que estávamos bem.

Silêncio hostil reverberou pela porta que nos separava. — Podemos conversar?

Nada.

— Não é como se eu não soubesse que você está aí. — Eu invadi

— Saia. — Ela puxou o cabelo em um rabo de cavalo desleixado.

— Nós precisamos conversar.

— Agora você quer conversar? Eu perguntei por que você não

estava jogando muito nesta temporada e você mentiu na minha cara várias vezes.

A culpa caiu diretamente sobre meus ombros. — O que eu deveria dizer?

— Que tal, “Marisa, seu pai é um idiota colossal e está me bloqueando em campo porque somos amigos e por que estou indo aos jantares de segunda-feira, mesmo depois de prometer que pararia se isso afetasse minha posição no time”.

— E então você nunca lhe daria uma chance.

— Qual é a sua obsessão comigo dando a ele um grama do meu tempo? Você se ofereceu para vir jantar, então eu não precisava ir sozinha, então eu realmente apareceria e não teria que falar. Eu não quero conhecê-lo. E agora você chegou ao ponto em que restam apenas mais dois jogos na temporada regular. Você perdeu a cabeça?

— Se você não fosse jantar, ele não assinaria sua matrícula e talvez você tivesse que se transferir novamente ou não terminar a escola. — Tinha sido um passe difícil mantê-la na escola, me certificar de que eu não teria que sofrer por mais um ano como sofri com o primeiro ano. Eu só queria passar mais três anos juntos antes de sermos oficialmente adultos.

— Esta é sua vida. Pare de me tratar como se eu estivesse segurando essa coisa que fiz sobre sua cabeça para sempre.

— Eu estava tentando proteger você.

— Não preciso da sua proteção e nunca pedi por ela.

— Como se você não precisasse disso com Chris.

Foi um golpe baixo. Mas precisava ser dito. Às vezes ela precisava de ajuda e proteção e eu queria ser aquele a quem ela recorresse.

Ela cambaleou para trás. — Isso foi um movimento idiota. —

As palavras saíram de sua boca como um canhão de confete de desprezo.

— Isto é vida real. Não o que está acontecendo no campo. — Passei minhas mãos pela cabeça. — Deixe eu tentar resolver isso.

Ela jogou as mãos para o alto. — Você tem feito um excelente trabalho até agora. Dois jogos. Restam dois jogos antes dos playoffs. Vocês têm sorte de terem tido uma ótima temporada e espero que haja mais algumas chances.

— Eu posso...

— E se você não puder, como você não foi capaz de fazer nas últimas duas temporadas? O que então? E as contas médicas do seu pai? A casa dos seus pais? Faculdade de Quinn? Todos esses grandes planos. Você está disposto a colocá-los em risco para dar uma chance a um idiota que poderia muito bem ser um doador de esperma?

Ela correu em direção à porta, mas eu entrei em seu caminho.

— Ainda não terminamos.

— Nós com certeza terminamos. — Ela empurrou contra meu peito e saiu do quarto. Seus passos trovejaram escada abaixo.

Eu me joguei na beira da cama dela, olhando para a porta vazia. As palavras ecoaram em minha cabeça. Ela quis dizer isso?

21

MARISA

EU desci a rua em chamas para sua casa com o suor agarrado à minha pele sob meu casaco. O calor viajou pela parte superior do meu casaco com zíper e aqueceu meu queixo enquanto o ar rachava minhas bochechas.

A uma casa longe da dele, um garoto correu em minha direção em uma bicicleta, embrulhado com joelheiras, cotoveleiras e um capacete.

— Levi, volte. — Uma garota mais velha, igualmente equipada, o chamou.

Ele se virou e andou em sua direção.

Atrás da garota, correndo ao lado de um garotinho de aparência idêntica com uma toalha enrolada na cintura para firmá-lo, estava Ron.

Suas palavras de encorajamento cortaram o ar. — É isso aí, Landon. Você está fazendo isso.

As brasas do fogo queimaram ainda mais. Uma raiva incendiária explodiu em minha cabeça como uma bomba emocional.

Minha pele formigou como se eu tivesse tropeçado em um pacote de leões prontos para me rasgar membro por membro. Só que essas não eram ameaças físicas, mas mentais cavando profundamente em velhas feridas que eu fingia estar curada. Eu queria fugir, mas não pude.

Os pés de Landon estavam se movendo a uma milha por minuto e não foi até que eles estavam a três metros de mim que Ron olhou para cima. Ele parou, pegando Landon pela cintura

com a toalha. A bicicleta tombou, mas o menino ficou preso na cintura. Ele não o deixou cair.

Ele quase caiu. Sua testa franziu em preocupação, e isso me fez odiá-lo ainda mais. — Marisa, o que você está fazendo aqui? O que há de errado? — Ele firmou Landon em seus pés e caminhou em minha direção.

— Você é o que está errado. — As palavras mal escaparam pelos meus dentes cerrados.

Ele olhou de Landon para mim e se agachou, de frente para o menino em sua direção. — Vá brincar com seu irmão e irmã, Landon. Preciso falar com Marisa. — Tão amoroso e gentil.

Meu sangue fervia em minhas veias. Não que ele nunca tivesse sendo legal com uma criança que eu nunca tinha conhecido antes, mas que ele poderia ser isso com uma criança que nem era dele.

O menino olhou de mim para Ron e acenou com a cabeça.

— Você quer entrar? — Ele estendeu a mão para mim. Besteira gentil e reconfortante.

Eu puxei meu braço e recuei.

O cansaço irradiava dele, mas mais uma vez - foda-se. — O que eu fiz agora?

— Há uma lista de lavanderia. Vamos começar com você não colocar LJ para jogar por minha causa. — A queimadura estava de volta, crescendo mais brilhante na parte de trás do meu nariz. — O que diabos você pensa que está fazendo? Seu futuro está em jogo. Sua carreira e o sustento de sua família estão em jogo.

Ele ergueu o boné Fulton U como se precisasse arejar o topo de sua cabeça. — Eu me perguntei quanto tempo levaria para ele desabar.

— Isso foi um teste? Algum jogo mental bagunçado? — Todas as crianças atrás dele se viraram para nos observar. Talvez tenha sido antes de eles terem visto exatamente que tipo de cara ele era e quem ele fingia ser.

Seu olhar se desviou e voltou para o meu com os braços cruzados sobre sua pólo Fulton U da Equipe Técnica. — A vida é feita de escolhas. As coisas que valorizamos e as coisas que não valorizamos.

A porta da frente da casa se abriu. — Almoço está pronto. — Nora ficou parada na porta, sorrindo e acenando para as crianças entrarem. Ela congelou quando me viu, um olhar preocupado cruzando seu rosto.

Uma pequena família perfeita. Ele começou a brincar de casinha enquanto tentava destruir a coisa mais próxima que eu já tive de um lar.

Eu cerrei meus punhos ao meu lado e olhei, tentando e falhando em manter minha respiração sob controle. Tentando não me deixar entrar em espiral no colapso da visão manchada caindo com força sobre mim.

— Ele veio comigo para aqueles jantares porque é meu amigo. Eu precisava de apoio e ele estava lá para mim. Sempre que preciso de apoio, ele está lá para mim e você usou essa amizade contra ele. — Minha voz falhou. Eu odiava como as lágrimas queimavam nos cantos dos meus olhos. Eu odiava o quanto não queria sentir nada sempre que olhava para ele. E eu odiava como ele me usou contra LJ.

— Tudo que eu estava tentando...

— Você estava tentando tirar a única pessoa que realmente me amou porque você está com *ciúmes*. Eu pensei que te odiava antes, mas você caiu para um nível totalmente novo.

Sua mandíbula se apertou e a veia na lateral do pescoço inchou.

— Não se tratava de ciúme. Se tratava de garantir que vocês dois não repetissem os mesmos erros que sua mãe e eu cometemos. O futebol não pode ser mais importante do que as pessoas de quem você gosta.

— Era para você! — Dei um passo em direção a ele e coloquei um dedo em seu rosto. — Você saiu. Você me deixou com ela e nunca mais voltou. Caramba, o futebol ainda é a coisa mais importante na sua vida. — As lágrimas queimaram minhas bochechas com o vento forte. — O negócio eram jantares semanais com você, exceto em noites de jogos ou quando você está explorando ou quando você está em uma liga ou quando mais lhe convier. Ou é hora de sair com Nora e seus filhos. Parece que você tem muito tempo para eles.

— É fim de semana alternado. E esse é quando Nora está com os filhos. — Seus lábios se contraíram e sua cabeça baixou.

Eu esperava que o peso da vergonha o enterrasse.

— Sim, o futebol também é importante. Tenho um emprego e muitas pessoas que dependem de mim.

— Ele também. — Eu gritei tão alto que ecoou na rua vazia. Minha garganta latejava, crua e ardente. — Por que diabos você acha que ele está trabalhando tanto? E você está preocupado com ele ser egoísta?

— Ele precisa saber

— Não! Ele não precisa saber de nada. Ele precisa ter uma chance justa no draft. Você o colocará em todos os jogos pelo resto da temporada, então suas perspectivas de recrutamento não estão mais prejudicadas do que já foram.

Palavras apertadas e cortadas escaparam de sua boca. — Você não vai me dizer quem eu posso e não posso colocar para jogar, Marisa.

— Se você quiser me ver depois de hoje, você colocará o

melhor defensor interno do time nos últimos dois jogos antes dos playoffs. E nós dois sabemos que é LJ. É para isso que ele trabalhou e o que ele merece.

— E se eu não fizer?

— Terminei. — Eu levantei minhas mãos, pronta para seguir em frente com o que eu disse. Não era uma ameaça, era a verdade. — Eu terminei com você. Eu terminei com você e você fingindo que se preocupa comigo. Eu terminei com você para sempre. Você pode brincar de casinha com sua nova namorada e os filhos dela e esquecer que me conheceu. Esqueça que eu existi porque você é um bastardo egoísta que não se importa com ninguém além de si mesmo, e Nora e aquelas crianças vão ficar melhor no segundo que souberem disso.

A porta da frente de sua casa ainda estava parcialmente aberta.

— Você ouviu isso, Nora? Corra para o outro lado, porra. — Corri meu olhar ardente sobre ele, sem conseguir acreditar que deixei LJ pensar por um segundo que eu poderia pensar nele como meu pai.

— E quanto ao seu último semestre? Ainda não assinei os formulários. — Há quanto tempo ele estava sentado em seu as na manga?

Minha risada gotejava desdém e descrença. — Eu vou pagar por isso. Vou usar o dinheiro que economizei para minha bolsa. Eu não me importo; eu cansei de fazer as coisas nos seus termos. Se você quiser a chance de ter qualquer tipo de relacionamento com sua própria filha - sua filha real, você fará o que é certo. — Eu me virei para sair.

— Ele sabe que você está aqui agora, colocando seu futuro em jogo pelo dele?

— Não. — Girando ao redor, eu marchei de volta até ele. A tristeza da raiva mastigou meu peito com o pensamento de que

ele não podia acreditar que eu sacrificaria o que tinha por alguém com quem me importava. — E ele me pararia se soubesse. Ele não queria me dizer por que não estava jogando porque por algum motivo insano, — eu bati minhas mãos contra minha testa, — ele não queria que eu *te* odiasse. Ele queria que eu me decidisse sem sua interferência. Ele estava tentando te dar uma chance e você jogou fora como um macho "agora eu decido que sou seu pai".

— Eu *sou* seu pai.

— Desde quando? Desde que você foi embora quando eu tinha oito anos? Eu não vi você. Eu não ouvi de você. Não recebi um único presente, carta, nota, sinal luminoso no céu, nada. Você me deixou com ela. Você me deixou sozinha e eu nunca vou deixar você machucar alguém que amo.

Limpei o nariz com a manga do casaco.

— Ele é meu amigo. O meu melhor amigo. O melhor amigo que alguém poderia ter.

Pela expressão em seu rosto, não era nem um pouco convincente. Tudo bem, se ele não podia fazer isso por mim, então talvez ele o fizesse pela única coisa que eu sabia que ele amava.

— Você sabe que é o que a equipe precisa e o que você sabe que é o certo. Talvez uma vez você possa agir como uma pessoa decente.

Eu sufoquei um soluço e enxuguei as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Você pode escolher ser um pai de verdade para mim apenas desta vez. — Eu segurei um dedo no ar, mas não o dedo que eu queria. — E fazer a coisa certa. Ou você pode começar aquela nova família com Nora e fingir que eu nunca existi, porque só pensarei em você como morto.

Girando, fugi, correndo até chegar ao fim do quarteirão. Virando a esquina e fora da vista, desabei contra a alta cerca de madeira e me dissolvi em uma torrente de lágrimas.

Cada passo mais perto de mim fechava a porta para o futuro que LJ tinha sonhado sua vida inteira. Ele falava o tempo todo sobre como seria bom comprar uma casa nova para seus pais, pagar pela faculdade de Quinn, saber que da próxima vez que seu pai, mãe ou Quinn precisassem de alguma coisa, ele poderia cuidar disso sem um segundo pensamento.

E ele quase perdeu tudo porque era muito teimoso para seu próprio bem.

Com o Brothel a vista, meus passos diminuíram. Com cada passo parecia que um peso de chumbo tinha sido adicionado aos meus tornozelos, como se minha energia tivesse sido sugada por uma mangueira de jardim e uma lata de gás.

Sentado no topo da escada que conduz à varanda estava LJ.

Eu segurei o corrimão para me equilibrar. Meu rosto parecia uma bagunça queimada pelo vento.

— Você foi falar com ele. — Os cantos de sua boca se contraíram.

— Sim. — Passei por ele, abri a porta da frente. Lá dentro, imaginei que ouviria conversa, risos e sons, mas parecia que a festa havia acabado. Outra coisa arruinada por minha causa.

Seus passos seguiram atrás de mim. — Eu disse para você não fazer isso.

— E eu disse para você não ser um idiota.

— O que você disse a ele? — Ele passou correndo por mim e parou na escada, bloqueando meu caminho.

Eu agarrei o corrimão e cerrei meus dentes. Ajudá-lo estava fora de questão, mas ele poderia sacrificar tudo por mim? — Eu disse a ele a verdade e disse que se ele quisesse falar comigo de novo, ele faria o que sabia ser certo.

— Risa. — Um longo e sofrido suspiro de decepção e miséria

desceu ao seu redor como uma nuvem. — Ele é seu pai. — Ele se sentou novamente, plantando-se no meu caminho.

— Quando você vai entender que isso não é um jogo de futebol perdido ou esquecer de me pegar na escola? Isso nunca estará lá para mim. Meus pais nunca estiveram lá para mim. Minha mãe não é capaz de cuidar de si mesma, muito menos de mim, e Ron parou quando eu tinha idade suficiente para sentir falta dele. Meus pais não são seus pais, e nem todo pai merece uma segunda chance, ou mesmo uma primeira chance. Às vezes, traçar essa linha é a melhor coisa que você pode fazer para se proteger. — Bem quando eu pensei que não havia mais lágrimas para chorar, elas estavam de volta.

Mas desta vez eu não estava sentada na calçada congelada. Eu desabei no degrau na frente dele.

Os braços de LJ me envolveram e me seguraram com força contra seu peito.

Eu me agarrei a ele como se fosse parar de respirar se o soltasse.

Ele enterrou o rosto no meu cabelo e correu os dedos pela minha nuca até que os soluços se transformaram em soluços de vergonha.

— Você sabe que é a pessoa mais forte que conheço.

— Eu não sou. Realmente não sou. Se eu fosse, não teria corrido para Fulton U para fazer Ron pagar pela faculdade. — Eu olhei para ele. — E porque eu odiava ficar longe de você em Nova York.

— Levou apenas três anos para finalmente admitir que me acha absolutamente irresistível. — Um sorriso gentil apareceu em seus lábios.

Uma risada aguada derramou da minha. — Mesmo assim, você ainda consegue ser o pior.

Ele me levou para seu quarto e tirou os sapatos.

Eu tirei os meus e o segui até sua cama.

Com dedos firmes e fortes, ele desabotoou meu casaco.

Eu parei seus dedos e olhei em seus olhos. — Você não deveria ter mentido para mim. Você não deveria ter escondido isso de mim.

Seu aceno foi sombrio. Ele tirou meu casaco de meus ombros. — Eu sei. Eu não queria que você o odiasse e não queria que você não pudesse pagar as mensalidades. Eu não queria que você tivesse que sair de novo. — Olhando em seus olhos, as lágrimas voltaram por um motivo totalmente diferente. Com um olhar, ele me fez sentir uma espécie de desejo que eu nunca senti antes e não sabia se eu sentiria de novo. Era assustador ver a profundidade de seus cuidados e saber que não duraria para sempre.

Subimos na cama juntos, nossos braços e pernas entrelaçados e nossas cabeças no mesmo travesseiro.

Ele passou os dedos pelo meu cabelo, puxando as mechas grudadas no meu rosto pelas lágrimas.

— Eu te amo, Marisa.

Esta não foi a primeira vez que ele disse isso, mas desta vez parecia diferente. Era de parar o coração, terrivelmente diferente.

22

LJ

Keyton se inclinou, apoiando o braço no armário ao lado do meu. — Escuta, cara. Eu sinto muito. Eu sei que você disse para não dizer nada, mas às vezes você é teimoso demais para o seu próprio bem.

A tensão em meus músculos não tinha nada a ver com prática poderosa ou pular o alongamento. Larguei minhas almofadas de ombro no vestiário e arrastei minha camisa pela cabeça.

— Não há nada a fazer sobre isso agora. — O estádio retumbou acima de nós. Stands cheios de fãs congelados.

— Como está Marisa?

— Estou mais chateado com você por deixá-la com raiva do que o treinador. — Minha bochecha se contraiu.

Marisa e eu passamos os últimos dias em nosso próprio mundo, desaparecendo em lugares tranquilos do campus. Eu sabia que deveria ter conseguido meu próprio lugar no último ano.

Ele estendeu a mão. — Estamos bem?

Inclinando minha cabeça, encontrei seus olhos. Quantas vezes eu havia feito algo assim para o bem de Marisa? Às vezes, tínhamos que pressionar as pessoas de quem gostávamos. É o que amigos fizem. Eu agarrei sua mão e o puxei para mais perto, batendo meu punho contra suas costas. — Estamos bem.

Com um aceno de cabeça e meio sorriso, ele soltou um suspiro. — Obrigado. Eu estava preocupado que você me expulsasse de casa ou algo assim.

— De jeito nenhum. Se eu fizesse, Berk poderia tentar mover Alexis para ocupar seu quarto.

— Ela está tramando alguma coisa, não é?

— Quando ela não está? Mas Berk terá que descobrir isso sozinho.

O treinador Saunders entrou no vestiário e toda a conversa se acalmou.

Eu estalei direto, olhando para ele e tentando manter as adagas embainhadas. Marisa me contou tudo sobre o ambiente familiar aconchegante em que ela encontrou quando o confrontou. E pensar que achei que ele merecia outra chance.

Puxando a prancheta, ele olhou para ela. — Mudança para a escalação inicial hoje. Lewis é trocado para o início. Todo o resto permanece o mesmo. — Ele não me deu uma olhada. — Estamos lá em dez.

O ar forçou sua saída de meus pulmões e eu não consegui puxar ninguém de volta. Eu estava começando. Começando pela primeira vez em vinte e quatro jogos.

A equipe técnica o seguiu para o PT e sala de recuperação fora do vestiário principal.

Um golpe quase me derrubou, mas não bati no chão. Em vez disso, fui esmagado contra um conjunto de almofadas cobertas de malha.

— Você está começando. — Berk berrou, quase estourando meu tímpano.

— Não estarei se ficar surdo e não puder ouvir as jogadas. — Mas meu sorriso brilhou como um placar vencedor.

Berk baixou a cabeça e olhou por cima do ombro. — Estou feliz que o treinador finalmente tirou a cabeça da bunda.

— Então somos dois.

Corremos para baixo do túnel, o frio do ar do final de novembro cortando ainda mais forte quando saímos do vestiário superaquecido. O segundo rapaz correu para cima e para baixo nas laterais para se aquecer. O resto de nós sabia que logo estaríamos com calor.

A névoa de nossa respiração flutuou no ar e se misturou em uma névoa Fulton U. Canhões de calor foram acionados, mas fora de seu estreito campo de alcance, o frio estalou contra minha pele.

Nosso QB correu para o centro do campo para o cara ou coroa. O barulho estrondoso da multidão reverberou até meus ossos.

O árbitro deu o call e a defesa foi a primeira.

Correndo para o campo, fechei meus olhos, conhecendo meu lugar sem precisar vê-lo. Não precisaríamos sair de trás deste jogo. Não cortaríamos o placar perto do final do último quarto. Nós ganharíamos e eu mostraria a todos o quanto estou aqui para impedir cada jogada que vier à minha frente.

Andando atrás dos atacantes, encontrei meu alvo e corri através das horas de fitas que assistimos para dissecar o time adversário. Meu objetivo era simples. Não deixar ninguém passar por mim.

Impedir. Interromper. Interceptar.

A bola estalou e tudo se moveu em câmera lenta. As lacunas se desenvolveram e eu as explorei impiedosamente, sabendo que cada minuto que passava aqui estava um minuto mais perto de vencer o jogo. Cada centímetro bloqueado colocava o ataque em uma posição melhor. Cada

~

respiração estava mais perto de me tornar profissional.

Jogos em casa significava festas em casa. Esta foi uma festa de sacudir os ossos, tocar os ouvidos e acelerar a adrenalina, onde estávamos a segundos de sermos levantados e carregados pela casa.

Pelo menos não tivemos que fornecer a bebida. Barris eram rolados sem que ninguém pedisse, e a música dos alto-falantes que não tínhamos tocava no assoalho sob nossos pés.

Alguns dos alunos do último ano estavam na casa, e eu os chamaria amanhã para limpar isso depois de se convidarem.

Por enquanto, no entanto, eu me deliciei com as vibrações pós-jogo quase fechadas. Esta foi uma festa pós-jogo em que estive em campo em todas as jogadas defensivas. Desta vez, Marisa riu na cozinha conversando com Jules até que Berk se juntou a elas.

Mas agora os dois desapareceram, provavelmente se beijando em algum lugar. Ele estaria enjaulado ultimamente, desde a situação desastrosa com Jules. *Alguém* havia encontrado as cartas sujas que ele e Jules estavam trocando anonimamente. Bem, Jules era anônima. Berk estava ficando louco tentando descobrir quem as estava enviando, e, vejam só, era a menina doce como uma torta, curvilínea e tranquila vizinha do outro lado da rua. *Alguém* descobriu essas notas e de alguma forma as ligou a Jules. *Alguém as* postou online durante o show de culinária online de Jules, o que levou a uma tempestade de merda injusta de idiotas destruindo-a online. Então *alguém* era um idiota total que Marisa disse

que precisava de um chute na bunda.

Berk se recusou a ver a razão quando se tratava de Alexis. Quem era eu para dar um sermão sobre algo assim?

Marisa esteve bem na minha frente por uma eternidade, mas eu tinha lutado contra meus sentimentos. Agora, eu queria correr

até ela, jogá-la por cima do ombro e encontrar um lugar tranquilo e agradável para fazer barulho. Ela provavelmente me daria um soco no plexo solar.

Tinha sido minha ideia manter as coisas quietas por meus próprios motivos egoístas, mas agora eu queria gritar sobre ela dos telhados, e não podia.

Marisa não queria derrubar as acusações e sussurros pelas costas sobre por que eu estava jogando agora. As pessoas podem ligar ela e seu pai como a razão e ofuscar meu trabalho duro. Fui eu quem sugeriu que mantivéssemos as coisas quietas, então essa foi a minha grande ideia me mordendo na bunda.

Com vinte high-fives e dez recriações de minha interceptação vencedora do jogo, avancei pela festa. Finalmente, obter o reconhecimento por todo o meu trabalho árduo foi bom. Não apenas eu estava vendo no placar, mas as pessoas estavam se agarrando a mim e pirando, me dando jogada após jogada de movimentos que eu literalmente fiz. A empolgação deles era contagiante. Eu senti falta disso depois de ficar no banco por tanto tempo. Com sorte, eu conseguiria ainda mais no próximo ano.

A cada poucos metros, eu levantava minha cabeça e pegava o olhar de Marisa.

Mesmo que eu não pudesse ouvi-la rir de onde eu estava, eu a via, e isso estava enraizado em meu cérebro. Ela me deu uma merda a noite toda sobre absorver toda a atenção dos fãs.

Quinze minutos depois, finalmente cheguei ao lado dela.

Seus olhos brilharam e ela me serviu um sorriso de sorvete de sundae. — Tem gostado de todos os seus fãs adoráveis?

— Eles estão bem. — Dei de ombros.

— Você está tão cheio disso. Você ama cada segundo. — Ela se aprumou e fez um aceno de rainha, girando na cintura com o

cotovelo dobrado, apenas a mão se movendo

— Eu não.

Um cara bateu nas minhas costas, me jogando contra Marisa e deixando nossos lábios a centímetros de distância.

Seus olhos se arregalaram.

Não pude dizer se era por preocupação ou desejo. A tentação me dominou muito para fechar a lacuna e finalmente mostrar a todos o quão próximos éramos realmente. Antes que eu pudesse tomar uma decisão, ela foi feita por mim. Meu braço foi puxado para trás e eu fui virado.

Estendi a mão para sua esperança para firmá-la, mas ela saltou para trás.

— O chão está escorregadio. — Ela baixou o olhar, olhando ao redor para o chão vazio e seco.

Uma cerveja foi enfiada na minha mão, um líquido âmbar espirrando na beirada da borda. — A interceptação foi uma loucura. Eu precisava pegar uma bebida para você. Mais um jogo e vamos para os playoffs novamente.

— Obrigado. — Bebi minha cerveja e a observei com o canto do olho.

Eu dei uma olhada aqui e ali, mas nunca por muito tempo. Era como se ela não quisesse que as pessoas soubessem que éramos amigos, muito menos mais do que isso. Nós nem havíamos colocado um rótulo sobre o que era isso.

— Beer pong. Estou de pé! — Marisa bateu com as costas da mão no meu peito. — Vamos mostrar a eles como se faz. — Ela engoliu sua bebida e marchou para o quintal sem um casaco, embora ainda houvesse pequenas manchas de neve no chão da nossa terrível tempestade pré-Halloween.

— Você quer seu casaco?

— Eu quero chutar um pouco de bunda no beer pong. Vamos lá. — Ela sorriu, não parecendo mais cautelosa. Ela se esquivava dos momentos mais silenciosos e íntimos na frente dos outros, mas quando se tratava de grande barulho na frente de outras pessoas, ela parecia a mesma. Pelo menos essa era uma parte do que éramos agora que não era mais confusa.

Agora eu só precisava desbloquear o resto.

23

MARISA

EU flexionei os dedos no teclado e minha língua estava pesada na minha boca, minha garganta e peito apertados. Não queira desistir, mas não havia outro jeito.

— Não faça isso, Marisa. Espere um pouco mais. Eu posso inventar algo.

LJ se sentou na beirada da minha mesa, pairando.

— Os pagamentos finais a Veneza vencem em maio. Eles precisam garantir minha moradia e a única maneira de fazer isso é se eu pagar. Não há nenhuma maneira de eu conseguir o dinheiro antes disso, mesmo se eu for tutora sete dias por semana.

— Mas terei o dinheiro no final de abril. O mais tardar no início de maio.

— O seu dinheiro. O dinheiro para você e sua família. — Eu não cairia na armadilha de me tornar alguém de quem LJ sentia que precisava cuidar. Eu estava cuidando de mim há muito tempo.

— Pare de ser tão teimosa. Ou pelo menos adie o pagamento da mensalidade.

— Se eu não pagar agora, não posso me inscrever para as aulas e há apenas uma seção de Museus Administrativos oferecida na primavera e eu preciso dela para me formar. Se eu esperar, serei bloqueada.

— Talvez... droga. Vamos. Apenas espere.

— Qual é o ponto em esperar?

— Porra, vou pegar alguns biscoitos para amenizar o golpe. Vou aquecê-los e podemos comê-los com leite, ok?

— Eu não vou dizer não. — Eu ofereci um meio sorriso.

Seu rosto era uma mistura de desânimo e abatimento.

— Pare de agir como se você fosse o único que não irá para a Itália no final deste verão. — Dizer isso em voz alta doeu. Meus lábios ficaram dormentes e eu respirei fundo. Eu poderia talvez conseguir um emprego no museu ou em uma galeria local. Minhas mãos estavam úmidas e trêmulas.

Pelo menos eu seria capaz de ver LJ, mas e se ele acabasse em uma equipe a milhares de quilômetros de distância? Meu estômago se contraiu como se eu tivesse feito uma dança após comer um sanduíche de atum com chocolate.

— Eu sei o quanto você queria isso. — Ele se inclinou e correu seus lábios ao longo da linha do meu pescoço. Seu nariz fez cócegas em mim e eu franzi meus ombros, empurrando-o novamente.

— Vá buscar meus biscoitos, para que eu possa afogar minhas mágoas em açúcar, baunilha e chocolate.

Ele pegou minha mão e esfregou os dedos em minhas juntas. — Não vai ser tão ruim. Eu sei que você queria ir, mas farei este verão valer a pena. Podemos fazer uma viagem, ir a algum lugar incrível. Suíte Presidencial. Primeira classe sempre.

A tentação era forte. Tão forte que queria me inclinar direto para ele e esquecer todos os meus problemas, mas precisava corrigir o curso. — Pare de gastar dinheiro que você não tem.

— Você viu o jogo. Três interceptações e vencemos pela maior margem em toda a temporada.

— Alguém está ficando com uma cabeça grande.

Ele olhou por cima do ombro antes de colocar minha mão em

sua virilha. E não, não era seu telefone ou um controle remoto em seu bolso. — Quero dizer, algo é grande. — A maneira profunda e melosa com que as palavras escorreram de seus lábios fez um número no meu coração, enviando-o rápido. Um ruído brincalhão de nojo saiu da minha garganta. — Vá buscar meus malditos biscoitos.

Ele riu e pulou da mesa, disparando para o corredor.

O cursor piscou na barra de pesquisa do meu navegador. Eu digitei no site de contas de alunos e fiz o login. Meus grandes sonhos de ir para a Itália se extinguiram a cada tecla.

Eu não tinha ouvido uma palavra de Ron desde que gritei na cara dele por sólidos quinze minutos.

Mas eu não voltaria para os jantares de segunda-feira, o que significava que estaria sozinha.

Limpei minhas mãos na calça jeans e cliquei no portal de contas de alunos. Vasculhando minha gaveta, encontrei o talão de cheques não utilizado, de que precisaria para os números de conta e de encaminhamento do site arcaico. Parecia o primeiro site criado.

O grande número em negrito na parte inferior tinha enviado a bile inundando o fundo da minha garganta na última vez que entrei.

Digitando, fiquei feliz que LJ não estava aqui, então ele não podia ver meus dedos tremendo.

Preenchi todas as informações e cliquei em enviar. Um grande aviso vermelho apareceu no topo da página.

Erro: Pagamento em excesso não aceito.

O número que eu memorizei enquanto tentava pensar em uma maneira de sair dessa situação não estava mais lá. Em vez disso, no fundo do saldo da minha conta estava um grande e

ousado $ 0.

Verificando as transações em minha conta, vi que a última entrada era uma isenção de taxas de matrícula aplicada ontem.

Ele tinha feito isso. Ron fez isso.

Eu afundei na minha cadeira e encarei a tela. Surpresa e choque explodiram em minha cabeça. Isso tinha que ser um engano. Eu atualizei a tela duas vezes.

Os passos de LJ bateram nas escadas.

Lutando para sair, fechei a tela do laptop.

— Talvez depois da formatura, pudéssemos fazer uma viagem. — Ele entrou no quarto com dois copos de leite e um prato cheio de biscoitos.

— Uma o quê?

Colocando o prato e os copos na mesa, ele girou minha cadeira, girando-me em um círculo. — Uma viagem. Podemos dirigir até a Flórida ou até as Cataratas do Niágara. Podemos ir de carro para a Califórnia.

— O que está acontecendo com você? — Meu olhar disparou para o laptop e meus lábios se separaram para dizer a ele. A descrença ainda nublava quase tudo o mais.

Ele sorriu, excitação brilhando em seus olhos. — Se você não vai para a Itália, quero que este verão seja inesquecível. Terei muito tempo livre e mais dinheiro do que poderei usar, se as coisas correrem como planejado.

— Não vamos contar nossos ovos antes de chocarem. — Não adiantava dizer a ele agora. Eu precisava descobrir se o equilíbrio era real. Se fosse, eu ainda poderia ir para a Itália. Eu poderia devolver o dinheiro como falara com o comitê de Veneza e voar para a Europa nos próximos dois anos.

— Isso também significa que você pode ir aos meus jogos. Talvez esteja lá para a pré-temporada. — Seu entusiasmo aumentava a cada nova etapa do plano que ele estava criando. Um plano onde não fui para a Itália. Um plano onde estaríamos juntos. Mas o que aconteceria se tudo isso mudasse e eu não estivesse ao lado dele a cada passo do caminho? E se eu saísse por dois anos e ele estivesse aqui sendo um jogador profissional de futebol e se esquecendo de



mim?

— Marisa! — A voz de LJ subiu as escadas.

— No meu quarto. Esses grupos turísticos de dez anos são brutais. — Eu tirei meus sapatos e estava sentada na beira da cama, massageando meus pés. Minha roupa de guia turístico, com minha única saia e uma camisa de botão branca, estava amassada e precisava ser lavada. Às quartas-feiras era a minha vez de fazer passeios escolares e eu precisava comprar sapatos novos antes de perder um dedo do pé. Agora eu podia, já que minha conta bancária não havia sido esgotada para pagar as mensalidades do meu último semestre. Eu verifiquei com a equipe de contas dos alunos sobre o pagamento, e eles me garantiram que não poderia ser revertido.

Ele trovejou escada acima. — Como foram os passeios?

Amassei meu polegar no arco do meu pé. — Como você



acha que eles foram?

— Achei que você fosse comprar sapatos novos. — Ele se ajoelhou e pegou meu pé em suas mãos. Polegares poderosos se cravaram nos músculos doloridos.

Um prazer doloroso percorreu meu corpo e eu caí de costas na cama, segurando os lençóis. — Não se atreva a parar.

— Por que você continua usando isso?

Seus dedos eram uma magia torturante.

Eu gemia e assobiava com cada passagem de massagem profunda. — Todas as sessões de PT valeram a pena.

Ele mudou para o outro pé. — Ninguém está em casa. — A dança de seus dedos passou do meu pé ao meu tornozelo e minha panturrilha.

— Quer dizer, estou em casa. — Apoiada nos cotovelos, deixei cair minha cabeça para trás tentando reunir forças para levantá-la.

A magia de seus dedos beirava o obsceno.

— Risa, preste atenção. — Ele parou de se mover e eu rosnei, na verdade mostrei meus dentes e rosnei.

A massagem parou, mas não o movimento de seus dedos. Eles subiram pelas minhas pernas, pelos joelhos e pela parte interna das minhas coxas. — Ninguém mais está aqui. Berk está com Jules e Keyton tem aula.

— Oh.

Ele pressionou o interior das minhas coxas, abrindo-as, esfregando a pele sensível. — O que significa que temos algum tempo para nós.

— Faz algum tempo. — Minha respiração acelerou. O lado nervoso e inquieto de mim lutou contra a fome que florescia em meu corpo e se concentrava na pulsação entre minhas pernas.

Seus dedos avançaram mais e, sendo a amiga prestativa que eu era, levantei meus quadris, deixando-o puxar minha calcinha debaixo da minha bunda. — Faz muito tempo.

Quase duas semanas. Entre meus turnos no museu, aulas particulares e os treinos e cronograma de jogos de LJ, nossos

caminhos pareciam estar se cruzando cada vez menos. A maioria das pessoas pensaria que encontrar tempo para fazer sexo com sua colega de quarto seria fácil, não tanto quando você estava tentando manter segredo sobre isso e nossas camas eram mais barulhentas do que uma zona de construção.

Além de alguma ação sob o cobertor nas quintas-feiras de cinema e ele me rastreando no departamento de História da Arte para uma mini pegação na seleção de réplicas de arte renascentista, a seca tinha sido longa e difícil.

Ele ajeitou minha saia.

Eu nunca estive mais feliz com as compras de liquidação do que quando ele arrastou as mãos sobre minhas pernas.

Seus polegares roçaram ao longo do vinco onde minhas coxas emolduravam o prêmio em que seu olho estava definitivamente.

— Preciso fazer isso com mais frequência. — Sua respiração sussurrou contra minha boceta.

Meus músculos se contraíram em antecipação. A pulsação se aprofundando e as ondas vibrando em meu estômago.

O primeiro toque de sua língua enviou um líquido de prazer correndo por minhas veias. Os dedos adicionados tiraram minhas costas da cama. A combinação com a adição de atenção extra ao meu clitóris inundou meu corpo com um tsunami sexual. Todos os sons foram abafados pelos meus gemidos e pelo sangue martelando em meus ouvidos.

Meus dedos agarraram seu cabelo e suas orelhas estavam aninhadas - bem, mais como presas - entre minhas coxas.

Ofegante e corada, com pontos dançando na frente dos meus olhos, eu caí de costas na cama. O colapso foi completo.

LJ riu ainda de joelhos, seu cinto tilintando.

— Ei, rapazes... — A voz de Keyton rompeu o atordoamento

sexual com o forro prateado de uma segunda rodada. — Vocês viram minha... carteira.

Um balde de água gelada encharcando em meu corpo teria sido menos chocante.

Todos nós olhamos um para o outro.

A boca de Keyton estava aberta, as chaves ainda no chaveiro em seu dedo.

LJ estava de joelhos entre minhas coxas.

Deitei de costas com a saia levantada até a cintura, corada pelo sexo.

Esses reflexos do futebol começaram a surgir. Keyton tapou os olhos com as mãos como um menino de seis anos durante uma cena de beijo.

LJ deu um pulo e jogou os cobertores sobre mim, enquanto ficava na minha frente e olhava para a porta.

— Desculpa! — Keyton deu as costas para nós. — Estava procurando minha carteira. Eu não vi nada.

Ele viu tudo. Por mais que eu quisesse ficar horrorizada, o fato de estarmos na ponta dos pés por quase dois meses e ainda não ter aprendido a fechar a porta era hilário.

Uma risada vertiginosa de pânico borbulhou.

As gavetas se abriram e se fecharam no quarto de Keyton.

LJ recuperou minha calcinha e a entregou.

Eu deslizei nelas ainda sob os cobertores com meu coração batendo forte no esôfago. Me mate agora. Envie raios direto pela janela do meu quarto. Talvez eu pudesse bater minha cabeça na porta do meu armário, ou simplesmente entrar lá e nunca mais sair. Ele tinha visto tudo. Eu teria rido se o pânico não tivesse

estrangulado o ar de meus pulmões. Todos esses meses tomando cuidado e somos pegos assim - com minhas pernas abertas como se eu estivesse em uma consulta com minha ginecologista - bem na frente da minha porta aberta.

Maldito LJ com seus dedos e língua talentosos, me distraindo da abertura da porta da frente e as escadas rangentes como o inferno.

LJ espreitou a cabeça para fora do meu quarto.

Eu me arrastei para fora da cama e agarrei seu braço, parcialmente me escondendo, parcialmente usando-o para me manter de pé.

Keyton congelou ao sair pela porta, deslizando a carteira no bolso de trás. O arrepio escarlate de vergonha subiu pelo pescoço sob o colarinho e subiu até a parte inferior da mandíbula.

Combinou com o meu.

LJ contornou a parede, caminhando em sua direção como um cavalo que ele não queria assustar. — Eu estava…

— Checando uma mordida. Uma picada. Eu fui picada por uma abelha. — Uau, eu era brilhante no próximo nível. O tempo todo eu coloquei minha calcinha e essa foi a melhor desculpa que eu poderia inventar? Uma picada de abelha. Em novembro. Uma semana antes do Dia de Ação de Graças.

A risada nervosa de Keyton encheu o corredor. — Se você diz.

Juntando-me a LJ no corredor, enfrentei Keyton. — Você poderia não dizer nada a ninguém? — Um tom de pânico surgiu em minha voz. — Por favor?

Não era assim que eu precisava que alguém descobrisse sobre mim e LJ. Além disso, havia toda a coisa do recrutamento, graduação e Itália pairando à distância. Quanto mais pessoas soubessem sobre nós, mais pessoas teriam uma opinião sobre o

que deveríamos fazer, e eu nem sabia o que queria fazer - ou o que ele queria fazer.

— Não se preocupe com isso. Eu não direi uma palavra. Mas você pode querer fechar a porta da próxima vez. — Ele desceu as escadas e saiu pela porta da frente.

Assistindo ele recuar como se tivesse visto um urso no corredor, eu ri. O tipo de risada de alívio que você dá três minutos depois que seu amigo viu você nua da cintura para baixo.

— Por que você não quis dizer a ele? — Um traço de decepção perpassou a pergunta.

Arrastei meus dedos pelo meu cabelo. — Dizer a ele que você estava caindo em cima de mim?

— Não, contar a ele sobre nós.

— *Você é* quem disse que queria manter isso em segredo.

— Meses antes. — Ele esfregou a mão na nuca. — Mas nós estivemos...

— Temos sido LJ e Marisa com sexo. As coisas estiveram mais ocupadas do que nunca neste semestre. Isso só vai piorar. Você quer que Berk saiba? Reece e Nix? Só os olhares já seriam irritantes. Depois, perguntas sobre quanto tempo e o que vem a seguir, não precisamos lidar com toda essa pressão.

Ele suspirou. — Você está certa. — Não parecendo cem por cento convencido, ele se aproximou. Talvez ele não achasse que fazia sentido agora, mas em cinco meses, depois de nos formarmos, faria. Uma vez que o mundo real se intrometesse e começaássemos a nos separar.

Corri meus dedos sobre seus braços. O cabelo fazendo cócegas na ponta dos meus dedos. — Estamos sozinhos de novo, certo? — Espiando pela porta, verifiquei a porta da frente.

— Nós estamos.

Eu o puxei para fora da porta e totalmente para dentro do meu quarto, fechando a porta atrás dele. — Então vamos terminar o que começamos. — O metal frio do botão e zíper de sua calça jeans pressionou contra minha pele.

Não tínhamos muito tempo. Melhor saciar cada pontada de fome enquanto podia.

24

LJ

O jogo final da temporada. Ação de Graças. Natal. Jogos decisivos. Outro campeonato.

Alguns meses pareciam se arrastar, enquanto outros pareciam que tínhamos sido baleados para o futuro por um canhão. Por tudo isso, houve uma constante para me ancorar ao presente. Marisa.

Pobre Keyton tinha sido submetido a algumas de nossas sessões de “não aguentava mais e atacar um ao outro”, já que ele era o único que sabia sobre nós. Berk estava cada vez mais na casa de Jules.

Ele também finalmente entendeu tudo sobre Alexis, e ele e Jules estavam mais felizes do que nunca, embora nenhum de nós soubesse a história completa. Para não dizer que as coisas não eram as mesmas para mim e Marisa.

Ninguém sabia que agora éramos mais do que amigos. Depois que a temporada acabou, parecia natural contar a todos, mas Marisa continuou protelando. Sempre havia um motivo para manter as coisas quietas e de repente meu ato de autopreservação em outubro parecia um albatroz em volta do meu pescoço.

Eu partiria para último play-off antes do draft amanhã. Eu recebi o convite. Meu agente quase explodiu meu tímpano quando liguei para avisá-lo.

O técnico Saunders estaria lá, junto com Keyton, Berk e alguns outros caras de nossa equipe.

E havia minhas aulas além de tudo mais.

— Jules é a melhor vizinha de todas. — Marisa fechou a porta

com um chute e entrou com um recipiente transparente e uma xícara de molho equilibrada em cima. Ela estava com as roupas de guia turística do museu, o que era parte do motivo pelo qual meu plano funcionaria sem levantar suspeitas.

— O que ela fez para nós desta vez?

— Churros e um molho de chocolate. Não pensei que pudesse amá-la mais, mas amo. Eu sim, eu também.

Ela amava Jules, mas ainda não tinha me dito isso desde que eu disse a ela em novembro.

Eu não poderia dizer que não doeu. Parecia uma lasca de vidro enterrada na minha pele, mas a determinação bombeava em minhas veias para fazê-la ver. Para fazê-la dizer isso.

Era hora de dizer a ela que isso não era amor de colegial ou de verão. Este era um tipo de amor louco, não consigo imaginar minha vida e sem ela.

— Eu tenho uma surpresa para você.

— Você tem? — Ela olhou para mim com meio churro na boca. Colocando-os na mesa, ela estendeu um para mim, pendurando-o nas pontas dos dedos.

Enrolei minha mão em torno de seu pulso para firmar seu braço e dei uma mordida. — Nós vamos sair.

— Nós vamos? — Ela lambeu o açúcar com canela dos dedos.

Minhas narinas dilataram e apertei as rédeas para não descartar todos os planos que fiz e obrigar Keyton a colocar os fones de ouvido. — Sim, vamos lá.

— Eu ainda estou com minhas roupas de trabalho. Eu não preciso me trocar?

— Não. — Peguei nossos casacos e puxei-a em direção à porta da frente.

— Onde estamos indo? — Ela apertou o cinto e eu me afastei do meio-fio.

— Algum lugar especial.

O tráfego diminuiu entre a hora do rush e a multidão da vida noturna, então nos movemos pela cidade rapidamente.

— Qual é a ocasião?

— Estamos juntos. — Deixei cair minha mão em seu joelho, escovando meus dedos sobre o tecido.

Ela riu. — Essa foi uma resposta de nível seguinte. Suas habilidades de cortejar estão no pico de sua capacidade agora.

— Eu tento o meu melhor.

A deflexão com humor. Era fácil cair em nosso padrão normal, bobo e antagônico, mas esta noite eu queria que fosse mais. Entramos em um estacionamento da cidade e abri a porta dela.

— Você vem?

— O que está rolando? — Suas sobrancelhas franziram e os lábios se contraíram.

— Você poderia vir comigo para descobrir.

Ela deslizou sua mão na minha.

Eu verifiquei o endereço mais uma vez, e nós caminhamos por um beco antes de sairmos do outro lado da faixa de negócios e lojas da Northern Liberties.

— Aqui estamos. — Eu parei e olhei para ela.

— Sério? — Ela pulou em mim com os braços em volta do meu pescoço.

Eu sorri em seu cabelo e a abracei de volta. O plano estava

funcionando. Parte de mim estava com medo de que chegássemos aqui e ela me dissesse que esse era o único artista em particular que ela não suportava. — Eu vi os panfletos no departamento de História da Arte.

— Então você me trouxe para a abertura? — Ela levou as mãos ao peito e olhou para mim como se eu tivesse aparecido com uma pulseira de diamantes.

— Algo me diz que arte é sua praia.

Dentro da galeria, os garçons circulavam com vinho e champanhe nas bandejas. Havia canapés chiques

Entregamos nossos casacos para o guarda-roupas e vagamos pelo mundo selvagem da arte moderna. — Como você conseguiu ingressos para isso? A professora Morgan conseguiu apenas dois, e quando vi o e-mail, eles já haviam sido pegos.

Inclinando-me, sussurrei em seu ouvido, querendo tanto correr meus lábios ao longo da curva de seu pescoço e encontrar um canto escuro e mostrar a ela o quanto eu sentia falta dela. Não viajar desde o campeonato tornava fácil esquecer o quanto estar longe dela era uma droga.

Mas não teríamos que fazer isso de novo. Teríamos o verão. Talvez até a gente vá para a Itália. Não seriam os dois anos como ela planejou, mas eu a compensaria. Poderíamos passar todo o período de entressafra em Veneza, se ela quisesse.

Passeios de gôndola, boa comida e ótimas noites juntos, envolvidos um no outro.

A tentação de voltar correndo para casa e dizer dane-se a arte aumentou quando descansei minha mão em suas costas. — O restaurante do Nix está fazendo o serviço de bufê. Ele conversou com os organizadores.

Esta noite era para ela. Eu não poderia pensar em uma maneira de ela ainda ir para a Itália, mas eu poderia vagar por

este lugar e fingir que sabia o que era - para ela.

A comida, as bebidas e a companhia fazem desta a melhor noite em muito tempo.

— L, isso é incrível. — Ela parou na frente da obra de arte iluminada no centro da sala.

Nada daquilo fazia sentido para mim, mas adorei vê-la absorver tudo. — Sempre quis vir aqui.

— Por que você nunca veio?

Ela encolheu os ombros. — O Museu. Tutoria. Aulas. E o horário do ônibus para chegar aqui teria demorado uma eternidade.

— Você poderia ter pegado meu carro emprestado.

Ela se virou, caminhando em minha direção. — Quem é você e o que fez com LJ?

Minha risada foi alta. — Quando eu nunca deixei você pegar algo meu emprestado?

— Biologia do nono ano.

— Eu não queria que você limpasse minha cinta atlética para culturas de bactérias. Desculpe por ter um pouco de dignidade.

— Era para a ciência! — Ela riu e sorriu. A névoa futura se dissipou quando ela olhou para mim. Toda a nebulosa incerteza se cristalizou e parecia que não havia nada com que se preocupar. Um sorriso. Uma risada. Uma olhada.

— Isso é exatamente o que eu queria que toda a nossa turma de biologia soubesse. “Há um crescimento estranho nunca antes visto nesta placa de Petri”.

— Isso te tirou da fase de não tomar banho, não foi? — Todo cara passou por uma fase nojenta, mas agora eu certamente

poderia tomar um banho - com ela.

Vagamos pela galeria.

Sua empolgação era tão contagiosa quanto a primeira vez que ela vagou pelo Museu de Arte da Filadélfia, atrasando-nos para o ônibus de excursão.

Passei meu braço em volta do ombro dela no caminho de volta para o carro.

Ela não se afastou, mas segurou a frente do meu casaco e se abraçou ao meu lado. — Obrigada por esta noite. Foi perfeita.

— A qualquer momento. — O tempo todo. Eu a levaria a todas as exposições de arte em que pudesse colocar as mãos, assim que assinasse na linha pontilhada.

De volta à casa, tudo estava em silêncio. Nem - todo mundo está lá em cima - em silêncio. 'Há muito tempo' em silêncio.

As luzes estavam acesas na casa de Jules, então Berk estaria lá durante a noite.

A porta de Keyton estava aberta com todas as luzes apagadas.

Ela parou no corredor com as mãos estendidas ao lado do corpo, como se isso a ajudasse a ouvir melhor. — Ninguém está em casa.

Eu dei um passo atrás dela, deixando meu peito pressionar contra suas costas. — Eu sei.

Ela estremeceu. Não de frio. O aquecimento foi acionado na casa. Seu queixo caiu para o ombro. — Parece que provavelmente deveríamos fazer algo a respeito.

Caímos no meu quarto.

O tom rouco e rico de sua voz enviou raios de prazer pela minha espinha e direto para o meu pau, que estava determinado

a não ser mais ignorado. Sua bunda aninhada no meu colo e a fricção contra a textura do meu jeans me torturou.

Com ambas as mãos, corri meus dedos por seus cabelos, pressionando contra seu couro cabeludo e separando seus cabelos grossos e macios.

Ela gemeu e jogou a cabeça para trás, me deixando massageá-la.

— Esquece o que eu disse antes. Isto é perfeito.

Abaixando minha cabeça, corri meus lábios ao longo de sua clavícula e até seu pescoço.

Seus dedos apertaram meus ombros, amassando e acariciando-os.

Eu segui a curva de seu pescoço até sua bochecha, não parei até chegar ao meu prêmio - seus lábios.

Cada gosto era sempre muito curto e me deixava faminto por mais. Ela roubou minha restrição e meu fôlego. Foi como se ela tivesse quebrado uma janela, entrado sorrateiramente e arrancado de meus pulmões.

Mas eu precisava de mais. E ela também.

Ela separou os lábios e nossas línguas se encontraram, avidamente contidas. Desejo, fome, ardência.

Meu coração batia forte no peito como um animal esperando para ser liberado para a refeição completa colocada na minha frente, mas as restrições ainda estavam presentes.

Uma mão caiu para trás de sua cabeça, deslizando para seu pescoço, meus dedos dançando ao longo da pele delicada.

Ela quebrou nosso beijo, seus lábios vermelhos e inchados. — Mais, L. Quando fui suficientemente paciente? — Deslizando do meu colo, ela puxou a camisa pela cabeça e a jogou no chão. Ela

estendeu a mão para trás e desabotoou o sutiã.

Corri meus dedos sobre a curva de seus seios e provoquei os bicos rígidos de seus mamilos.

Arrepios percorreram sua pele e ela estremeceu, os olhos semicerrados e agitados com a urgência que tentei manter sob controle. Eu queria que isso durasse. Eu queria que isso nunca acabasse. Eu queria marcar minhas memórias, enchendo-as com os mesmos sentimentos gananciosos que eu não conseguia reprimir.

Suas pupilas dilataram, engolindo o castanho chocolate quase inteiramente.

Meus dedos deslizaram pela parte de trás de seus ombros até a faixa em suas costas.

Seu decote estava no nível dos olhos. Os montes suaves de seus seios incharam sobre o sutiã.

Com um movimento, o tecido ficou frouxo, caindo e expondo-a para mim. Seus mamilos endureceram e ela respirou fundo enquanto eu abaixava minha boca para um e depois para o outro.

Ela deixou cair os braços e o sutiã estava completamente fora, caindo na pilha de roupas que crescia aos nossos pés.

Eu segurei seus seios e rolei seus mamilos entre meus dedos, provocando-os com minha língua e dentes.

Seus suspiros e gemidos me guiaram.

A excitação cresceu rápida e forte, e minha ereção se esticou, pressionada contra o zíper da minha calça. Tocá-la neste ponto era um risco. O mais leve toque do meu pau contra sua pele macia e eu poderia me envergonhar. Depois de todos esses meses, às vezes parecia a primeira vez.

Eu a apoiei na cama, deitando-a, espalhada na minha frente.

Ela finalmente era minha.

Suas mãos estavam em todo o meu pescoço, costas e ombros. Seus dedos correram pelo meu cabelo, me segurando contra seu peito. Estremecimentos ondularam através dela enquanto eu deslizei mais para baixo.

Meu nariz roçou sua mecha de cabelo e suas mãos endureceram enquanto eu separava suas dobras e corria minha língua por sua doçura. Circulando seu clitóris, seu corpo tremia e estremecia enquanto eu tomava meu tempo, saboreando cada gosto, cheiro e sensação de seu corpo pressionado contra o meu.

— Como? — Ela se apoiou antes que sua cabeça rolasse para trás. — Como *diabos* você é tão bom nisso? — Um gemido escapou de seus lábios.

Eu ri, mas não deixei suas palavras me impedirem de meu prêmio. Tornar isso tão bom para ela quanto poderia ser para mim era meu objetivo número um. Eu levaria meu tempo, mesmo enquanto meu pau latejava e eu ficava tonto, quase incapaz de me conter.

Correndo minhas mãos ao longo do interior liso de suas coxas, mantive a pressão constante e atenção a cada parte de sua boceta. Degustar, provar, devorar.

Seus dedos se apertaram no meu cabelo enquanto eu deslizava um dedo dentro dela e adicionava outro.

O tremor de suas coxas me disse o quão perto ela estava. A respiração ofegante e os suspiros ficaram mais nítidos, mais altos e ainda mais musicais aos meus ouvidos. Com mais um golpe largo de minha língua contra seu clitóris, ela se desfez, gritando meu nome com suas coxas fechadas em volta da minha cabeça, me ensurdecendo para seus gritos.

Esse foi o som mais satisfatório do mundo. O orgulho brotou em meu peito por eu tê-los tirado dela.

Sua perna se soltou e eu rastejei de volta por seu corpo, rangendo os dentes enquanto meu pau esfregava contra a cama e cutucava seu núcleo aquecido.

Eu apoiei minhas mãos em cada lado dela enquanto ela olhava para mim com um largo sorriso.

— Foi um final inesperado para a nossa noite. — Ela riu como se alguém tivesse contado uma piada apenas para seus ouvidos.

A forte demanda da minha ereção diminuiu um pouquinho. — A maioria das visitas a galerias de arte elegantes não termina com sexo louco e quente quando você volta para casa?

Seus olhos se arregalaram e ela engatou as pernas em volta da minha cintura, cravando os calcanhares na minha bunda. — Eles talvez podem, mas com certeza deveriam. Foi fantástico pra caralho. Foi uma boa.

Ela esfregou as mãos nos meus ombros, me puxando para mais perto.

Para cair sobre ela e dar a nós dois o que estávamos negando a nós mesmos e, finalmente, nos empanturrando um do outro como se não houvesse amanhã.

Ela era bonita. Perfeita. Tudo que eu sempre quis.

Eu arranquei meu jeans. Tateando na cama, encontrei o pacote metálico liso. Rasgando-o com os dentes, levantei, separando nossos corpos apenas o suficiente para colocar o látex e me acomodei entre suas coxas. A cabeça do meu pau descansou em sua entrada, pesada, latejante e pronta para ela.

Ela me aproximou, mais forte, mais rápido e eu aceitei o convite com gratidão.

Eu nunca estaria com ninguém. Não tive nem mesmo um sussurro de uma ideia de que poderia ser melhor com outra mulher, e não queria descobrir.

Suados e emaranhados em meus lençóis, desabamos um sobre o outro. Seus braços e pernas suaves esfregaram contra os meus. Contente em nunca mais me mover, senti as palavras crescendo na minha garganta.

— Eu te amo, Marisa.

Ela beijou meu peito e seu sorriso se alargou. — Eu também te amo. — Ela disse isso como qualquer outra vez que as palavras passaram por seus lábios.

Eu poderia deixar isso passar. Eu poderia deixar passar, como dizer oi ou tchau para uma amiga, mas precisava que ela soubesse. Colocando o cabelo atrás da orelha, esfreguei meu polegar ao longo da parte inferior de seu queixo e segurei seu olhar.

— Amo você, amo você. Eu te amo, Marisa.

Ela endureceu, olhando para mim como se isso não fosse inevitável. Como se não fosse impossível não fazer.

— E tenho todos os tipos de planos para nós assim que voltar de Chicago e quando for convocado. Planos que incluem você.

Seus lábios se separaram, mas nenhuma palavra saiu. Em vez disso, ela se afundou mais contra o meu lado e me abraçou com força.

Todas as ideias sobre o que aconteceu após a formatura foram minhas. Ela estava focada no agora. Mas eu precisava que ela soubesse que não terminamos depois da formatura. E se os planos dela comigo terminassem quando atravessássemos aquele palco?

25

MARISA

LJ tinha estado estranho o dia todo antes de partir. Ele professou seu amor por mim, não o amor que nós conhecíamos, mas o tipo que alcançou profundamente em mim e tocou um lugar assustador onde planos futuros eram feitos e expectativas eram estabelecidas.

Esta era a terra de ninguém da qual tentei ficar longe por toda a minha vida. As minas terrestres instaladas ali tinham um jeito de explodir enormes. Eu queria dizer a ele o quanto eu o amava também, como eu não podia esperar para seguirmos com todos os planos malucos que ele continuava pensando, mas as palavras ficaram presas na minha garganta.

Ainda precisávamos ir devagar, e sua vida mudaria de maneiras que ele não poderia imaginar nos próximos três meses. Era melhor deixar algumas coisas não ditas, algumas proteções ainda em vigor. Era melhor ter um plano de escape.

O dia inteiro antes de sua partida, ele ficou quieto. Ele conversou com sua mãe no início da manhã e saiu para dar uma caminhada. Ele nem mesmo zombou dos sanduíches que eu fiz para nós no almoço. E ele foi para a cama cedo, o que fazia sentido.

Seu voo para Chicago saíra às 5 da manhã, junto com Berk, Keyton, Ron e outros caras da equipe. Mas não houve nenhum beijo roubado, toques ou mesmo olhares durante todo o dia.

A preocupação doeu mais fundo no meu estômago. Todo esse tempo estive me preparando para o fim, mas ainda não estava pronta. Acho que nunca estarei pronta. E isso me assustou. Me ocorreu com o quão difícil seria deixá-lo ou pior, vê-lo ir embora.

O telefonema do meio-dia enquanto eu estava estudando para as provas finais não ajudou a acalmar minha ansiedade. Uma passagem pela ponte colocou meu corpo em um modo de estresse com a mandíbula travada, apertada nos ombros e nas mãos. Parei no estacionamento do hospital, respirando profundamente antes de me preparar psicologicamente para entrar.

O cheiro pungente de antisséptico estava a quilômetros de distância da sala de curadoria do museu. Isso não era apenas limpo. Era “despeje um balde de alvejante em cima de tudo e esfregue”.

Uma enfermeira atarracada que parecia não ter saído do hospital havia dias, trabalhou com eficiência, procurando as informações da minha mãe. — Sua mãe foi transferida para uma das salas da clínica. Eles deveriam ter terminado com seu aparelho. Foi uma ruptura limpa, então nenhuma cirurgia é necessária. Quarto cinco no final do corredor. — Ela apontou para trás dela.

— Obrigada. — Foram necessárias duas ligações do hospital para me trazer aqui. Parte de mim esperava o pior quando atendi. A pior parte é que não sabia se fiquei aliviada ou não quando disseram que ela havia caído e quebrado a perna.

Fora de seu quarto, eu me preparei para entrar. Respirei fundo, mas não tão fundo para que os produtos de limpeza queimassem meu nariz. Armadura colocada. Depois de quase dois meses sem ouvir falar dela, eu tive que lembrar e antecipar exatamente como ela penetraria em minha pele.

Já estava mais fino do que o normal.

— Minha filha estará aqui em breve. Você poderia ser um querido e ver se o médico pode me prescrever mais alguns remédios antes que ela chegue aqui.

— Senhora...

— Mãe, estou aqui.

Isso deu à enfermeira tempo suficiente para escapar pela porta. — O médico estará aqui com suas ordens de alta em alguns minutos.

Ela se sentou na cama do hospital, parecendo que estava a caminho de uma noite na cidade. Ou talvez ela estivesse voltando para casa. — Já era hora de você chegar aqui. Estou esperando há muito tempo.

— O que aconteceu?

— O estúpido Eddie teve que ir para casa e ver sua esposa, então eu estava em casa sozinha. Tentei colocar minhas mãos nas especiarias no armário perto do fogão.

Especiarias - também conhecidas como o estoque de bebida.

— Eu escorreguei e aqui estou. — Suas mãos dispararam em um “olhe aqui” para a perna na cinta.

Por muito tempo, eu esperei por um telefonema para dizer que ela teve um acidente, ficou com o cara errado e acabou machucada, ou fez outra coisa para acabar com sua corrida de sorte quando se tratava de bebida e caras. Sair do hospital com nada mais do que uma perna machucada foi um pequeno milagre.

— Vamos te levar para casa. Você tem comida?

— Claro que tenho.

— Comida comestível?

— Você sempre foi uma comedora exigente.

Falar é fácil.

Um enfermeiro apareceu com uma cadeira de rodas.

Apesar de todos os resmungos e reclamações dela, nós a colocamos na cadeira. Sua bolsa de dez quilos estava em seu colo.

Peguei o resto das coisas dela no quarto e coloquei em sua bolsa.

— Pronta para ir?

— Por que você está me apressando? Você tem um lugar melhor para estar?

Qualquer lugar. Literalmente em qualquer lugar.

Eu não deveria ter vindo. Quando o hospital disse que eu fui listada como contato de emergência da minha mãe, eu deveria ter dito a eles que ligaram para o número errado.

Em vez disso, quaisquer resquícios de obrigações de filha que existiam em mim foram explorados pela censura na voz da funcionária do hospital quando perguntei sobre outras maneiras de ela voltar para casa.

Meu objetivo era simples. Entrar e sair.

— Eu tenho que estudar. Os exames intermediários estão chegando. LJ está em Chicago para a play-off hoje e preciso chegar em casa às três para assistir.

— Você mal passou no Natal, nem me ligou no Ano Novo e agora está me tirando do hospital.

Eu a evitei durante as férias de inverno quase totalmente e não tinha percebido que ela queria que eu aparecesse além de uma ligação indistinta às 23h na véspera de Ano Novo. Acho que aquele namorado dela com as crianças não estava mais por perto. Bom para ele.

Parei no posto de enfermagem para obter instruções sobre o que fazer a seguir.

— Os papéis da alta estão quase prontos. Você pode levá-la para a frente do hospital, pegar suas receitas e, em seguida, pegar seu carro e buscá-la.

— Ela precisa deles? — Misturar álcool e comprimidos nunca foi uma boa ideia. — Alguns dos outros medicamentos dela...

A enfermeira folheou seu prontuário. — Ela não mencionou nada, mas a receita é para ibuprofeno potente. O risco de interações seria mínimo, mas posso verificar, se você me der os nomes.

— Não, está bem. Ficaremos bem. — O alívio por ela não ter sido proibida de algo mais forte afastou algumas das preocupações. Se ela intensificou seu vício em pílulas de verdade, a próxima ligação que eu receberia poderia não ser tão inócua.

A enfermeira da alta me acompanhou pelo restante dos formulários que eu precisava preencher.

Um enfermeiro empurrou a cadeira de rodas de minha mãe. Seu pé estava apoiado no apoio para os pés em uma cinta. Setas e sinais apontavam para a farmácia.

— Eu posso pegar seus analgésicos e encontrar você na frente. — O homem assentiu e a empurrou na direção oposta.

Uma pessoa estava na fila da janela. Pelo menos isso não demoraria muito.

Meus músculos estavam tensos, havia uma leve pulsação na frente da minha cabeça e meu estômago estava contraído como se eu estivesse me preparando para um golpe. Nunca mais.

A Itália parecia ainda melhor a cada dia. Eu ainda não tinha falado com LJ sobre isso. Como uma cápsula de fuga que eu escondi para o caso de as coisas correrem mal, mas também porque não podia desistir ainda. Eu sonhava em vagar pela cidade e pelo país desde pequena, como uma princesa trancada em uma torre, só que a minha era feita de garrafas de vidro. Um verão não foi o suficiente para arranhar a superfície, mas partir... o que aconteceria se eu fosse embora?

A última vez que LJ disse que me amava, isso me assustou. Esse era o tipo de palavra das quais você não poderia se afastar. Eles eram do tipo que significavam promessas, e eu fui decepcionada e deixada para trás tantas vezes antes que fosse difícil acreditar que pudessem ser verdadeiras.

E que eles permaneceriam verdadeiros. O que diabos para sempre quiria dizer? Eu mal conseguia pensar em depois da formatura.

— Marisa? — Uma voz familiar quebrou minha espiral de insegurança.

— Jill. — Como um raio de sol rompendo as nuvens que pairavam sobre mim, ela se aproximou e me abraçou.

— O que você está fazendo aqui? Está tudo bem? — Seu sorriso era quente, mas os olhos vincados com preocupação.

— É minha mãe. — Quem eu não quero perto de você. As reuniões entre a família de LJ e minha mãe sempre foram uma coisa sinistra comigo encontrando qualquer maneira possível de fazer uma saída rápida para nós dois. — Ela machucou a perna.

Charlie veio atrás de Jill. — Ei, Marisa. — Seu abraço foi forte e confortável, paternal. O mais próximo de um que eu já tive. O mais próximo de um que eu já recebi. Ao soltá-lo, uma pontada de tristeza atingiu meu estômago.

Os olhos de Jill se arregalaram, olhando além de mim. — Terri, o que aconteceu?

Eu me virei e, com certeza, o enfermeiro estava empurrando minha mãe em nossa direção. Não. Não. Não. Eu precisava ir.

A miséria estava estampada no rosto do enfermeiro. Quem sabe o que ela fez para pressioná-lo a descobrir o que estava me levando tanto tempo depois de cinco minutos inteiros que ela teve que esperar enquanto eu preenchia sua receita.

Meus músculos, que haviam descongelado alguns graus, estavam de volta ao gelo sólido.

— Tropecei ao resgatar órfãos de um prédio em chamas. — O tom sarcástico da minha mãe gotejava com uma atitude que ela sempre teve perto de qualquer um que ela avaliasse ser ainda mais legal, mais feliz, mais amigável do que ela, então todo mundo.

Jill soltou uma risada assustada. Desta vez eu vi um sorriso diferente dela. Era fino, educado e apropriado, mas nada como o que ela me deu. — Lamento saber da sua perna.

Minha mãe abriu a boca, mas eu a interrompi, não querendo que ela se concentrasse em fazer uma escavação, não importa o quê.

— Está tudo bem? — Eu olhei entre eles. O nó de ansiedade em meu peito dobrou se transformando em pavor.

Jill puxou o lóbulo da orelha. — Estamos aqui para outra rodada de testes depois do check-up de seis meses de Charlie. Houve alguns problemas com o último. Alguns foram inconclusivos, então eles queriam fazer mais alguns para verificar novamente. — A incerteza cintilou em seus olhos.

Minha visão ficou paralisada. — Mais testes?

A última vez foi tão difícil para Charlie e Jill. Ambos foram tão fortes, tentando manter a cabeça de sua família acima da água enquanto lidavam com tanta coisa. Ele estava tão frágil e pálido, a dor gravada em uma linha cada vez mais magra enquanto ele tentava manter um rosto corajoso. O poço de medo se aprofundou, enviando esporas afiadas em meu estômago.

— LJ sabe? — Toda a umidade foi sugada da minha boca.

Ele iria surtar. A primeira vez que seu pai ficou doente, ele me encontrou nas arquibancadas entre o terceiro e o quarto período do décimo ano, colocou a cabeça no meu colo e desabou. As

lágrimas não pararam por um longo tempo, mas eu estive lá por ele. Eu me preparei para precisar ser forte novamente.

— Eu contei ontem. Com ele voando para Chicago, eu não queria, mas ele me fez prometer que sempre avisaria quando íamos fazer uma consulta.

Minha cabeça estava tonta. Seu desapego silencioso antes de entrar no avião. Eu atribuí aos nervos por atuar na frente de todos os olheiros profissionais do país contra todos os melhores jogadores de todos os outros times. Mas agora…

— Espero que tudo fique bem.

Seu olhar se iluminou e ela endireitou os ombros. — Tenho certeza que sim. Não se preocupe com isso. Vou deixar vocês, para que possa levar sua mãe para casa.

Sua distância. A preocupação, mas ele não disse uma palavra. Ele não me contou. Por que ele não disse algo? Eu sempre estive lá para ele antes, e ele guardou isso para si mesmo. A espiral acelerou mais rápido. Os trilhos estavam saindo.

— Avise se precisar de alguma coisa, Jill.

Ela deu uma tapinha no meu ombro e acenou com a cabeça.

Todos aqueles planos que ele fez provavelmente envolveram a duração da magia Marisa. Se algo acontecesse com Charlie, ele iria me querer por perto? Eu seria expulsa? Como ele seria capaz de olhar para mim de novo? Eu reuni um sorriso de lábios entorpecidos e limpei minha garganta.

O fato de eu estar sentindo pena de mim mesma mudou minhas preocupações para nojo de mim mesmo.

Eu queria ficar. Eu queria estar lá com eles e fazê-los rir e brincar enquanto esperavam. Eu queria não ter que passar mais um minuto com minha mãe.

Andei ao lado de minha mãe enquanto o enfermeiro a empurrava para o meio-fio.

— Uau, você está realmente indo fundo, não é? Oferecer ajuda sem resmungar ou sem a necessidade de alguém pedir. Quantas vezes eles tiveram que ligar para chamar você para vir?

Minha mandíbula doeu. — Pare com isso.

— O que? — Ela fingiu inocência, com grandes olhos arregalados e pontas dos dedos espalmadas sobre o peito.

Eu a deixei na frente do hospital e fui para o estacionamento buscar o carro de LJ. Parte de mim queria seguir direto para a rodovia, em vez de dar a volta na frente do hospital.

Na entrada, havia mães embalando novos bebês, pessoas com muletas e minha mãe sentada em uma cadeira de rodas com seu gesso, lutando contra uma embriaguez amarga.

Esperando para parar em um lugar vazio, eu bati uma mensagem para LJ.

Eu: Boa sorte hoje. Pensando em você. Estarei assistindo às 3!

O balão de texto apareceu, indicando que ele estava digitando, e desapareceu rapidamente.

Minha garganta apertou, as pernas tremeram e meu coração apertou como se alguém o tivesse agarrado com força, torcendo para testar a integridade. O fracasso era iminente.

Depois de ajudá-la a entrar no carro, parei no supermercado e comprei carne e pão suficientes para o almoço e durar uma semana. Demorou mais do que eu esperava, e a contagem regressiva para três ficou ainda mais apertada. Eu planejava assistir em casa sozinha, onde ninguém mais se incomodaria com meus gritos. Eu definitivamente não tinha planejado assistir com

minha mãe.

Cada quilômetro na estrada no carro de LJ, minha cabeça era um turbilhão de ansiedade. Eu verificava compulsivamente meu telefone a cada farol vermelho, mas o zumbido fantasma vinha vazio todas as vezes.

Entrar na casa da minha mãe - eu não poderia mais chamá-la de minha - parecia tão estranho quanto quando eu passei na véspera de Natal. Parecia e cheirava igual, mas não era um lar. Eu não tinha casa.

Desembrulhei as compras, jogando caixas e pacotes nas bancadas para guardá-los rapidamente. Meus ouvidos zumbiram, pensamentos indutores de pânico girando em minha cabeça.

— Isso é o que você ganha por mim? — De muletas, ela entrou mancando na cozinha.

Enfiei a comida em sua geladeira vazia. Garrafas de azeitonas pela metade e garrafas de ketchup do serviço de quarto rolavam nas prateleiras. — Desculpe, deixe eu mover esta costela e salada Caesar de lado para abrir espaço para as compras que paguei com meu próprio dinheiro.

— Eu não estou na escola primária. O que há com toda a carne do almoço?

— É melhor do que o que você me deixou enquanto crescia. — Eu retruquei, avançando mais perto da borda.

Um bufo desdenhoso foi sua única resposta. — Você estava bem. Um!! Você só tinha que correr para a casa de LJ e tudo iria ser cuidado.

Os músculos do meu pescoço ficaram tensos, raiva vazando em minhas veias e ouvidos zumbindo. Eu bati a geladeira fechada, o conteúdo chacoalhando dentro. — Talvez eu quisesse que minha mãe cuidasse de mim.

— Você era mais do que capaz. — Outra explosão.

— Eu era uma criança.

— Seu pai foi embora e viveu sua vida, fazendo o que diabos ele queria. Por que eu não deveria ser capaz de fazer a mesma coisa?

Trazer à tona esses velhos sentimentos foi como abrir feridas que eu fingia estarem totalmente curadas. — Desculpe, eu fui uma inconveniente.

— Não há necessidade de ser dramática.

Minhas bochechas esquentaram. Qual era o sentido de tentar mudar alguma coisa sobre ela? — Você precisa de mais alguma coisa antes de eu ir?

Sua voz se suavizou. — Você já está indo embora? Mal tivemos a chance de conversar.

Mordi minha língua antes de dizer “por que diabos eu iria querer ficar?” e com um lembrete de que me convenceu a vir aqui nada saiu da minha boca.

Roupa lavada, uma cama arrumada no sofá da sala, e um sanduíche do ensino fundamental mais tarde, ela havia esgotado todas as maneiras possíveis de me manter em casa.

Verificando a hora, eu não voltaria para casa antes do play-off. *Merda.*

Deixando minha mãe na cozinha, fui até a sala de estar, liguei a TV e sentei na mesa de centro.

Os comentários foram colocados sobre os sons distantes do estádio quase vazio onde os jogadores se alinharam para treinos, sprints e mostrando todas as suas habilidades e poder para os times que assistiam.

— A seguir, temos os linebackers. Aqui temos muitos talentos,

e, claro, a concorrência é sempre acirrada.

Oito outros caras fizeram o mesmo, seus nomes e horários piscando na parte inferior da tela.

Minha mãe sacudiu pela casa, tilintando garrafas e resmungando. Se ela caísse tentando pegar uma bebida, ficaria tentada a deixá-la no chão.

O nome de LJ apareceu na tela. Mesmo com a nuvem negra pairando sobre minha cabeça agora, o orgulho chamejou em meu peito ao ver e ouvir os locutores repassando tudo o que ele tinha feito nas últimas quatro temporadas. Não necessariamente, eu estaria pulando para cima e para baixo e torcendo para a tela. Eu queria tanto isso para ele, mais do que jamais quis nada para mim. Porque eu o amava.

Segurei a borda da mesa e prendi a respiração.

Os exercícios começaram para os jogadores. Seus tempos apareceram na tela, comparados aos dos outros caras. Ele não foi o primeiro em nenhum, mas ele estava consistentemente entre os três primeiros, enquanto outros caras saltavam no ranking.

Um apito estridente final e ele terminou. Ele correu para a margem com o suor escorrendo pelo rosto. Sem fôlego e intenso, ele se aproximou do repórter lateral como todos os outros jogadores antes dele.

Embora eu pudesse vê-lo na tela, eu ainda verifiquei meu telefone como se ele me enviasse uma mensagem neste exato momento.

— Aqueles foram tempos extraordinários. Como você está se sentindo sobre o draft?

O rosto e as bochechas de LJ estavam manchados de vermelho enquanto ele arrastava uma toalha pelo pescoço. — Me sentindo tão bem quanto qualquer um dos caras aqui. Há uma competição difícil, e eu só espero ter provado meu valor em

campo.

— Você os matou, L. — Eu gritei para a tela. O orgulho brilhou em meu peito, brilhante e reluzente.

Ele trabalhou tão duro. Ele não tinha brincado com a tolice da linha lateral como fazia normalmente. Sem sorrir ou piscar. Ele estava sério, muito sério.

Me dobrei com os braços em volta da cintura, olhando para ele, maior do que a vida na tela. Uma nuvem sinistra de desolação pairava no ar.

— Há muita coisa em jogo e a escola está encerrando para você. Você está ansioso para a formatura?

Ele arrastou uma toalha pelo rosto, treinando seu rosto ao mesmo tempo em que inspirava profundamente. As almofadas que ele usava subiam e desciam a cada respiração.

— Sim e não. Há muito a deixar para trás, mas estou pronto para começar um novo capítulo.

— Tenho certeza de que há muitas equipes por aí que estariam interessados em ajudá-lo com isso.

— Acredito que sim. Estou pronto para trabalhar duro e fazer minha parte em qualquer equipe em que estiver.

— Nós temos o draft chegando em abril. Quem virá com você na noite do draft? Uma namorada feliz em ver você se tornar profissional?

— Não, nenhuma namorada para mim. — Não houve uma risada ou um sorriso rachado. Nada. Balançando a cabeça, gotas de suor caíram ao redor dele. — Meus pais estarão lá. Vou deixá-los orgulhosos.

Parei, protelando, e o observei passar para a próxima pergunta. Sufocando com o ar, meus pulmões queimaram e a sala se inclinou, minha visão turvando e escurecendo. Eu não sabia o

que esperava que ele dissesse, mas não era isso.

— Parece que você deixou esse escapar. — Mamãe se moveu entre a entrada da sala de estar e o sofá. — Que pena. Ele estará nadando em groupies de futebol no final do semestre. Inferno, provavelmente já exsitem algumas prontas para conseguir um jogador profissional antes que ele assine seu cheque.

— Ele não é assim. — eu rebati.

— Nem seu pai, mas todo aquele tempo na estrada, ele se esqueceu de quem o esperava em casa. Ouça isso. Quando ele voltar pra cá, ele estará afundado até os joelhos em alunos que farão o que diabos ele quiser.

Fiquei olhando para a tela muito depois de eles terem mudado para os próximos exercícios de posição.

Minha pele parecia queimada e com bolhas.

— E o pai dele provavelmente está doente de novo. Você deveria ter entrado lá enquanto podia. Seu tapete de boas-vindas será enrolado assim que a quimio começar novamente. A menos que eles queiram tirar aquela medula óssea novamente. Cobre desta vez. Ele terá o dinheiro. — Ela acenou com o braço na direção da tela em que LJ não estava mais.

Sem outra palavra, saí de casa, entrei no carro que cheirava a LJ e dirigi pelo caminho gasto de volta ao Brothel. Lágrimas queimaram nas bordas das minhas pálpebras, mas eu pisquei de volta. Meu peito doeu com uma dor profunda e pesada, como se eu estivesse perdendo uma parte de mim.

No caminho de volta, minha cabeça latejava, cheia de todas as inseguranças e medos de cruzar a linha com LJ. Do outro lado da ponte, a pulsação contra meu crânio se transformou em marteladas. Eu mantive minhas mãos firmes no volante, fazendo um percurso sem intercorrências, exceto pela parada a cinco minutos da porta, onde parei ao lado da estrada. Eu caí do carro de joelhos e vomitei o que restou do sanduíche que engoli antes

de ir para o hospital.

Sentando na lateral do carro, limpei minha boca e me controlei com respirações longas e instáveis. Arrastei o ar para os pulmões, entrei no carro e voltei para casa.

Por dentro, lutei contra todo instinto de fugir. Com dedos trêmulos, andei de um lado para o outro no meu quarto, o telefone pressionado no meu ouvido, e corri meus dedos pelo meu cabelo esperando ser atendida. Foi direto para o correio de voz e, como uma pessoa de 50 anos faria, deixei um recado.

Sentei-me, olhando para o telefone desejando que ele tocasse. Todas as palavras da minha mãe gritaram na minha cabeça, rasgando meu crânio.

Em vez de uma ligação de retorno, veio uma mensagem de texto.

LJ: Não é um bom momento. Estarei na cidade amanhã. Podemos conversar então.

Foi isso.

Com uma mensagem, ele destruiu todas as coisas que eu dei a ele. Minha amizade. Minha confiança. Meu amor.

Caí na minha cama, os dedos enrolados em torno do meu telefone e tentando recuperar o fôlego.

Minha visão ficou turva, a adrenalina gritou em minhas veias e meu soluço ficou preso na garganta.

Este foi o momento. No momento em que ele saiu.

Mesmo se ele voltasse na sexta-feira, algo havia mudado e eu deveria estar me preparando em vez de fingir.

26

LJ

Verificar minhas mensagens depois de deixar o campo tinha sido um erro. Tinha uma da Marisa e outra da minha mãe. Os resultados do teste estariam prontos em alguns dias.

Sentado em um quarto de hotel em Chicago, eu estava pronto para arrancar as pinturas das paredes. Ele tinha que estar bem. Eu me esforcei mais do que pensei ser possível no campo hoje. A vida do meu pai poderia estar na balança de quantos zeros estivessem no final do meu contrato.

Eu queria - não, *precisava* tirar todas as preocupações financeiras que poderiam atingi-los. Eu precisava cuidar de Quinn e ter certeza de que Marisa ainda faria sua turnê europeia. Eu precisava cuidar deles e essa era a única maneira de fazer isso.

Falar com alguém só pioraria as coisas. Conversar com Marisa me faria querer estar lá agora. Isso me faria querer usar um cartão de crédito para entrar em um avião esta noite, não amanhã de manhã às sete da manhã com o resto dos caras e seu pai.

Ele ficou parado ao lado do entrevistador com o resto dos caras prontos para sair para o campo.

Cerrei os dentes para não deixar escapar uma palavra sobre Marisa.

Ele ganhou seu campeonato e tirou a chance de Marisa de sua vida. Ela estava certa. Ele não merecia uma segunda chance. Ele não merecia um segundo de seu cuidado ou atenção.

Eu queria acreditar que ela estava errada, mas ela não

estava. Foda-se ele.

Ela ligou quando eu estava no vestiário, mas eu esperava uma ligação da minha mãe, e o pai dela estava lá conosco, repassando todos os números finais do dia.

Fervendo, eu lutei para me acomodar no ar seco e aquecido do quarto do hotel. Pelo menos eu não tive que compartilhar um. Mas haveria um caminho gasto no chão amanhã de manhã.

Uma batida na porta me tirou da inundação que dominava minha cabeça.

Eu o abri. Keyton estava no corredor.

— Nós vamos conseguir algo para comer. Vamos lá.

— Eu não estou realmente…

— Não foi um pedido. Pegue seus sapatos e carteira e vamos embora. Berk nos encontrará lá. Ele está falando com Jules.

Depois de uma descida silenciosa de elevador até o restaurante do hotel, Keyton sentou em uma cadeira enquanto ele me fez sentar no canto como se eles estivessem com medo que eu levantasse e voltasse para o meu quarto. Não foi a conclusão mais estúpida. Eu pensei em tentar durante todo o tempo em que ele examinou o menu.

O restaurante do bar de esportes tinha camisetas emolduradas e penduradas nas paredes. O cheiro de comida frita e cerveja na torneira inundou todo o lugar. As TVs nas paredes reproduziam o Sports Center combinando os resultados de hoje.

Eu afundei ainda mais na minha cadeira.

Keyton baixou seu menu. — Eu preciso ligar para Marisa?

— Isso não tem nada a ver com Marisa.

— Você só é um pé no saco quando há algo com Marisa. —

Ele desviou o olhar. Tínhamos mantido todas as conversas sobre mim e Marisa e como ele nos pegou a um mínimo. Algumas vezes, nossas camas barulhentas provavelmente nos delataram, mas fora isso, mantivemos um perfil discreto. Muito baixo.

— Não tem nada a ver com Marisa.

Além de eu a querer aqui. Eu queria que ela me dissesse que tudo ficaria bem e para não surtar até saber os resultados dos testes. Era muito pior quando eu não conseguia vê-la ou tocá-la.

— Você está preocupado em como se saiu hoje?

Outra fileira se encaixou no cubo de catástrofe iminente do Rubik. Eu não estava apenas lidando com o medo de meu pai ficar doente de novo, mas agora eu podia somar uma pitada de meus números que não somavam aos olheiros profissionais. Meu estômago, que não estava interessado antes, agora rejeitava completamente a ideia de colocar qualquer coisa na minha boca.

— Você tem tudo sob controle. Todos nós vimos como você se saiu lá.

— Quem? LJ? — Berk deslizou para o assento ao lado de Keyton. — Você está dentro, cara. Primeira ou segunda rodada. Sem passado nefasto. Sem problemas de desempenho. Não é como se você tivesse chegado tarde e perdido a primeira metade de um dos maiores jogos da temporada ou algo assim. — Ele balançou a cabeça e gargalhou, engolindo a água na frente dele.

Pelo menos eu não fui o único que teve uma temporada fodida. Berk quase foi expulso do time por brigar com um jogador adversário durante a temporada, mas tudo se desvaneceu como uma miragem, e ele manteve os lábios fechados sobre isso.

— Qual é a sua avaliação de mim? — Keyton se virou em sua cadeira.

— É mais difícil como tight end. — Berk esperou, mas

nenhum de nós mordeu a isca de “isso é o que eles dizem”. Leia o ambiente, Berk.

— Você provavelmente está indo para a segunda ou terceira rodadas.

Os ombros de Keyton caíram um pouco. Não com tristeza, mas com alívio. — Ficaria feliz com o quarto lugar. Eu nem me importo. Eu apenas quero jogar.

Berk girou o menu de meia página laminado na mesa, sacudindo-o com o dedo. — Não em sair em turnê com sua banda secreta de rock?

— O que?

— A guitarra. Não é um instrumento fácil de entrar e sair furtivamente de casa.

— Eu não toco.

— Qual é a história então?

O garçom veio e anotou nossos pedidos. Fui com um hambúrguer com batatas fritas, mas de jeito nenhum eu seria capaz de engolir mais do que algumas mordidas.

Berk bebeu um pouco de seu refrigerante. — Não vamos abandonar isso, Keyton. A formatura é daqui a pouco mais de dois meses e você ainda não derramou o feijão. Não o ouvimos tocar tarde da noite. É elétrico? Ou você só toca quando não tem ninguém em casa?

O olhar de Keyton pousou no meu. — Eu não toco. Estou guardando para alguém.

— Você está roubando um violão da faculdade para alguém.

— Sim. Nenhuma história aí.

Berk se inclinou sobre a mesa. — Eu duvido muito disso.

Mas ele deixou cair. Eu não era muita companhia para o irritante jogo das agulhas.

A comida chegou e eu a empurrei no meu prato.

— Se você não vai comer. Eu vou. Todos os lanches que Jules fez para mim se foram. — Berk deslizou meu prato em direção a ele sem esperar por uma resposta.

Keyton soltou uma risada baixa e estrondosa. — Você quer dizer que os sacos Ziploc de dois galões de biscoitos sumiram?

Ele encolheu os ombros. — Eu estava comendo por estresse.

— Minhas amigas e eu estávamos nos perguntando se vocês são os caras lá em cima. — Uma loira em idade universitária e duas amigas ficaram entre Berk e Keyton e apontaram para as TVs reproduzindo os destaques da combinação.

— Nós somos.

— Isto é tão legal. Estamos na cidade para uma reunião nacional da fraternidade, mas nosso time de futebol é uma merda, então nunca vimos nenhum de nossos jogadores no Sports Center.

— Bem, houve uma vez em que eles fizeram as piores jogadas da temporada e nosso time fez isso duas vezes.

Risadas educadas e meio-sorrisos foram tudo o que receberam.

— Podemos tirar uma foto com vocês? Talvez valha a pena quando vocês se tornarem profissionais. — Elas sorriam e saltavam na ponta dos pés.

Keyton leu a tabela. — Agora não é realmente...

Duas delas deslizaram para a cabine ao meu lado e puxaram Berk e Keyton para dentro, colocando, nós seis em um assento destinado a três.

Quanto mais rápido fizéssemos isso, mais rápido elas iriam embora.

Depois de mais selfies do que eu tirei em toda a minha vida, eles saíram com dicas sobre um clube não muito longe daqui. Manobras evasivas e o fascínio pelos tampos das mesas rasgados foram o suficiente para encerrar a interação que passou de irritante a dolorosa.

— Acho que vamos ter que nos acostumar com isso, certo? — A risada desconfortável de Berk não fez nada para aumentar o clima abatido. — Vou ligar para Jules. — Ele jogou algumas notas na mesa e saiu correndo como se tivesse medo que ela descobrisse que ele tirou algumas fotos com algumas fãs fervorosas.

Em nosso andar, Keyton parou em frente à minha porta. — Espero que o que quer que esteja acontecendo com você funcione bem. Você não tem que falar sobre isso. Sei que às vezes não ajuda nem um pouco, mas nós protegemos você, não importa o que seja, e Marisa é o número certo para você. É difícil encontrar pessoas que vão para o tapete por você assim. — Ele se balançou nos calcanhares, virando-se e caminhando em direção ao seu quarto.

Sentei na beira da cama tentando não deixar que todos os piores cenários me consumissem. As coisas estavam tão perto de cair. Tão perto de finalmente ser perfeito, eu não

≈

poderia lidar com ser pego de surpresa agora.

De volta ao Brothel, subi correndo as escadas, subindo de dois em dois degraus. Entrei no quarto de Marisa.

Ela fingiu que não checou quando eu cheguei, mas eu sabia que ela fez. Só que ela não estava aqui agora.

Seu computador, o meu antigo do ano passado, não estava em sua mesa. Ela normalmente não carregava para as aulas. Era

um tijolo e meio. E sua mochila também não estava aqui, embora ela não tivesse aulas.

Talvez ela estivesse estudando na biblioteca. Mas ela odiava estudar lá, especialmente quando tinha a casa só para ela.

Eu: Marisa, estou de volta. Onde você está?

Uma bolha de texto apareceu e desapareceu. Nenhuma mensagem chegou.

Liguei para minha mãe e passeei no meu quarto antes de descer as escadas para sentar perto da janela.

Minha cabeça caiu e disparou de volta. Esfreguei meus olhos, mal os mantendo abertos e verifiquei meu telefone novamente.

Nenhuma resposta à minha mensagem. Era quase meia-noite.

Ela nunca ficou fora até tão tarde.

Agora os cenários giravam em minha cabeça.

Enviei outra mensagem.

Eu: Onde você está? Você está bem? Está tarde.

A bolha de texto apareceu novamente. Um pouco do aperto em meu estômago diminuiu.

Marisa: Estou bem.

Eu: Quando você volta para casa?

Marisa: Não volto esta noite.

Eu: Quando você volta?

Marisa: Vá para a cama. Tenho certeza que você está cansado.

Eu: Onde você está?

Marisa: Fora. Eu não estou respondendo mais. Estou bem. Boa noite.

De pé no centro da sala de estar, joguei meu telefone no sofá. A frustração preencheu todas as células do meu corpo. Eu precisava dela aqui. Eu a queria aqui. A única coisa que me impediu de perder o controle com a notícia do meu pai foi saber que Marisa estaria esperando por mim em casa.

Eu estava pronto para arrastá-la para a cama. Dane-se qualquer outra pessoa sabendo sobre nós.

— Você está acordado até tarde. — Keyton estava sentado no meio da escada, olhando para mim por entre as barras.

— Marisa não vai voltar para casa esta noite.

Ele desceu mais alguns degraus. — Isso é incomum. — Havia um tom medido e cadência em sua voz, como se ele estivesse esperando para ver exatamente como eu me sentia sobre isso.

Merda. Bravo. Ansioso. É assim que eu me sinto sobre isso.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Esfreguei minhas mãos no rosto de repente, sentindo todo o peso caindo sobre meus ombros. — Eu não sei.

— Esse relacionamento é sério ou é outra coisa? — Ele parou na parte inferior da escada.

— Estamos mesmo em um relacionamento? — Eu me joguei no sofá e apoiei meus antebraços nas pernas, apertando minhas mãos.

— Não que eu não tenha tentado limpar a imagem da minha cabeça, mas vocês dois certamente parecem ser mais do que amigos.

— Eu quero que nós sejamos. Eu queria que fôssemos, mas ela está criando bloqueios a cada passo do caminho.

— Talvez ela esteja com medo. — Ele ergueu um ombro. — Quando as pessoas estão com medo, elas fazem coisas malucas. Coisas terríveis que normalmente não fariam. — Um olhar assombrado cruzou seu rosto.

— Do que ela está com medo? — Eu olhei para ele, querendo que alguém tivesse respostas para as perguntas que rugiam em minha cabeça.

— Depende de você descobrir. — Ele deu uma tapinha no meu ombro e voltou para cima.

Eu cruzei meus dedos na parte de trás da cabeça e olhei pela janela para a rua tranquila lá fora. Rastreá-la era a primeira coisa na minha lista, mas o medo tomou conta do meu coração. As apostas foram aumentadas. Os resultados dos exames do meu pai ainda não tinham saído e agora Marisa tinha partido. Eu não podia perder duas pessoas que amava e só havia uma por quem eu poderia fazer algo. Eu não desistiria sem todas as respostas de que precisava.

27

MARISA

— Marisa?

Eu pulei do sofá de couro confortável no departamento de História da Arte, empurrando o cobertor para trás. — Professora Morgan. O que você está fazendo aqui?

Ela olhou para mim, vendo a extensão limitada das minhas coisas com as chaves em suas mãos.

— O que *você* está fazendo aqui? Você está dormindo aqui? — Não havia censura em seu tom, apenas preocupação.

— Não, claro que não. — Nem soou convincente para mim. Não com a mochila super lotada, o rabo de cavalo da hora de dormir e o cobertor estufado nas minhas costas.

Ela inclinou a cabeça.

Meus ombros afundaram e eu caí para trás.

— Há quanto tempo você está dormindo aqui?

— Só uma noite. Entrei depois que a limpeza saiu na sexta-feira. Achei que teria o fim de semana para descobrir algo.

— Você não tem para onde ir?

— Na verdade não.

Ela pegou minha mochila. — Venha comigo.

— Eu juro, vou sair agora. — A última coisa que eu precisava era de um artigo sobre o acidente em escritórios da universidade ou algo assim.

— Você não está com problemas. — Ela pendurou a mochila no ombro. — Eu tenho uma casa de hóspedes onde você pode ficar. Você teve a pior sorte com arranjos de vida, não é?

— Algo parecido. — Só que dessa vez foi um exílio autoimposto.

— Foi um incêndio no ano passado, não foi?

— Sim. — Peguei meu cobertor e tentei não me sentir como uma parasita por aceitar ficar na casa da minha professora. — Você não precisa oferecer sua casa. Posso encontrar outro lugar para ficar.

— Não se preocupe com isso. Se você usar, vou me sentir menos mal por realmente ter uma casa de hóspedes.

— Quando você coloca dessa forma... — Segui a Professora Morgan até o carro dela. Ela manteve a conversa leve, concentrando-se principalmente nas discussões sobre arte.

Dentro da casa de hóspedes, ela me ajudou a fazer a cama e as toalhas. — Eu não quero bisbilhotar, mas você pode falar comigo se precisar. Eu sou uma historiadora da arte, não uma terapeuta, então meu conselho pode ser uma merda, mas vale a pena tentar.

A casa de hóspedes de um quarto com cozinha completa e banheiro era melhor do que a maioria dos hotéis. A professora Morgan tinha se saído bem, embora sua pasta de couro gasta, slides quebrados em sapatilhas e o modo como ela nunca conseguia ficar longe dos biscoitos espalhados em qualquer um dos eventos do Departamento de Arte nunca tivessem gritado 'pessoa rica'.

Peguei minha bolsa do chão e coloquei na poltrona ao lado da cama. — Muita coisa está acontecendo agora, e provavelmente não estou lidando com isso da maneira mais madura possível. — Nem um pouco, realmente, e eu me odiava por isso. Mandei uma mensagem para Jill para saber como Charlie estava. Eu não

conseguia comer sem me preocupar. Ele não era alguém que merecia isso, e mesmo que fosse uma loucura, parecia que eu tinha falhado com ele – ou melhor com eles. Que eu estraguei tudo de alguma forma, e ele teria anos roubados de sua vida porque minha medula óssea não era forte ou boa o suficiente.

— Todos temos nossos momentos. — Sua risada seca não fez nada para acalmar minha mente. — Está relacionado com a escola, família ou um cara?

Me sentei na beira da cama e olhei para ela. Minha mente era um caldeirão agitado de caos. Eu não conseguia pensar direito desde a última mensagem de LJ. Eu estava com medo de voltar para casa, especialmente depois de ver as fotos em que ele foi marcado nas redes sociais, onde ele estava junto de algumas fãs de futebol em um bar. Por que ele simplesmente não me levou para o lado fora e me deu um tiro, assim me livraria da minha miséria?

Possivelmente Charlie estava lutando por sua vida e LJ estava brincando de superstar. Eu não sabia o que era pior, falar com LJ ou não falar com LJ. Fiquei tentada mais de uma vez a ligar para Jill e descobrir o que estava acontecendo com Charlie, mas isso seria perda demais para um dia. Inferno, por uma vida.

— Tudo acima.

Ela se sentou ao meu lado. — Um golpe triplo. É difícil saber o que está acontecendo com eles.

— Com certeza é.

— Se você quiser falar. Estou aqui. Bem, na verdade, ali. — Ela apontou para a casa de dois andares de tijolos de branco que devia estar fora da faixa salarial de um professor.

— Eu agradeço. E estarei fora daqui assim que descobrir meus próximos passos.

— Não precisa correr. — Ela ofereceu. — Aqui está uma

chave. E aqui está o meu número de telefone, se precisar de alguma coisa. — Ela rabiscou os dígitos em um bloco de notas na porta da frente.

— Você realmente não precisa fazer isso.

— Todos nós precisamos de uma ajudinha às vezes. Não se preocupe com isso e você pode me pagar na próxima chance que tiver.

Murmurei um obrigada.

Ela fechou a porta atrás dela.

Caminhando para o quarto, encarei o telefone que desliguei alguns dias atrás. Meus dedos roçaram na tela preta morta. Eu precisava me preparar para fortalecer minha mente e meu coração contra o que estava por vir.

Eu também enviei um e-mail para a equipe de Veneza me desculpando pelo atraso em dar a eles as informações de que precisavam para me inscrever no programa de mestrado.

Me enrolando na cama, abracei um dos travesseiros recém-lavados e enterrei meu rosto na penugem macia. Eu senti falta dele.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto, me pegando desprevenida. Não demorou mais do que um pensamento antes de eu ficar uma bagunça novamente. Com os olhos turvos e fungando, caí no sono tentando não pensar em tudo

~

que estava prestes a perder - se é que já não tinha perdido.

Os cheiros do museu costumavam ser reconfortantes, uma fuga do mundo real onde tudo era etiquetado, catalogado, protegido. Hoje, tudo o que eles fizeram foi me lembrar de onde eu estaria indo três meses após a formatura.

Ficar na casa da professora Morgan nos últimos dois dias não

tinha sido tão ruim, exceto pela solidão esmagadora e pelo medo de encarar minha vida real fora do quarto da casa de hóspedes.

Saí de todas as minhas aulas por saídas alternativas, ou as pulei, se pudesse. Não que LJ estivesse procurando por mim. Eu não tinha certeza do que seria pior: que ele poderia estar me esperando do lado de fora de cada aula ou que estava *me* evitando.

Houve alguma notícia dos médicos de Charlie? Os nós no meu estômago estavam ralando e moendo, tornando difícil engolir qualquer coisa. O medo de ouvir a decepção ou raiva em suas vozes se o câncer tivesse voltado manteve meu telefone desligado, não importa o quanto eu quisesse saber.

Hoje, eu estava no museu, com minhas roupas de guia com um grupo de excursão - 28 alunos da sétima série que pareciam tão felizes por estar aqui quanto eu.

Pelo menos isso me deu algo para preencher meu tempo, além de ficar obcecada com a traição de LJ ignorando minha ligação e sair para beber com mulheres aleatórias, ou o pânico de ter falhado com uma das pessoas que mais significava para mim.

Caminhei pelo andar térreo do museu, repetindo monotonamente as falas que havia muito memorizado. Meu coração não estava nisso nem um pouco.

— Esta é a exibição de Armas e Armaduras. Passeiem e vejam se você podem responder às perguntas do quebra-cabeça e nos encontraremos aqui em dez minutos. — Alguns dos meninos se animaram e saíram correndo, indo direto para a parede de espadas e maças.

Os vinte e oito alunos da sétima série decolaram em dez direções diferentes com seus amigos. Seus professores estavam em serviço de pastoreio.

— Marisa.

Meu coração gaguejou e me virei para encarar a voz familiar que esperava evitar o máximo possível. — O que você está fazendo aqui? — Segurei minha raiva com força. Era uma emoção muito mais segura e menos assustadora do que todas as outras passando pela minha cabeça.

Seu rosto se contorceu de descrença. — O que você pensa que estou fazendo? Não estou aqui para estudar arte.

— Estou trabalhando. — Eu fervi, mantendo minha voz baixa. Ele anunciou a todos que estava solteiro e pronto para se misturar, e ele ficou com algumas garotas poucas horas depois de me enviar uma mensagem para dizer que agora não era uma boa hora. — Você precisa sair.

— Eu não teria que aparecer aqui, se você tivesse respondido minhas mensagens. — Suas sobrancelhas se curvaram, e a preocupação eclipsou a raiva, o que trouxe à tona os pequenos rubores em sua mandíbula.

— Um tempo separados parecia a melhor ideia. — Meu coração bateu forte no peito, sangue martelando em meus ouvidos.

— Depois de um voo de cinco horas, chego em casa e você foi embora.

— Por que você acha que fiz isso, LJ? — A raiva que havia sido parcialmente extinta rugiu de volta. Repassei suas palavras em minha cabeça. — Você disse que as únicas pessoas que participaram do recrutamento seriam seus pais.

— Eu disse. O que eu deveria dizer? Sempre que mencionei talvez dizer às pessoas que estamos juntos, você recua como se eu tivesse pedido para enfiar a cabeça no fogo.

— Você não precisava dizer meu nome, mas poderia ter dito que havia alguém. Não que você tivesse uma placa gigante brilhando “disponível” sobre sua cabeça. Mulheres postavam fotos suas se aproximando delas depois que você me enviou uma

mensagem dizendo que está muito ocupado para conversar. Suas mensagens vieram em voz alta e clara.

A confusão se espalhou por seu rosto. — Elas eram fãs que queriam uma foto. Uma foto e depois eu, Berk e Keyton fomos para nossos quartos.

Meus lábios se separaram.

— Sozinhos!

Algumas pessoas olharam para nós enquanto passavam.

Eu abri um sorriso antes de voltar para LJ. Minhas bochechas pareciam vidro estilhaçado.

Ele apertou as mãos ao lado do corpo. — Eu queria que todos soubessem. Depois da briga com seu pai, eu queria dizer isso a quem quisesse ouvir.

Eu me aproximei e coloquei meu dedo no centro de seu peito. — Você é o único que sugeriu isso no início. — E uma vez que a notícia de que ele e eu estávamos namorando se espalhasse no campus, todos teriam se concentrado em como ele de repente teve mais tempo de jogo, ou talvez Ron tivesse mudado de ideia e o colocado no banco completamente. — Você fez as regras.

— Porque em qualquer outra vez que chegamos tão perto, você recuou como nosso beijo de último ano.

Eu balancei minha cabeça tentando seguir seu salto no tempo e descobrir como isso era de alguma forma *minha* culpa. — Você me beijou e agradeceu por salvar a vida de Charlie, como se fosse minha recompensa por doar medula óssea. Não queria que você gostasse de mim porque ajudei seu pai, e se não tivesse funcionado? Você nunca mais gostaria de falar comigo.

— É isso que você acha?

Cruzei meus braços sobre o peito e olhei para o lado. As crianças estavam se aproximando com seus papéis. Uma manada

deles veio em nossa direção. Precisávamos terminar isso agora. Eu queria agarrar as palavras de volta e dizer que sinto muito, mas o medo e a vergonha me dominaram fortemente, tornando impossível ver qualquer coisa além de sua eventual saída e minha desintegração. — É o que eu sei.

Sua mandíbula cerrou e ele se inclinou, rosnando, com os olhos disparando para as pessoas que passeavam pela exposição admirando os artefatos. — Eu pensei que deveríamos manter isso em segredo porque eu não queria que você contasse isso no jantar com seu pai para irritá-lo e arruinar qualquer chance de vocês dois terem de talvez se comunicarem. — Ele se aproximou, mas eu me mantive firme.

Cerrei os dentes e verifiquei por cima do ombro. — Você não é a porra do santo? Você não queria que ele soubesse porque estava tentando proteger suas chances no recrutamento.

— Sim, também isso. — Seus ombros cederam antes de seus olhos brilharem novamente. — Você pode me culpar?

— Não, não posso. Claro que você deveria ter colocado seu futuro em primeiro lugar e eu tenho que fazer o mesmo por mim mesma. É bom que isso tenha acontecido. — Eu balancei para trás, tentando colocar algum espaço entre nós. — É bom eu saber onde estamos por que... — Lambi meus lábios e respirei fundo. — Estou indo para a Itália.

Sua boca se abriu e fechou. Cabeça erguida e olhos esbugalhados. — Mas você não tem dinheiro.

Minha boca estava seca como serragem. — Meu pai assinou a isenção de taxas no final do semestre passado. Quando fui pagar, o saldo já estava zerado. — Eu dei de ombros como se não fosse grande coisa. Como se meu coração não parecesse estar sendo arrancado do peito. Esse foi o começo do fim. Por que puxar para fora?

Ele deu um passo para trás. — Você sabe disso desde

novembro.

— Eu não tinha decidido. — Eu realmente não tinha, mas agradeci minhas estrelas da sorte por ter tido o Plano B para recorrer.

— Você tem escondido isso de mim desde novembro.

— Não é como se eu estivesse escondendo. Eu apenas não mencionei isso. — O calor diminuiu no final da frase. A veemência foi substituída pela culpa.

— Andei na ponta dos pés pela Itália porque não queria trazer à tona nenhum sentimento ruim que você pudesse ter sobre não poder ir. Todos os planos que você me deixou pensar sobre o que poderíamos fazer neste verão e como o gastaríamos nosso tempo antes do campo de treinamento... — Ele balançou a cabeça e me encarou como se eu fosse uma estranha.

A náusea agitou meu estômago.

— Como você pôde esconder isso de mim?

As palavras ficaram presas na minha garganta e a bile correu para alcançá-las. Não havia como voltar agora.

28

LJ

EU voltei para todas as conversas. Tudo iniciado por mim, feito cada vez mais elaborado por mim. — O tempo todo em que eu estava fazendo planos para nós, você planejava fazer sua grande fuga. — O soco no estômago foi diferente de qualquer um que eu senti em campo. Foi um golpe de chuteira contra barriga sem aviso prévio.

— Isso não é sobre mim. — Ela balançou a cabeça, os olhos brilhando, e eu queria sacudi-la.

Eu joguei minhas mãos e as deixei desabar ao meu lado, a frustração latejando em minha cabeça. — Claro que isso é sobre você, Marisa. — Tudo isso estava desmoronando lentamente em cima de mim, e eu não conseguia parar. Era difícil respirar. — Estou com medo, Marisa. O recrutamento. Meu pai. — Soltei um suspiro trêmulo, tentando me controlar. — Eu preciso que você esteja lá para mim.

Suas narinas dilataram e seu queixo estremeceu. O brilho em seus olhos brilhava mais forte. — Sua família é forte. Vocês já passaram por isso antes. Você tem os caras. Eles vão te proteger. — Ela baixou a cabeça e olhou para o centro do meu peito.

Quem era essa mulher na minha frente? Ela não era quem eu amava. Esta foi a concha de medo que ela colocou para se proteger, e nada que eu diria que poderia passar por isso. Era endurecida e segura.

— Meu pai pode estar doente de novo.

Ela passou um dedo sob o olho e encontrou os meus. A umidade manchou sua bochecha. — Parece que a magia de Marisa finalmente acabou. — Ela pigarreou.

— Isso nunca foi sobre o que você fez por nós, por ele. Era sobre eu te amar.

— Você honestamente acha que ainda me amaria se ele ficasse doente de novo? — Sua voz falhou. — Se ele está doente de novo e minha medula óssea não funcionasse desta vez? Como eu poderia olhar qualquer um de vocês nos olhos de novo?

— Então seu plano é simplesmente nunca mais olhar para nenhum de nós novamente? Se mudar para a Itália e esquecer que nos conheceu?

Seus lábios tremeram, mas ela os manteve unidos.

Soltei uma risada sem humor e balancei a cabeça, olhando para a armadura e as armas atrás do vidro nas paredes atrás dela.

Se alguém tivesse vindo e me socado no peito com uma espada larga, não poderia doer mais do que o que eu sentia agora.

— Você está certa, Marisa.

Seus lábios se separaram.

— Nós nunca íamos funcionar. Você tem fugido desde o início. Malas prontas e pé no caminho para fora da porta, pronta para fugir ao menor sinal de futuro.

Eu recuei, precisando colocar espaço entre nós. — Você sempre disse que não consegue entender como ele fez o que fez, e que você não é nada como seu pai. Acontece que você está errada. Você é exatamente como ele, se afastando e fugindo das pessoas que amam você.

Um som escapou de sua garganta, a meio caminho entre um suspiro e um soluço. Seu rosto caiu, assim como meu coração tinha caído e ainda estava, rei do pecado no fundo de um abismo profundo no fundo do mar, sendo esmagado pela pressão.

— Tchau, Marisa.

Eu me virei e coloquei minhas mãos nos bolsos, saindo para a tarde ainda terrivelmente fria do início de abril. Minhas pernas pareciam pesadas, como se o concreto tivesse se quebrado a cada passo.

A dormência irradiou através de mim, abafando e nublando tudo.

Sentado dentro do meu carro, olhei pelo para-brisa e agarrei o volante. Minha respiração estava agitada e tensa, e meu sangue gritava nas veias.

Incapaz de me conter, soltei um grito e bati minhas mãos contra o volante, puxando-o com tanta força que pensei que pudesse se soltar do lugar. Exausto, desabei em meu assento e observei as pessoas passando em seus casacos e chapéus, sorrindo, rindo e de mãos dadas. Crianças correram para alcançar seus pais.

Foi muito parecido com a primeira vez que deixei o hospital depois de visitar meu pai. O resto do mundo continuou como se o meu não tivesse implodido, como se não tivesse se quebrado e estilhaçado.

Eu fui cortado até os ossos, e o cirurgião nem mesmo teve a decência de me encher de anestesia primeiro. Derrotado e desanimado, caí sobre o volante e olhei para o prédio de pedra branca onde Marisa estava. Nunca pensei que algum dia haveria um dia na minha vida em que ela não estivesse ao meu lado, fisicamente ou não. Mas agora, eu estava caminhando para o que vem a seguir sozinho.

~

Já estava escuro quando voltei para casa. Eu nem me lembro para onde fui. Tudo foi um borrão. A névoa dos meus sentimentos era tão densa que era difícil respirar.

— LJ? — Keyton gritou de seu quarto.

Eu parei o topo da escada. — Sim, sou eu.

— Marisa também está aqui?

Me firmando, fechei meus olhos. — Não, ela não está aqui. — Eu caminhei até a porta dele.

Ele se sentou em sua cama com um bloco de desenho e um lápis equilibrado em seu colo. — Onde está... — Seguindo meu olhar, ele largou o lápis e virou o bloco, limpando a garganta. — Onde ela está?

Inclinando-me para fora de sua porta, olhei para o corredor.

— Berk não está aqui. Ele está na casa de Jules.

— Certo. Ouça, o que você viu antes comigo e Marisa...

Seu olhar caiu para o chão entre nós, um verme vermelho tomate subindo pelo seu pescoço.

— Apenas esqueça isso, ok? Não há mais nada com que se preocupar. — Eu fechei meus olhos com força. Meu coração parecia que estava sendo dilacerado fibra por fibra.

— Quem estava preocupado? — Ele pulou da cama. — Ela não vai ficar com Liv, vai?

— Honestamente, não tenho ideia.

— Vocês dois terminaram?

— Você pode terminar com alguém com quem nunca teve realmente um relacionamento?

Ele se sentou na beirada da mesa ao lado da janela. — Talvez sim, talvez não, mas isso não significa que ainda não vai doer como um filho da puta.

— Conte-me sobre isso.

— O que aconteceu? — Ele olhou para mim, não com suspeita ou ceticismo, mas aberto como se ele realmente não pudesse descobrir o que poderia ter dado errado.

Eu afundei contra sua parede. — Honestamente? Eu não tenho a mínima ideia. As coisas estavam ótimas. No começo, eu queria manter as coisas quietas por causa do pai dela. E ela concordou, mas depois eu não queria ficar em segredo.

— Ela não sentiu o mesmo?

— Então, era eu que queria ser aberto sobre isso, e ela queria manter isso em segredo. Como se ela estivesse se protegendo contra o nosso fim, planejando isso.

Eu deslizei pela parede e olhei pela janela ao lado de Keyton.

— Ela não estava pronta. — Não foi uma pergunta.

— Quando estávamos juntos, era melhor do que eu jamais pensei que poderia ser. Eu a amo. — Eu me senti exausto, como a casca de quem eu era apenas alguns dias atrás.

— É uma merda assustadora, ter alguém te amando tanto. É assustador sentir que você não merece isso, e se isso passar, então o que isso significa sobre você? — Ele caiu no chão com as costas contra a mesa. — E quando você é quem ama alguém quando eles não conseguem ver por si mesmos, você está fadado a se queimar. Eles quase não conseguem parar de tentar provar a você que seu amor não é real. Eles tentam forçar sua mão até que provem isso para você.

Eu levantei meu queixo na direção de sua cama. — É isso que ela é para você? Aquela que você amava e queimou você?

Ele se inclinou e pegou o bloco de notas da cama e ficou olhando para ele por um longo tempo. — Não, fui eu quem a queimou. E ela estava certa em fugir. — Ele deslizou o bloco de notas pelo chão.

Olhando de volta para mim estava uma menina bonita, um pouco mais jovem do que nós, com um sorriso oculto e olhos claros. — Você desenhou isso? — Eu devolvi para ele.

— É tudo o que consigo desenhar.

— Quando você a viu pela última vez?

— Quase quatro anos atrás. Na formatura do ensino médio.

— Você não a viu mais desde então.

— Eu não acho que ela iria querer me ver. Éramos... complicados. Mais complicado do que deveríamos e não tínhamos a história que você e Marisa têm.

— A história não fez muito bem.

— Eu não diria isso.

— Você acha que ela vai te perdoar por tudo o que você fez?

Um olhar distante sombreado em seu rosto. — De algumas coisas você não pode voltar. Algumas coisas te assombram, mesmo quando você tenta seguir em frente. — Ele olhou para o papel e correu o dedo ao longo da folha.

— Eu espero que você a veja novamente. Talvez mostre a ela que você mudou. — Depois de conhecer Keyton por três anos, eu não poderia imaginá-lo machucando alguém. Talvez tenha sido assim que aconteceu. Aquelas de que você menos suspeitava poderiam atingir seu peito e arrancar seu coração. Eu me empurrei da parede e caminhei até a porta.

— Eu espero que você esteja certo. Você... — Ele se levantou e colocou o caderno na mesa. — Você deve pelo menos ouvi-la quando ela voltar.

— Eu nem sei se ela vai voltar. — Eu balancei minha cabeça, ainda não acreditando que ela iria embora depois de me dizer que não iria.

— Ela vai. Ela te ama, e isso é uma merda assustadora. Depois de perceber isso, não há como voltar atrás.

— Eu não sei. Ela odeia como seu pai fugia de sua família, mas ele estava tentando se reconectar com ela. A mãe dela não é a melhor, então tê-la foi bom.

Keyton inclinou a cabeça olhando para mim por um longo tempo antes de soltar um suspiro. — Eu sei que é difícil para você entender. — Ele balançou os calcanhares e olhou para o teto como se as palavras que ele estava procurando estivessem lá. — Às vezes os pais são uma merda. Não estou falando sobre ficar de castigo por notas ruins ou ter que levar o lixo para fora. Eles são as pessoas que mais deveriam nos amar, mas isso lhes dá uma chance. Eles também podem ser as pessoas com a primeira chance de nos machucar mais.

A bile se agitou em meu estômago. Não parecia que ele estava falando em resumos.

— Seus pais são ótimos. Eles amam você. Eles estão orgulhosos de você. Eles estarão lá para você. Alguns de nós não têm tanta sorte. Nunca tivemos qualquer estabilidade ou sensação de que, se nossa vida for uma merda, haverá um porto seguro para nós. Às vezes você está sozinho e às vezes é melhor assim. Só porque duas pessoas fizeram uma criança, não significa que sejam pais e verdade e não significa que merecem todas as chances do mundo.

Ele cruzou o quarto e colocou a mão no meu ombro. — Se o pai dela é o cara que pode ser um pai para ela, então isso é para ela e ele descobrirem. Você não pode forçar. Tem que ser sua escolha se ela quer deixar seu pai ser pai. Mas não pode ir na velocidade que você acha que deveria.

Com um aperto, ele me soltou.

Enfiando minhas mãos nos bolsos, eu balancei a cabeça. — Boa noite.

Fui para o meu quarto fechei minha porta, troquei de roupa e me arrastei para a cama. Minhas roupas espalharam-se por cima

do cesto de roupa suja do armário.

Keyton estava certo sobre muitas coisas. Consertar era o que eu queria fazer. Meus dedos coçaram para mergulhar e começar a trabalhar, alisando tudo.

Não havia como voltar atrás, apenas a longa e difícil estrada de seguir em frente.

Ela tem que descobrir isso depois que eu coloquei todas as minhas cartas na mesa. Ela decidiria o que fazer com seu pai. Não havia mais espaço para minha interferência.

Eu não poderia nos fazer ficar juntos se ela não acreditasse em nós - em mim. Não consegui fazê-la parar de correr. Eu não poderia fazer ela me amar como eu a amo.

29

MARISA

A porta se abriu atrás de mim. Todas as risadas, programas infantis de TV e música foram amplificados quando não foram abafados pela porta.

— Marisa?

Eu olhei para cima do ponto frio no topo dos degraus de concreto na frente da casa de Ron.

A surpresa estava espalhada por todo seu rosto. — Você está bem? O que aconteceu? — Ele desceu os dois degraus e se agachou na minha frente. Sua mão pairou sobre meus braços em volta dos meus joelhos, como se ele tivesse medo de me tocar.

Eu não o culpo. Eu era muito tóxica. Fiquei surpresa por LJ não ter percebido isso anos atrás. Ele estava certo. Eu estava esperando este sapato cair desde o momento em que ele sorriu para mim pela primeira vez, olhando por cima de suas planilhas de multiplicação.

— Desculpe. — Saiu como um coaxar de sapo. Eu limpei minha garganta. Ter vindo aqui foi um erro. Eu não sei por que fiz isso. Por que, de todos os lugares do mundo que eu poderia ter ido, eu tinha aparecido aqui?

Eu deixei cair meus braços e deslizei para a beira da escada.

Sua mão desceu no meu braço, me parando.

— Não se desculpe. Por favor, me diga o que está acontecendo. Você está me assustando. — A preocupação em sua voz me quebrou.

Comecei a chorar. Soluços profundos e torturantes saíram

das profundezas da minha alma. O tipo que me deixou com falta de ar e lutando contra a tontura invasora.

Ron se moveu ao meu lado e passou o braço em volta de mim. Ele me segurou perto e eu enterrei meu rosto em seu peito, segurando seu suéter como se fosse explodir a qualquer segundo.

Seus ruídos de conforto só pioraram as coisas. O murmúrio baixo de que tudo ficaria bem foi algo que eu só recebi dos pais de LJ na única vez que desabei depois de uma briga feia com minha mãe.

Os soluços deram lugar às lágrimas, que deram lugar ao constrangimento.

Eu me afastei. Ron me deixou sentar, mas não tirou seu braço do meu ombro.

— Venha para dentro. — Eu olhei para trás. Alguém havia fechado a porta, provavelmente não querendo ouvir o colapso histérico daquela garota aleatória na soleira da porta.

— Não, está tudo bem. Eu não deveria ter vindo. Me desculpe.

— Por favor, não diga isso. — A dor em sua voz me cortou profundamente.

Eu queria ficar com raiva. Eu queria cair direto nessa emoção em torno dele. Mas mais do que isso, eu queria respostas.

Eu precisava finalmente fazer as perguntas que haviam se estabelecido no canto escuro com teias de aranha do meu cérebro que eu fingia não existir e com as quais eu não me importava.

— Será que... — Respirando profundamente, estremeci não de frio, mas de medo tomando conta de cada célula do meu corpo. — Você já... — Minha voz falhou e eu limpei meu nariz com a manga. — Você já sentiu minha falta? — As lagrimas que eu pensei que tinham terminados encheram meus olhos. Eu pisquei para evitar que elas atingissem as bordas das minhas

pálpebras. — Você já desejou não ter ido embora, ou que voltasse para mim?

As palavras saíram com pressa, como se minha boca não confiasse no resto do meu corpo para não sair correndo pela rua antes que todas elas saíssem.

Ele me encarou de volta, o rosto corado, com lágrimas escorrendo do queixo para o suéter. — Todo dia.

— Você nem veio atrás de mim quando eu saí.

Sua mandíbula cerrou. — Eu queria. Eu queria correr logo atrás de você quando LJ fez isso, mas Nora sugeriu que eu lhe desse algum espaço. Ela pensou que eu deveria esperar você vir até mim, se eu já não tivesse fodido as coisas além do reparo. Qualquer relacionamento que tivéssemos, precisava estar em seus termos. Não nos meus.

Eu encarei seus olhos, que nadaram com incerteza e um mínimo de esperança.

Limpando a garganta, ele cobriu a boca com a mão e olhou para o céu. — Eu cometi muitos erros, mais do que você precisa saber, mas todos eles empalidecem em comparação a não ser o pai que você merece. E esse é um arrependimento que carregarei por toda minha vida. Mas espero que não seja necessário. Espere um segundo. — Ele saltou e correu de volta para dentro.

Sentada nos degraus e pesquei alguns lenços de papel do bolso, usando e colocando-os de volta nos bolsos antes que ele voltasse.

A porta se abriu novamente e ele se sentou ao meu lado com um pedaço de papel entre as mãos. Era longo e fino, com números e letras escritas nele. — Eu nunca tive certeza se daria isso a você.

Ele olhou para mim. O suor escorria de sua testa, embora já estivesse na casa dos 40 anos. Suas mãos tremeram e ele

estendeu o papel para mim. — O principal é o provedor de e-mail. O meio é o nome de usuário e o inferior é a senha. Eu devo a você muito mais do que isso, mas espero que talvez ajude a responder a algumas de suas perguntas.

Eu me levantei, e ele também, seus olhos correndo para o papel entre meus dedos.

— Eu sempre amei e sempre vou amar você, Marisa.

Eu balancei a cabeça, mas não o abracei de volta, ainda tentando descobrir o que estava acontecendo e o que esperava por mim quando eu logasse essa conta.

A casa da professora Morgan não ficava longe da de Ron. Eu corri a maior parte do caminho. Eu ainda estava com meu casaco, suado e úmido, enquanto mergulhava para o meu computador.

Com dedos trêmulos, tive que digitar a senha duas vezes junto com o nome de usuário ForMarisaSaunders antes que ele pudesse conectar.

A caixa de entrada carregou e fechei meu laptop. Meu peito estava apertado como se um punho estivesse apertando, não deixando meu coração bater totalmente. Eu desabotoei e tirei meu casaco. Com dedos trêmulos, levei meu laptop da mesa da sala para a mesa de centro.

Sentei-me no chão e respirei longa e instavelmente antes de abrir a tampa do laptop novamente. Todos os e-mails foram carregados.

Havia mais de 1500 deles. Eu os reverti por data para ver o primeiro. Eu engasguei e cobri minha boca com as duas mãos. Estava datado no dia seguinte à partida do meu pai. E-mails diários se estendiam ao longo dos primeiros três anos de ausência. Semanalmente por cinco anos ou mais e mensalmente até que eles voltaram para semanal depois que eu comecei na Fulton U. Voltei para o primeiro e-mail e cliquei na mensagem não lida.

PARA: ForMarisaSaunders@gmail.com

DE: ronald.saunders@gmail.com

ASSUNTO:

Cara Marisa,

Espero que você nunca precise ver isso. Espero que amanhã eu possa voltar para casa e você correr até mim e me dar um grande abraço como sempre fazia quando eu voltava da estrada. Mas agora não tenho certeza de muito, muito menos de quando poderei vê-la novamente.

Não importa o que aconteça, quero que saiba que sempre amei e sempre vou amar você. E espero que esta mensagem nunca chegue até você. Espero poder deletar essa conta ou esquecê-la, mas uma parte de mim está morrendo de medo de que não seja o caso.

Te amo sempre,

Papai

Escolhi outro e-mail um ano depois.

PARA: ForMarisaSaunders@gmail.com

DE: ronald.saunders@gmail.com

ASSUNTO: Feliz Aniversário Tardio

Marisa,

Estou lutando hoje. Realmente estou, e me pergunto o quanto devo dizer a vocês nesses e-mails. Seu aniversário veio e

se foi. Você recebeu os presentes que enviei? Sua mãe disse que daria a você, mas neste momento eu nem sei. Ela faltou nas audiências do tribunal, e cada uma parece significar que estou mais longe de finalmente poder vê-la novamente.

Eu me recuso a falar mal de sua mãe para você, e espero que ela esteja fazendo o mesmo. Eu realmente te amo e sinto muito a sua falta. Dói saber que não poderei assistir você abrir seus presentes de Natal novamente este ano.

Recusei dois empregos na costa oeste porque não quero ficar muito longe, caso precise de mim, mas a cada dia parece que minhas chances de te abraçar no seu aniversário são cada vez piores.

Te amo sempre,

Papai

Pulei para o e-mail logo depois de contatá-lo sobre vir para Fulton U. Por mais que eu odiasse entrar em contato com ele, assim que descobri sobre a isenção de taxas e sabendo que LJ estava lá, eu estava disposta a enviar o e-mail. Nova York foi tudo que eu esperava, mas eu sentia falta de LJ. Doeu o quanto eu senti falta dele. Portanto, teria a chance de ir para Fulton U, onde tinha o disfarce perfeito para segui-lo lá. Eles tinham um ótimo programa de estudos de museu, museus estelares e a única pessoa sem a qual eu não queria viver.

Mas enviar o e-mail não foi fácil. E dois meses me preparando para me encontrar com Ron depois que ele disse sim.

PARA: ForMarisaSaunders@gmail.com

DE: ronald.saunders@gmail.com

ASSUNTO:

Você está tão crescida agora, Marisa. Isso me deixa tão orgulhoso e me machuca tão profundamente que perdi todos os seus marcos. Faz tanto tempo que não vejo você que é difícil conciliar a jovem forte e determinada que apareceu no escritório do meu treinador com a garotinha sem dois dentes da frente que eu carregava nos ombros.

Voltar para a Filadélfia foi a melhor escolha para mim porque significava que eu estava mais perto de você, e o risco valeu a pena, mas desde nossa primeira conversa, não sei se algum dia serei capaz de fazer isso por você. Na verdade, eu sei que não vou. Por alguma razão, dizer essas palavras para você é muito mais difícil do que escrever essas letras. Ainda não sei se você os verá. Você provavelmente vai pensar que fui louco por falar sozinho todos esses anos.

Espero que possamos preencher a lacuna entre nós e nos conhecer. É minha culpa eu ter perdido tanto. Eu deveria ter lutado mais, não importa o que os advogados ou juízes disseram. Eu deveria, mas desisti porque doía muito ter minhas esperanças apenas para vê-las morrer repetidamente. Não é desculpa. Que tipo de pai não luta por sua filha? Eu fui um covarde, com medo de não conseguir fazer o certo com você, e agora não sei se algum dia vou conseguir.

Você é uma mulher linda e motivada, e eu gostaria de ter sido o pai que você merecia.

Te amo sempre,

Papai

PARA: ForMarisaSaunders@gmail.com

DE: ronald.saunders@gmail.com

ASSUNTO:

Marisa,

Você estava certa sobre muitas coisas hoje. Dói saber como tudo era verdade. Grande parte da minha frustração e raiva foi descarregada em alguém que você ama, que também ama você. Vejo a maneira como vocês dois se comunicam com um olhar, sem nunca dizer uma palavra, e gostaria de conhecê-los tão bem.

Eu não e ele sim. De muitas maneiras, eu me vejo em LJ, mas ele provou que é melhor do que eu. Ele está disposto a fazer grandes jogadas de sacrifício para proteger as pessoas de quem gosta. Talvez o meu teste foi tentar ver até onde ele iria, mas eu já sei que foi mais longe do que eu.

Ele é excepcional em campo. Mesmo sem jogar, sua estrela vai subir, e tenho medo do que isso fará com vocês dois. Não quero ser a razão pela qual outra pessoa em sua vida te decepciona. Acho que ele é um homem melhor do que eu, como suspeito que seja, mas ainda tenho medo de que, assim que a estrela dele subir, isso acabará com você ferida novamente.

Vou fazer o que é certo porque não quero perder você. Nunca quis perder você, mas acho que poderia ter perdido. Para sempre. Espero que não seja o caso. Sinto que uso a esperança com frequência nessas cartas para você, mas aqui está uma coisa que sei. Eu te amo e sempre vou te amar.

Papai

Eu li o último e-mail quando o sol nasceu no horizonte. Meus olhos pareciam ter sido polidos por um papel de parede. Uma montanha de lenços de papel estava empilhada ao meu lado na cama. Eu tinha obtido instantes da vida de meu pai nos últimos quatorze anos: a maneira como ele aproveitou a chance de

assumir o cargo na Fulton U, como foi difícil para ele não dizer uma palavra contra minha mãe. Mesmo que os e-mails não entrassem em detalhes, eu poderia preencher os espaços em branco - inferno, eu os vivi.

Os presentes que ele enviou. As visitas que ele tentou fazer. As datas dos tribunais que iam e vinham sem a chance de me ver.

Meu cérebro entendeu tudo. Eu poderia imaginar como tinha sido difícil, mas no meu coração, aquela menina ainda queria que seu pai fosse o cara que cavalgaria para salvar o dia. Apenas, isso não era um conto de fadas. Era o mundo real e, no mundo real, havia ordens judiciais e oportunidades de emprego, e nada funcionava como queríamos.

Isso não resolveu nada, nem de longe. A ferida aberta em meu peito que eu tentei cobrir quando se tratava de Ron não estava se aprofundando, no entanto. Pode até estar curando um pouco.

E isso me mostrou como ele e eu éramos parecidos. Exatamente como LJ havia dito.

Eu caí de volta na cama e olhei para o padrão de sombra no teto das persianas. As primeiras pessoas de quem eu deveria depender me falharam. Não havia outra maneira de dividi-lo, mesmo sabendo mais sobre o lado do meu pai nas coisas - então, como eu poderia esperar que LJ resistisse às tempestades que vinham em nossa direção?

Apenas, eu deveria.

Ele foi a única pessoa a quem eu poderia recorrer, não importa o quê. A única pessoa que nunca me decepcionou. A única pessoa que mentiu para me proteger quando tudo o que fiz foi machucá-lo. Ele provou a si mesmo uma e outra vez, mas mesmo com um sinal de problema, eu fugi. Não, eu o empurrei.

Ele estava certo sobre mim, mas eu não seria mais essa pessoa.

Tudo que eu podia esperar era que não fosse tarde demais para mostrar a ele o quanto eu o amava e salvar nosso relacionamento.

30

LJ

Aulas arrastadas. Treinos de primavera arrastados. Até mesmo responder a perguntas dos fãs sobre o que viria a seguir se arrastou. Tudo desacelerou para um ritmo excruciante, desgastando-se dia após dia.

Mesmo ouvir que os resultados do meu pai haviam dado negativo e agora ele poderia mudar para visitas anuais em vez de a cada seis meses, não levantou meu ânimo como deveria.

Havia um buraco do tamanho de Marisa em minha vida, e eu odiava.

A expressão em seu rosto quando eu disse que ela era como se seu pai, me fez sentir como se alguém tivesse enfiado a mão no meu peito e apertado meu coração a ponto de falhar. Mas eu não poderia voltar atrás. Eu não poderia estar com ela se ela não acreditasse que nós conseguiríamos - se ela não estivesse cem por cento forte, com o corpo e a alma tão apaixonada por mim quanto eu estava por ela.

— Ei, você quer sair? O táxi está aqui. — Berk enfiou a cabeça em meu quarto. — Você está bem? — Ele entrou no quarto escuro.

— Eu estou bem. — Era uma pílula amarga de engolir que eu não conseguia nem falar com ele sobre Marisa. Contar tudo a ele agora parecia apenas um convite a mais perguntas, e seriam perguntas para as quais eu não tinha as respostas ou não queria responder. Parecia que meu plano havia funcionado.

Uma risada histérica, não remotamente humorística, saiu como a gargalhada de uma bruxa malvada.

Berk congelou e inclinou a cabeça. — Tem certeza de que está bem?

Não. Nem um pouco. Levantei da cadeira e peguei meu casaco. — Inferno, sim, vamos nos foder.

Sem esperar por Berk, desci correndo as escadas.

Jules e Keyton estavam na porta da frente.

Os dois se encolheram quando me viram.

Foram meus cinco dias de barba por fazer? Meu corpo provavelmente fedorento? Ou foi o meu sorriso de Coringa? — Quem está pronto para sair? — Bati palmas e as esfreguei. — Vamos sair.

Berk desceu as escadas. — Tem certeza que está bem?

Eu me virei. — Totalmente. Nunca estive melhor.

Ele olhou de Jules para Keyton. — Talvez devêssemos esperar por Marisa. Ela ainda faz companhia a Liv enquanto Ford está viajando?

Eu estava ficando sem desculpas. Não exatamente querendo enfrentar o fato de que ela poderia não voltar. Eu canalizei minha tristeza para a necessidade de ficar completamente bêbado.

Keyton apareceu antes que eu pudesse cair na gargalhada de hiena. — Ela disse que tinha um grupo de estudos esta noite.

— Sim, ela se foi há muito tempo. Vamos lá. — Eu abri a porta e saí. Por dentro estava muito perto. As paredes pressionavam a cada minuto em que eu ficava sentado pensando no que aconteceria a seguir.

Seria muito melhor sofrer uma blitz. Eu não precisava mais ser responsável. A temporada acabou. A combinação acabou. Não havia mais nada a fazer a não ser esperar que meu futuro fosse decidido por algumas perucas grandes em camarotes de estádios,

e torcer para que meu agente aparecesse com um convite de recrutamento.

Isso significaria que eu iria no primeiro, segundo ou possivelmente terceiro turno. Mas agora, tudo em que eu conseguia pensar era que a mulher que eu amava não ser capaz de me amar de volta, o que pedia bebida. Muita bebida.

— LJ! — Um grito coletivo atrás de mim.

Eu me virei.

Berk, Jules e Keyton estavam ao lado da porta aberta do táxi que esperava no meio da rua.

Berk colocou as mãos ao redor de sua boca. — O táxi, lembra?

Marchando de volta em direção a eles, mantive meu olhar desviado e caminhei até o banco do passageiro da frente do carro.

Os três silenciosamente ocuparam o banco traseiro. Suas portas se fecharam com um baque abafado. Nos espelhos, pude vê-los sussurrando e trocando olhares.

O bar já estava cheio de gente quando chegamos.

Lá dentro, Berk nos conduziu a uma cabine, que já estava ocupada. Reece e Nix sentaram-se no meio ao lado de Seph e Elle. Exatamente o que eu não precisava agora: toda a gangue junta novamente.

Jules agarrou Elle em uma reunião de ex-colega de quarto. Todos os rapazes trocaram abraços de irmão e sentaram, mas meu joelho saltou sob a mesa enquanto todos contavam ao grupo o que estava acontecendo com eles.

A atualização de Reece sobre sua primeira temporada profissional foi a mais interessante. Todos queriam saber sobre nossos agentes, rumores do draft e o que mais estava acontecendo.

Eu queria me levantar da mesa e pegar uma bebida. Minha cadeira raspou no chão e quase derrubei um garçom com uma bandeja de bebidas. — Vou pedir no bar. Vou conseguir algo para todos.

Um garçom estava ao lado de nossa mesa com um bloco de notas para fora.

— Segundo round. Portanto, não temos que esperar para fazer o pedido. — Desapareci no meio da multidão e fui direto para o bar, encontrando o único lugar vago ao lado das banquetas de espaldar alto que só os lugares da moda tinham.

Acenei para chamar a atenção da barman. Ela veio depois de receber alguns outros pedidos.

— Posso pegar quatro Sam Adams e três vodka cranberries? E duas doses duplas de vodka agora?

Ela pegou meu cartão e começou a contar, voltando com as doses duplas de vodca enquanto preparava o resto das bebidas e abria as cervejas.

— É um desses para mim? — Uma morena no banquinho ao meu lado se inclinou com um sorriso leve e arejado.

Eu olhei para as bebidas e voltei para ela. Levantando um, entreguei a ela.

Se eu apertasse os olhos e virasse minha cabeça para o lado, ela poderia se parecer com Marisa. No entanto, nenhum amassado na ponta do nariz.

Ela ergueu o copo e bateu contra o meu. — Para uma noite maravilhosa.

Mantendo meu olhar nela, eu bati meu tiro, deixando-o queimar todo o caminho. Para uma noite maravilhosa.

≈

As batidas na porta da frente não pararam. No meio da

escada, a luz da janela acima da porta brilhou direto em meus olhos, queimando-os. Um estádio cheio de pessoas pisoteava meu cérebro. Uma carga de ibuprofeno pode ser um bom começo.

É isso que acontece quando você é uma leve para beber. Outros caras podiam beber seu peso corporal em álcool, mas eu não tomava um porre há muito tempo. Sempre precisei estar pronto durante a temporada e os treinos fora de temporada. Agora, porém, eu me sentia mais como se tivesse sido embaralhado.

A noite passada foi um show de merda de proporções épicas. Eu esperava dormir pelos próximos dois ou três meses. Não tive essa sorte.

Protegendo meus olhos, abri a porta.

— Quinn, o que você está fazendo aqui? — Minha irmã de dezoito anos estava na varanda com uma jaqueta que ela pintou à mão que lembrava o padrão que eu espalhei em todo o banheiro na noite anterior.

O sedan dos meus pais parou em ponto morto, estacionado em fila dupla, fora da casa. — Mamãe e papai sabem que você está com o carro? — Abaixei minha cabeça, fechando meus olhos com força.

— Eles partiram para a Flórida ontem. Você realmente quer incomodá-los com um pequeno detalhe incômodo como eu pegar o carro emprestado? — Ela ergueu o polegar e o indicador a menos de meia polegada de distância.

— O que é que você fez? — Eu apertei os olhos, abrindo um olho.

Ela revirou os olhos. — Você pode sair do Modo Pai por dez minutos? Estou aqui para fazer uma entrega. — Segurado em sua mão ao nível dos olhos, estava um pedaço de papel pautado de

caderno dobrado - o mesmo tipo que Marisa e eu costumávamos trocar durante a aula de química do colégio. Minhas iniciais estavam rabiscadas na frente do papel.

Eu hesitei.

— Como se você não fosse aceitar. — Ela o empurrou contra meu peito.

Minhas mãos pressionaram contra o papel liso, o coração batendo contra minhas costelas. — Por que ela mandou você?

— Ela queria ter certeza de que você não desistiria de tudo o que ela planejou.

— Ela não te contou?

Acho que as coisas não mudaram muito.

— Sobre vocês dois namorando? E desossando constantemente? E então ela bagunçou as coisas? Claro que contou.

A saliva se alojou na minha garganta com a resposta borbulhante de Quinn.

— Brincando. Estou brincando. Ela não mencionou nada sobre sexo. — Ela estremeceu. — Mas ela disse que vocês dois estavam namorando secretamente e ela estragou tudo e queria falar com você. — Balançando-se sobre os calcanhares, ela mordeu o interior da bochecha. — E eu não deveria dizer nada disso para você. Tudo que eu deveria dizer era te entregar isso, leia o bilhete e venha comigo se quiser falar com ela. Não diga a ela que acrescentei tudo sobre desossar. — Ela se encolheu, suas bochechas corando. — Isso foi mais um castigo para mim do que eu esperava.

Fiquei olhando para o papel em minhas mãos.

— Você está vindo, não é? — A voz de Quinn vacilou em pânico.

O papel liso deslizou sob meus dedos. Eu o desdobrei e olhei para Quinn tentando ler pelo avesso do papel.

Fechei a porta na cara dela e descansei minhas costas contra ela, olhando para a tinta e as linhas, focando o suficiente para ler sua nota.

Sei que não tenho o direito de pedir isso depois do que aconteceu no museu, mas gostaria muito de falar com você. Eu preciso falar com você. Depois disso, bem, veremos, mas preciso finalmente contar tudo a você. Você merece saber tudo. Por favor, me encontre na casa da árvore.

Marisa

Meus dedos agarraram os dois lados do papel, lendo e relendo.

Batidas furiosas sacudiram a porta.

Eu a abri.

As mãos de Quinn estavam ancoradas em seus quadris. — Bruto.

— Estarei lá, mas preciso me preparar.

— Eu posso esperar. — Ela deu um passo para a porta.

— Não, eu estarei lá. Eu só preciso de um tempo, ok?

Mastigando a bochecha, ela deu um passo para trás e assentiu.

— Não me faça dirigir de volta pela ponte, ou vou cobrar pelo pedágio.

— Tchau, Quinn. — Fechei a porta e olhei para o papel, agora esfarelado em minhas mãos.

A primeira coisa que precisava era de café. Eu o preparei e voltei para cima.

No meu quarto, peguei minhas roupas do chão e joguei no cesto. Sentado na beira da cama, corri os dedos pelo cabelo e bebi o café o mais rápido que pude, sem me queimar. Preto sem açúcar era um castigo por ter sido um idiota colossal na noite passada.

Seguindo os movimentos, eu me recompus. Tomei um banho de limpeza tão quente quanto possível e me barbeei. Passei muito tempo procurando roupas para vestir, finalmente decidindo por uma camiseta e jeans após a quinta troca.

Longas sombras se estendiam pela rua no momento em que me recompus o suficiente para entrar no carro. O sol estava baixo no horizonte quando eu estacionei na garagem de meus pais, estacionando ao lado de seu carro.

As cortinas da frente da casa se agitaram.

Subi o caminho até a porta da frente, tentando manter minha mente em branco. Houve um furacão de emoções agitando dentro de mim, e eu não sabia para que lado isso estava indo. Eu não tinha certeza de quais eram as direções seguras para explorar até falar com ela, o que me fez querer correr para o outro lado e voltar para a cidade.

A porta da frente se abriu antes que eu pudesse pegar minha chave.

— O quintal. — Quinn sussurrou e gritou. — Vá ao redor do lado. Dessa maneira. — Ela apontou para a esquerda da casa. O caminho gasto ao redor da parte de trás da casa havia se recuperado ao longo dos anos.

Costumávamos largar nossas bicicletas ao lado da cerca e decolar em direção aos fundos da casa sem nem parar lá dentro.

Virando a esquina da casa, eu nos localizei. Nossa foto estava presa a uma estaca cravada na grama. Luzes de cordas cintilavam, envolvendo as estacas e guiando meu caminho com ainda mais fotos.

Eu e Marisa na terceira série, nossos braços em volta do pescoço um do outro enquanto exibíamos grandes sorrisos com os dentes separados. Minha mãe tinha sido a acompanhante em nossa viagem ao zoológico da Filadélfia, e eu disse a ela para ter certeza de que Marisa estava em nosso grupo. Ela compartilhou um de seus TastyKakes gelados de chocolate comigo.

Deve ter sido quando eu me apaixonei por ela.

Havia mais fotos - uma para cada ano em que nos conhecíamos.

Houve o verão depois da sexta série, quando ela acompanhou minha família até a costa enquanto sua mãe estava fora da cidade. Comemos tanto bolo que vomitamos debaixo do calçadão, então meus pais descobriram e nos proibiram de comer mais.

Lá estávamos nós nas escadas com nossos acompanhantes para o baile da oitava série. Ela estava linda. Eu fiquei com ciúmes - a primeira vez que percebi como era isso - quando ela concordou em ir ao baile com Sean McCormack. Ela disse que era só porque ele perguntou a ela e ninguém mais fez. Mas eu a beijei ao lado da arquibancada do ginásio.

Mais memórias apareceram a cada passo, cada uma batendo em meu peito. Tínhamos tanta história entre nós. Muito do nosso passado estava entrelaçado e conectado.

A família inteira jogando jogos de tabuleiro no quarto do hospital enquanto meu pai se recuperava após uma cirurgia.

Outra estaca. Nós na formatura do ensino médio. Minha placa de argamassa a cutucou no olho depois que alguém chamou meu nome quando tentamos tirar uma selfie. Eu ri, o som preso na minha garganta.

Eu fiz isso na parte de trás da casa.

E lá estava ela em sua roupa de guia do museu, como se ela não tivesse mudado desde aquele dia, mas muito tinha mudado. Foi difícil recuperar o fôlego com o redemoinho em meu peito roubando cada inspiração.

A grama muito alta cobria as laterais de seus sapatos. As flores que minha mãe plantaria quando voltassem estavam alinhadas ao longo dos canteiros de flores ao redor dos três metros de pátio de pedra pavimentada do lado de fora da porta do balcão.

— Você veio. — Sua voz vacilou e seus lábios se contraíram em um quase sorriso, mas seus olhos estavam lacrimejantes.

— Eu disse a Quinn que viria. — Enfiei minhas chaves no bolso e cruzei o pátio até onde ela estava na grama. — Ela me deu sua nota. — Mantendo a restrição neutra, mantive minhas mãos nos bolsos. — O que você quer me dizer?

Ela mexeu com as mãos na frente dela. — Eu fui uma idiota. Uma babaca e uma idiota. Tudo o que você disse no museu era verdade. Eu estava com medo e pronta para correr ao menor sinal de que você poderia me deixar primeiro. — Uma respiração profunda e trêmula. — É algo inevitável na minha vida. Mas isso não era justo, porque você nunca foi essa pessoa. — Sua voz falhou. — Você foi a única pessoa com quem eu sempre fui capaz de ser eu mesma, que sempre esteve lá para mim, e isso tornou mais difícil pensar em você me deixando.

— Não quero mais mentir para você. E não importa o que aconteça, se você pode me perdoa ou não, preciso que você saiba a verdade sobre como me sinto. A única coisa que vem das pessoas não dizerem seus verdadeiros sentimentos é mágoa e dor, e eu não quero isso para você. Eu nunca iria querer isso para você. Não quero mais esconder nenhuma parte de mim de você. Você partindo... teria me quebrado, mas o choque do século, isso aconteceu de qualquer maneira. Só fiz isso comigo mesma

porque estava com medo do que aconteceria quando você seguisse em frente.

Minha boca estava seca como uma bola de algodão. — Como você se sente agora?

— Estou morrendo de medo. Estou preocupada com o que acontecerá quando você for convocado. O que acontecerá se eu for para a Itália. O que acontece quando você descobrir que não sei nada sobre relacionamentos saudáveis e afetuosos como seus pais, e cometer erros. Tenho medo de que você finalmente perceba que não sou boa o suficiente para você. E que você vai se cansar de tentar engolir minha comida. Mas, acima de tudo, me preocupo em ter destruído o relacionamento que mais significa para mim no mundo. Mais do que tudo, quero estar com você em qualquer forma que isso assumir. Eu te amo, LJ. Com tudo o que tenho, amo você e, embora esteja morrendo de medo, quero estar com você.

A onda de emoções caindo sobre mim me prendeu no lugar, como se eu tivesse sido soldado ao chão. Eu não conseguia me mover. Eu mal conseguia respirar. Ela finalmente disse as palavras - ela disse - então eu as senti. Elas alcançaram meu peito e abraçaram meu coração.

Mas ela não era a única de que precisava para esclarecer algumas coisas. Lambi meus lábios, tentando descobrir a melhor maneira de dizer o que eu precisava que ela soubesse.

— Há alguma coisa.... — As palavras se transformaram em centavos na minha boca, vis, metálicas e ácidas. Correndo meus dedos pelo meu cabelo, eu deixei escapar. — Na noite passada saímos para beber e havia uma mulher.

31

MARISA

EU balançei, me segurando antes de tropeçar. — Uma mulher. No bar.

Eu não tinha certeza de como esperava que isso fosse, mas vomitar no quintal não estava nos meus planos.

— Eu estava tentando entorpecer tudo. Pedi duas doses só para mim e ela começou a flertar comigo. Eu dei a ela uma das minhas doses. Nós os tomamos juntos.

O sangue drenou do meu rosto, acumulando-se aos meus pés. A queimação cutucou a parte de trás do meu nariz. O ar frio de abril chamuscou minhas narinas.

— Eu ficava pensando em como ela se parecia muito com você.

Meu cérebro, é claro, teve um flash de imagens de LJ e minha gêmea malvada se beijando no bar, mãos um sobre o outro.

— Ela me convidou para ir ao bar com ela. Para tomar mais alguns drinks. — Ele se aproximou e eu queria recuar, fugir do pensamento de LJ com minha gêmea do mal caindo na cama ou rasgando a roupa um do outro.

— E você? — O sussurro mal era audível até mesmo para meus próprios ouvidos.

Ele pegou minhas mãos, parando minha inquietação, e eu encarei o centro de seu peito.

Com o dedo sob meu queixo, ele levantou minha cabeça para me olhar nos olhos. — Não, eu não fui. Tive um segundo em que considerei tomar outro drinque com ela, mas não pude fazer mais

do que ir embora, pois não sentia absolutamente nada por ela. Tudo o que pude fazer foi descobrir todas as maneiras pelas quais vocês eram semelhantes e descartar cada uma dela como algo diferente. Porque ela não era você.

Uma risada aliviada e quase histérica escapou dos meus lábios.

— Achei que você estava confessando que a levou para casa.

— Não, Risa. — Seu polegar roçou ao longo do lado da minha bochecha. — Mesmo depois de tudo, uma bebida que outra mulher estava empurrando para mim. Eu não poderia ter feito mais nada. Não quando estou completamente, irrevogavelmente apaixonado por você. Você não pode reescrever quatorze anos de história em algumas semanas.

Lágrimas que eu jurava que haviam escorrido enquanto estávamos separados voltaram borbulhando, só que desta vez eram de felicidade. Tudo brilhou tão intensamente que parecia que meu peito estava cheio de um nascer do sol. Este foi o início de uma nova era de Marisa e LJ.

— Você não poderia ter pulado essa parte? — Eu ri e joguei meus braços ao redor de seu pescoço, segurando-o perto e respirando o cheiro de LJ que eu sentia falta.

— Eu senti que um mini ataque cardíaco era justificado depois do que você me fez passar.

Eu segurei seu rosto entre minhas mãos e o beijei - ombros para cima, pressão de corpo inteiro com os braços presos entre nossos peitos.

Seus lábios estavam ainda mais famintos que os meus. Ele me engoliu em seco e saboreou cada gosto com o movimento de sua língua.

Meus joelhos caíram, mas ele me pegou.

Seu braço envolveu minhas costas, me segurando, me mantendo firme como ele sempre fazia.

— Senti sua falta. — Eu tracei meus dedos ao longo de sua mandíbula.

— Não tanto quanto eu senti a sua. — Ele salpicou meu rosto e pescoço com beijos, fazendo cócegas em mim até que eu gritei e lutei contra seu aperto. Ele não me soltou, porém - ele segurou minha mão, nossos dedos entrelaçados.

— Eu te amo desde que posso me lembrar.

Ele bufou. — Desde que você consegue se lembra?

— Deixe eu te mostrar. — Eu peguei sua mão e o levei para a casa da árvore que nós costumávamos ficar quando crianças. Quando éramos mais jovens, parecia que estava dez metros no ar. Agora, o topo de nossas cabeças alcançou a borda inferior da casa que seu pai fez alguns verões antes de nos conhecermos.

A escada de seis degraus não era a longa escalada de quando éramos sessenta centímetros mais baixos.

LJ me seguiu e nos amontoamos no espaço que antes parecia nossa própria casa. Agora estávamos dobrados nele, de joelhos, com a cabeça batendo no telhado.

— Eu não entro aqui há muito tempo. — Ele golpeou uma teia de aranha.

Este lugar guardava tantas memórias. Eu costumava entrar aqui às vezes para dormir quando minha mãe não vinha para casa. De alguma forma, ficar no quintal escuro da casa dos Lewis era mais reconfortante do que estar sozinha em minha casa.

— O que você queria me mostrar?

Usando a lanterna do meu telefone, iluminei a parte inferior

do peitoril da pequena janela. Tínhamos colocado uma roldana do lado de fora da janela e usá-la para armazenar munição de balões de água contra outras crianças da vizinhança. — Está aqui.

Suas sobrancelhas baixaram e ele rolou de costas, olhando para a prateleira de madeira gasta.

Deitei ao lado dele e olhei para as marcas acima de nós, unidas há mais de dez anos.

— Quando você fez isso? — Sua cabeça virou para o lado e ele olhou nos meus olhos.

— A primavera da sétima série. Vocês foram para a Disney e eu passei um tempo aqui.

— Por si mesma. — LJ estava com raiva e com medo pela pequena Marisa.

— Era confortável aqui. Eu tinha cobertores e tudo.

Ele correu os dedos pelas marcas na madeira. *M + LJ com um coração ao redor.*

Com um canivete suíço que Charlie me deu, eu deitei aqui com uma lanterna de acampamento que peguei da garagem deles e gravei a madeira, apostando minha reivindicação do ensino médio em LJ.

Eu descansei minha cabeça em seu ombro e me abracei contra ele. — Quando eu era mais jovem, ela tinha suas merdas bem antes de mim.

Seus lábios roçaram minha têmpora. — Estou feliz que ambas as versões de você estejam totalmente de acordo agora.

Assenti com a cabeça, eu passei os dedos sobre o peito. — Totalmente.

~

Aninhados de baixo do beliche, terminamos o resto da pizza

que Quinn tinha colocado na mesa da sala de jantar quando saímos da casa da árvore.

— Eu estava disposta a cozinhar para você. — Peguei a crosta descartada de LJ.

Ele estremeceu. — Que tal uma condição para estarmos juntos que você nunca, jamais cozinhe para mim ou para qualquer outra pessoa, a menos que esteja sob supervisão direta?

— Isso significa que você vai me ensinar a cozinhar?

— Vou tentar, mas sem promessas. E nenhuma preparação de refeição surpresa. — Ele ergueu sua crosta para mim.

Eu peguei dele. — Combinado.

Ele entregou meu refrigerante e recostou na parede que ainda estava coberta de pôsteres do colégio.

A emoção de todas as declarações estava passando, e nós caímos em um silêncio confortável como sempre.

— Devíamos falar sobre a Itália.

Parei de mastigar, engolindo a crosta meio comida. — Eu também estava pensando nisso.

A professora Morgan ficaria desapontada, mas...

— Eu não tenho que ir.

— Você tem que ir.

Dissemos ao mesmo tempo.

— O que? — Novamente em estéreo.

— Você tem que ir.

— Eu não tenho que ir. Então podemos descobrir as coisas após o recrutamento. Posso ficar aqui ou encontrar um emprego

local, onde quer que você esteja.

— Você trabalhou duro para isso. E é o seu sonho. A temporada dura dezenove semanas. Vinte e três, uma vez que você leva em consideração o campo de treinamento e a pré-temporada.

— Mas...

Ele pressionou seu dedo contra meus lábios. — Estar comigo não significa que você tem que estar comigo a cada minuto do dia. Por mais que tenha gostado de morar com você no ano passado, estarei na estrada. Terei um cronograma de exercícios e todos os tipos de outras coisas que preciso fazer. Saber que você está trabalhando em um emprego que ama e compartilhando essa paixão com as pessoas ao seu redor, isso vai me impedir de sentir sua falta. Isso e algumas sessões de chat por telefone e vídeo muito quentes e pesados.

Eu ri.

— Não pense por um segundo que eu não quero você lá. Mas você precisa me dizer se pode dizer honestamente que não iria, independentemente do que aconteceu no quintal.

Eu me inclinei para trás, mordiscando meu lábio inferior. Eu queria estar com ele durante todas essas grandes mudanças. Por um momento, pensei sobre de onde vinha essa necessidade. Era um lugar de medo e preocupação que de alguma forma, estando fora de vista, eu escaparia de sua mente. Isso não foi possível. Não era verdade. Ele me amava e nada mudaria isso.

— Eu quero ir. — Foi um sussurro silencioso. Olhando para ele, peguei sua mão. — Quero isso.

— Então você vai conseguir. Assim que soubermos de que dinheiro estamos falando, encontrarei um lugar em Veneza. Pode ser uma caixa de sapatos, mas vamos fazer funcionar.

— Você se mudaria para a Itália por mim?

— Pela sua companhia? Claro. Entre temporadas de futebol, ligas itinerantes no colégio e treinamentos, quase não saio de casa. Adoraria explorar a Itália com você. — Ele colocou meu cabelo atrás da minha orelha e segurou minha bochecha.

Este coração batendo forte cada vez que ele olha para mim nunca iria ficar velho. O prêmio de idiota do século definitivamente foi para mim por duvidar dele.

— Meus pais e Quinn adorariam visitar também. Assim que terminar, vamos descobrir, juntos. — Ele apertou minha mão, e a certeza quente de sua pele pressionada contra a minha encheu meu peito com uma felicidade esperançosa que eu nunca pensei ser possível. — Eles adorariam lá. Quinn vai pirar.

— Vou pirar com o quê?

Quinn enfiou a cabeça pela porta.

— Maneira de escutar. Há quanto tempo você está aí?

Ela revirou os olhos. — Sem escuta. Eu queria que você soubesse que estou dormindo na casa da Stacey. — A alça de sua mochila pendurada em um ombro.

LJ se endireitou. — Mamãe e papai sabem?

— Mamãe e papai sabem que você está aqui dando uns amassos com Marisa?

— Quinn...

Eu segurei LJ para impedi-lo de se tornar um irmão urso.

— Então é Stacey, amo vocês dois! Tchau! — Ela fugiu, desceu as escadas com estrondo e bateu à porta atrás de si.

— Ela vai ficar bem.

Seus lábios se estreitaram em uma linha infeliz.

Eu escovei meus lábios contra os dele para quebrar o

impasse. — Em alguns meses, ela estará na faculdade, lembra?

— Você está certa, mas isso não significa que eu tenho que estar feliz com isso.

— Verdade. Embora a partida dela signifique que temos a casa inteira só para nós. — Eu me afastei da parede, ficando de joelhos, e abri o primeiro botão da minha camisa.

Seus olhos se arregalaram e caíram para o meu peito.

Eu abri mais um. — Quero dizer, se estivermos sendo práticos aqui. Você provavelmente vai querer ficar aqui, já que ninguém mais está em casa. E você estará por perto, caso Quinn precise de alguma coisa. — A parte superior do meu sutiã apareceu por entre a abertura na minha camisa.

— Você tem um argumento persuasivo.

Corri minhas mãos sobre seu peito e o empurrei de costas. Jogando uma perna sobre seus quadris, eu trabalhei meus dedos para baixo sobre o resto dos botões da minha camisa.

Suas mãos dispararam e ele parou as minhas. — Já que estamos no modo de confissão, há outra coisa que eu tenho que te dizer.

Minhas mãos congelaram e meus músculos travaram.

— Já que prometemos não guardar mais segredos, devo confessar que subsidiei seu aluguel para o Brothel e fiz um empréstimo extra para cobrir a diferença.

Eu pulei, batendo minha cabeça no beliche acima de mim. — Você fez o que?

Ele se sentou e esfregou o ponto no topo da minha cabeça.

Golpeando suas mãos, amaldiçoei seu nome. — Você está falando sério? Por que você faria algo tão estúpido? Um empréstimo extra? E se você não for convocado? E se você

estiver atravessando a rua e um ônibus desgovernado atropelar você? De todos os estúpidos.

Ele cortou meu discurso com um beijo.

Eu derreti nele antes de quebrar. — Não, você não vai ganhar tão facilmente. Por quê...

— Porque eu amo você. E eu sabia que você não aceitaria a ajuda, então fiz isso por você.

Minha cabeça caiu para trás e olhei para as ripas do beliche com fotos nossas enfiadas nelas.

Em seu próprio jeito irritantemente perfeito, ele me protegeu. Mesmo que eu não gostasse de seus métodos, não poderia duvidar do resultado. — Quando você coloca assim... eu estou pagando de volta.

— Tenho certeza de que podemos elaborar um cronograma de pagamento generoso. — Suas mãos agarraram minha bunda e ele me puxou para frente até que eu caí contra seu peito. Nossos lábios se encontraram e estávamos em uma corrida para ver quem conseguia tirar a roupa do outro primeiro. Não importa quem foi o vitorioso, nós dois fomos vencedores.

EPÍLOGO

LJ

EU sentei na sala vibrando com uma energia antecipatória que eu nunca senti antes - nem antes dos playoffs ou um campeonato, nem mesmo antes de assinar a carta para vir para Fulton U. Cinquenta mesas de dez lugares estavam amontoadas na sala com banners profissionais pendurados atrás um palco com pódio e uma tela de LED enorme.

Câmeras foram instaladas em todo o perímetro da sala no interior do Madison Square Garden. Meus pés estavam apoiados em um feixe de cabos preso ao chão de concreto. Eu estava cercado por jogadores, agentes e pais vestidos e prontos para o grande momento.

Câmeras móveis se moviam pelas mesas, parando para entrevistas com os outros candidatos ao recrutamento. Uma energia elétrica reverberou na sala. Todo mundo avaliou todo mundo, tentando descobrir quando seu nome seria chamado. Seria a diferença entre um bônus de assinatura de oito dígitos e um de cinco dígitos, e contratos de dezenas de milhões espalhados por alguns anos.

Quando meu agente ligou, quase estourando meu tímpano para me informar que recebi o convite, muitas das minhas preocupações haviam sumido. Eu seria selecionado esta noite, a questão agora era quando e onde.

Marisa deslizou a mão na minha perna e apertou, fazendo cócegas bem atrás do meu joelho.

Eu me empurrei para frente, tentando soltar a mão dela.

Ela se inclinou e sussurrou em meu ouvido. — Não importa o que aconteça, estamos todos aqui para você e nós te amamos. —

Seu beijo na minha bochecha acalmou alguns dos nervos saltando das paredes dentro da minha cabeça.

Respirando fundo, fechei os olhos e recostei na cadeira. Uma calma satisfeita tomou conta de mim.

Minha mãe se inclinou. — Devemos todos receber um beijo na bochecha de Marisa, se isso vai nos acalmar assim?

Marisa riu. — Beijos para todos. — Ela pulou e deu um beijo na bochecha de mamãe e papai antes de se sentar.

O conforto dela com meus pais sempre aqueceu um lugar especial em meu coração, mas agora significava ainda mais para mim. Nossas vidas estariam para sempre emaranhadas, entrelaçadas de uma forma inseparável, e eu queria que ela soubesse que eles sempre a amariam tanto quanto eu. Flashes passaram pela minha cabeça de como eu a amei durante toda a noite passada e esta tarde, antes de nos vestirmos para descer para a cerimônia de recrutamento.

Ok, talvez não exatamente do mesmo jeito que eu, mas ela sempre seria uma filha para eles.

Finalmente, ser capaz de dizer a todos foi um alívio. Berk nos flagrar beijando durante a festa de férias de primavera certamente acelerou nosso cronograma para tornar as coisas oficiais. Mas eu não teria feito de outra maneira - não que me esgueirar não fosse quente pra caralho por um tempo.

As luzes piscaram e os anúncios começaram. A equipe com quem tivemos o pior jogo da temporada teve a primeira escolha. Utah. O aperto de Marisa ficou forte na minha mão ao lado dos talheres sobre a mesa.

O rosto do comissário da liga pairou sobre nós na tela gigante. Ele estava em campo lotado de fãs de diferentes times, todos isolados em seções com rostos pintados e bandeiras agitando.

Meus lábios roçaram a concha de sua orelha. — Eles precisam de um QB muito mais do que de um linebacker.

O anúncio foi feito e o outro lado da sala explodiu em vivas. Seguiram-se aplausos educados.

Através da cabeça de algumas pessoas, vi Berk com seu agente ainda ao telefone. Jules acenou para nós e nós acenamos de volta.

O recém-formado quarterback profissional caminhou em direção à porta que dava para os fãs gritando. Um pacote de clipes apareceu na tela e ele recebeu seu boné na caminhada até o palco para ainda mais fotos.

Jogador após jogador foi selecionado e foi até o palco. Agentes, gerentes e pais estavam todos ao telefone atendendo ligações, gritando e rindo juntos.

A comida e as bebidas na mesa permaneceram intocadas. Berk não tinha voltado para sua mesa depois de ser a escolha do décimo sétimo draft. Ele até bateu as mãos com o idiota do STFU que ele brigou em seu caminho para o palco como a décima quinta escolha do draft. De uma briga no túnel no meio de um jogo a apertos de mão. Acho que a promessa de alguns milhões tinha uma maneira de acalmar as pessoas como o inferno.

Mas não eu. Pelo menos ainda não.

Meu terno novo precisaria de lavagem a seco com a situação de suor que eu estava passando. De quase qualquer lugar do Nordeste, eu estaria a dez horas de voo de Marisa. Meus pais poderiam ir aos jogos e eu poderia passar aqui e ver Quinn.

Marisa esfregou a mão no meu pescoço e apoiou a cabeça no meu ombro.

Não houve problemas com o PDA agora. Não que estivéssemos nos beijando na frente dos meus pais, mas eu não aproveitei a

capacidade de pegar sua mão ou beijá-la ou abraçá-la, não importa onde estávamos.

Todos nós demos as mãos, agarradas com muita força.

— LJ Lewis, atacante defensivo da Fulton U.

Nossa mesa explodiu. Trinta e um. A exaltação explodiu, surgindo de todos os ângulos. Eu estava surpreso. Braços em volta de mim, me balançando para frente e para trás. Seus sorrisos eram largos, assim como o meu.

Arrumei meu terno e segurei a mão de Marisa. Eu caminhei em direção à porta, não me soltando até o último momento, nossos dedos deslizando um sobre o outro.

Caminhando para o palco, os fãs na seção de Philly aplaudiram. O vídeo foi reproduzido e os comentaristas falaram sobre tudo. Peguei o boné do comissário e apertei sua mão, posando para fotos e tentando não sorrir como um idiota absoluto. Não tive essa sorte.

Quando saí do palco, meu agente já estava na passarela antes da sala verde jorrando números e nomes. E o número principal. Meu bônus de assinatura e termos do contrato.

Minha mão disparou, apoiando-me na parede. Não precisei de uma concussão para saber que era uma assinatura na linha pontilhada de me tornar um milionário.

— Apenas me dê um segundo, Glenn. — Olhei para as camisetas alinhadas na parede que levava à sala verde e imaginei ter uma com meu nome nela. Tudo desmoronou e eu me vi no reflexo das camisetas emolduradas com meu boné da Filadélfia. — Eu fiz isso.

Uma leveza. Uma liberação de tensão. Um sentimento irradiando direto pelo meu peito que deveria ter sido um raio lançado no céu. Eu fiz isso.

O SUV se afastou da casa dos meus pais. Segurei a mão de Marisa, correndo meus dedos sobre seus nós dos dedos. Tínhamos dirigido depois do projeto em vez de ficar em Nova York. Haveria tempo para isso mais tarde, mas tínhamos apenas duas semanas restantes no Brothel e nosso tempo morando todos juntos.

— Não acredito que temos apenas duas semanas até a formatura. Este semestre parece que durou um ano.

Ela olhou para mim de um jeito que nunca se intimidou, aquele que nunca deixou de carregar direto para o meu coração como cabos de jumper ligados a uma bateria nova.

Meu telefone zumbiu no bolso. Correndo meu polegar ao longo de seu joelho, puxei-o para fora e verifiquei a mensagem. — Verificando nossa celebração privada. Temos um assunto importante para resolver em casa. — Eu virei a tela para Marisa.

Seus olhos se arregalaram e ela agarrou sua bolsa, vasculhando o interior e encontrando um elástico de cabelo. Ela prendeu o cabelo no topo da cabeça em um coque tático, e seu rosto estava sério.

O motorista nos deixou em frente à casa e corremos para dentro. O traço de luz da cozinha não chegava até a janela da sala, mas sabíamos que eles estavam lá. Carros extras estavam estacionados na rua em frente à casa.

Lá dentro, fomos recebidos com nossa primeira casa cheia em muito tempo. Havia velhos e novos colegas de quarto, junto com as meninas que conquistaram seus corações. Reece e Seph, Nix e Elle, Berk e Jules e Keyton com lanternas nas mãos.

Nix colocou as mãos em volta da boca e gritou para o teto. — Parece que temos três jogadores profissionais de futebol em casa.

A sala desabou em um estroboscópio caótico de luzes piscando e vivas, abraços e risos. Vozes exaltadas repassaram

todos os detalhes da noite. Keyton não foi convidado para o Madison Square Garden, mas ele foi convocado na terceira rodada, indo para LA com os Lions. Berk estava indo para Boston. E eu ficaria aqui na Filadélfia.

Reece deu um passo para o centro do nosso círculo. — Ok, chega de comemoração. Você sabe por que estamos todos aqui.

Aparências de determinação se estabeleceram no rosto de todos.

— Estamos mudando as coisas esta noite. Vai ser homem contra mulher.

Todas as mulheres se moveram para o lado com um brilho desafiador nos olhos.

Keyton deu um passo à frente. — Sem cruzar as linhas inimigas. Sem beijos com o inimigo. — Seus ombros relaxaram um pouco e ele amoleceu. — Quero dizer, para o meu bem. Por favor, sem beijos. Eu já tive cicatrizes o suficiente.

Marisa e eu ficamos fascinados com o teto e as janelas.

— Para quem chegou tarde, vocês têm cinco minutos para se preparar.

Berk e Jules não tinham feito o desvio de Nova Jersey e já estavam em seus equipamentos de batalha.

Marisa e eu corremos escada acima, nos encarando durante todo o caminho.

Ela correu para seu quarto e eu entrei no meu. Meu paletó, sapatos elegantes e calças sociais tinham sumido, peguei um moletom e tirei a camisa social.

— Você vai perder, LJ! — Ela chamou do outro lado da parede.

— Você pode pensar isso, mas você está errada. Sou furtivo e

ensinei tudo o que você sabe. — Coloquei a calça e uma camiseta e joguei meu arsenal na cesta do meu armário.

— Você roubou, meu comandante Blaster?

Peguei a arma de plástico azul e laranja e enfiei na cintura na parte de trás do meu moletom. — Não, não vi em lugar nenhum. — Agarrando um cinto de munição de espuma com ponta laranja, coloquei dois sobre o peito.

O barulho do quarto de Marisa diminuiu um pouco.

— Está na hora. — Keyton gritou lá embaixo.

Eu corri de volta para o corredor ao mesmo tempo que Marisa.

Ela me empurrou contra a parede e passou correndo pela escada.

Uma batida suave parou todos nós. Ninguém estava faltando.

A porta da frente se abriu. — Ei, treinador. O que... o que você está fazendo aqui? — Incerteza irradiada da voz de Berk. As coisas não tinham ido tão bem da última vez - apague isso, a qualquer hora - o treinador apareceu na nossa porta.

— Eu queria parabenizar vocês, meninos, pelo quão bem vocês se saíram hoje. — Ele estendeu a mão e apertou a de Berk.

Keyton foi em seguida e o apertou. — Você fez um ótimo trabalho para a equipe nesta temporada.

Marisa contornou a porta aberta e eu desci atrás dele.

— Você estava linda esta noite. — Ele a abraçou.

Olhando por cima do ombro, ele olhou para mim. — A cidade terá sorte de ter você jogando aqui. Vai ser um grande motivador para a próxima safra de crianças que aparecem aqui. — Ele tirou o boné. — E eu sei que você poderia ter conseguido uma melhor...

— Está tudo bem, treinador. Eu fiz isso. — Envolvi meu braço

em volta de Marisa, pedaços de plástico e espuma em meu peito e olhei em seus olhos. — E nós vamos conseguir.

Marisa me deixou ler os e-mails de seu pai. Por mais que eu quisesse odiá-lo ou ficar com raiva dele, cada um deles martelava o quanto ela significava para ele. Qualquer pessoa que se importasse com ela metade do que eu, era alguém que eu queria em minha equipe. A equipe que faria a missão de sua vida, mostrar a ela quanto amor havia no mundo por ela, e que ele nunca iria embora.

— Eu sei que você vai. Vejo que todos vocês estão se preparando para comemorar.

Atrás de mim, toda a gangue estava preparada e carregada com mais equipamento Nerf do que um armazém de brinquedos.

— É uma tradição.

— Divertam-se. Vejo vocês dois mais tarde.

Marisa avançou e o abraçou. — Vejo você na segunda-feira, pai.

Ele ficou lá em silêncio atordoado por um momento antes de envolver os braços ao redor dela, barrado contra suas costas. Um tremor balançou seu corpo. — Até logo. — Ele a deixou ir com um brilho nos olhos.

Ela fechou a porta e se virou, fungando um pouco.

— Você está bem?

Seu braço envolveu minha cintura e ela me segurou perto. — Sim, estou bem.

Inspirando, fechei meus olhos e beijei o lado de sua cabeça. Seus dedos estavam inquietos.

— E ainda melhor agora. — Ela puxou o blaster para fora da minha cintura e recuou com ele apontado para mim.

— Sua pequena sorrateira.

— É preciso ser um para conhecer um. “Não, não vi”. — Ela aprofundou a voz para imitar a minha e evitou meu aperto, pulando atrás de Seph e Elle.

Eu alinhei ao lado de Berk, Keyton e Reece. As meninas nos encararam.

Keyton deu um passo à frente antes das duas equipes. — Todos nós temos cinco minutos para traçar estratégias. Não vá para fora. Sem beijos. Todos entendem as regras?

— Você vai cair, LJ. — Marisa o olhou com um sorriso fazendo cócegas em suas bochechas.

— Não se *você* cair primeiro.

Keyton pigarreou.

— Eu não quis dizer… não…

Todos caíram na gargalhada e os caras empurraram meus ombros.

— Ok, de volta aos trilhos. Todo mundo tem cinco minutos. Vamos!

Houve uma disputa pelas melhores posições defensivas. Marisa passou por mim e não pude evitar. Eu a agarrei pela cintura e a beijei. Rápido, brincalhão e cheio de desejo. — Eu te amo, Risa.

Seus olhos brilharam com malícia. — Eu também te amo, L. E eu não estava brincando sobre você ir para baixo esta noite. De uma forma ou de outra.

— Parece que sou o vencedor, não importa o que o jogo tenha reservado para mim. — Outro selinho rápido.

A voz de Keyton nos separou. — O que foi que eu disse? Eu

juro. Você não pode ficar um minuto...

Marisa desatou a rir e subiu as escadas correndo com o resto das mulheres.

— Eu sei. Algo sobre essa mulher me deixa louco.

EPÍLOGO 02

MARISA

— Você precisa de óculos, Seph! — Eu pulei da minha cadeira.

Minha garganta latejava e minha voz iria embora amanhã, mas eu não me importei.

Enrolada em meu casaco e luvas, agarrei a grade à minha frente gritando até minha voz falhar. O vestido pode ter sido um erro, mas minhas pernas pareciam bem. Embora meus pés não estivessem se segurando tão bem com os ankle boots. Isso é o que ganhei por tentar ficar bonita em Londres em outubro. — Foi um bom golpe, limpo.

— Marisa, talvez não faça com que todos sejamos expulsos do país antes de começarmos a passear. — Seph puxou minha jaqueta, puxando-me em direção ao meu assento. Suas tranças projetavam-se da parte inferior do chapéu verde.

— Você pode acreditar nisso? — Eu acenei minha mão em direção ao campo. Assisti-lo jogar ainda enviava orgulho irradiando pelo meu peito.

Ele tinha feito isso. Contra tantas probabilidades. Contra a sabotagem do meu pai. Contra sua cabeça dura, que quase o levou à autossabotagem. No campo, ele brilhava.

Jules me entregou um chili de queijo com pimenta. — Aqui, isso vai torná-la melhor.

— Exatamente o que eu preciso às 10h. — A chuva caiu sobre nós. O telhado do Estádio de Wembley foi fechado sobre as arquibancadas, mas não sobre o campo. Os assentos empilhados de três níveis no estádio eram diferentes dos estádios nos Estados

Unidos, com laterais mais largas. Mas, os fãs estavam tão animados quanto estariam em um jogo em casa.

As gotas chegaram até nós. Mesmo com a temperatura oscilando em torno de 4 graus, com a umidade fria, meus dedos pareciam que iam cair.

Ela puxou de volta com um olhar provocador. — Você não quer isso.

Peguei a enorme máquina de azia. — Eu não disse isso. — O chili quente e com queijo ajudou a afastar um pouco da chuva congelante.

Seph tomou um gole de seu café quando o vapor saiu pela tampa aberta. — No próximo jogo, aceitaremos o convite do camarote.

— Não é tão ruim. — Um arrepio percorreu meu corpo. Eu empurrei com tanta força que uma bola de queijo caiu no meu casaco. — Droga. Talvez você esteja certo.

Seph me cutucou com o cotovelo e piscou. — Eu sei.

Jules e eu rimos. — Senti saudades de vocês. — Me mudar para Veneza foi uma aventura em si. LJ e eu voamos e alugamos um apartamento. Era muito mais caro do que eu jamais teria custeado, mas eu não lutaria mais com LJ cuidando de mim. Ele me ama e eu o amo.

Além disso, as vistas da entrada do Grande Canal continuaram a ser de tirar o fôlego, mesmo meses após a mudança.

Jules saltou em seu assento ao meu lado. — Aposto que você sente falta de Veneza.

— Eu sinto. Mas eu não perderia o jogo de LJ, não quando estava tão perto. — Não quando se passaram três meses desde que nos vimos.

— Ele teria voado para lá e colocado você na bagagem se fosse necessário.

— Vocês todos virão nos visitar na primavera, certo?

Seph esfregou as mãos. — Eu não perderia por nada no mundo. Muitos museus. E Reece já avaliou todas as melhores lojas de calçados.

Jules passou as mãos nas pernas. — Você precisará de um avião extra para carregar todas as suas sacolas de compras. Estaremos lá também. Já contatei algumas padarias venezianas sobre fazer alguns vídeos no estilo Jules Travels para o meu canal.

— Olhe para você, Sra. *Foodie Video Star*. — Eu não poderia estar mais orgulhoso dela.

— É uma experiência.

Seph tirou a luva dela para rolar pelo telefone. O anel cintilante em seu dedo captava os menores raios de sol naquele dia sombrio. — Um que está funcionando incrivelmente bem. Suas métricas e engajamento estão fora dos gráficos. — Ela acenou com o telefone como se uma prova fosse necessária.

As bochechas de Jules ficaram vermelhas. — Ok, chega de tapinhas nas costas para mim. Vamos nos concentrar nos caras.

Seph e eu demos um tempo para ela. Eu sabia tudo sobre não ser capaz de lidar com elogios e sentir que as coisas eram boas demais para ser verdade.

Mas eu estava trabalhando para acreditar no bem da minha vida. Acreditando na vida que eu estava construindo com o único homem que nunca me decepcionou.

A chuva diminuiu durante o último quarto, mas não foi o suficiente para voltar na jogada final no campo encharcado e escorregadio.

Philly perdeu para o Arizona, mas a perda foi amenizada por saber que LJ e eu teríamos as próximas 48 horas juntos.

Eu cheguei esta manhã bem a tempo para o jogo.

Amigos e familiares dos jogadores circulavam em uma sala de mídia vazia que não estava sendo usada para a coletiva de imprensa após o jogo. O tapete azul royal tinha sido aspirado habilmente e as cadeiras dobráveis estavam empilhadas ao longo da parede traseira. Esperei com Jules e Seph, a sensação finalmente retornando aos meus dedos das mãos e dos pés.

Reece e Berk apareceram primeiro na sala. Seph e Jules correram para eles, braços, pernas e lábios saudando. Eu os segui desviando de partes do corpo para dizer 'oi'. Você pensaria que elas não viam seus caras em três meses. Ok, talvez estou sendo um pouco fria e sarcástica.

— Ei, Marisa. — Reece me puxou para um abraço.

Berk me deu um também. — Estamos todos fazendo comida esta noite, certo?

Jules aninhou-se contra ele. — Temos reservas de jantar para oito.

— Oito?

Ela deu uma tapinha no peito dele. — Não se preocupe. Vamos almoçar em nosso quarto.

Ele sorriu e rosnou contra seu pescoço. — Eu gosto do som disso.

Reece passou o braço em volta do ombro de Seph. — Nós podemos esperar por você, Marisa. LJ sairá em alguns minutos. Ele tinha algumas perguntas extras durante a coletiva de imprensa.

— Não, eu estou bem. Vão em frente.

Ninguém discutiu, o que significava que todos estariam nus trinta segundos depois de entrarem em seus quartos de hotel.

A sala esvaziou e eu vaguei, tentando o meu melhor para me impedir de correr para o vestiário e ficar com ele na frente de toda a sua equipe.

Um toque no meu ombro. — Com licença, posso lhe oferecer peixe com batatas fritas?

Eu me virei e me lancei contra ele. As rédeas que eu estava segurando foram liberadas e a enxurrada de falta dele me varreu como uma correnteza. Braços e pernas o envolveram como se eu fosse um coala. — Esse foi o pior sotaque britânico que já ouvi na minha vida.

Ele sorriu e passou o dedo sob meus olhos. — Tão ruim que te fez chorar.

Eu deixei cair minhas pernas e escovei meu rosto. — Sim, foi muito ruim.

Seus braços envolveram os meus, prendendo-os aos meus lados. Ele roçou o nariz no meu. — Também senti sua falta.

Dissolver-se em uma bagunça de risadinhas e fungadas não era meu plano, mas aqui estávamos nós. — Eu senti mais saudades de você.

— Vai ter que ser um empate. — Saímos do estádio, passando pela multidão de seguranças e fãs e pegamos um táxi para ao hotel.

LJ pousou a mão no meu joelho. — Você já reservou seu voo para o Natal?

Eu estremeci. — Minnesota não era onde eu pensava que estaria, mas se isso significa que vou conseguir ver você, estou lá. É melhor do que a alternativa. — Minha mente vagou para Natais anteriores. Aqueles onde eu havia trabalhado como

soldado pelo tempo obrigatório com minha mãe antes de escapar para a casa dos Lewis.

— Você ouviu falar dela?

Eu balancei minha cabeça. Depois de tudo que ela fez, a dor ainda estava lá. Um desejo de que ela fosse uma mãe de verdade, mas esse era o pensamento de um universo paralelo. Tentando fazer algo do nada. — Eu bloqueei tudo. Seu número de telefone. E-mails. — Depois de confrontá-la sobre meu pai, encontrar os presentes dele que ela escondeu no sótão, eu descobri que ela mentiu para ele sobre eu ser sua filha. O traiu enquanto ele estava na estrada e falou que eu não era filha dele quando ele descobriu.

Meu pai tentou me proteger dessa notícia, mas minha mãe sempre soube como bater nas pessoas onde doía. Mas ele continuou escrevendo esses e-mails e tentando me ver até que ela ameaçou fazer um teste de DNA para provar que eu não era dele. Ele deu um passo para trás, não querendo fazer o teste. Ainda não tínhamos. Talvez possamos um dia. Talvez não, mas estávamos trabalhando em toda a família.

Isso nunca seria perfeito. Eu nunca poderia ser como LJ e sua família, mas podemos encontrar nossa própria maneira de ser pai e filha.

— Eu sei que foi uma escolha difícil para você. — Ele apertou meu joelho e me segurou mais perto dele.

— Pior do que eu esperava. — Deveria ter sido fácil, indolor e feito sem pensar duas vezes, mas havia tantos sentimentos embrulhados juntos, minhas mãos tremeram quando eu apertei os botões de blocos vermelhos brilhantes que protegiam minha vida da dela da melhor maneira que pude.

Eu tinha família. Eles podem não ser aqueles para quem eu nasci, mas eles estavam lá para mim, me amavam e fariam tudo o que pudessem para me proteger. Família era isso.

— Eu te amo, Risa. — Ele se aninhou contra o lado do meu pescoço.

A sensação quente e brilhante no meu peito irradiou para as pontas dos meus dedos congelados. Eu esperava que LJ me dissesse para lhe dar outra chance. Para me dizer que ela era minha mãe e que nos amávamos. Mas ele me apoiou em cada passo do caminho cortando-a.

— Eu sei. — Não tentei esconder meu sorriso. — Como você está se sentindo depois do jogo?

— Não é tão ruim. Eu vi a equipe de fisioterapeuta depois de colocar gelo no meu ombro. — Ele o girou e fez uma careta.

— Ainda está doendo? — Eu atirei para frente, como se eu soubesse o que fazer e resolvi deslizar minha mão em seu casaco e esfregá-lo.

O táxi pré-pago parou no hotel da equipe e nós descemos.

Caminhamos pelo saguão de mãos dadas.

— Você está cansado? Quer descansar? Eu posso pedir um pouco de gelo. — Eu odiava a ideia de ele estar com dor e descontei meus sentimentos no botão do elevador.

— Marisa. — Ele me puxou em sua direção assim que as portas do elevador se fecharam. Seus dedos deslizaram pelo meu pescoço e inclinaram minha cabeça para cima, esfregando suavemente seus lábios contra os meus. — Pare de se preocupar. Eu vou ficar bem.

Meu pulso disparou, minha pele formigou e meu corpo doeu por ele. — Ainda bem que estaremos em Minnesota e não na Filadélfia, então não vou passar as férias inteiras lavando roupa. — Corri meus lábios ao longo de sua mandíbula.

Ele estremeceu. As portas se abriram atrás dele. — Talvez eu tenha aprendido a lavar minhas roupas enquanto você está fora.

— Seus dedos se enroscaram nos meus.

O toque suave, mas áspero de seus dedos contra minha pele enviou faíscas disparando pela minha espinha. — Você contratou um serviço, não foi? — Minha respiração virou ofegante na corrida louca para o quarto do hotel.

— Talvez. — Após três tentativas com o cartão-chave, a luz ficou verde e entramos cambaleando no quarto.

Um tropeção e queda sobre a mala de mão que tinha sido gentilmente entregue no quarto quase terminou nossa tarde antes de começar. LJ sofreu o impacto da queda, terminando deitado de costas comigo protegida contra seu peito.

Eu empurrei para cima, segurando seus ombros. — Você está bem? — O alarme disparou por mim.

Ele riu, envolvendo as mãos em volta dos meus quadris, me ancorando. — Com você em cima de mim, como eu poderia não estar?

Suas mãos se afrouxaram e ele usou as pontas dos dedos para prender a saia do meu vestido, expondo mais minhas pernas.

Minha boca ficou seca, a pele formigou, a dor se transformou em um latejar entre minhas coxas.

— Há uma cama perfeitamente boa a poucos metros de distância.

— Não se preocupe, vamos chegar lá. — Ele olhou nos meus olhos. Saudade, luxuriosamente. Carinhosamente.

Enfiei meus dedos sob sua camisa e trabalhei nos botões e zíperes de sua calça jeans. Eles não podiam trabalhar rápido o suficiente para colocá-lo dentro de mim.

Nós nos atrapalhamos juntos, não mais brincando e provocando, mas correndo para sentir um ao outro após três

meses de privação.

Movendo-me para cima, corri minhas mãos para cima e para baixo em seu comprimento sólido.

Ele agarrou minha calcinha e a puxou. Um beliscão em meus quadris e então ela sumiu. — Ei, eu gostava dela.

— Vou comprar dez novas para você. — Balançando os quadris, ele segurou minha cintura, me afundando em seu pau com uma deliciosa precisão que roubou o fôlego dos meus pulmões.

Qualquer um andando pelo corredor provavelmente pensaria que eu estava sendo assassinada. Sexting não se compara a isso. Sexo por telefone não se compara a isso. Nada comparado a essa sensação de estar com LJ quando ele olhou para mim como se nunca houvesse outra mulher para ele.

Porque eu sabia que nunca haveria outro homem para mim.

Nós dois cavalgamos em direção ao nosso pico, segurando um ao outro com força. Meus dedos se juntaram em sua camisa para alavancar e afundar em meus quadris, então quase não havia espaço entre nós. Apenas o impulso e a moagem perfeita que me lançaram para um orgasmo extasiante com LJ seguindo logo atrás de mim.

Eu desabei em seu peito. Uma risada sussurrou em meus lábios.

— Quais são as chances de chegarmos ao jantar? — Olhando para ele, tracei meus dedos em seu peito.

Ele riu e espalmou minha bunda. — Minhas apostas são quase nulas.

Fim

NOTAS

[←1]
Se você continuar me tocando desse jeito, eu não serei capaz de me impedir de te beijar.